

ORGANIZADOR

Luís Henrique Sacchi dos Santos

AUTORES

Eze Paez • Martina Davidson • Montserrat Escartín
Núria Almiron • Olatz Aranceta-Reboredo

PREFACISTA

Martina Davidson

ÉTICA ANIMAL

perspectivas para
(pensar e praticar)
a Educação

ÉTICA ANIMAL

perspectivas para
(pensar y practicar)
la Educación



ORGANIZADOR

Luís Henrique Sacchi dos Santos

AUTORES

Eze Paez • Martina Davidson • Montserrat Escartín
Núria Almiron • Olatz Aranceta-Reboredo

PREFACISTA

Martina Davidson

ÉTICA ANIMAL

perspectivas para
(pensar e praticar)
a Educação

ÉTICA ANIMAL

perspectivas para
(pensar y practicar)
la Educación



 **pimenta
cultural**
2026
São Paulo

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

E84

Ética Animal: perspectivas para (pensar e praticar) e
Educação / Organização Luís Henrique Sacchi dos
Santos. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2026.

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-674-6

DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-674-6

1. Ética Animal. 2. Educação. 3. Estudos Culturais em
Educação. 4. Animalidades. 5. Estudos Críticos Animais.
I. Santos, Luís Henrique Sacchi dos (Org.). II. Título.

CDD 370.71170

Índice para catálogo sistemático:

I. Educação - Formação de professores

II. Ética Animal

Simone Sales - Bibliotecária - CRB: ES-000814/0

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2026 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2026 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

[<https://creativecommons.org/licenses/>](https://creativecommons.org/licenses/).

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Gerente editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata Júlia Marra Torres
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Estágio em editoração	Emanuelle Vitória Miranda da Silva Rayssa Santos Arrais
Imagens da capa	Maginific - AI Generator, Flooker, lifeonwhite, kingsmenart - Magnific.com
Tipografias	Acumin, Gobold Bold, Rockwell Nova
Revisão	Os autores e o organizador
Organizador	Luís Henrique Sacchi dos Santos
Autores	Luís Henrique Sacchi dos Santos Eze Paez Martina Davidson Montserrat Escartín Núria Almiron Olatz Aranceta-Reboredo

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimario Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosangela Colares Lavand
Universidade Estadual do Norte do Paraná, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

André Tanus Cesário de Souza
Faculdade Anhanguera, Brasil

Andressa Antunes
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade do Estado do Amapá, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadette Beber
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos
Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa do Amaral Caffagni
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cassia Cordeiro Furtado
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cecilia Machado Henriques
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Christiano Martino Otero Avila
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiana Barcelos da Silva
Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva
Universidade Anhanguera, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Deilson do Carmo Trindade
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edilson de Araújo dos Santos
Universidade de São Paulo, Brasil

Edson da Silva
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza

Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Estevão Schultz Campos

Centro Universitário Adventista de São Paulo, Brasil

Éverly Pegoraro

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabrícia Lopes Pinheiro

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Fauston Negreiros

Universidade de Brasília, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Flávia Fernanda Santos Silva

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Gabriela Moysés Pereira

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Gabriella Eldereti Machado

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlerth Pollnow

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geuciane Felipe Guerim Fernandes

Universidade Federal do Pará, Brasil

Geymeesson Brito da Silva

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handherson Leylton Costa Damasceno

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa

Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil

Helena Azevedo Paulo de Almeida

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos

Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges

Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles

Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Joao Adalberto Campato Junior

Universidade Brasil, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa

Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre

Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura

Universidade São Francisco, Brasil

Jonathan Machado Domingues

Universidade Federal de São Paulo, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini

Universidade de São Paulo, Brasil

Juliano Milton Kruger

Instituto Federal do Amazonas, Brasil

Juliano Pizzano Ayoub

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Julierme Sebastião Moraes Souza

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro

Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik

Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lauro Sérgio Machado Pereira

Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Brasil

Leonardo Freire Marino

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzinski

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Letícia Cristina Alcântara Rodrigues

Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett

Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Luiz Eduardo Neves dos Santos

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Maikel Pons Giralt

Universidade de Santa Cruz do Sul, Brasil

Manoel Augusto Polastrelli Barbosa

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Márcia Alves da Silva

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Marcio Bernardino Sirino

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos

Universidad Internacional Iberoamericana del Mexico, México

Marcos Uzel Pereira da Silva

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Marcus Fernando da Silva Praxedes

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Brasil

Maria Edith Maroca de Avelar

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva

Instituto Federal do Piauí, Brasil

Marines Rute de Oliveira

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Maurício José de Souza Neto

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai

Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neide Araujo Castilho Teno

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil

Neli Maria Mengalli

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging

Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Patrícia Helena dos Santos Carneiro

Universidade Federal de Rondônia, Brasil

Rainei Rodrigues Jadejiski

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Raul Inácio Busarello

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Ricardo Luiz de Bittencourt

Universidade do Extremo Sul Catarinense, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano

Universidade Federal de Ubertândia, Brasil

Robson Teles Gomes

Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos

Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho

Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama

Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tatiana da Costa Jansen

Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Tayson Ribeiro Teles

Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto

Universidade Estadual de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Vanessa de Sales Marruche

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues

Universidade Estadual do Centro Oeste, Brasil

Vania Ribas Ulbricht

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Vinicius da Silva Freitas

Centro Universitário Vale do Cricaré, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Wenis Vargas de Carvalho
Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alcidinei Dias Alves
Logos University International, Estados Unidos

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Artur Pires de Camargos Júnior
Universidade do Vale do Sapucaí, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo B. Alves
Universidade Federal do Agreste de Pernambuco, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Davi Fernandes Costa
Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, Brasil

Denilson Marques dos Santos
Universidade do Estado do Pará, Brasil

Domingos Aparecido dos Reis
Must University, Estados Unidos

Edson Vieira da Silva de Camargos
Logos University International, Estados Unidos

Edwins de Moura Ramires
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Elisiane Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabete de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Jonas Lacchini
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Nívea Consuêlo Carvalho dos Santos
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Rayner do Nascimento Souza
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Sidney Pereira Da Silva
Stockholm University, Suécia

Suêlen Rodrigues de Freitas Costa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Walmir Fernandes Pereira
Miami University of Science and Technology, Estados Unidos

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

Para:

*o Ben, que não pôde crescer ao lado
de seus irmãos mais-que-humanos,
os gatos Callie e Canjica;*

*a Maria Clara (MC), que deu cor e
forma ao Bêçudo, ao Foguinho, à Petã
e a tantos outros companheiros,
e que um dia há de ser veterinária,
artista — ou, quem sabe, as duas
coisas ao mesmo tempo;*

*a Eva, que já veio ao mundo tecendo
relações interespécies com seus
dois irmãos mais-que-humanos,
os gatos Oliver e Simba.*



O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, para circulação e download gratuitos como e-book. A versão impressa, destinada à venda, pode ser solicitada sob demanda junto à Editora



SUMÁRIO

PREFÁCIO	Conhecer o mundo por fragmentos	Martina Davidson	p. 12
PREFACIO	Conocer el mundo por fragmentos	Martina Davidson	p. 24
1	Estudos Culturais e Ética Animal: uma articulação?	Luís Henrique Sacchi dos Santos	p. 36
2	¿Estudios Culturales y Ética Animal: una articulación?	Luís Henrique Sacchi dos Santos	p. 64
3	Comunicação, ativismo e ética animal	Núria Almiron	p. 93
4	Comunicación, activismo y ética animal	Núria Almiron	p. 116
5	A liberdade animal como não-dominação e o dever de ajudar os animais silvestres	Eze Paez	p. 139
6	La libertad animal como no dominación y el deber de ayudar a los animales silvestres	Eze Paez	p. 173
7	Compaixão com a dor animal: elementos para a construção de uma educação pós-antropocêntrica	Olatz Aranceta-Reboredo	p. 206
8	Compasión con el dolor animal: elementos para la construcción de una educación posantropocéntrica	Olatz Aranceta-Reboredo	p. 251
9	Os animais e a literatura	Montserrat Escartín Gual	p. 297
10	Los animales y la literatura	Montserrat Escartín Gual	p. 309
EPÍLOGO	Companhias mais-que-humanas: visitar a memória	Luís Henrique Sacchi dos Santos	p. 321
EPÍLOGO	Compañías más-que-humanas: visitar la memoria	Luís Henrique Sacchi dos Santos	p. 321
	Notas de fim		p. 407
	Índice remissivo		p. 430



The background of the entire page is composed of a grid of overlapping squares. The colors are muted and earthy, including shades of olive green, light beige, cream, and soft peach. The squares are arranged in a way that creates a sense of depth and texture, with some squares appearing slightly more prominent than others.

Martina Davidson

PREFÁCIO

CONHECER O MUNDO
POR FRAGMENTOS



Martina Davidson (elu/ela) é trans não binária, antiespecista, anarquista e neurodivergente. Doutora em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva pela UFRJ. Pesquisadora de animalidades, perspectivas multiespécie, decolonialidade e transfeminismos.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3707852389590286>

SUMÁRIO



Ao ler esta obra pela primeira vez, uma imagem voltava insistentemente ao meu corpo. Uma imagem que não sei se pertence ao passado ou se acabou de acontecer. Uma imagem que não sei se estou lembrando ou se apenas agora estou aprendendo a percebê-la. Essa imagem é a de um tamanduá-mirim, o qual chamei, em alguns momentos, apenas de tamanduá. Trata-se do animal que aparece na capa desta bela obra.

O tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*) avança lentamente com o focinho quase colado ao chão. Sua visão é limitada, de baixa acuidade, pouco eficaz para organizar o espaço como um panorama contínuo. Do ponto de vista anatômico e etológico, diversos estudos indicam que o sistema visual do tamanduá não desempenha uma função central na orientação espacial nem na antecipação de movimentos, sendo explicitamente secundário em relação a outros sistemas sensoriais (EISENBERG; REDFORD, 1999; NOWAK, 1999). O mundo não se apresenta a ele como paisagem nem como cena organizada a partir da distância. Não há ponto de vista soberano. Há proximidade.

O que orienta seu deslocamento é outra coisa: um olfato extraordinariamente desenvolvido, sustentado por uma ampla superfície de epitélio olfatório e por bulbos olfatórios proporcionalmente maiores do que os da maioria dos mamíferos placentários (MONTGOMERY, 1985; EISENBERG; REDFORD, 1999). O tamanduá conhece o mundo seguindo rastros químicos: concentrações mínimas de partículas, sinais que persistem mesmo quando o corpo que os produziu já não está presente. O rastro não é aqui uma simples marca espacial; é uma inscrição temporal. Conhecer é ler o tempo sedimentado na matéria.

Um exemplo concreto permite tornar tangível esse modo de conhecer. Ao se aproximar de um formigueiro ativo, o tamanduá não reage imediatamente à estrutura visível do ninho de cupins ou formigueiro. Detém o corpo, inclina o focinho e realiza uma série de

SUMÁRIO



inalações curtas e profundas, orientando a cabeça em arcos mínimos sobre o substrato. Do ponto de vista etológico, esse comportamento corresponde a um momento de amostragem olfativa, no qual o animal discrimina não apenas a presença de formigas ou cupins, mas também a atividade recente do cupinzeiro/formigueiro, a densidade do fluxo químico e a probabilidade de defesa organizada (MONTGOMERY, 1985; REDFORD, 1987). Nem todo formigueiro vale a pena para o tamanduá: apenas aqueles cuja assinatura química indica uma disponibilidade energética compatível com o esforço corporal da busca por presas.

Esse gesto condensa uma diferença decisiva. O tamanduá não “vê” o formigueiro como um objeto estável no espaço, mas lê uma história temporal condensada no odor: há quanto tempo um corpo passou, quantos corpos passaram, se o rastro está ativo ou já em dissipação. O cheiro funciona aqui como um arquivo efêmero, cuja inteligibilidade depende da capacidade fisiológica de detectar e processar compostos químicos em concentrações extremamente baixas — capacidade amplamente documentada em mamíferos mirmecófagos¹ (EISENBERG; REDFORD, 1999). O mundo não se organiza, assim, apenas por formas visíveis, mas por gradientes temporais de persistência.

Talvez, em outras palavras, possamos dizer que aquilo que para um observador humano aparece como uma estrutura espacial relativamente estática — um ninho de cupins ou formigueiro —, para o tamanduá se apresenta como uma sequência temporal ativa, um campo de sinais em processo de desaparecimento ou intensificação (UEXKÜLL, 1936; UEXKÜLL, T. von, 2004). O acontecimento não é apenas o formigueiro ou cupinzeiro em si, mas o rastro que insiste.

Esse modo de percepção reforça a ideia de que não necessariamente compartilhamos um mesmo mundo com o tamanduá (ou com outras existências), mas que coexistimos em mundos parcialmente sobrepostos, definidos por capacidades sensoriais, metabólicas e temporais específicas. O tamanduá não habita uma paisagem

SUMÁRIO



visual atravessada por objetos estáveis; habita um mundo de sinais que se degradam, um mundo cuja inteligibilidade depende da leitura do tempo na matéria. Seu conhecimento não se orienta pela antecipação abstrata, mas pela resposta situada àquilo que ainda persiste o suficiente para importar.

Por isso, quando penso no deslocamento do tamanduá, custa-me concebê-lo como contínuo. Entre um passo e outro há pausas breves, quase imperceptíveis para nós, nas quais seu corpo se inclina, aspira, reconhece. O tamanduá não decide o caminho de antemão: ele o segue. Sua orientação não responde a um plano prévio nem a uma representação total do espaço, mas a uma sucessão de respostas situadas a sinais parciais. Talvez, para ser poética, eu diria que o tamanduá conhece o mundo por fragmentos.

Do ponto de vista biológico, esse modo de habitar o entorno constitui uma especialização. Como ocorre com muitos animais insetívoros, o tamanduá opera em um regime sensorial e temporal profundamente distinto do humano. Seu metabolismo basal é relativamente baixo para seu tamanho corporal, o que implica ritmos de movimento lentos e uma integração sensorial menos acelerada (McNAB, 2000). O mundo, para o tamanduá, não se apresenta como uma sucessão rápida de acontecimentos discretos, mas como um campo denso de persistências, odores e continuidades.

Esse dado biológico permite um deslocamento conceitual importante, já brevemente mencionado: o tamanduá não apenas percebe de outro modo, mas habita outro regime temporal. Como argumentei em outros trabalhos, a taxa metabólica e a constituição corporal delimitam o horizonte temporal dentro do qual algo pode aparecer como acontecimento para um organismo (DAVIDSON, 2026, prelo). Não existe um único tempo homogêneo compartilhado por todas as espécies; existem múltiplos regimes temporais, definidos pela relação entre metabolismo, percepção e ação (HEALY *et al.*, 2013; LAUGHLIN, 2001).

SUMÁRIO



Assim, o gesto do tamanduá — focinho na terra, pausa, avanço — não pode ser compreendido a partir da lógica da eficiência, da rapidez ou do controle. Trata-se de um gesto inscrito em um outro tempo, um tempo no qual conhecer não significa antecipar nem dominar, mas deixar-se orientar pelo que insiste. Pensar, aqui, não é impor uma forma ao mundo, mas responder a ele tal como se apresenta, inclusive — e sobretudo — quando está danificado.

Esse gesto costuma passar despercebido. Fomos treinadas para associar saber à distância, à clareza visual e à velocidade. Nossa tradição epistemológica privilegiou a visão como sentido soberano² e tomou o tempo como um parâmetro homogêneo, universal, externo aos corpos (NEWTON, 1687; KANT, 1781). Custa-nos reconhecer um conhecimento que precisa parar, retornar ao já percorrido, perder o rastro e retomá-lo. Um conhecimento que não avança em linha reta nem promete linha de chegada.

No entanto, essa imagem do tamanduá também incomoda. Incomoda porque torna visíveis os limites de uma ideia de educação e de conhecimento historicamente organizada a partir de um modelo muito específico de corpo, percepção e cognição. A pedagogia e o conhecimento modernos foram construídos sobre uma figura implícita de aprendiz: um sujeito Humano, cis-heterossexual, são, autônomo, racional, visualmente orientado, capaz de sustentar atenção prolongada, de processar informação abstrata em alta velocidade e de responder a ritmos temporais padronizados. Tudo aquilo que se desvia desse ideal — outros corpos, outras formas de perceber, outros tempos — tende a ser lido como déficit, carência ou atraso.

O antropocentrismo opera aqui como pressuposto silencioso: a cultura define-se como aquilo que separa os humanos dos animais, e a educação como o processo pelo qual essa separação se reproduz e se reforça. Aprender, nesse marco, equivale a afastar-se da animalidade, a disciplinar o corpo, a domesticar os sentidos e a subordinar a percepção situada a formas abstratas de conhecimento.

SUMÁRIO

A animalidade aparece, assim, como aquilo que deve ser superado para ingressar plenamente no domínio da cultura.

E, sem dúvida, esse gesto é também especista. Ao excluir os animais mais-que-humanos do campo do cultural e do educativo, reforça-se a ideia de que apenas certos corpos podem produzir conhecimento, sentido e mundo. A animalidade fica reduzida a objeto de estudo, recurso ou metáfora, mas raramente é reconhecida como fonte legítima de aprendizagem. Nesse marco, aprender com um tamanduá torna-se impensável não porque seja impossível, mas porque desestabiliza as próprias fronteiras que sustentam a ideia moderna de educação.

Nessa perspectiva, a imagem do tamanduá não oferece apenas uma metáfora alternativa para pensar a educação. Ela oferece uma crítica material aos critérios com os quais definimos o que conta como cultura, o que conta como conhecimento e quais corpos podem habitar a cultura. Se aprender pode ser seguir rastros, parar, perder-se e reorientar-se, então a educação deixa de ser um processo de acumulação linear e torna-se uma prática situada, encarnada e necessariamente plural. Uma prática que não pode se sustentar sem questionar os regimes antropocêntricos, capacitistas e especistas que historicamente delimitaram suas fronteiras.

Inclusive, se permanecermos mais um segundo com essa imagem do tamanduá — o focinho tocando a terra, a pausa antes do passo — algo se desloca, e aprender começa a se parecer com seguir sinais frágeis em um terreno instável, sem garantia de chegada. Fica-me a sensação de que nossas práticas podem tornar-se mais sensíveis e situadas.

Nesse sentido, sinto que este livro se move como o tamanduá.

Ética animal: perspectivas para (pensar e praticar) a educação não avança em linha reta nem oferece respostas imediatas. Move-se por aproximações, detém-se, retorna sobre seus próprios passos,



SUMÁRIO

presta atenção ao que costuma ficar fora do campo educativo. Cada texto funciona como um gesto de orientação afetiva: uma maneira de perceber como a vida animal mais-que-humana foi sistematicamente relegada ao fundo e como essa relegação está no coração de nossas pedagogias, de nossas noções de humanidade e de nossas formas de organizar o mundo.

Pensar o afeto como eixo deste livro não significa falar apenas de emoções privadas ou de sensibilidades individuais. O afeto aparece aqui como campo político. Como tenho proposto no marco das políticas afetivas animais, os afetos não apenas são sentidos: eles circulam, distribuem-se, aderem diferencialmente a corpos e espécies, produzindo hierarquias de valor, proximidades e distâncias (DAVIDSON, 2024; GONZÁLEZ; DAVIDSON, 2022). Ensinar é sempre ensinar a sentir: ensinar quais vidas importam, quais podem ser danificadas sem luto, quais podem ser exploradas sem escândalo.

Dessa perspectiva, o especismo não é apenas uma ideologia nem uma falta de informação moral. É um regime afetivo que organiza a indiferença, a compaixão seletiva e a anestesia diante da violência cotidiana exercida sobre corpos animalizados. A educação moderna foi uma das tecnologias centrais de produção e reprodução desse regime, naturalizando hierarquias interespecíficas sob a aparência de neutralidade pedagógica.

Mas o afeto não aparece aqui apenas como diagnóstico do poder. Aparece também como possibilidade de aliança. Afetar e ser afetado é sempre um modo de estar em relação, e toda relação abre a possibilidade — precária, conflituosa, não garantida — de sustentar a vida de outro modo. Nesse sentido, o livro pode ser lido como uma constelação de alianças selvagens (GONZÁLEZ; DAVIDSON, 2022): alianças que não buscam harmonia nem consenso, mas que emergem da fricção, do desacordo e da necessidade compartilhada de seguir vivendo em paisagens danificadas (TSING, 2015).

SUMÁRIO

O livro não se limita a falar de alianças: ele as pratica. Alianças entre campos de saber que raramente dialogam sem tensão; alianças entre teoria e experiência; alianças entre humanos e animais não humanos que não se apresentam como metáfora, mas como problema ético e político real. Cada capítulo é uma forma distinta de habitar esse campo relacional, uma maneira singular de seguir um rastro sem pretender esgotá-lo.

E aqui voltamos ao tamanduá.

Assim como o tamanduá não habita um único mundo homogêneo, este livro tampouco propõe um único mundo educativo possível. Propõe muitos. Mundos que não se sobrepõem completamente. Mundos que se roçam, se friccionam, se fundem momentaneamente e às vezes se desencontram. Como tenho sustentado em meus trabalhos sobre temporalidade animal, os encontros multiespécie não ocorrem em um tempo comum, mas em zonas de sobreposição parcial entre mundos temporalmente heterogêneos (DAVIDSON, 2024).

Nesse campo de fricções, cada texto opera como uma forma específica de orientação. O capítulo inicial, de **Luís Henrique Sacchi dos Santos**, situa a questão animal no coração dos estudos culturais da educação, mostrando que a exclusão dos animais mais-que-humanos não é um problema marginal, mas uma das condições históricas de possibilidade de nossas noções de cultura, humanidade e formação.

Na conversa com **Núria Almiron**, a atenção desloca-se para os dispositivos comunicacionais e as práticas ativistas, evidenciando como os meios e as narrativas públicas educam afetos, delimitam quais animais podem ser vistos, defendidos ou chorados, e quais permanecem fora do campo do sensível. A educação emerge aqui como uma pedagogia difusa, que opera para além da sala de aula e organiza regimes de visibilidade, compaixão e indiferença.

SUMÁRIO

A entrevista com **Eze Paez** introduz uma necessária incomodidade ao trabalhar a liberdade animal a partir da noção de não dominação. No diálogo, a distinção entre intervenção e abandono torna-se instável, obrigando-nos a repensar a responsabilidade ética em um mundo compartilhado no qual não existe posição exterior nem ponto de vista inocente a partir do qual decidir.

Na conversa com **Olatz Aranceta-Reboredo**, o foco recai sobre a dor e a compaixão animal como problemas éticos e pedagógicos. O diálogo permite pensar uma educação pós-antropocêntrica capaz de sustentar a proximidade sem apropriação e de reconhecer o sofrimento sem convertê-lo em espetáculo ou capital moral.

Por fim, a entrevista com **Montserrat Escartín** abre a literatura como espaço privilegiado para ensaiar outras formas de relação entre animais, linguagem e educação. Através da conversa, a escrita aparece como prática sensível que desorganiza hierarquias, desloca a centralidade humana e habilita imaginários educativos que não se ajustam à razão instrumental nem à normatividade pedagógica.

Assim, lido em conjunto, o livro não conduz a uma conclusão fechada. Seu movimento é outro: deter-se o suficiente para aprender a perceber. Como o tamanduá que avança seguindo rastros, este livro não oferece uma visão total da paisagem. Propõe algo mais frágil e mais exigente: aprender a orientar-se sem dominar, a responder sem controlar, a sustentar alianças precárias entre mundos que não necessariamente compartilham o mesmo tempo nem o mesmo horizonte perceptivo.

Em um tempo que exige velocidade, eficiência e adaptação constante, este livro recorda — a partir de uma ética do afeto, da proximidade e da opacidade (GLISSANT, 1997) — que talvez educar consista, antes de tudo, em aprender a seguir aquilo que insiste, mesmo quando ainda não sabemos como nomeá-lo.



SUMÁRIO

REFERÊNCIAS

DAVIDSON, Martina. *Políticas afectivas animales y regímenes de sensibilidad interespecie*. Manuscrito en preparación, 2024.

DAVIDSON, Martina. *Cuando el tiempo no es el mismo: metabolismo, percepción y diferenciación entre mundos animales*. En preparación, 2026. Prelo.

EISENBERG, John F.; REDFORD, Kent H. *Mammals of the Neotropics: The Central Neotropics*. Chicago: University of Chicago Press, 1999.

GLISSANT, Édouard. *Poétique de la relation*. Paris: Gallimard, 1997.

GONZÁLEZ, Anahí Gabriela; DAVIDSON, Martina. Alianzas salvajes: hacia un animalismo decolonial, transfeminista y anticapacitista. En: *Antiespecismos subversivos: construcciones a partir de las disidencias*. Buenos Aires: Editorial XXXX, 2022.

HEALY, Kevin; McNALLY, Luke; RUXTON, Graeme D.; COOPER, Natalie; JACKSON, Andrew L. Metabolic rate and body size are linked with perception of temporal information. *Animal Behaviour*, v. 86, n. 4, p. 685–696, 2013. DOI: 10.1016/j.anbehav.2013.06.018.

KANT, Immanuel. *Crítica de la razón pura*. Traducción de Pedro Ribas. Madrid: Alfaguara, 2002. (Obra original publicada en 1781).

LAUGHLIN, Simon B. Energy as a constraint on the coding and processing of sensory information. *Current Opinion in Neurobiology*, v. 11, n. 4, p. 475–480, 2001. DOI: 10.1016/S0959-4388(00)00237-3.

McNAB, Brian K. The physiological ecology of vertebrates: a view from energetics. Ithaca: Cornell University Press, 2000.

MONTGOMERY, Glenn G. The evolution and ecology of armadillos, sloths, and vermilinguas. Washington, DC: Smithsonian Institution Press, 1985.

NEWTON, Isaac. *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica*. Londres: Royal Society, 1687.

NOWAK, Ronald M. *Walker's mammals of the world*. 6. ed. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1999.

REDFORD, Kent H. Ants and termites as food: patterns of mammalian myrmecophagy. En: GENOWAYS, Hugh H. (ed.). *Current mammalogy*. New York: Plenum Press, 1987. p. 349–399.



TSING, Anna Lowenhaupt. *The mushroom at the end of the world: on the possibility of life in capitalist ruins*. Princeton: Princeton University Press, 2015.

UEXKÜLL, Jakob von. *Mundos animales y mundos humanos*. Madrid: Cátedra, 2004. (Obra original publicada en 1936).

UEXKÜLL, Thure von. A teoria da Umwelt de Jakob von Uexküll. *Galáxia*, São Paulo, n. 7, p. 19–48, 2004.

SUMÁRIO



The background of the entire page is composed of a grid of overlapping squares. The colors are muted and earthy, including shades of olive green, light beige, cream, and soft peach. The squares are arranged in a way that creates a sense of depth and texture, with some squares appearing slightly more prominent than others.

Martina Davidson

PREFACIO

CONOCER EL MUNDO
POR FRAGMENTOS



Martina Davidson (elle/ella) es trans no binarie, antiespecista, anarquista y neurodivergente. Doctore en Bioética, Ética Aplicada y Salud Colectiva por la UFRJ. Investigadore de animalidades, perspectivas multiespecie, decolonialidad y transfeminismos.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3707852389590286>

SUMÁRIO



Al leer por primera vez esta obra, una imagen siempre volvía a mi cuerpo. Una imagen que no sé si pertenece al pasado o si acaba de ocurrir. Una imagen que no sé si la estoy recordando o si apenas ahora estoy aprendiendo a percibirla. Esa imagen es la de un oso hormiguero, al cual, acá, dada mi existencia fronteriza *brasileiro-argentina*, llamaré *tamanduá-mirim* (y en algunos momentos, solo tamanduá). Este animal es el que aparece en la tapa de esta bella obra.

El tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*) avanza lentamente con el hocico orientado hacia el sustrato. Su visión es limitada, de baja agudeza, poco eficaz para organizar el espacio como un panorama continuo. Desde el punto de vista anatómico y etológico, diversos estudios indican que el sistema visual del tamanduá no cumple una función central en la orientación espacial ni en la anticipación de movimientos; es explícitamente secundario frente a otros sistemas sensoriales (Eisenberg; Redford, 1999; Nowak, 1999). El mundo no se le presenta como paisaje ni como escena organizada desde la distancia. No hay un punto de vista soberano. Hay proximidad.

Lo que orienta su desplazamiento es otra cosa: un olfato extraordinariamente desarrollado, sostenido por una amplia superficie de epitelio olfatorio y por bulbos olfatorios proporcionalmente mayores que los de la mayoría de los mamíferos placentarios (Montgomery, 1985; Eisenberg; Redford, 1999). El tamanduá conoce el mundo siguiendo rastros químicos, concentraciones mínimas de partículas, señales que persisten incluso cuando el cuerpo que las produjo ya no está presente. El rastro no es aquí una simple marca espacial; es una inscripción temporal. Conocer es leer el tiempo sedimentado en la materia.

Un ejemplo concreto permite volver tangible este modo de conocer. Al aproximarse a un hormiguero activo, el tamanduá no reacciona de inmediato ante la estructura visible del nido de termitas o del hormiguero. Detiene el cuerpo, inclina el hocico y realiza

SUMARIO



una serie de inhalaciones cortas y profundas, orientando la cabeza en arcos mínimos sobre la superficie del suelo. Desde el punto de vista etológico, este comportamiento corresponde a un momento de muestreo olfativo, en el que el animal discrimina no solo la presencia de hormigas o termitas, sino también la actividad reciente del nido, la densidad del flujo químico y la probabilidad de defensa organizada (Montgomery, 1985; Redford, 1987). No cualquier hormiguero vale la pena para el tamandú: solo aquellos cuya firma química indica una disponibilidad energética compatible con el esfuerzo corporal de la búsqueda por presas.

Este gesto condensa una diferencia decisiva. El tamandú no “ve” el hormiguero como objeto estable en el espacio, sino que lee una historia temporal condensada en el olor: qué tan recientemente pasó un cuerpo, cuántos cuerpos pasaron, si el rastro está activo o ya en disipación. El olor funciona aquí como un archivo efímero, cuya inteligibilidad depende de la capacidad fisiológica de detectar y procesar compuestos químicos en concentraciones extremadamente bajas, capacidad ampliamente documentada en mamíferos mirmecófagos³ (Eisenberg; Redford, 1999). El mundo no se organiza, así, solamente por formas visibles, sino por gradientes temporales de persistencia.

Quizás, en otras palabras, podríamos decir que aquello que para un observador humano aparece como una estructura espacial relativamente estática —un nido de termitas o un hormiguero— para el tamandú se presenta como una secuencia temporal activa, un campo de señales en proceso de desaparición o intensificación (Uexküll, 1936; Uexküll, T. von, 2004). El acontecimiento no es solo el hormiguero o nido en sí, sino el rastro que insiste.

Este modo de percepción refuerza la idea de que no necesariamente compartimos un mismo mundo con el tamandú (o con otras existencias), sino que coexistimos en mundos parcialmente superpuestos, definidos por capacidades sensoriales, metabólicas y temporales específicas. El tamandú no habita un paisaje visual

SUMÁRIO



atravesado por objetos estables; habita un mundo de señales que se degradan, un mundo cuya inteligibilidad depende de la lectura del tiempo en la materia. Su conocimiento no se orienta por la anticipación abstracta, sino por la respuesta situada a aquello que aún persiste lo suficiente como para importar.

Por eso, cuando pienso en el desplazamiento del tamandú, me cuesta mucho pensar que sea continuo. Entre un paso y otro hay pausas breves, casi imperceptibles para nosotros, en las que su cuerpo se inclina, aspira, reconoce. El tamandú no decide el camino de antemano: lo sigue. Su orientación no responde a un plan previo ni a una representación total del espacio, sino a una sucesión de respuestas situadas a señales parciales. Quizás, no sé, para ser poético, podría decir que el tamandú conoce el mundo por fragmentos.

Desde el punto de vista biológico, este modo de habitar el entorno constituye una especialización. Como ocurre con muchos animales insectívoros, el tamandú opera en un régimen sensorial y temporal profundamente distinto del humano. Su metabolismo basal es relativamente bajo para su tamaño corporal, lo que implica ritmos de movimiento lentos y una integración sensorial menos acelerada (McNab, 2000). El mundo, para el tamandú, no se presenta como una sucesión rápida de acontecimientos discretos, sino como un campo denso de persistencias, olores y continuidades.

Este dato biológico permite un desplazamiento conceptual importante brevemente citado anteriormente: el tamandú no solo percibe de otra manera, sino que habita otro régimen temporal. Como he argumentado en otros trabajos, la tasa metabólica y la constitución corporal delimitan el horizonte temporal dentro del cual algo puede aparecer como acontecimiento para un organismo (Davidson, 2026, no prelo). No existe un único tiempo homogéneo compartido por todas las especies, sino que existen múltiples regímenes temporales, definidos por la relación entre metabolismo, percepción y acción (Healy *et al.*, 2013; Laughlin, 2001).

SUMARIO



Así, el gesto del tamandú —hocico en la tierra, pausa, avance— no puede ser comprendido desde la lógica de la eficiencia, la rapidez o el control. Es un gesto que se inscribe en un tiempo otro, un tiempo en el que conocer no significa anticipar ni dominar, sino dejarse orientar por lo que insiste. Pensar, aquí, no es imponer una forma al mundo, sino responder a él tal como se presenta, incluso —y sobre todo— cuando está dañado.

Ese gesto suele pasar desapercibido. Estamos entrenadas para asociar saber con distancia, claridad visual y velocidad. Nuestra tradición epistemológica ha privilegiado la visión como sentido soberano⁴ y ha tomado el tiempo como un parámetro homogéneo, universal, externo a los cuerpos (Newton, 1687; Kant, 1781). Nos cuesta reconocer un conocimiento que necesita detenerse, volver sobre lo ya recorrido, perder el rastro y retomarlo. Un conocimiento que no avanza en línea recta ni promete línea de llegada.

Sin embargo, esa imagen del tamandú también molesta. Molesta porque pone en evidencia los límites de una idea de educación y conocimiento históricamente organizada a partir de un modelo muy específico de cuerpo, percepción y cognición. La pedagogía y conocimiento modernos han sido contruidos sobre una figura implícita de aprendiz: un sujeto Humano, cis-heterossexual, cuerdo, autónomo, racional, visualmente orientado, capaz de sostener atención prolongada, de procesar información abstracta a alta velocidad y de responder a ritmos temporales estandarizados. Todo aquello que se desvíe de ese ideal —otros cuerpos, otras formas de percibir, otros tiempos— tiende a ser leído como déficit, carencia o atraso.

El antropocentrismo opera aquí como presupuesto silencioso: la cultura se define como aquello que separa a los humanos de los animales, y la educación como el proceso mediante el cual esa separación se reproduce y se refuerza. Aprender, en este marco, equivale a alejarse de la animalidad, a disciplinar el cuerpo, a domesticar los

SUMARIO

sentidos y a subordinar la percepción situada a formas abstractas de conocimiento. La animalidad aparece, así, como lo que debe ser superado para ingresar plenamente en el dominio de la cultura.

Y, sin dudas, ese gesto es, también, especista. Al excluir a los animales más que humanos del campo de lo cultural y educativo, se refuerza la idea de que solo ciertos cuerpos pueden producir conocimiento, sentido y mundo. La animalidad queda reducida a objeto de estudio, recurso o metáfora, pero rara vez es reconocida como fuente legítima de aprendizaje. En este marco, aprender de un tamandú resulta impensable no porque sea imposible, sino porque desestabiliza las fronteras mismas que sostienen la idea moderna de educación.

Desde esta perspectiva, la imagen del tamandú no ofrece simplemente una metáfora alternativa para pensar todo eso, sino que ofrece una crítica material a los criterios con los que definimos qué cuenta como cultura, qué cuenta como conocimiento y qué cuerpos pueden habitar la cultura. Si aprender puede ser seguir rastros, detenerse, perderse y reorientarse, entonces la educación deja de ser un proceso de acumulación lineal y se convierte en una práctica situada, encarnada y necesariamente plural. Una práctica que no puede sostenerse sin cuestionar los regímenes antropocéntricos, capacitistas y especistas que han delimitado históricamente sus fronteras.

Incluso, si nos quedamos un segundo más con esa imagen del tamandú —el hocico tocando la tierra, la pausa antes del paso— algo se desplaza y empieza a parecerse a señales frágiles en un terreno inestable, sin garantía de llegada. Me termina dando la sensación que nuestras prácticas pueden volverse más sensibles y situadas. Desde esta perspectiva, siento que este libro se mueve como el tamandú.

Ética animal: perspectivas para (pensar y practicar) la educación no avanza en línea recta ni ofrece respuestas inmediatas. Se desplaza por aproximaciones, se detiene, vuelve sobre sus propios



SUMARIO

pasos, presta atención a lo que suele quedar afuera del campo educativo. Cada texto funciona como un gesto de orientación afectiva: una manera de percibir cómo la vida animal más que humana ha sido sistemáticamente relegada a fondo y cómo esa relegación está en el corazón mismo de nuestras pedagogías, de nuestras nociones de humanidad y de nuestras formas de organizar el mundo.

Pensar el afecto como eje de este libro no significa solamente hablar de emociones privadas ni de sensibilidades individuales. El afecto aparece aquí como campo político. Como he propuesto en el marco de las políticas afectivas animales, los afectos no solo se sienten: circulan, se distribuyen, se adhieren diferencialmente a cuerpos y especies, produciendo jerarquías de valor, cercanías y distancias (Davidson, 2024; González; Davidson, 2022). Enseñar es siempre enseñar a sentir: enseñar qué vidas importan, cuáles pueden ser dañadas sin duelo, cuáles pueden ser explotadas sin escándalo.

Desde esta perspectiva, el especismo no es solo una ideología ni una falta de información moral. Es un régimen afectivo que organiza la indiferencia, la compasión selectiva y la anestesia frente a la violencia cotidiana ejercida sobre cuerpos animalizados. La educación moderna ha sido una de las tecnologías centrales de producción y reproducción de ese régimen, naturalizando jerarquías interespecie bajo la apariencia de neutralidad pedagógica.

Pero el afecto no aparece aquí solo como diagnóstico del poder. Aparece también como posibilidad de alianza. Afectar y ser afectado es siempre un modo de estar en relación, y toda relación abre la posibilidad —precaria, conflictiva, no garantizada— de sostener la vida de otra manera. En este sentido, el libro puede leerse como una constelación de alianzas salvajes (González; Davidson, 2022), alianzas que no buscan armonía ni consenso, sino que emergen de la fricción, del desacuerdo y de la necesidad compartida de seguir viviendo en paisajes dañados (Tsing, 2015).



SUMÁRIO

Este libro no se limita a hablar de alianzas: las practica. Alianzas entre campos de saber que no suelen dialogar sin tensiones; alianzas entre teoría y experiencia; alianzas entre humanos y animales no humanos que no se presentan como metáfora, sino como problema ético y político real. Cada capítulo es una forma distinta de habitar ese campo relacional, una manera singular de seguir un rastro sin pretender agotarlo.

Y aquí volvemos al tamandú.

Así como el tamandú no habita un único mundo homogéneo, este libro tampoco propone un solo mundo educativo posible. Propone muchos. Mundos que no se superponen completamente. Mundos que se rozan, se friccionan, se funden momentáneamente y a veces se malentienden. Como he sostenido en mis trabajos sobre temporalidad animal, los encuentros multiespecie no ocurren en un tiempo común, sino en zonas de superposición parcial entre mundos temporalmente heterogéneos (Davidson, 2024).

En ese campo de fricciones, cada texto opera como una forma específica de orientación. El capítulo inicial, de **Luís Henrique Sacchi dos Santos**, sitúa la cuestión animal en el corazón mismo de los estudios culturales de la educación, mostrando que la exclusión de los animales más que humanos no es un problema marginal, sino una de las condiciones históricas de posibilidad de nuestras nociones de cultura, humanidad y formación.

En la conversación con **Núria Almiron**, la atención se desplaza hacia los dispositivos comunicacionales y las prácticas activistas, evidenciando cómo los medios y las narrativas públicas educan afectos, delimitan qué animales pueden ser vistos, defendidos o llorados, y cuáles permanecen fuera del campo de lo sensible. La educación emerge aquí como una pedagogía difusa, que opera más allá del aula y organiza regímenes de visibilidad, compasión e indiferencia.

SUMARIO

La entrevista con **Eze Paez** introduce una incomodidad necesaria al trabajar la libertad animal desde la noción de no dominación. En el diálogo, la distinción entre intervención y abandono se vuelve inestable, obligándonos a repensar la responsabilidad ética en un mundo compartido donde no existe una posición exterior ni un punto de vista inocente desde el cual decidir.

En la conversación con **Olatz Aranceta-Reboredo**, el foco se sitúa en el dolor y la compasión animal como problemas éticos y pedagógicos. El diálogo permite pensar una educación post antropocéntrica capaz de sostener la cercanía sin apropiación y de reconocer el sufrimiento sin convertirlo en espectáculo ni en capital moral.

Finalmente, la entrevista con **Montserrat Escartín** abre la literatura como un espacio privilegiado para ensayar otras formas de relación entre animales, lenguaje y educación. A través de la conversación, la escritura aparece como práctica sensible que desorganiza jerarquías, desplaza la centralidad humana y habilita imaginarios educativos que no se ajustan a la razón instrumental ni a la normatividad pedagógica.

Así, leído en conjunto, el libro no conduce a una conclusión cerrada. Su movimiento es otro: detenerse lo suficiente para aprender a percibir. Como el tamandú que avanza siguiendo rastros, este libro no ofrece una visión total del paisaje. Propone algo más frágil y más exigente: aprender a orientarse sin dominar, a responder sin controlar, a sostener alianzas precarias entre mundos que no necesariamente comparten el mismo tiempo ni el mismo horizonte perceptivo.

En un tiempo que exige velocidad, eficiencia y adaptación constante, este libro recuerda —desde una ética del afecto, de la proximidad y de la opacidad (Glissant, 1997)— que quizá educar consista, antes que nada, en aprender a seguir lo que insiste, incluso cuando todavía no sabemos cómo nombrarlo.



SUMARIO



REFERENCIAS

DAVIDSON, Martina. *Políticas afectivas animales y regímenes de sensibilidad interespecie*. Manuscrito en preparación, 2024.

DAVIDSON, Martina. *Cuando el tiempo no es el mismo: metabolismo, percepción y diferenciación entre mundos animales*. En preparación, 2026. Prelo.

EISENBERG, John F.; REDFORD, Kent H. *Mammals of the Neotropics: The Central Neotropics*. Chicago: University of Chicago Press, 1999.

GLISSANT, Édouard. *Poétique de la relation*. Paris: Gallimard, 1997.

GONZÁLEZ, Anahí Gabriela; DAVIDSON, Martina. Alianzas salvajes: hacia un animalismo decolonial, transfeminista y anticapacitista. En: *Antiespecismos subversivos: construcciones a partir de las disidencias*. Buenos Aires: Editorial XXXX, 2022.

HEALY, Kevin; McNALLY, Luke; RUXTON, Graeme D.; COOPER, Natalie; JACKSON, Andrew L. Metabolic rate and body size are linked with perception of temporal information. *Animal Behaviour*, v. 86, n. 4, p. 685–696, 2013. DOI: 10.1016/j.anbehav.2013.06.018.

KANT, Immanuel. *Crítica de la razón pura*. Traducción de Pedro Ribas. Madrid: Alfaguara, 2002. (Obra original publicada en 1781).

LAUGHLIN, Simon B. Energy as a constraint on the coding and processing of sensory information. *Current Opinion in Neurobiology*, v. 11, n. 4, p. 475–480, 2001. DOI: 10.1016/S0959-4388(00)00237-3.

McNAB, Brian K. *The physiological ecology of vertebrates: a view from energetics*. Ithaca: Cornell University Press, 2000.

MONTGOMERY, Glenn G. *The evolution and ecology of armadillos, sloths, and vermilinguas*. Washington, DC: Smithsonian Institution Press, 1985.

NEWTON, Isaac. *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica*. Londres: Royal Society, 1687.

NOWAK, Ronald M. *Walker's mammals of the world*. 6. ed. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1999.

REDFORD, Kent H. Ants and termites as food: patterns of mammalian myrmecophagy. En: GENOWAYS, Hugh H. (ed.). *Current mammalogy*. New York: Plenum Press, 1987. p. 349–399.

TSING, Anna Lowenhaupt. *The mushroom at the end of the world: on the possibility of life in capitalist ruins*. Princeton: Princeton University Press, 2015.

UEXKÜLL, Jakob von. *Mundos animales y mundos humanos*. Madrid: Cátedra, 2004. (Obra original publicada en 1936).

UEXKÜLL, Thure von. A teoria da Umwelt de Jakob von Uexküll. *Galáxia*, São Paulo, n. 7, p. 19–48, 2004.

SUMÁRIO



1

Luís Henrique Sacchi dos Santos

ESTUDOS CULTURAIS E ÉTICA ANIMAL:

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-674-6.1



Luís Henrique é licenciado em Ciências Biológicas, tendo realizado mestrado e doutorado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/UFRGS), sob a orientação da professora Maria Lúcia Castagna Wortmann. De 2002 a 2007 trabalhou no, agora, descontinuado Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil, cuja ênfase temática centrava-se nos Estudos Culturais em Educação. Em 2006 fez concurso para a vaga de professor adjunto de Didática do Ensino de Educação e Saúde, tendo ingressado no Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da UFRGS, em fevereiro de 2007. Atualmente é professor titular e atua na Licenciatura em Ciências Biológicas e na Linha de Pesquisa em Estudos Culturais e Educação no PPGEDU.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4857432570166806>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5636-3917>

PESTS: <https://www.upf.edu/web/pests/about-us>

SUMÁRIO

O QUE PODE NOS DIZER UM TAMANDUÁ?

Quando comecei a organizar a proposta deste livro⁵, com o intuito de apresentá-lo como um dos resultados de minha estada (entre setembro e novembro de 2024) junto ao Centro de Ética Animal da Universidade Pompeu Fabra (CAE-UPF), em Barcelona, o Brasil ardia em chamas, como “é comum” no Norte e no Centro-Oeste do país nesse período do ano.

Uma imagem sintetizava essa proposta, no sentido ético tanto de trabalhar para que tais incêndios deixem de “ser comuns”, quanto de intervir e ajudar, de diferentes formas, os animais afetados por esses eventos recorrentes, agora intensificados pelo aquecimento global. Trata-se da imagem de um tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*) em posição de defesa⁶ — o chamado “abraço de tamanduá”⁷ —, do fotógrafo brasileiro Araquém Alcântara⁸. Nessa fotografia, o animal aparece com o corpo marcado, visivelmente sujo pela fuligem, chamuscado pelos recorrentes episódios de queimadas na Amazônia⁹ ou em outras regiões do Brasil. Não por acaso, há interpretações que associam essa imagem a uma cena de crucificação — a do próprio Cristo. Trata-se de uma leitura simbólica que prefiro deixar em aberto, embora ela ressoe no modo como enquadrámos esse sofrimento.

Esse potente texto imagético, em diálogo com as inúmeras discussões sobre ética animal presentes neste livro, abre o texto a múltiplas leituras e, ao mesmo tempo, o “amarra” no sentido de afirmar que “não se trata apenas do fogo” — aquele que, nas imagens, vemos mudar de direção e seguir por rastilhos enquanto as brigadas tentam contê-lo. Trata-se, também, do empobrecimento do solo, da perda da diversidade de plantas e animais. Trata-se, sobretudo, do sofrimento e da morte de incontáveis animais, como o tamanduá, mas também de muitos outros que sequer consideramos nessas situações, como os artrópodes de todos os tipos e os pequenos

SUMÁRIO



vertebrados, por exemplo: aqueles que poderíamos enquadrar na categoria dos “invisibilizados”, mas que são, paradoxalmente, os mais numerosos: insetos, aranhas, sapos, peixes, morcegos...

É a partir da imagem do tamanduá queimado, cego e em posição de defesa, de Araquém Alcântara, mas também daquele apresentado na capa desta obra (que remete, por exemplo, à maestria do traçado de um artista como Walmor Corrêa¹⁰, inspirado na tradição naturalista - ao mesmo tempo em que a problematiza -, tal como na pintura pertencente à série *Dioramas*¹¹: *Noturno* (2020), pintura sobre tela [vide, por exemplo, Makowiecky (2010), Page (2021) e Leote (2021)] que a leitura de *Ética Animal: aportes para (pensar e praticar) a Educação* deve iniciar.

Como sugere Sarat Colling (2024, p.10), os animais “...*falam com as línguas, os cantos, os movimentos, os gestos e os ritmos da espécie à qual pertencem*”¹². Este tamanduá, portanto, fala, gesticula e se move (na fotografia) para (nos) dizer algo. Ele “nos olha” mediado pela intencionalidade da lente do fotógrafo, mas também a partir daquilo que pode, como animal, “dizer”. Sua imagem constitui um testemunho mudo e, ao mesmo tempo, eloquente do impacto das ações humanas: mostra-nos, de modo incontornável, os efeitos de um modelo de exploração que reduz a vida não humana – e igualmente, de diferentes modos, a vida de muitos humanos – à condição de dano colateral.

O que vemos é mais do que um animal isolado em situação de risco: é o sintoma de um processo mais amplo de expropriação e violência. Empurrados para “ilhas” de vegetação cada vez mais escassas, os tamanduás e tantas outras espécies encontram-se encurraladas, caçadas e queimadas, forçadas a habitar um “não lugar” que já não oferece condições plenas de interação vital. A fotografia de Alcântara, ao fixar este instante de vulnerabilidade e resistência, denuncia a catástrofe lenta e persistente pela qual atravessa

SUMÁRIO



a Amazônia — e nos interpela ética e politicamente quanto à nossa cumplicidade nesse processo de destruição.

Esses animais estão sendo mortos sob a pressão humana que avança incessantemente sobre seus territórios. As queimadas, muitas vezes justificadas pelo argumento de “limpeza do solo”, traduzem uma violência simbólica e material: o fogo elimina aquilo que compõe o ecossistema, redefinindo-o como “sujeira” a ser removida em nome da produtividade¹³. No lugar da diversidade biológica, instala-se a monocultura daquilo que é considerado “útil” pelos humanos — ou, mais precisamente, útil para sustentar a exploração em âmbito industrial de alguns animais não humanos. É o caso da soja, destinada em larga escala à alimentação do gado confinado pela indústria da carne, símbolo da engrenagem agroindustrial que, para expandir-se, exige a contínua devastação da terra. Tal como “os invisibilizados”, também a indústria da carne parece ser invisível para a maior parte de nós, pois, como nos contam Yourcenar (1981), Terron (2023) e Coetzee (2002):

... Exposta em fatias cuidadosamente envoltas em papel celofane num supermercado, ou conservada em latas, a carne deixa de ser sentida como tendo sido a de um animal vivo (Yourcenar, 1981)¹⁴.

... a velhinha que compra bifes embalados em isopor e plástico no supermercado não quer saber da morte. Ao alcançar a bandeja de isopor a pedido da mãe e olhar para os dois bifes exangues, o menino nem desconfia que existe alguma morte ali embalada. As pessoas empurrando seus carrinhos de supermercado, estimuladas pelo som ambiente, não querem saber qual é o principal produto à venda nos refrigeradores (Terron, 2023, p.31).

... “Ao falar-lhes sobre a questão dos animais”, continua ela, “vou poupá-los da fiada de horrores que vem a ser a vida e a morte deles. Embora nada me leve a crer que vocês tenham plena consciência do que está sendo feito

SUMÁRIO

com os animais neste exato momento nas instalações produtivas (hesito em continuar chamando esses lugares de fazendas), nos abatedouros, nos barcos pesqueiros, nos laboratórios, no mundo todo, vou admitir que vocês me atribuem a capacidade retórica de evocar esses horrores para apresentá-los aqui com a devida força, sem no entanto prosseguir nesse rumo por ora, lembrando apenas que os horrores que neste momento omito constituem todavia o centro desta palestra" (p.24). (...) A indústria da carne, em última instância, se dedica à vida (pois, afinal, não reduz suas vítimas a cinzas, já que, uma vez mortas, nem as enterra, mas, ao contrário, corta-as em pedaços, coloca-as no refrigerador e as empacota para que possam ser consumidas no conforto de nossos lares)" (p.27) (Coetzee, 2002).

Esse processo de colonização do solo e de tudo o que existe sobre ele não é recente. As fazendas de gado e de café, que ao longo dos séculos XIX e XX se consolidaram sobre o Pampa (no sul do Brasil, no Uruguai e na Argentina) e a Mata Atlântica, não cessaram seu movimento de expansão – embora se possa voltar ao início do processo de colonização como um marco inaugural desse modelo de devastação, de "usura" da terra e de tudo que ela produz. Hoje avançam sobre outros biomas — a Caatinga, o Cerrado, o Pantanal e a Floresta Amazônica — mais quatro desses seis grandes biomas que compõem o território brasileiro, transformando-os em fronteiras abertas ao capital, à pecuária extensiva e às monoculturas (afinal, o *Agro não é pop?*¹⁵). Cada avanço traduz-se em recuo da vida não humana.

O tamanduá, na fotografia, diz e resiste como pode. Sua expressão, todavia, confronta um paradoxo: estamos cada vez menos capazes de escutá-lo e de compreender o que diz. A lógica que prevalece é a dos "mandantes" humanos — alguns de nós — que reivindicamos o poder de decidir sobre a vida, como se fôssemos senhores absolutos dos espaços terrestres. Ao "mandarmos", falamos uma só língua, quase sem dialetos ou sotaques dissonantes: a língua da homogeneização, do produtivismo, da economia que

calcula vidas em termos de utilidade. Assim, instauramos um mundo empobrecido em sua diversidade¹⁶ — biológica, cultural, simbólica — e seguimos na expansão de um malfadado projeto de dominação-domesticação-exploração que insiste em se colocar como a obra mais bem-acabada do que significa ser humano.

O CENTRO PARA ÉTICA ANIMAL

SUMÁRIO

Ética animal: perspectivas para (pensar e praticar) a educação materializa algumas das experiências que desenvolvi junto ao *Centre for Animal Ethics* (CAE) da Universidade Pompeu Fabra (UPF), em Barcelona/Espanha. Essa experiência foi viabilizada com recursos do Programa de Internacionalização da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PrInt UFRGS-CAPES), durante 90 dias, entre setembro e novembro de 2024.

Esta experiência tornou-se possível graças à disponibilidade da Professora Dra. Núria Almiron em me receber como Pesquisador Visitante no Exterior Sênior (PSVSr) no Departamento de Comunicação, o que possibilitou meu contato direto com a rede de pesquisadoras/es e com a produção acadêmica em curso desse centro multidisciplinar e interinstitucional que é o CAE-UPF. Neste sentido, tal como expresso por Roberto Machado (2017, p.77), em relação aos períodos em que ele estava na França assistindo às aulas de Michel Foucault, tive o privilégio de exercer minha condição de aluno, pois, como ele diz, todo o “... *professor é antes de tudo um aluno capaz de escolher o tema de seus estudos e se dedicar a ele enquanto lhe interessa*”.

O CAE-UPF¹⁷ foi o primeiro *think tank*¹⁸ espanhol de ética animal. Criado em 2014, surgiu a partir da articulação de pesquisadoras



SUMÁRIO

e pesquisadores das áreas de comunicação, filosofia, direito, literatura, bioética e sociologia, com o objetivo de divulgar conhecimentos e práticas de forma translacional – poder-se-ia dizer – buscando comunicar e educar a sociedade e as políticas públicas para a tomada de decisões a partir de uma perspectiva ética não-especista em relação aos animais não humanos¹⁹.

O CAE centra-se na ética animal a partir de perspectivas interdisciplinares e multidisciplinares, com o objetivo de cumprir sua missão: promover uma abordagem ética não-especista na academia, na política, na mídia e na opinião pública²⁰. Isso ocorreu na esteira do *Tratado de Lisboa* (2009)²¹, o qual reconheceu “os animais não humanos como seres sensíveis, com capacidade para experimentar dor, prazer e outros tipos de emoções”²². Tendo a senciência como premissa, a perspectiva filosófica adotada pelo CAE

... defende que o progresso não pode ser definido apenas a partir dos interesses humanos, e que as pessoas têm obrigações morais em relação ao restante dos seres vivos, entre elas a de não infligir dor e sofrimento desnecessários a outros seres com capacidade de sofrer²³.

Nesta direção, compreendo o CAE-UPF como um grupo que, tendo como frente de trabalho acadêmico e ativista a defesa dos animais, questiona a racionalidade moderna amplamente disseminada e naturalizada da supremacia do “Homem” — aquela que incorpora, sem questionamento, o especismo e o antropocentrismo — como sujeito que, “aqui na Terra”, orchestra e gerencia a vida dos animais não humanos de acordo com seus interesses culturais de todas as ordens: como fonte de alimento; de recursos e força de trabalho; de renda, prazer, diversão e companhia; ou ainda como cobaias para testagem de medicamentos, vacinas e produção de órgãos compatíveis com humanos, entre outros usos. Emprego as expressões “Homem” e “aqui na Terra” para tensionar o falido — ou em contínua falência — projeto da Modernidade histórica de “conceber”



SUMÁRIO

(androcentricamente) o "Homem" (branco, europeu, colonialista etc.) como sinônimo de Humanidade, ocupando o "*lugar de Deus aqui na Terra*"²⁴; ou seja, como "seu mais completo e bem acabado representante" na condução pastoral de outros seres humanos, de animais não humanos e demais formas de vida.

Para além do aprofundamento teórico acerca da ética animal e/ou das perspectivas não-especistas, um dos objetivos desse período como Pesquisador Visitante consistia em estabelecer contato com diferentes pesquisadoras/es, de modo a apresentar minhas intenções de pesquisa²⁵ e dialogar sobre as possíveis contribuições que poderiam oferecer ao debate sobre educação não-especista. Tema este que emergiu, como objeto de estudo, a partir de minha atuação acadêmica como professor formador de docentes no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas e no Pós-Graduação em Educação, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), bem como da leitura (inspiradora) do livro *Literatura e Animalidade*, de Maria Esther Maciel (2016), que ensinou a constituição de um modo de ver e pensar que possibilitou a articulação entre Biologia e Literatura – aspecto amplamente explorado na obra dessa professora e escritora (vide Maciel, 2004, 2010, 2011, 2016, 2021, 2023a, 2023b).

AS ENTREVISTAS COMO POSSIBILIDADE DE IMERSÃO NA ÉTICA ANIMAL

Em linhas gerais, o processo de construção das entrevistas seguiu as orientações de Zago (2003), no sentido de compreender que a entrevista não constitui apenas uma técnica de produção

SUMÁRIO



de dados, mas integra a própria construção do objeto ou tema de estudo (p.295). Nesse horizonte, os roteiros que elaborei — baseados em artigos, livros e capítulos de autoria das/os entrevistadas/os — buscaram ser compreensivos, não no sentido de abarcar uma totalidade, mas no de apresentar aspectos que, a partir de minha trajetória acadêmica e de meus objetos de estudo, permitissem articular problematizações suscitadas por excertos, ideias e análises propostas pelas/os autoras/es entrevistadas/os.

A partir desse *corpus*, formulei um conjunto de questões ancoradas em fragmentos extraídos dos textos, articuladas a outras referências teóricas e, em determinados momentos, enriquecidas pela incorporação de excertos literários. Assim, diante da produção extensa e diversa do grupo, optei por selecionar alguns textos (todos citados nas referências bibliográficas de cada entrevista) de forma deliberadamente interessada, a fim de construir um recorte que possibilitasse formular perguntas específicas. Essas questões retomavam aspectos, conceitos e problematizações desenvolvidos pelas/os autoras/es, procurando, sempre que possível, delinear diálogos com o campo da educação em seus diferentes níveis e, em determinados momentos, com os Estudos Culturais (como no caso da entrevista com Olatz Aranceta-Reboredo).

Cabe destacar que, além dos trabalhos já publicados, alguns textos foram gentilmente disponibilizados *ahead of print* pelas/os próprias/os entrevistadas/os, de modo que tive acesso a um conjunto de materiais bastante atualizado. Tais procedimentos configuraram-se como etapa metodológica fundamental, pois possibilitaram não apenas minha aproximação aos campos da Ética Animal e dos Estudos Críticos Animais²⁶ em sentido amplo, mas também a constituição de um modo específico e situado de olhar e problematizar a questão animal.

Caso se queira definir alguns princípios metodológicos, pode-se dizer que procurei realizar entrevistas semiestruturadas,

SUMÁRIO

com questões previamente elaboradas e enviadas às/aos entrevistadas/os para leitura antecipada. Dessa forma, no momento da entrevista, foi possível prescindir da leitura detalhada de cada questão (que incluía excertos, conceitos, análises e exemplos), permitindo que as respostas fluíssem de modo mais livre no âmbito da interação entre entrevistador e entrevistadas/os.

Entre os aspectos destacados na literatura sobre entrevistas, sobressai a importância da confiança a ser estabelecida entre entrevistador e entrevistadas/os. Nesse sentido, cabe mencionar que tal confiança foi, em grande medida, consolidada pela própria condição de Pesquisador Visitante no CAE-UPF durante o período de estada em Barcelona. Digo consolidada porque, desde o momento de minha chegada, fui apresentado por e-mail e na página web do CAE pela professora Núria, que já antecipava que eu poderia entrevistar diversos integrantes do Centro. Esse gesto inicial foi decisivo para criar condições de “afiançamento”, a partir das quais, para além das questões previamente elaboradas como um tipo de convite à participação, pude estabelecer vínculos de confiança que se estenderam não apenas ao longo das entrevistas, mas também durante o processo posterior de edição e revisão por parte das/os entrevistadas/os.

Ao organizar as entrevistas dessa forma e aqui apresentá-las, tenho como público-alvo leitoras/es acadêmicas/os de distintas áreas, bem como ativistas e demais pessoas interessadas no tema da ética animal ou das animalidades, que, assim, poderão entrar em contato *com* e usufruir *das* produções do CAE-UPF. Nesse sentido, assim como procedi em outros momentos (vide Santos e Freitas, 2016, 2018, Maciel 2023b), elaborei as questões a partir da leitura dos textos das/os entrevistadas/os, buscando, simultaneamente, “dar a ver” às/aos leitoras/es aspectos teórico-conceituais desenvolvidos por essas/es autoras/es — movimento que procurou assegurar tanto o rigor acadêmico quanto a pertinência das questões, elaboradas frequentemente a partir dos textos mais antigos até os mais recentes

SUMÁRIO



— e evidenciar, por exemplo, tensões presentes nos próprios discursos acadêmicos vigentes e, por que não dizer, concorrentes ou mesmo incomensuráveis. Isso ocorreu, sobretudo, ao contrastar abordagens ou paradigmas — como a perspectiva *Conservacionista*, fundamentada em larga medida na Ecologia (a qual eu mesmo tinha como parâmetro de pensamento e de possíveis ações), e a perspectiva da *Ética Animal*, amplamente ancorada na Filosofia. O debate entre essas duas abordagens talvez possa ser sintetizado, de modo incipiente da seguinte maneira:

1) a *abordagem conservacionista*, fundamentada em pressupostos das ciências naturais, especialmente da Ecologia, tem como foco a *população* — é entendida nos termos da dinâmica populacional e do equilíbrio ecossistêmico. Suas ações estão voltadas para o *manejo de espécies*, com o objetivo de garantir a estabilidade do ecossistema como um todo e as intervenções ocorrem, em princípio, nesse nível populacional, podendo incluir ações como a *caça de indivíduos considerados "excedentes"*, o controle de espécies que ameaçam a população em foco ou ainda a *eliminação de espécies classificadas como invasoras*. Essa abordagem é frequentemente criticada pela ética animal por adotar uma lógica *antropocêntrica*, centrada nos interesses humanos e no funcionamento do ecossistema, muitas vezes desconsiderando o sofrimento dos indivíduos envolvidos;

2) por outro lado, a *abordagem da ética animal* se constitui a partir de fundamentos humanistas e filosóficos que têm como foco o *bem-estar do indivíduo senciente*. Nessa perspectiva, entende-se que é o indivíduo que sofre, *não a população*, e, por isso, o sofrimento deve ser evitado sempre que possível. As intervenções humanas são justificadas sempre que houver riscos ou situações que envolvam sofrimento dos animais — como fome, sede, doenças, incêndios ou eventos climáticos extremos. Diferentemente da abordagem conservacionista, *não se parte do princípio de que a natureza deve ser deixada "intocada"*, uma vez que se reconhece que *ela já foi amplamente modificada*

SUMÁRIO

pela ação humana. Por essa razão, essa abordagem admite práticas como o *resgate*, *fornecimento de alimentos*, *aplicação de vacinas e tratamentos*, entre outras formas de assistência (vide Faria, 2023). No entanto, é alvo de críticas por parte das abordagens conservacionistas, que veem tais intervenções como formas inadequadas de interferência nos processos naturais.

Embora essas perspectivas tenham sido apresentadas de forma esquemática e segundo uma lógica de oposições binárias (uma vez que este não é o espaço para empreender uma discussão mais aprofundada sobre o tema), cumpre destacar que diferentes autoras/es têm argumentado que tais abordagens podem se beneficiar mutuamente, de modos diversos, e que, portanto, poderiam ou deveriam operar de maneira articulada (vide Harrington *et al.*, 2013; Sekar & Shiller, 2020; Kopnina *et al.*, 2023). Ainda assim, observa-se que, em cursos de Ciências Biológicas e em áreas afins, a perspectiva conservacionista tende a ocupar uma posição hegemônica nos processos de formação de pesquisadoras/es e professoras/es, o que frequentemente resulta na marginalização — ou mesmo na ausência — de debates sistemáticos sobre ética animal e *Critical Animal Studies*. Nesse contexto, a articulação dessas abordagens, tal como explorada nas entrevistas aqui apresentadas, pode contribuir de modo significativo para o tensionamento dos currículos, das práticas pedagógicas e dos regimes de verdade que estruturam a formação científica e educacional, ampliando os horizontes conceituais e ético-políticos a partir dos quais se pensa a relação entre humanos, outros animais e os ambientes que coabitam.

As entrevistas aqui apresentadas foram realizadas entre meados de outubro e final de novembro de 2024, na cidade de Barcelona, por meio de três modalidades de participação: presencial, com gravação de áudio em dispositivo móvel (casos de Eze Paez e Olatz Aranceta-Reboredo); virtual, via plataforma MConf da UFRGS, com captação de vídeo e som (caso de Núria Almiron); ou por escrito

SUMÁRIO

(caso de Montserrat Escartín), de acordo com a disponibilidade de cada pesquisador/a. As transcrições foram realizadas com o auxílio do software *Transkriptor*, preservando-se a língua original das entrevistas (castelhano). Em seguida, os arquivos transcritos e preparados pelo organizador, foram devolvidos às/aos entrevistadas/os para revisão, possibilitando correções, supressões ou acréscimos de informações consideradas pertinentes por parte delas/es. Após esta etapa, os arquivos revisados retornaram ao organizador para a edição final em castelhano, a tradução para o português e a posterior preparação para publicação em formato de e-book. Na elaboração dessas entrevistas, utilizei extensivamente o *ChatGPT* para a tradução dos textos entre as duas línguas, pois, assim como o software *Transkriptor*, além de auxiliar no processo de tradução, também desempenhou um papel fundamental na digitação automática e organização do material, garantindo maior agilidade na realização do “trabalho bruto” das entrevistas. Uma vez traduzidos e redigidos, os textos em português e em espanhol foram revisados pelo organizador em diversas ocasiões. Como em todo processo de tradução, é possível que certos sentidos em uma língua não tenham sido plenamente captados em outra – o referido *lost in translation* –; considero, contudo, que isso faz parte da própria prática de tradução e que, no geral, as ideias expressas foram, ao menos “literalmente”, vertidas “ao pé da letra”.

Ao publicar estas entrevistas, é importante destacar que, apesar do trabalho prévio de leitura dos textos das/os pesquisadoras/es, da elaboração de perguntas articuladas a outros autores/as, temas e discussões, bem como da elaboração dos roteiros e realização das entrevistas por minha parte, elas somente se concretizaram graças à disponibilidade das/os pesquisadoras/es do CAE-UPF em participar e, posteriormente, revisar as transcrições, enriquecendo-as e contribuindo para a qualificação do material final. Neste sentido, posicionei-me como um articulador de questões que considerei

SUMÁRIO

provocativas, as quais foram acolhidas, debatidas e reelaboradas pelas/os entrevistadas/os, tanto no momento da entrevista quanto na etapa de revisão, a partir da retomada de suas próprias trajetórias de pesquisa. Por essa razão, considero que as entrevistas são, antes de tudo, expressão da produção acadêmica das/os autoras/es ao longo dos anos, em diálogo com diferentes perspectivas sobre a ética animal, e apenas em um segundo momento refletem minha intervenção, realizada por meio da rearticulação de aspectos de suas produções e da leitura sequencial de seus trabalhos, o que me permitiu acompanhar o desenvolvimento das discussões propostas ao longo do tempo.

Cabe ressaltar que o plano inicial de trabalho, durante os 90 dias de permanência junto ao CAE-UPF, previa a realização de entrevistas com cerca de uma dezena de pesquisadoras e pesquisadores do Centro, incluindo professoras, professores e alunas de doutorado. No entanto, ao longo desse período, esse plano se mostrou incompatível com o tempo disponível, com o volume de leituras e trabalhos incorporados nos roteiros de cada entrevista e com a agenda dessas pesquisadoras e desses pesquisadores. Dessa forma, após retornar ao Brasil e iniciar o processo de transcrição, revisão e tradução das entrevistas já realizadas, retomei o planejamento da proposta junto à professora Núria Almirón e redefini o escopo do trabalho. Assim, neste e-book, estão incluídas quatro entrevistas: Eze Paez; Núria Almirón; Montserrat Escartín e Olatz Aranceta-Reboredo.

Cabe ressaltar, mais uma vez, que as entrevistas resultam do movimento vivido a partir da trajetória dessas/os pesquisadoras/es, com um fim comum, tendo o CAE-UPF como polo articulador de discussão, ativismo, pesquisa, formação de pesquisadoras/es e produção de conhecimento voltado à defesa dos animais não humanos em um mundo em crise.

SUMÁRIO

EM UM MUNDO EM CRISE: O QUE PODE PRODUZIR A ARTICULAÇÃO ENTRE OS ESTUDOS CULTURAIS, OS ESTUDOS CRÍTICOS ANIMAIS E A ÉTICA ANIMAL?

Seguindo as análises de Couldry (2022) e Ang (2022), assumo que vivemos em “*um mundo com diferentes crises*”²⁷, para as quais, como propõem esses autores, os Estudos Culturais ainda não estão plenamente preparados para responder. Como enfatiza Couldry, as respostas atuais — ou seja, a articulação de conceitos, temas, análises e ações — são, em grande medida, respostas dadas às crises do passado. Frente às crises contemporâneas — ameaças à democracia; retrocesso de direitos; processos de datatificação²⁸ (Couldry, 2022); emergência de novos cenários, como o aquecimento global e a ascensão da China como grande potência (Ang, 2022) —, esses autores propõem, segundo interpreto, que os Estudos Culturais busquem novas articulações e desenvolvam análises capazes de compreender e tensionar os desafios colocados por essas “novas” crises (vide Cord, 2022a, 2022b, 2022c). De acordo com Cord (2024), há uma “sensibilidade cultural reparativa” em curso, a qual se caracterizaria como

uma mudança teórica significativa [que] ocorreu nas humanidades e nas ciências sociais, expressiva de uma transformação mais geral na sensibilidade cultural. Um novo modo de teorização e uma nova estrutura de sentimento emergiram: o *reparativo*. A reparação, em sua essência, pode ser caracterizada como um ‘*pensar o mundo quebrado*’ (...), combinando um foco tanto na dor quanto na possibilidade, na destruição e na criatividade. Constituída por um conjunto de estratégias por meio das quais os sujeitos resgatam possibilidades e sustento a partir do mundo, a reparação surge justamente diante das crises que marcam o momento presente (p.3).

SUMÁRIO

Tais crises, sem dúvida, não apagam as anteriores, mas as reposicionam em novas intersecções, como a questão climática e seus efeitos mais danosos sobre as populações mais pobres (cf. Ferdinand, 2022; Ferdinand e Fagundes, 2023). Isso ocorre em um contexto de reemergência de valores extrativistas e conservadores, associados a um determinado modelo de exploração, que clamam pelo retrocesso de direitos e, usualmente, se opõem à atribuição de “novos direitos” – incluindo aqueles concedidos às populações indígenas, ao ambiente e aos animais –, visto que estes representam limitações a seus interesses exploratórios.

Complementando as proposições de Couldry, Ang e Cord, Förnas (2022) afirma que os Estudos Culturais precisam atuar contra o movimento de “minar a confiança na ciência” e contra os “movimentos autoritários e totalitários” que têm ganhado espaço recentemente, colocando-se como um tipo de “mundo paralelo” e, portanto, concorrente aos processos democráticos e aos “acordos sociais” entre sociedade e ciência. Segundo ele, os Estudos Culturais, enquanto movimento intelectual mais do que político, devem desenvolver uma compreensão profunda, baseada na “reflexividade crítica”, mantendo-se em “alerta máximo” contra qualquer ameaça aos seus tropos característicos: diversidade; contextualização e crítica às relações de poder dominantes.

As/os entrevistadas/os presentes neste volume não se identificam primariamente como praticantes de Estudos Culturais, tampouco produzem textos que possam ser classificados como “de educação” — embora ambos os termos eventualmente apareçam em algumas de suas produções e todos/as sejam professoras/es universitários e/ou orientadoras/es de pesquisas de pós-graduação, portanto, atuando como educadoras/es. Antes, (e considerando especificamente os Estudos Culturais) elas/es se apresentam como pesquisadoras/es de áreas mais bem consolidadas no contexto disciplinar acadêmico, como Filosofia, Direito, Comunicação, Literatura

SUMÁRIO

e Bioética, articulando suas investigações tanto em relação aos códigos deontológicos já constituídos por essas áreas quanto aos aspectos éticos concernentes aos animais não humanos. No entanto, por vezes, extrapolam essas áreas tradicionais e organizam suas produções e ações a partir de campos do conhecimento nomeadamente mais recentes — os quais emergiram em resposta a pressões contextuais de cada época —, buscando constituir novos espaços de atuação, influência, recursos e visibilidade que até então eram inexistentes nos contextos acadêmicos. Este é, segundo entendo, o caso de estudos denominados sob campos e formas de investigação como *Animal Studies*, *Critical Animal Studies*, *Media Critical Animal Studies*, *Filosofia Animal*, *Ética Animal*, bem como outras denominações não empregadas diretamente por elas/es, mas que marcam a emergência e os interesses de investigação, como *zooliteratura*, *animalidades*, *etnografias multiespécies*, entre outras. Portanto, esses estudos geralmente se derivam *de*, ou se associam *a*, áreas do conhecimento já mais consolidadas.

Faço esta ressalva para destacar que, embora essas/es autoras/es não se identifiquem ou se apresentem como praticantes de Estudos Culturais, as perguntas que formulam, seus modos de investigar, os tensionamentos — como aqueles relativos às assimetrias de poder —, as críticas e análises por elas/es empreendidas, bem como suas articulações com gênero, raça/etnia, capacitismo, gordofobia, entretenimento e linguagem (apenas para citar algumas das discussões presentes em uma das produções coletivas mais recentes do CAE; cf. Faria e Almirón, 2024)²⁹, poderiam, segundo entendo e como aponta Ang (2022) ao mencionar que muitas produções de Estudos Culturais estão sendo realizadas sob novas rotulações, ser compreendidas como análises também “pertencentes” a esse multifacetado campo de estudos.

Isso é especialmente relevante quando se considera que tanto os *Critical Animal Studies* quanto os Estudos Culturais se preocupam profundamente em discutir e contestar as relações de



SUMÁRIO

poder que dividem animais humanos de “outros” animais humanos, segundo determinadas características (como pertencimento a um lugar ou outro, língua falada ou cor da pele), assim como aqueles que dividem, hierarquizam e exploram animais não humanos com base em uma estratificação de poder que coloca o “Homem” (conforme descrito anteriormente) no comando, enquanto os animais não humanos ou mais-que-humanos são tratados como recursos ou commodities a serem explorados.

Neste sentido, parece-me que o projeto de ambos os campos — Estudos Culturais e *Critical Animal Studies* — está voltado à crítica das formas de relações de saber e poder que posicionam, de modo binário e hierárquico, animais humanos entre si e em relação aos animais não humanos. Assim, embora não possamos compreender tais relações senão pelo registro da inteligibilidade humana, os *Critical Animal Studies* tensionam essa racionalidade e procuram “pensar desde outro lugar”, buscando, por exemplo, a partir da ética animal, compreender e depreender quais são os interesses dos animais – o interesse em não sofrer seria um deles (cf. Faria & Paez, 2019; Faria, 2023; Paez neste volume).

Em síntese, o período em que estive no CAE-UPF teve, entre seus objetivos, no âmbito de um projeto (político) tanto individual quanto institucional, aproximar os Estudos Culturais dos *Critical Animal Studies* e da Ética Animal. Conforme já destaquei, essa articulação com os Estudos Culturais é realizada por mim, a partir de dadas lentes teóricas, orientadas tanto pelos Estudos Culturais quanto pela Educação, e não pelas/os entrevistadas/os. Trata-se, portanto, de uma operação assumida “por minha conta e risco” no contexto das transformações pelas quais a Linha de Estudos Culturais em Educação do PPGEDU/UFRGS vem passando nos últimos anos (vide Santos, Karnopp, Wortmann, 2024). Neste sentido, aqui ecoam algumas questões que acompanham os Estudos Culturais desde sua emergência: o que são Estudos Culturais? Qual a sua legitimidade teórico-metodológica, ética e política no contexto contemporâneo,

SUMÁRIO

em especial no campo da educação brasileira? Quais são, nesse cenário, as aproximações e os distanciamentos possíveis em relação aos Estudos Culturais latino-americanos? De que modo as respostas elaboradas pelos Estudos Culturais às diferentes crises em que foram convocados a intervir no passado (cf. Couldry, 2022) podem auxiliar a pensar as crises atuais, incluindo a exploração dos animais não humanos? E, sobretudo, quais novos caminhos e encruzilhadas se abrem aos seus “velhos e novos” praticantes na medida em que buscam, por exemplo, aproximar e articular esse campo de estudos a outros, como, por exemplo, os *Critical Animal Studies*?

Diante disso, interpreto que existem, ao menos, três grandes desafios de natureza ética, política e acadêmica que precisariam ser considerados no futuro dos Estudos Culturais (vide Powers, 2022) – e não apenas em sua articulação à ética animal ou aos *Critical Animal Studies*:

- a. superar a prática de simplesmente recorrer a uma “fórmula mágica”, como escrever, por exemplo, “*este trabalho se inscreve em uma perspectiva pós-estruturalista de Estudos Culturais*”, sem, contudo, desenvolver uma discussão ou interlocução efetiva com autores e com o próprio campo ao longo de artigos, capítulos de livros, teses e dissertações;
- b. avançar em relação ao estabelecido há três décadas pelo chamado “efeito do fundador” (cf. Santos, Karnopp, Wortmann, 2024), isto é, relativizar a filiação exclusiva aos textos e abordagens dos autores de terceira geração³⁰ dos Estudos Culturais que, ao chegarem ao Brasil, teriam impresso, de certo modo, um *modus operandi* centrado em “categorias” como pedagogias culturais, relações de poder e neoliberalismo. A manutenção desse quadro decorre, em grande parte, do primeiro ponto acima mencionado. Assim, torna-se necessário aproximar-se e inscrever-se em uma agenda de pesquisa já em curso nos Estudos Culturais latino-americanos (entre os



SUMÁRIO

inúmeros de seus textos vide, por exemplo, Restrepo, 2015, 2016, 2019; del Valle, 2015), ampliando o horizonte teórico e metodológico do campo;

- c. inserir-se em redes internacionais (como a Rede Internacional de Estudos Culturais em Educação – RIECEdu³¹), mas no sentido de trabalhar para especificar, por contraste em relação a outros contextos (e por meio de aportes bibliográficos e trocas entre pesquisadores/as), as questões, temas e problemas pertinentes ao “nosso contexto” brasileiro e ao contexto latino-americano, em articulação com o ponto b).

Segundo entendo, trata-se de efetivamente ler, escrever e debater sobre os Estudos Culturais, articulando as produções de modo substantivo com suas histórias — inclusive a história das produções da própria Linha de Pesquisa na UFRGS e daquelas desenvolvidas no escopo do extinto Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil (vide Santos, Karnopp, Wortmann, 2024), bem como das novas “filiais” de Estudos Culturais (seja nas abordagens, na composição de grupos de pesquisa ou publicações) espalhadas pelo Brasil —, seus conceitos, modos de problematização e perspectivas, situando criticamente o contexto em que a pesquisa se insere. Isso envolve, também, a articulação que venho procurando estabelecer entre os Estudos Culturais, os *Critical Animal Studies* e a Ética Animal, suas diferentes agendas e questões, bem como suas convergências e possíveis divergências. Sem dúvidas, tal articulação precisaria operar no âmbito da discussão dos três pontos elencados anteriormente.

Em outras palavras, compreendo que esses pontos de articulação convergem para análises que envolvem relações assimétricas e, portanto, hierarquizadas de poder. Essas relações colocam em jogo os processos biológicos de animais humanos e não humanos, que nos conectam como seres semelhantes em múltiplas dimensões, envolvendo sistemas que regulam a vida, o uso, a exploração,

SUMÁRIO



o controle, o adoecimento e a morte (cf. Cruz, 2020). Tratam-se, portanto, de processos que, mesmo quando não nomeados dessa forma, podem ser inscritos nas discussões sobre biopolítica e necropolítica (vide Giorgi, 2016; Serratos, 2019).

Ao articular o que expus nos parágrafos anteriores à minha prática docente como professor formador de professores de Ensino de Ciências e Biologia no contexto do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas e do PPGEDU da UFRGS, pretendo argumentar que, embora reconheça o caráter acadêmico e institucional das discussões, meu objetivo não passa, sem maiores problematizações, por ensinar métodos alternativos de “uso” de animais não humanos no ensino ou na pesquisa — como, por exemplo, a vasta bibliografia sobre os 3Rs (*Replace* – Substituição, *Reduction* – Redução e *Refine* – Refinamento) no âmbito da bioética e de suas diretrizes, como ocorre no caso brasileiro³² e em outros contextos. Portanto, meu interesse não é, prioritariamente, ensinar sobre como reduzir ou justificar um uso “sustentável” dos animais até que surjam alternativas menos invasivas ou que prescindam dos animais no âmbito do ensino – e isso não significa, de modo algum, desconsiderar o esforço que envolveu compilar um manual como esse, bem como seus importantes efeitos. Porém, antes, busco discutir as próprias *práticas biológicas* (vide Jardine, Spary, 1996) que, de modo prévio e naturalizado, concebem a captura e a coleta de animais como parte inerente da formação e da pesquisa, ancoradas na reprodução de procedimentos herdados do passado (vide Santos; Ripoll, 2025; Cruz, 2020; Verunsch, 2023).

Trata-se, portanto, de uma perspectiva voltada à desconstrução dos modos de operação das ciências biológicas. Assim, inspirado no trabalho de Elizeu Cruz (2020), procuro problematizar o que podemos chamar de paradoxo da biologia enquanto campo ou disciplina: embora se defina pelo estudo da “vida”, grande parte de suas práticas de ensino e pesquisa ancora-se na extração e na morte de seres vivos (vide também, Davidson, 2025). Nesse processo, como já

SUMÁRIO

analisou Bruno Latour (2001), são construídos verdadeiros “arquivos” — exsicatas, animais taxidermizados, ossos etc. — que alimentam coleções, pesquisas e museus, retroalimentando outras práticas do mesmo tipo (Santos; Ripoll, 2025).

Esse movimento leva-me a indagar sobre as práticas de formação em Biologia em todos os níveis de ensino. Por um lado, tal indagação implica retomar e tensionar práticas historicamente instituídas; por outro, exige perguntar quais práticas vêm sendo colocadas em circulação na construção de uma educação mais-que-humana ou pós-antropocêntrica. Essa questão também me conduz a investigar tanto as dimensões teóricas quanto as experiências concretas de práticas pós-antropocêntricas (Pedersen, 2023) — ou, se se preferir, não especistas — que vêm sendo implementadas em diferentes contextos educativos, formais e não formais. Desse modo, a apresentação dessas entrevistas, em português e espanhol, busca produzir elementos que, advindos das distintas áreas anteriormente mencionadas, nos permitam tensionar e problematizar tanto o campo do Ensino de Ciências e de Biologia quanto o próprio campo dos Estudos Culturais e suas articulações.

Neste sentido, à guisa de fechamento desta apresentação e na direção de se compreender tais articulações, esboço uma breve síntese das discussões empreendidas por Helena Pedersen relativamente a uma *educação pós-antropocêntrica* (Pedersen, 2023). Essa autora compreende a educação pós-antropocêntrica como um termo guarda-chuva que abarca práticas de ensino e aprendizagem voltadas às relações humano-animal sob uma perspectiva crítica, orientada a desestabilizar o antropocentrismo e o especismo. Esse campo, atravessado por tensões e controvérsias, inclui a dimensão *reparativa* ou *reconstrutiva* (tal como apontada por Cord, 2024), que propõe formas mais éticas e sustentáveis de coexistência, articulando o especismo a outras opressões, como racismo e sexismo, e enfrentando as crises ambientais contemporâneas.

SUMÁRIO

Desde tal compreensão, a atuação de educadores pós-antropocêntricos situar-se-ia nos entrecruzamentos entre teoria e prática, educação e ativismo, profissionalismo e cidadania – aspectos destacados por Couldry (2022) e Förnas (2022) relativamente aos Estudos Culturais. Por fim, diante da pluralidade dessas abordagens e da ausência de respostas quanto aos seus efeitos, Pedersen (2023) propõe que o *risco* — entendido como uma dimensão de *não-garantia* (vide Hall, 2014), também reconhecida pelos Estudos Culturais como constitutiva das lutas ético-político-acadêmicas contemporâneas e própria dos processos formativos³³ — seja assumido como constitutivo das práticas educativas em diferentes instâncias, para as quais este **Ética Animal: perspectivas para (pensar e praticar) a educação** oferece alguns elementos nas entrevistas que se seguem.

Por fim, optei por não apresentar cada uma das entrevistas individualmente, uma vez que elas se dão a ver ao longo da leitura. Os títulos, contudo, indicam os temas e tensionamentos que cada uma delas propõe.

REFERÊNCIAS

- ALMIRÓN, Núria. Communicating solidarity – the ethics of representing human and nonhuman distant suffering. In: KHAZAAL, Natalie; ALMIRÓN, Núria (eds.). *Like an animal: Critical Animal Studies approaches to borders, displacement, and othering*. Leiden/ Boston: Brill Rodopi, 2021. p. 51–75.
- CARNEIRO, Fernanda Maria Trentini; MAKOWIECKY, Sandra. *Walmor Corrêa e Fritz Müller: cintilações entre o artista e o cientista*. 2010. Comunicação apresentada no 19º Encontro da ANPAP, 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/346677828_WALMOR_CORREA_E_FRITZ_MULLER_CINTILACOES_ENTRE_O_ARTISTA_E_O_CIENTISTA. Acesso em: 20 set. 2024.
- COETZEE, John Maxwell. *A vida dos animais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SUMÁRIO

CORD, Florian. (Re-)Assembling Cultural Studies. *Culture Unbound*, Linköping, v. 14, p. 11–26, 2022c. Disponível em: <http://www.cultureunbound.ep.liu.se>. Acesso em: 20 set. 2024.

CORD, Florian. In repair: the reparative as theoretical mode and structure of feeling in times of crisis. An outline. *SubStance*, v. 53, n. 2, p. 3–20, 2024. Disponível em: <https://substance.org/article/the-reparative-as-theoretical-mode-and-structure-of-feeling-in-times-of-crisis-an-outline/>. Acesso em: 20 set. 2025.

CORD, Florian. Political ontologies: Cultural Studies and the nonhuman turn. *Critical Habitations*, n. pag., 2022a. Disponível em: <https://crithab.hypotheses.org/debate-2-the-posthuman-present>. Acesso em: 20 set. 2024.

CORD, Florian. Posthumanist Cultural Studies: taking the nonhuman seriously. *Open Cultural Studies*, v. 6, p. 25–37, 2022b. DOI: <https://doi.org/10.1515/culture-2020-0138>. Acesso em: 20 set. 2024.

CRUZ, Elizeu Pinheiro da. Quando biólogos olham para os bichos: caatinga, ecologia e zoologia entre vida, trabalho e morte. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 26, n. 57, p. 1–27, maio/ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832020000200005>.

DAVIDSON, Martina. (2025). Fabular a vida, desaprender o humano: um ensaio multiespécie com Isabel Zapata. *Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio*, 18 (nosp.1), 766–780. <https://doi.org/10.46667/renbio.v18inesp.1.2027>

DEL VALLE, Mónica María. Estudios culturales: avatares y posiciones. Entrevista a Eduardo Restrepo. *Tabula Rasa*, Bogotá, n. 22, p. 337–351, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://www.ram-wan.net/restrepo/documentos/eccs-entrevista.pdf>. Acesso em: 20 set. 2024.

FARIA, Catia; ALMIRÓN, Núria (org.). *Especismo y lenguaje*. Madrid: Plaza y Valdés, 2024. p. 23–34.

FARIA, Catia; PAEZ, Eze. It's splitsville: why animal ethics and environmental ethics are incompatible. *American Behavioral Scientist*, v. 63, n. 13, p. 1795–1811, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1177/000276421983046>.

FARIA, Catia. *Animal ethics in the wild: wild animal suffering and intervention in nature*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2023.



SUMÁRIO

FERDINAND, Malcom; FAGUNDES, Guilherme Moura. Diálogos entre-mundos negros: do racismo ambiental à ecologia decolonial. *Diálogos Socioambientais*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2023. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Fagundes_GM_3159472_DialogosEntreMundosNegrosDoRacismoAmbientaIAEcologiaDecolonial.pdf. Acesso em: 6 out. 2025.

FERDINAND, Malcom. *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FORNÃS, Johan. Estudos culturais: atravessando fronteiras, defendendo distinções. In: SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; KARNOPP, Lodenir Becker; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna (org.). *O que são estudos culturais hoje?* São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. E-book. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/estudos-culturais/>. Acesso em: 20 mar. 2025.

HALL, Stuart. Sobre los estudios culturales. In: RESTREPO, Eduardo; VICH, Victor; WALSH, Catherine (eds.). *Stuart Hall: sin garantías*. 2. ed. Popayán: Universidad del Cauca; Envió, 2014. p. 37-49.

HARRINGTON, Lauren A. *et al.* Conflicting and complementary ethics of animal welfare considerations in reintroductions. *Conservation Biology*, Hoboken, v. 27, n. 3, p. 1-15, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1111/cobi.12021>.

JARDINE, Nicolas; SPARY, Emma. The natures of cultural history. In: JARDINE, Nicolas; SPARY, Emma (org.). *Cultures of Natural History*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 3-13.

KOPNINA, Helen *et al.* Uniting ecocentric and animal ethics: combining non-anthropocentric approaches. *Ethics, Policy & Environment*, Londres, v. 26, n. 2, p. 265-286, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1080/21550085.2022.2127295>.

LATOUR, Bruno. *A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LEOTE, Rosangella. Biomimética e arte: transduções com a biologia. *Revista de Humanidades de Valparaíso*, Valparaíso, n. 18, p. 225-243, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22370/rhv2021iss18pp225-243>.

MACHADO, Roberto. *Impressões de Michel Foucault*. São Paulo: n-1 Edições, 2017.



SUMÁRIO

MACIEL, Maria Esther. *Animalidades: zooliteratura e os limites do humano*. São Paulo: Instante, 2023a.

MACIEL, Maria Esther. *As ironias da ordem: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

MACIEL, Maria Esther. Encontros entre a literatura e o ensino de biologia: uma entrevista. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 48, 2023b. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/133868>. Acesso em: 6 out. 2025.

MACIEL, Maria Esther. *Literatura e animalidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

MACIEL, Maria Esther. *O livro de Zenóbia*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.

MACIEL, Maria Esther. *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: EdUFSC, 2011.

MACIEL, Maria Esther. *Pequena enciclopédia de seres comuns*. São Paulo: Todavia, 2021.

PAGE, Joanna. The reinvention of bestiaries, floras, and herbaria: alternative decolonial modernities in contemporary Latin American art. 2021. DOI: <https://doi.org/10.17863/CAM.65484>.

PEDERSEN, Helena. Post-anthropocentric pedagogies. *Teaching in Higher Education*, p. 1–15, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1080/13562517.2023.2222087>. Acesso em: 15 out. 2024.

PONCE DE LEÓN, Alejandro. América Latina y el giro botánico en los estudios culturales. *Tabula Rasa*, n. 46, p. 49–64, 2023. DOI: <https://doi.org/10.25058/20112742.n46.03>.

RESTREPO, Eduardo. ¿Quién necesita estudios culturales en Colombia? *Ciências Sociais Unisinos*, v. 55, n. 2, p. 163–173, 2019.

RESTREPO, Eduardo. Descentrando a Europa. *Revista Latina de Sociología*, n. 6, p. 60–71, 2016.

RESTREPO, Eduardo. El giro a la biodiversidad en la imaginación del Pacífico colombiano. *Revista Estudios del Pacífico Colombiano*, n. 1, p. 171–199, 2013.

RESTREPO, Eduardo. Sobre os estudos culturais na América Latina. *Educação*, Santa Maria, v. 38, n. 1, p. 21–31, 2015.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; FREITAS, Cláudia R. TDAH, aprimoramento e medicalização. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 22, n. 65, p. 631–642, 2018.

SUMÁRIO

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; FREITAS, Cláudia R. TDAH, educação e cultura. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 20, n. 59, p. 1077–1086, 2016.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; KARNOPP, Lodenir Becker; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. O que está em jogo na articulação entre estudos culturais e educação? *Currículo Sem Fronteiras*, v. 24, p. 1–13, 2024.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; RIPOLL, Daniela. Compor estudos culturais no antropoceno. *Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio*, v. 18, n. esp. 1, p. 7–29, 2025. DOI: <https://doi.org/10.46667/renbio.v18inesp.11994>.

SEKAR, Nitin; SHILLER, Derek. Engage with animal welfare in conservation. *Science*, Washington, DC, v. 369, n. 6504, p. 629–630, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1126/science.aba7271>.

SERRATOS, Francisco. Monstruosidad, animalidad, humanidad. *Revista Latinoamericana de Estudios Críticos Animales*, ano V, v. II, dez. 2018.

TERRON, Joca Reiners. *Onde pastam os minotauros*. São Paulo: Todavia, 2024.

VERUNSCHK, Micheliny. *O som do rugido da onça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto; VILELA, Rita A. Teixeira (org.). *Itinerários de pesquisa*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 287–309.



2

Luís Henrique Sacchi dos Santos

¿ESTUDIOS CULTURALES Y ÉTICA ANIMAL: UNA ARTICULACIÓN?

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-674-6.2



Luís Henrique es licenciado en Ciencias Biológicas y realizó el máster y el doctorado en Educación en el Programa de Posgrado en Educación de la Universidade Federal de Rio Grande do Sul (PPGEDU/UFRGS), bajo la dirección de la profesora Maria Lúcia Castagna Wortmann. De 2002 a 2007 trabajó en el, ahora discontinuado, Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Luterana de Brasil, cuya línea temática se centraba en los Estudios Culturales en Educación. En 2006 obtuvo la plaza de profesor adjunto de Didáctica de la Enseñanza de Educación y Salud, incorporándose al Departamento de Enseñanza y Currículo de la Facultad de Educación de la UFRGS en febrero de 2007. Actualmente es profesor titular y actúa en la Licenciatura en Ciencias Biológicas y en la Línea de Investigación en Estudios Culturales y Educación del PPGEDU.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4857432570166806>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5636-3917>

PESTS: <https://www.upf.edu/web/pests/about-us>

¿QUÉ PUEDE DECIRNOS UN OSO HORMIGUERO?

Cuando empecé a organizar la propuesta de este libro, con la intención de presentarlo como uno de los resultados de mi estancia (entre septiembre y noviembre de 2024) en el Centro de Ética Animal de la Universidad Pompeu Fabra (CAE-UPF), en Barcelona, Brasil ardía en llamas, como “es habitual” en el Norte y el Centro-Oeste del país en esa época del año.

SUMÁRIO

Una imagen sintetizaba esta propuesta, en el sentido ético tanto de trabajar para que esos incendios dejen de “ser habituales”, como de intervenir y ayudar, de diferentes maneras, a los animales afectados por estos eventos recurrentes, ahora intensificados por el calentamiento global. Se trata de la imagen de un oso hormiguero menor (*Tamandua tetradactyla*) en posición de defensa —el llamado “abrazo del oso hormiguero³⁴”—, del fotógrafo brasileño Araquém Alcântara³⁵. En esa fotografía, el animal aparece con el cuerpo marcado, visiblemente cubierto de hollín, chamuscado por los frecuentes episodios de incendios en la Amazonía³⁶ o en otras regiones de Brasil. No por casualidad, hay interpretaciones que asocian esta imagen a una escena de crucifixión —la de Cristo mismo—. Es una lectura simbólica que prefiero dejar abierta, aunque resuene en la forma en que enmarcamos ese sufrimiento.

Este potente texto visual, en diálogo con las numerosas discusiones sobre ética animal presentes en este libro, abre el texto a múltiples lecturas y, al mismo tiempo, lo “ancla” en el sentido de afirmar que “no se trata solo del fuego”: ese que, en las imágenes, vemos cambiar de dirección y avanzar por los rastrojos mientras las brigadas intentan contenerlo. Se trata también del empobrecimiento del suelo, de la pérdida de la diversidad de plantas y animales. Se trata, sobre todo, del sufrimiento y de la muerte de innumerables



SUMÁRIO



animales, como el oso hormiguero, pero también de muchos otros que ni siquiera solemos considerar en estas situaciones, como los artrópodos de todo tipo y los pequeños vertebrados, por ejemplo, aquellos que podríamos incluir en la categoría de los «invisibilizados», pero que son, paradójicamente, los más numerosos: insectos, arañas, ranas, peces, murciélagos...

Es a partir de la imagen del oso hormiguero quemado, ciego y en posición defensiva, de Araquém Alcântara, pero también de aquel presentado en la cubierta de esta obra (que remite, por ejemplo, a la maestría del trazo de un artista como Walmor Corrêa³⁷, inspirado en la tradición naturalista —al mismo tiempo que la problematiza—, como en la pintura perteneciente a la serie *Dioramas*³⁸: *Noturno* (2020), pintura sobre lienzo [véanse, por ejemplo, Makowiecky (2010), Page (2021) y Leote (2021)]) como debe comenzar la lectura de *Ética Animal: aportes para (pensar y practicar) la Educación*.

Como sugiere Sarat Colling (2024), los animales “...hablan con las lenguas, los cantos, los movimientos, los gestos y los ritmos de la especie a la que pertenecen” (p.10). Este oso hormiguero, por tanto, habla, gesticula y se mueve (en la fotografía) para decirnos algo. Nos “mira” mediado por la intencionalidad del objetivo del fotógrafo, pero también desde aquello que puede, como animal, “decir”. Su imagen constituye un testimonio mudo y, al mismo tiempo, elocuente del impacto de las acciones humanas: nos muestra, de modo ineludible, los efectos de un modelo de explotación que reduce la vida no humana —y, de diferentes maneras, también la vida de muchos humanos— a la condición de daño colateral.

Lo que vemos es más que un animal aislado en situación de riesgo: es el síntoma de un proceso más amplio de expropiación y violencia. Empujados hacia “islas” de vegetación cada vez más escasas, los osos hormigueros y tantas otras especies se encuentran acorralados, cazados y quemados, forzados a habitar un “no lugar”

SUMÁRIO



que ya no ofrece condiciones plenas de interacción vital. La fotografía de Alcântara, al fijar este instante de vulnerabilidad y resistencia, denuncia la catástrofe lenta y persistente que atraviesa la Amazonia —y nos interpela ética y políticamente acerca de nuestra complicidad en este proceso de destrucción.

Estos animales están siendo asesinados bajo la presión humana que avanza incesantemente sobre sus territorios. Los incendios, muchas veces justificados con el argumento de “limpieza del suelo”, traducen una violencia simbólica y material: el fuego elimina aquello que compone el ecosistema, redefiniéndolo como “suciedad” que debe ser removida en nombre de la productividad³⁹. En lugar de la diversidad biológica, se instaure la monocultura de aquello que se considera “útil” para los humanos —o, más precisamente, útil para sostener la explotación a escala industrial de algunos animales no humanos. Es el caso de la soja, destinada a gran escala a la alimentación del ganado confinado por la industria cárnica, símbolo del engranaje agroindustrial que, para expandirse, exige la continua devastación de la tierra. Tal como “los invisibilizados”, también la industria cárnica parece ser invisible para la mayor parte de nosotros, pues, como nos cuentan Yourcenar (1981), Terron (2023) y Coetzee (2002):

... Expuesta en lonchas cuidadosamente envueltas en papel celofán en un supermercado, o conservada en latas, la carne deja de ser percibida como la de un animal vivo (Yourcenar, 1981)^{40, 41}.

... la anciana que compra filetes embalados en poliestireno y plástico en el supermercado no quiere saber nada sobre la muerte. Al alcanzar la bandeja de poliestireno por petición de su madre y mirar los dos filetes exangües, el niño ni siquiera sospecha que hay alguna muerte embalada allí. Las personas que empujan sus carritos de supermercado, estimuladas por el sonido ambiental, no quieren saber cuál es el producto principal a la venta en los frigoríficos (Terron, 2023, p.31).

SUMARIO

... "Al hablarles sobre la cuestión de los animales", continúa ella, "voy a ahorrarles la hilera de horrores que viene a ser la vida y la muerte de ellos. Aunque nada me lleve a creer que ustedes tengan plena conciencia de lo que se está haciendo con los animales en este preciso momento en las instalaciones productivas (dudo en seguir llamando a estos lugares granjas), en los mataderos, en los barcos pesqueros, en los laboratorios, en todo el mundo, admitiré que ustedes me atribuyen la capacidad retórica de evocar estos horrores para presentarlos aquí con la fuerza debida, sin embargo no continuaré por ahora en esa dirección, recordando únicamente que los horrores que omito en este momento constituyen, sin embargo, el centro de esta charla" (p.24). (...) La industria cárnica, en última instancia, se dedica a la vida (pues, al fin y al cabo, no reduce a sus víctimas a cenizas, ya que, una vez muertas, ni siquiera las entierra, sino que, al contrario, las corta en trozos, las coloca en el frigorífico y las empaqueta para que puedan ser consumidas en la comodidad de nuestros hogares)" (Coetzee, 2002, p.27).

Este proceso de colonización del suelo y de todo lo que existe sobre él no es reciente. Las granjas de ganado y de café, que a lo largo de los siglos XIX y XX se consolidaron sobre el Pampa (en el sur de Brasil, Uruguay y Argentina) y la Mata Atlántica, no han cesado su movimiento de expansión —aunque se pueda volver al inicio del proceso de colonización como un hito inaugural de este modelo de devastación, de "usura" de la tierra y de todo lo que ella produce. Hoy avanzan sobre otros biomas —la Caatinga, el Cerrado, el Pantanal y la Selva Amazónica—, cuatro más de estos seis grandes biomas que componen el territorio brasileño, transformándolos en fronteras abiertas al capital, a la ganadería extensiva y a las monoculturas (al fin y al cabo, *¿el Agro no es pop⁴²?*). Cada avance se traduce en retroceso de la vida no humana.

El tamanduá, en la fotografía, dice y resiste como puede. Su expresión, sin embargo, confronta una paradoja: cada vez somos



SUMÁRIO

menos capaces de escucharlo y de comprender lo que dice. La lógica que prevalece es la de los “mandantes” humanos —algunos de nosotros— que reclamamos el poder de decidir sobre la vida, como si fuésemos señores absolutos de los espacios terrestres. Al “mandar”, hablamos un solo idioma, casi sin dialectos ni acentos disonantes: el idioma de la homogenización, del productivismo, de la economía que calcula vidas en términos de utilidad. Así, instauramos un mundo empobrecido en su diversidad⁴³ —biológica, cultural, simbólica— y seguimos en la expansión de un malhadado proyecto de dominación-domesticación-explotación que insiste en presentarse como la obra más acabada de lo que significa ser humano.

EL CENTRO PARA LA ÉTICA ANIMAL

Ética animal: perspectivas para (pensar y practicar) la educación materializa algunas de las experiencias que desarrollé junto al *Centre for Animal Ethics* (CAE) de la Universitat Pompeu Fabra (UPF), en Barcelona/España. Esta experiencia fue posible gracias a los recursos del Programa de Internacionalización de la Universidade Federal do Rio Grande do Sul y de la Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (PrInt UFRGS-CAPES), durante 90 días, entre septiembre y noviembre de 2024.

Esta experiencia se hizo posible gracias a la disponibilidad de la Profesora Dra. Núria Almiron para acogerme como Investigador Visitante en el Exterior Sénior (PSVSr) en el Departamento de Comunicación, lo que posibilitó mi contacto directo con la red de investigadoras/es y con la producción académica en curso de este centro multidisciplinar e interinstitucional que es el CAE-UPF. En este sentido, tal como expresa Roberto Machado (2017), en relación con los períodos en que estuvo en Francia asistiendo a las clases

SUMÁRIO

de Michel Foucault, tuve el privilegio de ejercer mi condición de alumno, pues, como él dice, todo "*... profesor es ante todo un alumno capaz de elegir el tema de sus estudios y dedicarse a él mientras le interese*" (p.77).

El CAE-UPF fue el primer *think tank* español de ética animal. Creado en 2014, surgió a partir de la articulación de investigadoras e investigadores de las áreas de comunicación, filosofía, derecho, literatura, bioética y sociología, con el objetivo de difundir conocimientos y prácticas de forma translacional —podría decirse—, buscando comunicar y educar a la sociedad y a las políticas públicas para la toma de decisiones desde una perspectiva ética no especista en relación con los animales no humanos.

El CAE se centra en la ética animal desde perspectivas interdisciplinarias y multidisciplinarias, con el objetivo de cumplir su misión: promover un enfoque ético no especista en la academia, en la política, en los medios de comunicación y en la opinión pública⁴⁴. Esto ocurrió en la secuencia del Tratado de Lisboa (2009)⁴⁵, el cual reconoció "*a los animales no humanos como seres sensibles, con capacidad para experimentar dolor, placer y otros tipos de emociones*"⁴⁶. Teniendo la *senciência* como premisa, la perspectiva filosófica adoptada por el CAE

... defiende que el progreso no puede definirse únicamente a partir de los intereses humanos, y que las personas tienen obligaciones morales con respecto al resto de los seres vivos, entre ellas la de no infligir dolor y sufrimiento innecesarios a otros seres con capacidad de sufrir⁴⁷.

En esta dirección, comprendo el CAE-UPF como un grupo que, teniendo como frente de trabajo académico y activista la defensa de los animales, cuestiona la racionalidad moderna ampliamente difundida y naturalizada de la supremacía del "Hombre" —aquella que incorpora, sin cuestionamiento, el especismo y el



SUMÁRIO

antropocentrismo— como sujeto que, “aquí en la Tierra”, orquesta y gestiona la vida de los animales no humanos de acuerdo con sus intereses culturales de todo tipo: como fuente de alimento; de recursos y fuerza de trabajo; de ingresos, placer, diversión y compañía; o incluso como cobayas para la experimentación de medicamentos, vacunas y producción de órganos compatibles con humanos, entre otros usos. Empleo las expresiones “Hombre” y “aquí en la Tierra” para tensionar el fallido —o en continua bancarrota— proyecto de la Modernidad histórica de “concebir” (androcéntricamente) al “Hombre” (blanco, europeo, colonialista, etc.) como sinónimo de Humanidad, ocupando el “lugar de Dios aquí en la Tierra”⁴⁸; es decir, como “su más completo y acabado representante” en la conducción pastoral de otros seres humanos, de animales no humanos y de las demás formas de vida.

Más allá del profundizamiento teórico acerca de la ética animal y/o de las perspectivas no especistas, uno de los objetivos de este período como Investigador Visitante consistía en establecer contacto con diferentes investigadoras/es, con el fin de presentar mis intenciones de investigación⁴⁹ y dialogar sobre las posibles contribuciones que podrían ofrecer al debate sobre la educación no especista. Tema este que emergió, como objeto de estudio, a partir de mi actuación académica como profesor formador de docentes en el curso de Licenciatura en Ciencias Biológicas y en el Posgrado en Educación, en la Facultad de Educación de la Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), así como de la lectura (inspiradora) del libro *Literatura e Animalidade*, de Maria Esther Maciel (2016), que dio lugar a la constitución de un modo de ver y pensar que posibilitó la articulación entre Biología y Literatura —aspecto ampliamente explorado en la obra de esta profesora y escritora (véase Maciel, 2004, 2010, 2011, 2016, 2021, 2023a,b).



SUMARIO

LAS ENTREVISTAS COMO POSIBILIDAD
DE INMERSIÓN EN LA ÉTICA ANIMAL

En líneas generales, el proceso de construcción de las entrevistas siguió las orientaciones de Zago (2003), en el sentido de comprender que la entrevista no constituye únicamente una técnica de producción de datos, sino que forma parte de la propia construcción del objeto o tema de estudio (p.295). En este horizonte, los guiones que elaboré —basados en artículos, libros y capítulos de autoría de las/os entrevistadas/os— buscaron ser comprensivos, no en el sentido de abarcar una totalidad, sino en el de presentar aspectos que, a partir de mi trayectoria académica y de mis objetos de estudio, permitieran articular problematizaciones suscitadas por fragmentos, ideas y análisis propuestos por las/os autoras/es entrevistadas/os.

A partir de este *corpus*, formulé un conjunto de cuestiones ancladas en fragmentos extraídos de los textos, articuladas con otras referencias teóricas y, en determinados momentos, enriquecidas por la incorporación de fragmentos literarios. Así, ante la producción extensa y diversa del grupo, opté por seleccionar algunos textos (todos citados en las referencias bibliográficas de cada entrevista) de forma deliberadamente interesada, con el fin de construir un recorte que permitiera formular preguntas específicas. Estas cuestiones retomaban aspectos, conceptos y problematizaciones desarrollados por las/os autoras/es, procurando, siempre que fuera posible, delinear diálogos con el campo de la educación en sus diferentes niveles y, en determinados momentos, con los Estudios Culturales (como en el caso de la entrevista con Olatz Aranceta-Reboredo).

Cabe destacar que, además de los trabajos ya publicados, algunos textos fueron amablemente puestos a disposición *ahead of print* por las/os propias/os entrevistadas/os, de modo que tuve acceso a un conjunto de materiales bastante actualizado. Tales

SUMARIO



procedimientos se configuraron como una etapa metodológica fundamental, pues posibilitaron no solo mi aproximación a los campos de la Ética Animal y de los Estudios Críticos Animales⁵⁰ en sentido amplio, sino también la constitución de un modo específico y situado de mirar y problematizar la cuestión animal.

Si se quisieran definir algunos principios metodológicos, podría decirse que procuré realizar entrevistas semiestructuradas, con preguntas previamente elaboradas y enviadas a las/os entrevistadas/os para su lectura anticipada. De este modo, en el momento de la entrevista fue posible prescindir de la lectura detallada de cada pregunta (que incluía fragmentos, conceptos, análisis y ejemplos), permitiendo que las respuestas fluyeran de manera más libre en el marco de la interacción entre entrevistador y entrevistadas/os.

Entre los aspectos destacados en la literatura sobre entrevistas, sobresale la importancia de la confianza que debe establecerse entre entrevistador y entrevistadas/os. En este sentido, cabe mencionar que dicha confianza fue, en gran medida, consolidada por mi propia condición de Investigador Visitante en el CAE-UPF durante el período de estancia en Barcelona. Digo *consolidada* porque, desde el momento de mi llegada, fui presentado por correo electrónico y en la página web del CAE por la profesora Núria, quien ya anticipaba que podría entrevistar a diversos integrantes del Centro. Este gesto inicial fue decisivo para crear condiciones de "afianzamiento", a partir de las cuales, más allá de las preguntas previamente elaboradas como una forma de invitación a la participación, pude establecer vínculos de confianza que se extendieron no solo a lo largo de las entrevistas, sino también durante el proceso posterior de edición y revisión por parte de las/os entrevistadas/os.

Al organizar las entrevistas de esta forma y presentarlas aquí, tengo como público objetivo a lectoras/es académicas/os de distintas áreas, así como a activistas y demás personas interesadas en el

SUMARIO

tema de la ética animal o de las animalidades, que, de este modo, podrán entrar en contacto *con* y beneficiarse *de las* producciones del CAE-UPF. En este sentido, al igual que procedí en otros momentos (véase Santos y Freitas, 2016, 2018; Maciel, 2023b), elaboré las preguntas a partir de la lectura de los textos de las/os entrevistadas/os, buscando, simultáneamente, “dar a ver” a las/os lectoras/es aspectos teórico-conceptuales desarrollados por esas/es autoras/es —movimiento que procuró asegurar tanto el rigor académico como la pertinencia de las preguntas, elaboradas frecuentemente desde los textos más antiguos hasta los más recientes— y evidenciar, por ejemplo, tensiones presentes en los propios discursos académicos vigentes y, por qué no decirlo, concurrentes o incluso inconmensurables. Esto ocurrió, sobre todo, al contrastar enfoques o paradigmas —como la perspectiva *Conservacionista*, fundamentada en gran medida en la Ecología (la cual yo mismo tenía como parámetro de pensamiento y de posibles acciones), y la perspectiva de la *Ética Animal*, ampliamente anclada en la Filosofía. En otro trabajo (Santos y Ripoll, 2025), resumimos, de modo incipiente, el debate entre estos dos enfoques de la siguiente manera:

el enfoque conservacionista, fundamentado en presupuestos de las ciencias naturales, especialmente de la Ecología, tiene como foco la población —es entendida en los términos de la dinámica poblacional y del equilibrio ecosistémico. Sus acciones están orientadas al manejo de especies (*invasive species management*), con el objetivo de garantizar la estabilidad del ecosistema en su conjunto, y las intervenciones ocurren, en principio, en este nivel poblacional, pudiendo incluir acciones como la caza de individuos considerados “excedentes”, el control de especies que amenazan a la población en foco o incluso la eliminación de especies clasificadas como invasoras. Este enfoque es frecuentemente criticado por la ética animal por adoptar una lógica antropocéntrica, centrada en los intereses humanos y en el funcionamiento del ecosistema, desconsiderando a menudo el sufrimiento de los individuos involucrados;



SUMÁRIO

por otro lado, el enfoque de la ética animal se constituye a partir de fundamentos humanistas y filosóficos que tienen como foco el bienestar del individuo sintiente. En esta perspectiva, se entiende que quien sufre es el individuo, no la población, y, por ello, el sufrimiento debe evitarse siempre que sea posible. Las intervenciones humanas están justificadas siempre que existan riesgos o situaciones que impliquen sufrimiento de los animales —como hambre, sed, enfermedades, incendios o eventos climáticos extremos. A diferencia del enfoque conservacionista, no se parte del principio de que la naturaleza deba dejarse “intocada”, dado que se reconoce que ya ha sido ampliamente modificada por la acción humana. Por esta razón, este enfoque admite prácticas como el rescate, el suministro de alimentos, la aplicación de vacunas y tratamientos, entre otras formas de asistencia (véase Faria, 2023). Sin embargo, es objeto de críticas por parte de los enfoques conservacionistas, que consideran tales intervenciones como formas inadecuadas de interferencia en los procesos naturales.

Aunque estas perspectivas hayan sido presentadas de forma esquemática y según una lógica de oposiciones binarias (dado que este no es el espacio para emprender una discusión más profunda sobre el tema), cabe destacar que distintas/os autoras/es han argumentado que tales enfoques pueden beneficiarse mutuamente, de diversas maneras, y que, por lo tanto, podrían o deberían operar de forma articulada (véase Harrington *et al.*, 2013; Sekar y Shiller, 2020; Kopnina *et al.*, 2023). Aun así, se observa que, en los estudios de Ciencias Biológicas y en áreas afines, la perspectiva conservacionista tiende a ocupar una posición hegemónica en los procesos de formación de investigadoras/es y profesoras/es, lo que con frecuencia resulta en la marginación —o incluso en la ausencia— de debates sistemáticos sobre ética animal y *critical animal studies*. En este contexto, la articulación de estas aproximaciones, tal como se explora en las entrevistas aquí presentadas, puede contribuir de manera significativa a tensionar los currículos, las prácticas pedagógicas y

SUMÁRIO

los regímenes de verdad que estructuran la formación científica y educativa, ampliando los horizontes conceptuales y ético-políticos desde los cuales se piensa la relación entre los seres humanos, otros animales y los entornos que cohabitan.

Las entrevistas aquí presentadas fueron realizadas entre mediados de octubre y finales de noviembre de 2024, en la ciudad de Barcelona, mediante tres modalidades de participación: presencial, con grabación de audio en dispositivo móvil (casos de Eze Paez y Olatz Aranceta-Reboredo); virtual, a través de la plataforma MConf de la UFRGS, con captación de vídeo y sonido (caso de Núria Almiron); o por escrito (caso de Montserrat Escartín), de acuerdo con la disponibilidad de cada investigadora/or.

Las transcripciones fueron realizadas con la ayuda del software *Transkriptor*, preservando la lengua original de las entrevistas (castellano). A continuación, los archivos transcritos y preparados por el organizador fueron devueltos a las/os entrevistadas/os para su revisión, posibilitando correcciones, supresiones o añadidos de informaciones consideradas pertinentes por parte de ellas/os. Tras esta etapa, los archivos revisados retornaron al organizador para la edición final en castellano, la traducción al portugués y la posterior preparación para su publicación en formato de e-book.

En la elaboración de estas entrevistas, utilicé extensivamente *ChatGPT* para la traducción de los textos entre ambas lenguas, pues, al igual que el software *Transkriptor*, además de asistir en el proceso de traducción, también desempeñó un papel fundamental en la digitación automática y organización del material, garantizando una mayor agilidad en la realización del “trabajo bruto” de las entrevistas. Una vez traducidos y redigitados, los textos en portugués y en español fueron revisados por el organizador en diversas ocasiones.

Como en todo proceso de traducción, es posible que ciertos sentidos en una lengua no hayan sido plenamente captados en

SUMARIO

otra —el referido *lost in translation*—; considero, sin embargo, que esto forma parte de la propia práctica de la traducción y que, en general, las ideas expresadas fueron, al menos “literalmente”, vertidas “al pie de la letra.”

Al publicar estas entrevistas, es importante destacar que, a pesar del trabajo previo de lectura de los textos de las/os investigadoras/es, de la elaboración de preguntas articuladas con otros/as autores/as, temas y discusiones, así como de la preparación de los guiones y de la realización de las entrevistas por mi parte, estas solo se concretaron gracias a la disponibilidad de las/os investigadoras/es del CAE-UPF para participar y, posteriormente, revisar las transcripciones, enriqueciéndolas y contribuyendo a la cualificación del material final. En este sentido, me situé como un articulador de cuestiones que consideré provocadoras, las cuales fueron acogidas, debatidas y reelaboradas por las/os entrevistadas/os, tanto en el momento de la entrevista como en la fase de revisión, a partir de la recuperación de sus propias trayectorias de investigación. Por esta razón, considero que las entrevistas son, ante todo, expresión de la producción académica de las/os autoras/es a lo largo de los años, en diálogo con diferentes perspectivas sobre la ética animal, y solo en un segundo momento reflejan mi intervención, realizada mediante la rearticulación de aspectos de sus producciones y de la lectura secuencial de sus trabajos, lo que me permitió acompañar el desarrollo de las discusiones propuestas a lo largo del tiempo.

Cabe señalar que el plan inicial de trabajo, durante los 90 días de estancia en el CAE-UPF, preveía la realización de entrevistas con cerca de una decena de investigadoras e investigadores del Centro, incluidas profesoras, profesores y doctorandas. Sin embargo, a lo largo de dicho periodo, este plan se mostró incompatible con el tiempo disponible, con el volumen de lecturas y trabajos incorporados en los guiones de cada entrevista y con la agenda de esas investigadoras y esos investigadores. De este modo, tras regresar a

SUMARIO

Brasil e iniciar el proceso de transcripción, revisión y traducción de las entrevistas ya realizadas, retomé la planificación de la propuesta junto con la profesora Núria Almirón y redefiní el alcance del trabajo. Así, en este e-book se incluyen cuatro entrevistas: Eze Paez, Núria Almirón, Montserrat Escartín y Olatz Aranceta-Reboredo.

Cabe resaltar, una vez más, que las entrevistas resultan del movimiento vivido a partir de la trayectoria de estas/os investigadoras/es, con un fin común, teniendo al CAE-UPF como polo articulador de discusión, activismo, investigación, formación de investigadoras/es y producción de conocimiento orientado a la defensa de los animales no humanos en un mundo en crisis.

EN UN MUNDO EN CRISIS ¿QUÉ PUEDE PRODUCIR LA ARTICULACIÓN ENTRE LOS ESTUDIOS CULTURALES, LOS ESTUDIOS CRÍTICOS ANIMALES Y LA ÉTICA ANIMAL?

Siguiendo los análisis de Couldry (2022) y Ang (2022), asumo que vivimos en “un mundo con diferentes crisis”⁵¹, para las cuales, como proponen estos autores, los Estudios Culturales aún no están plenamente preparados para responder. Como enfatiza Couldry, las respuestas actuales —es decir, la articulación de conceptos, temas, análisis y acciones— son, en gran medida, respuestas dadas a las crisis del pasado. Ante las crisis contemporáneas —amenazas a la democracia; retroceso de derechos; procesos de datificación⁵² (Couldry, 2022); emergencia de nuevos escenarios, como el calentamiento global y el ascenso de China como gran potencia (Ang, 2022) —, estos autores proponen, según mi interpretación, que los Estudios Culturales busquen nuevas articulaciones y desarrollen



SUMARIO

análisis capaces de comprender y tensionar los desafíos planteados por estas “nuevas” crisis (véase Cord, 2022a, 2022b, 2022c).

De acuerdo con Cord (2024), existe una “*sensibilidad cultural reparadora*” en curso, que se caracterizaría como

un cambio teórico significativo [que] ha tenido lugar en las humanidades y en las ciencias sociales, expresivo de una transformación más general en la sensibilidad cultural. Ha emergido un nuevo modo de teorización y una nueva estructura de sentimiento: lo reparador. La reparación, en su esencia, puede caracterizarse como un ‘pensar el mundo roto’ (...), combinando un enfoque tanto en el dolor como en la posibilidad, en la destrucción y en la creatividad. Constituida por un conjunto de estrategias mediante las cuales los sujetos rescatan posibilidades y sustento a partir del mundo, la reparación surge precisamente ante las crisis que marcan el momento presente (p.3).

Tales crisis, sin duda, no borran las anteriores, sino que las reposicionan en nuevas intersecciones, como la cuestión climática y sus efectos más dañinos sobre las poblaciones más pobres (cf. Ferdinand, 2022; Ferdinand y Fagundes, 2023). Esto ocurre en un contexto de reemergencia de valores extractivistas y conservadores, asociados a un determinado modelo de explotación, que claman por el retroceso de derechos y, habitualmente, se oponen a la atribución de “nuevos derechos”, incluidos aquellos concedidos a las poblaciones indígenas, al medio ambiente y a los animales, dado que estos representan limitaciones a sus intereses extractivos.

Complementando las proposiciones de Couldry, Ang y Cord, Förnas (2022) afirma que los Estudios Culturales deben actuar contra el movimiento de “socavar la confianza en la ciencia” y contra los “movimientos autoritarios y totalitarios” que han ganado espacio recientemente, situándose como una suerte de “mundo paralelo” y, por tanto, competidor de los procesos democráticos y de los “acuerdos sociales” entre sociedad y ciencia. Según el autor, los Estudios

SUMARIO

Culturales, en tanto movimiento intelectual más que político, deben desarrollar una comprensión profunda basada en la “reflexividad crítica”, manteniéndose en “alerta máxima” frente a cualquier amenaza a sus tropos característicos: diversidad, contextualización y crítica a las relaciones de poder dominantes.

Las/os entrevistadas/os presentes en este volumen no se identifican primordialmente como practicantes de los Estudios Culturales, ni producen textos que puedan clasificarse como “de educación” —aunque ambos términos aparezcan eventualmente en algunas de sus producciones y todas/os sean profesoras/es universitarias/os y/o directoras/es de investigaciones de posgrado, es decir, actúen como educadoras/es—. Más bien (y considerando específicamente los Estudios Culturales), se presentan como investigadoras/es de áreas más consolidadas en el contexto disciplinar académico, como la Filosofía, el Derecho, la Comunicación, la Literatura y la Bioética, articulando sus investigaciones tanto en relación con los códigos deontológicos ya constituidos por estas áreas como con los aspectos éticos concernientes a los animales no humanos.

No obstante, en ocasiones, sobrepasan esas áreas tradicionales y organizan sus producciones y acciones a partir de campos del conocimiento relativamente más recientes —que surgieron en respuesta a presiones contextuales de cada época—, buscando constituir nuevos espacios de actuación, influencia, recursos y visibilidad que hasta entonces eran inexistentes en los contextos académicos. Tal es, según entiendo, el caso de los estudios denominados bajo campos y formas de investigación como *Animal Studies*, *Critical Animal Studies*, *Media Critical Animal Studies*, Filosofía Animal, Ética Animal, así como otras denominaciones no empleadas directamente por ellas/os, pero que marcan la emergencia y los intereses de investigación, como zooliteratura, animalidades, etnografías multiespecies, entre otras. Por tanto, dichos estudios generalmente se derivan de, o se asocian a, áreas del conocimiento ya más consolidadas.

SUMARIO

Hago esta salvedad para destacar que, aunque estas/os autoras/es no se identifiquen ni se presenten como practicantes de los Estudios Culturales, las preguntas que formulan, sus modos de investigar, los tensionamientos —como aquellos relativos a las asimetrías de poder—, las críticas y análisis que emprenden, así como sus articulaciones con el género, la raza/etnia, el capacitismo, la gordofobia, el entretenimiento y el lenguaje (por citar solo algunas de las discusiones presentes en una de las producciones colectivas más recientes del CAE; cf. Faria y Almirón, 2024)⁵³, podrían, según entiendo y como señala Ang (2022) al mencionar que muchas producciones de Estudios Culturales se están realizando bajo nuevas denominaciones, comprenderse también como análisis “pertene-cientes” a ese campo de estudios multifacético.

Esto resulta especialmente relevante si se considera que tanto los *Critical Animal Studies* como los Estudios Culturales se preocupan profundamente por discutir y cuestionar las relaciones de poder que dividen a los animales humanos de “otros” animales humanos, según determinadas características (como el pertenecer a un lugar u otro, la lengua hablada o el color de la piel), así como aquellas que dividen, jerarquizan y explotan a los animales no humanos sobre la base de una estratificación de poder que coloca al “Hombre” (como se ha descrito anteriormente) al mando, mientras que los animales no humanos o más-que-humanos son tratados como recursos o *commodities* a ser explotados.

En este sentido, me parece que el proyecto de ambos campos —los Estudios Culturales y los *Critical Animal Studies*— se orienta hacia la crítica de las formas de relación entre saber y poder que posicionan, de manera binaria y jerárquica, a los animales humanos entre sí y en relación con los animales no humanos. Así, aunque no podamos comprender dichas relaciones sino desde el registro de la inteligibilidad humana, los *Critical Animal Studies* tensionan esa racionalidad y procuran “pensar desde otro lugar”, buscando, por ejemplo, a partir de la ética animal, comprender y deducir cuáles



SUMÁRIO



son los intereses de los animales —el interés en no sufrir sería uno de ellos (cf. Faria & Paez, 2019; Faria, 2023; Paez en este volumen).

En síntesis, el período en que estuve en el CAE-UPF tuvo, entre sus objetivos, en el ámbito de un proyecto (político) tanto individual como institucional, aproximar los Estudios Culturales a los *Critical Animal Studies* y a la Ética Animal. Tal como ya he señalado, esta articulación con los Estudios Culturales es realizada por mí, a partir de determinadas lentes teóricas orientadas tanto por los Estudios Culturales como por la Educación, y no por las/os entrevistadas/os. Se trata, por tanto, de una operación asumida “por mi cuenta y riesgo” en el contexto de las transformaciones por las que la Línea de Estudios Culturales en Educación del PPGEDU/UFRGS viene atravesando en los últimos años (véase Santos, Karnopp, Wortmann, 2024).

En este sentido, aquí resuenan algunas de las cuestiones que acompañan a los Estudios Culturales desde su surgimiento: ¿qué son los Estudios Culturales? ¿Cuál es su legitimidad teórico-metodológica, ética y política en el contexto contemporáneo, especialmente en el campo de la educación brasileña? ¿Cuáles son, en ese escenario, las aproximaciones y los distanciamientos posibles en relación con los Estudios Culturales latinoamericanos? ¿De qué modo las respuestas elaboradas por los Estudios Culturales a las diferentes crisis en las que fueron convocados a intervenir en el pasado (cf. Couldry, 2022) pueden ayudar a pensar las crisis actuales, incluida la explotación de los animales no humanos? Y, sobre todo, ¿qué nuevos caminos y encrucijadas se abren a sus “viejos y nuevos” practicantes en la medida en que buscan, por ejemplo, aproximar y articular este campo de estudios con otros, como los *Critical Animal Studies*?

Ante ello, interpreto que existen, al menos, tres grandes desafíos de naturaleza ética, política y académica que deberían ser considerados en el futuro de los Estudios Culturales (véase Powers, 2022), y no solo en su articulación con la ética animal o con los *Critical Animal Studies*:

SUMÁRIO

- a. superar la práctica de recurrir simplemente a una “fórmula mágica,” como escribir, por ejemplo, “este trabajo se inscribe en una perspectiva posestructuralista de Estudios Culturales”, si bien no desarrolla una discusión o interlocución efectiva con autores y con el propio campo a lo largo de artículos, capítulos de libros, tesis y disertaciones;
- b. avanzar respecto de lo establecido hace tres décadas por el llamado “efecto del fundador” (cf. Santos, Karnopp, Wortmann, 2024), es decir, relativizar la filiación exclusiva a los textos y enfoques de los autores de la tercera generación⁵⁴ de los Estudios Culturales que, al llegar a Brasil, habrían impreso, en cierto modo, un *modus operandi* centrado en “categorías” como pedagogías culturales, relaciones de poder y neoliberalismo. El mantenimiento de este marco se debe, en gran parte, al primer punto mencionado anteriormente. Así, se vuelve necesario aproximarse e inscribirse en una agenda de investigación ya en curso en los Estudios Culturales latinoamericanos (entre los numerosos textos, véase, por ejemplo, Restrepo, 2015, 2016, 2019; del Valle, 2015), ampliando el horizonte teórico y metodológico del campo;
- c. insertarse en redes internacionales (como la *Red Internacional de Estudios Culturales en Educación* – RIECEdu⁵⁵), pero en el sentido de trabajar para especificar, por contraste con otros contextos (y por medio de aportaciones bibliográficas e intercambios entre investigadores/as), las cuestiones, temas y problemas pertinentes a “nuestro contexto” brasileño y al contexto latinoamericano, en articulación con el punto b).

Según entiendo, se trata de leer, escribir y debatir efectivamente sobre los Estudios Culturales, articulando las producciones de modo sustantivo con sus historias —incluida la historia de las producciones de la propia Línea de Investigación en la UFRGS y de aquellas desarrolladas en el marco del extinto Programa de

SUMÁRIO

Posgrado en Educación de la Universidad Luterana de Brasil (véase Santos, Karnopp, Wortmann, 2024), así como de las nuevas “filiales” de Estudios Culturales (ya sea en los enfoques, en la composición de grupos de investigación o en publicaciones) dispersas por Brasil—, sus conceptos, modos de problematización y perspectivas, situando críticamente el contexto en el que la investigación se inscribe.

Esto implica, también, la articulación que vengo procurando establecer entre los Estudios Culturales, los *Critical Animal Studies* y la Ética Animal, sus diferentes agendas y cuestiones, así como sus convergencias y posibles divergencias. Sin duda, dicha articulación debería operar a la luz de la discusión de los tres puntos mencionados anteriormente.

En otras palabras, comprendo que esos puntos de articulación convergen hacia análisis que implican relaciones asimétricas y, por tanto, jerarquizadas de poder. Estas relaciones ponen en juego los procesos biológicos de animales humanos y no humanos, que nos conectan como seres semejantes en múltiples dimensiones, implicando sistemas que regulan la vida, el uso, la explotación, el control, la enfermedad y la muerte (cf. Cruz, 2020). Se trata, por tanto, de procesos que, incluso cuando no se nombran de ese modo, pueden inscribirse en las discusiones sobre biopolítica y necropolítica (véase Giorgi, 2016; Serratos, 2019).

Al articular lo que expuse en los párrafos anteriores con mi práctica docente como profesor formador de docentes en la enseñanza de Ciencias y Biología, en el contexto del Grado en Ciencias Biológicas y del PPGEDU de la UFRGS, pretendo argumentar que, aunque reconozco el carácter académico e institucional de las discusiones, mi objetivo no pasa, sin mayores problematizaciones, por enseñar métodos alternativos de “uso” de animales no humanos en la enseñanza o en la investigación —como, por ejemplo, la amplia bibliografía sobre los 3Rs (*Replace* – Sustitución, *Reduction*

SUMARIO

– Reducción y *Refine* – Refinamiento) en el ámbito de la bioética y de sus directrices, tal como ocurre en el caso brasileño⁵⁶ y en otros contextos. Por lo tanto, mi interés no consiste, prioritariamente, en enseñar cómo reducir o justificar un uso “sostenible” de los animales hasta que surjan alternativas menos invasivas o que prescindan de ellos en el ámbito educativo —y ello no significa, en modo alguno, desconsiderar el esfuerzo que supuso compilar un manual de este tipo, así como sus importantes efectos. Más bien, busco discutir las propias prácticas biológicas (véase Jardine, Spary, 1996) que, de modo previo y naturalizado, conciben la captura y la recolección de animales como parte inherente de la formación y la investigación, ancladas en la reproducción de procedimientos heredados del pasado (véase Santos y Ripoll, 2025; Cruz, 2020; Verunsch, 2023).

Se trata, por tanto, de una perspectiva orientada a la deconstrucción de los modos de operación de la ciencia biológica. Así, inspirado en el trabajo de Elizeu Cruz (2020), procuro problematizar lo que podríamos denominar el *paradigma de la biología* como campo o disciplina: aunque se define por el estudio de la “vida”, gran parte de sus prácticas de enseñanza e investigación se fundamentan en la extracción y la muerte de seres vivos. En este proceso, como ya analizó (véase también, Davidson, 2025), se construyen verdaderos “archivos” —exsiccatas, animales disecados, huesos, etc.— que alimentan colecciones, investigaciones y museos, retroalimentando otras prácticas del mismo tipo (Santos y Ripoll, 2025).

Este movimiento me lleva a interrogar las prácticas de formación en Biología en todos los niveles educativos. Por un lado, tal interrogación implica retomar y tensionar prácticas históricamente instituidas; por otro, exige preguntarse qué prácticas están siendo puestas en circulación en la construcción de una educación más-que-humana o posantropocéntrica. Esta cuestión también me conduce a investigar tanto las dimensiones teóricas como las experiencias concretas de prácticas posantropocéntricas (Pedersen, 2023) —o, si se prefiere,

SUMARIO

no especistas— que vienen implementándose en distintos contextos educativos, formales y no formales. De este modo, la presentación de estas entrevistas, en portugués y en español, busca producir elementos que, procedentes de las diversas áreas anteriormente mencionadas, nos permitan tensionar y problematizar tanto el campo de la Enseñanza de las Ciencias y de la Biología como el propio campo de los Estudios Culturales y sus articulaciones.

En este sentido, a modo de cierre de esta presentación y en la dirección de comprender tales articulaciones, esbozo una breve síntesis de las discusiones desarrolladas por Helena Pedersen en torno a una *educación postantropocéntrica* (Pedersen, 2023). Dicha autora entiende la educación postantropocéntrica como un término paraguas que abarca prácticas de enseñanza y aprendizaje orientadas a las relaciones humano-animal desde una perspectiva crítica, dirigida a desestabilizar el antropocentrismo y el especismo. Este campo, atravesado por tensiones y controversias, incluye una dimensión reparadora o reconstructiva (tal como señala Cord, 2024), que propone formas más éticas y sostenibles de coexistencia, articulando el especismo con otras opresiones, como el racismo y el sexismo, y enfrentando las crisis medioambientales contemporáneas.

Desde tal comprensión, la actuación de los educadores postantropocéntricos se situaría en los cruces entre teoría y práctica, educación y activismo, profesionalismo y ciudadanía —aspectos destacados por Couldry (2022) y Förnas (2022) en relación con los Estudios Culturales. Finalmente, ante la pluralidad de estas aproximaciones y la ausencia de respuestas sobre sus efectos, Pedersen (2023) propone que el *riesgo* —entendido como una dimensión de *no garantía* (véase Hall, 2014), también reconocida por los Estudios Culturales como constitutiva de las luchas ético-político-académicas contemporáneas y propia de los procesos formativos⁵⁷— sea asumido como constitutivo de las prácticas educativas en diferentes instancias, para las cuales este **Ética Animal: perspectivas para**

SUMÁRIO

(pensar y practicar) la educación ofrece algunos elementos en las entrevistas que siguen.

Por último, opté por no presentar cada una de las entrevistas de forma individual, puesto que se revelan a lo largo de la lectura. Los títulos, no obstante, indican los temas y tensiones que cada una de ellas propone.

REFERENCIAS

ALMIRÓN, Núria. Communicating solidarity – the ethics of representing human and nonhuman distant suffering. In: KHAZAAL, Natalie; ALMIRÓN, Núria (eds.). *Like an animal: Critical Animal Studies approaches to borders, displacement, and othering*. Leiden/ Boston: Brill Rodopi, 2021. p. 51–75.

CARNEIRO, Fernanda Maria Trentini; MAKOWIECKY, Sandra. *Walmor Corrêa e Fritz Müller: cintilações entre o artista e o cientista*. 2010. Comunicação apresentada no 19º Encontro da ANPAP, 2010. Disponible en: https://www.researchgate.net/publication/346677828_WALMOR_CORREA_E_FRITZ_MULLER_CINTILACOES_ENTRE_O_ARTISTA_E_O_CIENTISTA. Acesso em: 20 set. 2024.

COETZEE, John Maxwell. *A vida dos animais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CORD, Florian. (Re-)Assembling Cultural Studies. *Culture Unbound*, Linköping, v. 14, p. 11–26, 2022c. Disponible en: <http://www.cultureunbound.ep.liu.se>. Acesso em: 20 set. 2024.

CORD, Florian. In repair: the reparative as theoretical mode and structure of feeling in times of crisis. An outline. *SubStance*, v. 53, n. 2, p. 3–20, 2024. Disponible en: <https://substance.org/article/the-reparative-as-theoretical-mode-and-structure-of-feeling-in-times-of-crisis-an-outline/>. Acesso em: 20 set. 2025.

CORD, Florian. Political ontologies: Cultural Studies and the nonhuman turn. *Critical Habitats*, n. pag., 2022a. Disponible en: <https://crithab.hypotheses.org/debate-2-the-posthuman-present>. Acesso em: 20 set. 2024.

SUMÁRIO



CORD, Florian. Posthumanist Cultural Studies: taking the nonhuman seriously. *Open Cultural Studies*, v. 6, p. 25–37, 2022b. DOI: <https://doi.org/10.1515/culture-2020-0138>. Acesso em: 20 set. 2024.

CRUZ, Elizeu Pinheiro da. Quando biólogos olham para os bichos: caatinga, ecologia e zoologia entre vida, trabalho e morte. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 26, n. 57, p. 1–27, maio/ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832020000200005>.

DAVIDSON, Martina. (2025). Fabular a vida, desaprender o humano: um ensaio multiespécie com Isabel Zapata. *Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio*, 18 (nesp.1), 766–780. <https://doi.org/10.46667/renbio.v18inesp.1.2027>

DEL VALLE, Mónica María. Estudios culturales: avatares y posiciones. Entrevista a Eduardo Restrepo. *Tabula Rasa*, Bogotá, n. 22, p. 337–351, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://www.ram-wan.net/restrepo/documentos/eccs-entrevista.pdf>. Acesso em: 20 set. 2024.

FARIA, Catia; ALMIRÓN, Núria (org.). *Especismo y lenguaje*. Madrid: Plaza y Valdés, 2024. p. 23–34.

FARIA, Catia; PAEZ, Eze. It's splitsville: why animal ethics and environmental ethics are incompatible. *American Behavioral Scientist*, v. 63, n. 13, p. 1795–1811, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1177/000276421983046>.

FARIA, Catia. *Animal ethics in the wild: wild animal suffering and intervention in nature*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2023.

FERDINAND, Malcom; FAGUNDES, Guilherme Moura. Diálogos entre-mundos negros: do racismo ambiental à ecologia decolonial. *Diálogos Socioambientais*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2023. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Fagundes_GM_3159472_DialogosEntreMundosNegrosDoRacismoAmbientaIEcologiaDecolonial.pdf. Acesso em: 6 out. 2025.

FERDINAND, Malcom. *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FORNÄS, Johan. Estudos culturais: atravessando fronteiras, defendendo distinções. In: SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; KARNOPP, Lodenir Becker; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna (org.). *O que são estudos culturais hoje?* São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. E-book. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/estudos-culturais/>. Acesso em: 20 mar. 2025.

SUMÁRIO

HALL, Stuart. Sobre los estudios culturales. In: RESTREPO, Eduardo; VICH, Victor; WALSH, Catherine (eds.). *Stuart Hall: sin garantías*. 2. ed. Popayán: Universidad del Cauca; Envió, 2014. p. 37–49.

HARRINGTON, Lauren A. *et al.* Conflicting and complementary ethics of animal welfare considerations in reintroductions. *Conservation Biology*, Hoboken, v. 27, n. 3, p. 1–15, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1111/cobi.12021>.

JARDINE, Nicolas; SPARY, Emma. The natures of cultural history. In: JARDINE, Nicolas; SPARY, Emma (org.). *Cultures of Natural History*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 3–13.

KOPNINA, Helen *et al.* Uniting ecocentric and animal ethics: combining non-anthropocentric approaches. *Ethics, Policy & Environment*, Londres, v. 26, n. 2, p. 265–286, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1080/21550085.2022.2127295>.

LATOUR, Bruno. *A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LEOTE, Rosangella. Biomimética e arte: transduções com a biologia. *Revista de Humanidades de Valparaíso*, Valparaíso, n. 18, p. 225–243, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22370/rhv2021iss18pp225-243>.

MACHADO, Roberto. *Impressões de Michel Foucault*. São Paulo: n-1 Edições, 2017.

MACIEL, Maria Esther. *Animalidades: zooliteratura e os limites do humano*. São Paulo: Instante, 2023a.

MACIEL, Maria Esther. *As ironias da ordem: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

MACIEL, Maria Esther. Encontros entre a literatura e o ensino de biologia: uma entrevista. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 48, 2023b. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/133868>. Acesso em: 6 out. 2025.

MACIEL, Maria Esther. *Literatura e animalidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

MACIEL, Maria Esther. *O livro de Zenóbia*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.

MACIEL, Maria Esther. *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: EdUFSC, 2011.

SUMÁRIO

MACIEL, Maria Esther. *Pequena enciclopédia de seres comuns*. São Paulo: Todavia, 2021.

PAGE, Joanna. The reinvention of bestiaries, floras, and herbaria: alternative decolonial modernities in contemporary Latin American art. 2021. DOI: <https://doi.org/10.17863/CAM.65484>.

PEDERSEN, Helena. Post-anthropocentric pedagogies. *Teaching in Higher Education*, p. 1–15, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1080/13562517.2023.2222087>. Acesso em: 15 out. 2024.

PONCE DE LEÓN, Alejandro. América Latina y el giro botánico en los estudios culturales. *Tabula Rasa*, n. 46, p. 49–64, 2023. DOI: <https://doi.org/10.25058/20112742.n46.03>.

RESTREPO, Eduardo. ¿Quién necesita estudios culturales en Colombia? *Ciências Sociais Unisinos*, v. 55, n. 2, p. 163–173, 2019.

RESTREPO, Eduardo. Descentrando a Europa. *Revista Latina de Sociología*, n. 6, p. 60–71, 2016.

RESTREPO, Eduardo. El giro a la biodiversidad en la imaginación del Pacífico colombiano. *Revista Estudios del Pacífico Colombiano*, n. 1, p. 171–199, 2013.

RESTREPO, Eduardo. Sobre os estudos culturais na América Latina. *Educação*, Santa Maria, v. 38, n. 1, p. 21–31, 2015.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; FREITAS, Cláudia R. TDAH, aprimoramento e medicalização. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 22, n. 65, p. 631–642, 2018.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; FREITAS, Cláudia R. TDAH, educação e cultura. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 20, n. 59, p. 1077–1086, 2016.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; KARNOPP, Lodenir Becker; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. O que está em jogo na articulação entre estudos culturais e educação? *Currículo Sem Fronteiras*, v. 24, p. 1–13, 2024.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; RIPOLL, Daniela. Compór estudos culturais no antropoceno. *Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio*, v. 18, n. esp. 1, p. 7–29, 2025. DOI: <https://doi.org/10.46667/renbio.v18inesp.1.1994>.

SEKAR, Nitin; SHILLER, Derek. Engage with animal welfare in conservation. *Science*, Washington, DC, v. 369, n. 6504, p. 629–630, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1126/science.aba7271>.



SERRATOS, Francisco. Monstruosidad, animalidad, humanidad. *Revista Latinoamericana de Estudios Críticos Animales*, ano V, v. II, dez. 2018.

TERRON, Joca Reiners. *Onde pastam os minotauros*. São Paulo: Todavia, 2024.

VERUNSCHK, Micheliny. *O som do rugido da onça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto; VILELA, Rita A. Teixeira (org.). *Itinerários de pesquisa*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 287-309.

SUMÁRIO



3

Núria Almiron

COMUNICAÇÃO, ATIVISMO E ÉTICA ANIMAL

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-674-6.3



Núria Almiron vive no campo com um companheiro humano e muitos outros não humanos, graças a um jardim silvestre que acolhe pássaros, roedores, lagartixas e inúmeros insetos e outros visitantes mais ou menos regulares ou ocasionais, como o vison-americano que um dia apareceu por lá. Na casa convivem Félix, um gato idoso, e Nil, uma panterinha preta (na foto, Max, que já não está com a família).

Núria é catedrática de ética e economia política da comunicação na Universitat Pompeu Fabra, em Barcelona, e dedica-se à academia há mais de duas décadas. Antes trabalhou como tradutora, politóloga e jornalista. Embora tenha iniciado a carreira acadêmica investigando no campo da economia política da comunicação, em 2011 ampliou sua área de estudo para a ética animal e, em 2016, foi uma das impulsionadoras dos estudos críticos animais aplicados à comunicação.

Desde então, publicou e organizou artigos, capítulos e livros sobre o papel da comunicação, especialmente a persuasiva, na construção e manutenção do especismo, ou seja, a ideologia que discrimina as demais espécies pelo simples fato de não serem humanas. Os mais recentes, no momento da realização desta entrevista, eram *Animal Suffering & Public Relations. The Ethics of Persuasion in the Animal Industrial Complex* (Routledge, 2024) e *Especismo y Lenguaje* (editado com Catia Faria para Plaza y Valdés, 2024).

É codiretora do *Centre for Animal Ethics*-UPF, um centro de estudos em ética animal e estudos críticos animais considerado uma referência na Europa. Também é fundadora e diretora do mestrado em Estudos Internacionais sobre Meios, Poder e Diferença e coordenou os projetos de investigação THINKClima (2017-2021) e COMPASS (2022-2025).

Página pessoal: www.almiron.org

UPF-CAE: www.upf.edu/cae

THINKClima: <https://www.upf.edu/ca/web/thinkclima>

COMPASS: <https://www.upf.edu/web/compass>

PESTS: <https://www.upf.edu/web/pests/about-us>

SUMÁRIO

No início desta entrevista, quando lhe foi perguntado sobre os animais com quem convivia, a entrevistada relatou um episódio ocorrido em outubro de 2024, pouco antes desta conversa. Tinha mantido a persiana de seu estúdio em casa enrolada durante todo o verão, mas, no dia anterior à entrevista, decidiu baixá-la por causa da chuva e acabou tendo uma surpresa:

Aparentemente, havia uma mãe com dois filhotes de morcego instalados dentro do espaço da persiana enrolada e, quando a baixei... *plof!* Os pequenos caíram sobre o parapeito. Pensei que tinham morrido, mas não. Os dois irmãos se encolheram um contra o outro e se agarraram à persiana já desenrolada, enquanto a mãe foi embora — imagino que em busca de um lugar melhor para abrigar a família. Passei o dia inteiro atenta a eles e, na manhã seguinte, já tinham ido embora. É impossível saber com certeza se provoqueei uma catástrofe fatal em suas vidas ou se fui apenas um pequeno contratempo. Essas experiências são um constante onde vivo, entre as granjas de porcos e vacas, as batidas de caçadores, as feiras pecuárias e ornitológicas, os pescadores e tantas outras realidades animais nada bucólicas.

Após essa passagem, começamos a entrevista.

LUÍS – No processo de consolidação da sua trajetória, como e quando surge o interesse em abordar, a partir de uma perspectiva acadêmica ou ativista, a questão da ética animal?

NÚRIA – Comecei na universidade estudando a economia política dos grupos de comunicação, ou seja, as relações de poder que estão por trás da comunicação: a propriedade, o financiamento, as dívidas, os favores, as “portas giratórias” e tudo aquilo que condiciona a estrutura e o funcionamento dos meios. Durante os primeiros anos de trabalho nesse campo, percebi a contradição de adotar uma posição crítica em relação aos abusos e ao sofrimento na sociedade, enquanto meu próprio estilo de vida — na alimentação, no vestuário, no entretenimento etc. — seguia baseado no abuso e no sofrimento de tantos não humanos.

SUMÁRIO



Era simplesmente incoerente rejeitar o sofrimento, o abuso e a exploração dos humanos e, ao mesmo tempo, ignorar ou justificar o que sofriam os animais não humanos, que têm a mesma capacidade de sentir e cujo número de vítimas é ainda muito maior. Tomar consciência dessa contradição transformou não apenas a minha vida pessoal, mas também a minha abordagem acadêmica.

LUÍS – O que significou, na sua trajetória, incorporar a questão animal?

NÚRIA – A partir de 2011 incorporei na minha investigação e docência uma perspectiva totalmente distinta, não apenas não discriminatória em relação aos indivíduos não humanos, mas também muito mais compassiva em geral. E descobri que, a partir da comunicação, havia um vasto campo para investigar a ideologia e a discriminação especista — e praticamente ninguém o fazia a partir do jornalismo, das relações públicas, da ficção e das indústrias culturais em geral.

Quando comecei a investigar nesse âmbito, em 2011, havia muito pouco publicado no âmbito internacional, embora o suficiente para servir de grande inspiração. Os mais destacados eram os trabalhos de Carol J. Adams sobre sexismo e especismo na publicidade e o livro de Joan Dunayer sobre linguagem e especismo. Também encontrei um texto de Arran Stibbe sobre análise crítica do discurso e a questão animal, e Carrie P. Freeman, que já começara a publicar textos e era a única referência no campo da comunicação com essa abordagem — Adams, Dunayer e Stibbe vinham de outras áreas⁵⁸.

Mas na Europa ainda estava tudo por fazer. Assim, comecei pelo mais direto: o que dizem os jornais quando publicam notícias sobre animais? Percebi que, naquele momento, ninguém falava da relação entre a mudança climática e os animais, por isso comecei por aí, sem um plano definido, simplesmente porque, a partir da comunicação, parecia o ponto natural de partida. Desde então, mantive o estudo do discurso porque acredito que a linguagem, o discurso e a

SUMÁRIO



criação de narrativas são a principal conexão entre a ética animal e a ética da comunicação.

Com o tempo, fui me especializando em comunicação persuasiva, o que me abriu uma porta enorme: o estudo dos *lobbies* e grupos de interesse, suas relações com a política e com os meios de comunicação. Isso me permitiu analisar não apenas suas mensagens, mas também a economia política desses atores. Estudo-os como emissores de discursos que perpetuam e justificam o especismo, mas também como atores com uma estrutura de poder e relações econômicas que ajudam a explicar esse discurso.

LUÍS – De modo que, com a inclusão da questão animal, não apenas o teu objeto de estudo, mas também a tua perspectiva se ampliou.

NÚRIA – De fato, é precisamente isso o que reivindico em um dos meus primeiros textos a respeito da investigação em comunicação e a questão animal. Vincent Mosco define a economia política da comunicação, sobretudo, como um espaço de análise onde prima a ética. No fundo, quando se analisa a propriedade de um grupo de comunicação ou de qualquer indústria ou organização que emite um discurso, avalia-se se ele é correto, sensato ou benéfico para a sociedade, se é frutífero ou se apenas interessa e beneficia a uma elite. E essa variável ética não pode discriminar em função da espécie.

Isso me abriu a porta para reflexões e investigações muito interessantes no âmbito da ética da comunicação, especialmente no estudo dos códigos deontológicos e das teorias e perspectivas que se aplicam nesse campo, como no jornalismo. No entanto, esse primeiro avanço resultou um tanto frustrante.

A profissão jornalística continua muito ancorada no antropocentrismo e no especismo. Os códigos deontológicos incorporaram questões de gênero, ambientais, de igualdade e aquelas que dizem respeito às pessoas migrantes. Mas não conseguimos, até hoje, que

SUMÁRIO



incorporem a sensibilidade ética em relação à comunidade mais amplamente discriminada do planeta: os outros animais.

Isso, no entanto, não impediu que, desde a academia, lançassemos propostas deontológicas não apenas para a prática jornalística, mas também para a publicitária, as relações públicas e a cultura em geral⁵⁹.

LUÍS – Poderias resumir o vínculo que existe entre a comunicação e a ética animal e como os integraste no teu caso?

NÚRIA – Desde a comunicação, as/os pesquisadoras/es entendem que o seu objeto de estudo é tudo aquilo que afeta a sociedade e que pode ser mediado pela comunicação — isto é, refletido pela comunicação, mas também construído, moldado e transformado mediante a produção e circulação de mensagens. Por exemplo, isso deu lugar a uma linha de investigação muito relevante, como a comunicação ambiental, porque o impacto da espécie humana no meio ambiente é inegável e, por meio da comunicação, configuram-se as percepções sociais sobre os problemas ambientais, definem-se responsabilidades e legitimam-se ou questionam-se determinadas ações e políticas.

No entanto, é evidente que o tratamento que damos aos animais não humanos também é um ato humano e mediado pela comunicação. E, apesar disso, ninguém parecia ter interesse em estudá-lo até cerca de uma década atrás na universidade. Alguns/mas pesquisadores/as consideravam que os animais já estavam incluídos no âmbito da comunicação ambiental, mas isso é uma simplificação. Há animais que fazem parte dos ecossistemas naturais, mas há também muitos outros que são explorados pelos humanos ou que convivem diretamente conosco e que não podem ser reduzidos ao ambiente natural.

Dessa forma, a ética animal nos obriga a expandir de maneira lógica o objeto de estudo da comunicação. Se entendemos que a

SUMÁRIO



comunicação afeta todos os atos humanos, o tratamento dado aos outros animais, como ato humano, deve fazer parte dessa análise.

A maneira como materializei essa incorporação no meu trabalho foi por meio dos estudos críticos animais (*Critical Animal Studies*), cuja fusão com os estudos críticos em comunicação ajudei a impulsionar através de um volume que editei em conjunto com Matthew Cole e Carrie P. Freeman⁶⁰.

Também incorporei a questão animal à comunicação a partir de uma perspectiva interdisciplinar, trabalhando com pesquisadoras/es de outros campos que enriquecem e complementam a abordagem comunicacional. Nesse sentido, o papel do *Centre for Animal Ethics* (CAE), da Universidade Pompeu Fabra, foi fundamental para a minha evolução.

LUÍS – Poderias contar-nos como surgiu a ideia de criar o *Centre for Animal Ethics* (CAE-UPF) e que impacto teve?

NÚRIA – O embrião do CAE-UPF surge de um grupo de reflexão que criamos na UPF em 2015, a pedido de Joan Vallbona, desde uma demanda da Câmara Municipal de Barcelona. Joan convidou-nos a reunir um grupo de especialistas em ética animal para ajudar a câmara a refletir sobre como abordar as questões relacionadas com os animais na cidade. Esse primeiro grupo de reflexão chamou-se *Grup Interuniversitari de Reflexió en Ètica Animal* (GIREA) e era formado por Paula Casal, Marta Tafalla, Montserrat Escartín, Catia Faria e eu própria, além de Joan. O grupo funcionou durante um ano e, quando terminou, todas considerámos que devíamos continuar de algum modo.

Foi exatamente nesse momento, no final de 2015, que a nossa universidade instituiu a figura de centro de estudos e, assim, junto com Paula Casal, decidimos aproveitar a oportunidade para criar um centro de estudos que, apesar da sua denominação, sempre teve uma clara vocação de *think tank*. Ou seja, somos acadêmicas

SUMÁRIO



ativistas; não pretendemos fazer ciência neutra, mas sim que o nosso trabalho contribua para reduzir o sofrimento que os animais não humanos experimentam, tanto aquele que lhes causamos diretamente quanto o que possam experimentar de forma natural.

Já se passaram 10 anos e, desde então, publicamos artigos, livros, recomendações, guias, lançamos uma revista acadêmica, formamos investigadores/as, recebemos visitantes de investigação todos os anos e conseguimos dar visibilidade à questão animal de um modo que nenhuma de nós, isoladamente, teria alcançado⁶¹.

Além disso, o centro representou para quem o integra um apoio e uma fonte de enriquecimento mútuo considerável, pelo menos no meu caso. O CAE é formado por cerca de vinte pessoas, embora a composição varie com o tempo. Existe um núcleo estável, o conselho científico, e contamos com investigadores/as de doutoramento e pós-doutoramento que nos visitam, realizam estágios conosco ou que formamos e apoiamos no seu desenvolvimento académico. Embora os filósofos sejam maioria, há sempre um grupo importante de especialistas em comunicação, além de perfis de antropologia, psicologia, estética, literatura e outras áreas. É difícil definir o impacto que tivemos, mas, sem dúvida, ajudamos a dar visibilidade na academia à necessidade de prestar atenção ao sofrimento animal e de atuar para reduzi-lo. Isso, além do mais, tem consequências que vão muito além dos animais, com um impacto direto na sociedade humana.

LUÍS – Desde o primeiro artigo que publicaste sobre a questão animal, em 2013⁶², até hoje, acreditas que houve mudanças relevantes na sociedade em relação à questão animal com o enfoque ambiental?

NÚRIA – Sim, em vários sentidos, tanto positivos como negativos. Esse primeiro artigo foi a minha estreia nos estudos críticos animais. Naquele momento já se falava muito sobre mudança climática, mas o foco recaía apenas sobre os combustíveis fósseis, ignorando o

SUMÁRIO



impacto da dieta e das escolhas alimentares. Quando publiquei esse artigo, quase não havia estudos sobre o tema. No entanto, desde então surgiu uma linha de investigação sobre como os meios de comunicação omitiram até há pouco tempo o papel da dieta na contaminação. Até muito recentemente, só se mencionava a poluição dos combustíveis fósseis e questões como o transporte ou o turismo, mas não se falava da carne ou da água.

Isso mudou radicalmente: hoje as Nações Unidas, a União Europeia e muitos meios reconhecem o impacto ambiental da produção de carne. Grupos de investigação no Reino Unido demonstraram que as pessoas que consomem alimentos de origem animal geram mais emissões contaminantes do que vegetarianos e veganos. O impacto da dieta já não é tabu, mas um tema central. E deveria importar-nos independentemente de quanto nos preocupe a mudança climática. Comer carne, além de gerar um enorme sofrimento aos animais, contamina, erode e desertifica.

No entanto, tudo isso ficou eclipsado, e aqui está o aspecto negativo: a mudança climática domina hoje toda a ética ambiental e relegou por completo a ética animal para segundo plano. O meu artigo partia da ética animal, argumentando que estamos causando dor extrema a milhões de animais e, ao mesmo tempo, contaminando o planeta. Porém, o discurso dominante reduziu o problema ao impacto ambiental da dieta, desvinculando-o da questão ética. Muitas pessoas tornam-se veganas por razões de saúde ou sustentabilidade, mas não por compaixão para com os animais. A preocupação com o sofrimento animal transformou-se num efeito colateral positivo, mas secundário.

Isso trouxe consequências preocupantes. Por exemplo, como o importante é a sustentabilidade e não o sofrimento animal, está se investindo milhões de euros em tecnologia para explorar os animais de maneira mais sustentável. Estão manipulando geneticamente os animais e a sua alimentação para que contaminem menos, mas sem

SUMÁRIO



questionar a exploração. Também estão sendo aprovadas explorações de insetos na Europa, sem considerar o aumento exponencial que isso supõe na exploração de seres vivos. A lógica é puramente antropocêntrica, sem atenção à ética animal.

Outro exemplo é a carne de laboratório, promovida como solução. Mesmo no melhor cenário, em que esta seja viável e sustentável, isso não altera o paradigma carnista. As pessoas continuarão assumindo que é normal comer carne, perpetuando uma visão supremacista sobre os animais, já que só nos parece aceitável porque se trata de carne de animais — deixaria de ser assim se fosse carne de laboratório humana. Basta observar que as grandes empresas que promovem a carne de laboratório não têm princípios veganos; veem simplesmente uma oportunidade de mercado perante a crise climática⁶³.

Portanto, sim, houve uma mudança enorme. Hoje reconhece-se o impacto ambiental da indústria da carne, mas o sofrimento animal continua a ser ignorado ou tratado como um dano colateral. A resistência em reconhecer que não é ético explorar e consumir animais continua a ser forte, mesmo quando reconhecemos que são seres sencientes.

LUÍS – Como a comunicação pode questionar a prática de comer carne, considerando o viés antropocêntrico e androcêntrico existente? Acreditas que houve avanços na superação desses vieses desde os teus primeiros textos até hoje?

NÚRIA – A relação entre gênero e consumo de carne está bastante estudada. Comer carne continua vinculado a uma representação da masculinidade que alguns coletivos —como caçadores ou pescadores— reivindicam como símbolo de liberdade e força. O avanço do veganismo, ainda que limitado e distorcido, provocou uma reação defensiva nesses grupos, reforçando padrões sexistas e androcêntricos.

SUMÁRIO



Creio que a educação é fundamental para desmontar esses estereótipos. A ideia de que comer carne está associada à força é absurda se pensarmos que alguns dos animais mais fortes, como os elefantes, são herbívoros. Mas esse estereótipo cultural, especialmente na cultura ocidental, só pode ser corrigido mediante uma educação que promova o cuidado e o respeito pelos animais desde a infância.

No âmbito comunicativo, o desafio é convencer os não convencidos. Falar apenas para os já convencidos não serve muito. É preciso dirigir-se também a quem tem uma mentalidade contrária, e fazê-lo a partir de um discurso que não seja percebido como ideológico ou sectário. A questão da violência e do sofrimento é universal; quase ninguém defende abertamente a violência, nem mesmo entre os que defendem o consumo de carne — por isso a indústria faz tantos esforços para fazer crer que os animais que explora estão bem cuidados.

O problema é que o veganismo foi identificado como uma causa da esquerda ou, pior ainda, rotulado como *woke*⁶⁴, o que gera rejeição em certos setores. Se continuarmos reforçando a divisão ideológica, só vamos convencer quem já está de acordo, o que é fútil. Precisamos de um discurso que apele a valores compartilhados —como evitar o sofrimento e a violência— e que transcenda as divisões políticas.

Não estou dizendo que devemos adequar o discurso para agradar a quem tem atitudes machistas ou discriminatórias, evidentemente. Condutas discriminatórias não devem ser reforçadas nem toleradas. Mas acredito que é possível formular a mensagem dentro de um marco ético e universal, apelando a princípios básicos de empatia e justiça que qualquer pessoa —independentemente da sua orientação política ou ideológica— pode compreender e aceitar. Na minha opinião, a chave está em centrar o discurso no rechaço à violência e ao sofrimento, evitando que o veganismo seja

SUMÁRIO



percebido como uma questão de identidade política ou uma postura moralmente superior, porque não o é. Quem defende o veganismo por razões de ética animal são precisamente pessoas que não se consideram superiores, nem sequer em relação a outras espécies. E, claro, a vontade de reduzir o sofrimento não pode ser considerada patrimônio de nenhuma identidade política.

A educação desempenha aqui um papel fundamental. As crianças têm uma tendência natural a empatizar com os animais, mas essa sensibilidade se perde quando o consumo de carne é normalizado no ambiente familiar. Contudo, mesmo em famílias com tradições de caça ou pesca, é possível mudar o marco mental se se trabalhar a partir de uma educação baseada no respeito e na empatia.

LUÍS – Isso se conecta com a ideia de Jeremy Bentham de que “a questão com os outros animais não é ‘eles podem raciocinar?’ ou ‘eles podem falar?’, mas ‘eles podem sofrer?’”. Você também aponta que, desde a domesticação — e a consequente desigualdade entre humanos e não humanos —, os animais têm sido a classe trabalhadora mais explorada. Apesar disso, assim como os humanos, também apresentam formas de resistência. Você poderia desenvolver mais essa ideia dos animais como “a classe trabalhadora mais explorada”?

NÚRIA – Essa é uma perspectiva marxista que considero útil para analisar a realidade dos animais não humanos, sendo você marxista ou não. A ideia foi especialmente desenvolvida por Jason Hribal, que argumenta que os animais constituem uma classe trabalhadora porque são utilizados como força de trabalho e fonte de riqueza⁶⁵.

De fato, o termo *capital* vem do latim *caput* (cabeça) e originalmente se referia à quantidade de cabeças de gado que uma pessoa possuía, o que determinava sua riqueza. A exploração animal foi, portanto, a base sobre a qual se construiu o capitalismo. Isso foi reconhecido por Adam Smith e, de forma indireta, também por

SUMÁRIO



Marx. E autores marxistas como Hribal utilizam essa noção para explicar por que os animais não humanos são a classe trabalhadora mais explorada⁶⁶.

Hribal sustenta que isso ocorre porque os animais não podem se organizar, aparecer na mídia ou formar sindicatos. No entanto, eles têm formas de resistência —tentam escapar, gritam, demonstram dor—, mas essa expressão de sua oposição não é reconhecida dentro do marco antropocêntrico⁶⁷. A sociedade continua considerando os animais como recursos disponíveis para nosso uso, em linha com a interpretação cristã de que a Terra e suas criaturas estão aí para serem exploradas pela espécie humana.

O interessante na perspectiva de Hribal é que ela mostra que até mesmo as classes trabalhadoras humanas oprimidas exploram os animais. A maioria das pessoas da classe trabalhadora consome carne, usa peles e utiliza animais para o trabalho ou para o entretenimento. Embora em alguns casos isso possa ser justificado pela falta de alternativas, no mundo globalizado atual essas opções são cada vez menos necessárias. Por isso os animais são a classe trabalhadora mais oprimida; até mesmo os oprimidos os oprimem.

O problema é que a análise marxista dominante não incorporou essa dimensão. Os autores marxistas reconhecem as dinâmicas de poder e exploração entre humanos, mas não aplicam a mesma análise às relações entre humanos e animais. Mesmo na economia política da comunicação, que tem uma base marxista sólida, essa perspectiva está praticamente ausente. Creio que o argumento de Hribal poderia ajudar a abrir os olhos dentro do pensamento marxista, que foi fundamental para identificar a opressão, mas que ficou atrasado por não estender essa análise à exploração dos animais.

LUÍS – Em *Climate Change Impacts on Free-Living Nonhuman Animals*⁶⁸, você aponta que os desafios enfrentados pelos animais não humanos devido às mudanças climáticas também são

SUMÁRIO



problemas éticos, políticos e sociais. No entanto, a ciência, especialmente no campo da conservação, tende a priorizar a sobrevivência das espécies em detrimento do bem-estar individual, o que reforça uma lógica especista e antropocêntrica. Além disso, você adverte que essa postura pode justificar a eliminação de animais como consequência de ações humanas anteriores, caindo em uma “armadilha especista”. Poderia ampliar essa reflexão?

Você também argumenta que os animais que vivem em liberdade devem ser considerados sujeitos morais e beneficiários de ajuda, mas que essa ajuda costuma ser oferecida a partir da mesma lógica antropocêntrica que você critica. Que tipo de ciência seria necessária para ajudar os animais em liberdade sem reproduzir essa racionalidade dominante? Como a ética animal pode contribuir para questionar essa visão científica hegemônica?

NÚRIA – O artigo que você menciona foi escrito em coautoria com Catia Faria, que é a primeira autora e quem poderia responder melhor a essas questões. No entanto, a partir da ética da comunicação, acredito que posso trazer algumas contribuições.

Por exemplo, no campo da comunicação, os documentários de natureza têm uma longa tradição e um forte impacto, o que levou à criação de códigos deontológicos específicos sobre como agir ao filmar na natureza. Tradicionalmente, a norma era não intervir, seguindo o paradigma ecologista dominante: apenas registrar o que acontece. No entanto, há um processo de reavaliação em curso sobre essa abordagem. Alguns autores da comunicação começaram a argumentar que nem sempre é ético se manter à margem. Se você pode intervir para aliviar o sofrimento sem causar dano, deveria fazê-lo. Permanecer apenas como observador, cumprindo seu papel de documentarista e se mantendo distante do sofrimento que presencia, nos coloca em uma posição que beira o voyeurismo — ou seja, uma atitude passiva e distante que transforma o sofrimento alheio em mero espetáculo.

SUMÁRIO



Há alguns anos, houve um caso paradigmático em que um cinegrafista que filmava para a BBC resgatou um animal preso na lama. Isso marcou uma mudança na forma de pensar a intervenção. Não se trata de manipular a natureza nem de intervir constantemente, mas de ajudar quando for possível. Se um animal está preso em uma cerca ou se afogando, intervir para salvá-lo deveria ser tão natural quanto seria no caso de um ser humano.

Filósofos como Catia Faria⁶⁹ e outros influenciaram essa reflexão ética, embora essa perspectiva ainda não esteja totalmente consolidada no campo da comunicação. Mesmo assim, o debate já avançou bastante. Hoje, a questão não está mais em se devemos intervir ou não, mas em *quando* é possível fazê-lo e *quando* é melhor não o fazer. Alguns defendem que seria possível manipular geneticamente os animais para controlar a reprodução ou reduzir o sofrimento, mas nesse ponto tenho reservas. A manipulação genética implica riscos que não controlamos.

No momento, minha opinião é que o limite está em aliviar o sofrimento por meio de ações diretas e não invasivas: fornecer alimento, tratar ferimentos, proteger habitats e oferecer abrigo, por exemplo. Já a engenharia genética introduz uma complexidade e riscos que ainda não demonstramos ser capazes de controlar. A arrogância de acreditar que podemos fazer isso pode ter consequências graves. Mas há muito que podemos realizar dentro dos limites éticos que já conhecemos.

LUÍS – Em “*Communicating solidarity*” (2021), incluído em *Like an Animal*⁷⁰, você retoma a virada proposta por Lillie Chouliaraki sobre a ética da comunicação solidária e o sofrimento distante, apontando como passamos de uma ética da piedade para uma ética da ironia, em que o sofrimento alheio — humano ou animal — se converte em espetáculo e afeta apenas momentaneamente o espectador, que busca recuperar seu próprio bem-estar. Ao ler, pensei em

SUMÁRIO



“O espetáculo do outro” de Stuart Hall⁷¹. Vemos o sofrimento através da televisão ou das redes sociais, onde ele permanece distante, enquanto as plataformas facilitam formas de consumo que aliviam a culpa (como as doações), mas não produzem uma mudança real nas práticas pessoais. Poderia aprofundar a ideia de deslocamento e deslizamento na percepção da precariedade humana e como essa lógica se estende aos animais? E, nesse marco, como você definiria a solidariedade como cuidado dentro do que chama de “uma ética global de compaixão entre espécies”?

NÚRIA – Este capítulo faz parte de um livro que, no conjunto, responde melhor ao que você levanta do que o que eu poderia acrescentar aqui — especialmente recomendável é a introdução do livro, escrita pela primeira editora, Natalie Khazaal. No meu capítulo, procuro ampliar as ideias de Lillie Chouliaraki, cujo olhar é antropocêntrico, mas muito interessante ao mostrar como a pobreza, o sofrimento e a violência se transformaram em mais um espetáculo midiático. Minha contribuição está em questionar como definimos a solidariedade. Proponho abandonar a definição antropocêntrica dominante.

Chouliaraki vem dos estudos críticos da linguagem, onde se trabalha mais com o conceito de empatia do que com o de *compaixão*. Entramos aqui em um terreno confuso, pois termos como piedade, empatia e compaixão foram entendidos de formas diversas, muitas vezes ligados à religião. A psicologia ocidental, justamente, adotou a empatia para se distanciar dessa conotação religiosa. Mas a compaixão implica algo mais profundo do que a empatia. A simpatia é reconhecer o sofrimento do outro sem que isso realmente nos afete. A empatia vai um passo além: colocar-se no lugar do outro e sentir sua dor. Mas a compaixão tem uma dimensão de ação: não apenas sinto o sofrimento do outro, mas quero ajudá-lo. É isso que falta, em geral, na prática comunicativa profissional.

Se há apenas simpatia, você pode fazer uma doação a uma ONG e seguir com a sua vida. Se há empatia, você sofre junto com

SUMÁRIO



o outro, mas o centro continua sendo você e o seu sofrimento. A compaixão, ao contrário, tira você de si mesmo e centra a ação no outro, em como você pode ajudá-lo.

A comunicação atual está voltada a conquistar audiências, não a reduzir o sofrimento. Se estivesse realmente centrada em reduzir o sofrimento, reconheceria que o sofrimento animal também importa. O problema é que os meios de comunicação são dominados por interesses políticos e econômicos e, além disso, há uma polarização ideológica que bloqueia qualquer diálogo: só empatizamos com os nossos. Para mudar as coisas, é preciso empatizar com quem pensa diferente, até mesmo com aqueles que nos parecem difíceis de compreender ou aceitar. Meu capítulo busca justamente expandir a análise de Chouliaraki para além do antropocentrismo, incorporando uma ética da compaixão que, como ela, supere a lógica da superioridade moral subjacente à piedade e à caridade, mas que não se limite apenas aos humanos.

LUÍS – Neste último trabalho, você também menciona o conceito de “democracia cosmopolita senciente” em relação ao cuidado e à solidariedade com os animais. Poderia explicar essa ideia e como aplicá-la?

NÚRIA – O conceito de democracia cosmopolita senciente que você menciona procede de Alasdair Cochrane⁷², que propõe incluir todos os seres sencientes, humanos e não humanos, nas estruturas políticas e nos processos de tomada de decisão, garantindo a representação e proteção de seus interesses. Autores como Cochrane refletem há algum tempo sobre como dar voz aos animais e representar seus interesses nas instituições humanas.

Na minha opinião, existe um passo prévio a isso, necessário para reduzir o sofrimento dos animais, e, de fato, de todos os seres, humanos e não humanos. Esse passo requer deixar de instrumentalizar politicamente a causa animal. Educar contra o sofrimento animal é, naturalmente, um ato político, mas outra coisa muito distinta

SUMÁRIO



é a instrumentalização política da causa animal, tanto a favor quanto contra, feita por praticamente todas as ideologias políticas. A polarização política é um veneno para a compaixão e o respeito.

Em minha visão, para a defesa dos animais seria muito mais eficaz substituir o eixo ideológico esquerda-direita por um eixo baseado em algo mais concreto e aplicado, como o eixo dano – não-dano. Ou seja, em vez de tomar as ideologias políticas como referência para um comportamento mais ou menos ético em relação aos animais, seria muito mais frutífero que as ações fossem avaliadas com base em se causam ou não dano aos seres sencientes. Assim, o comportamento ético é aquele que não causa dano, ou causa o menor dano possível, independentemente do eixo político-ideológico.

Para aplicar o eixo dano – não-dano, poderíamos imaginar uma escala em que aqueles que mais prejudicam e menos se preocupam com o sofrimento estariam no nível ético mais baixo, enquanto aqueles que fazem todo o possível para minimizar o dano estariam no nível mais alto.

No nível mais baixo estariam os supremacistas, que justificam o sofrimento alheio — incluindo animais e grupos humanos considerados inferiores. Logo acima estariam aqueles que reconhecem que é errado causar dano a alguns, mas ainda justificam o sofrimento de outros. Em um nível acima estariam aqueles que acreditam que é errado causar dano a todos os seres sencientes, embora, na prática, ainda causem algum dano. Finalmente, no nível ético mais alto estariam aqueles que buscam, em cada decisão, causar o menor dano possível. É evidente que é impossível não causar dano algum, mas o importante é tomar decisões que minimizem o custo em sofrimento. Creio que essa escala, baseada na senciência e na redução do dano, seria uma base mais realista para construir uma democracia cosmopolita senciente do que o atual cenário de instrumentalização política da causa animal.

SUMÁRIO

LUÍS – Embora não seja estritamente sua área de estudo, gostaria de falar um pouco mais sobre educação. Quais ações no plano educativo você acredita que são necessárias hoje e que, ao mesmo tempo, poderiam ter um impacto significativo no futuro?

NÚRIA – A educação para reduzir a violência que exercemos contra os animais e compreender que seus interesses em não sofrer são tão importantes quanto os nossos deve ser abordada em todos os níveis: na escola, nos institutos e nas universidades. No caso das crianças, é fundamental, porque é onde tudo tem maior impacto, mas há muito a ser feito também nos outros níveis.

Conseguimos que muitas cantinas universitárias, como na Universidade Pompeu Fabra, ofereçam opções veganas, mas ainda há muito trabalho para que essas opções sejam autênticas e não apenas simbólicas. Sem mencionar que, na maioria dos eventos de professores e pesquisadores, os intervalos para alimentação ainda estão ancorados em opções baseadas em produtos de origem animal.

As universidades avançaram bastante na incorporação de perspectivas inclusivas, especialmente em questões de gênero. No entanto, é contraditório afirmar que se defende uma ética do cuidado feminista enquanto se servem restos de corpos de seres sencientes ou seus fluidos para consumo, ou se faz experimentos com animais em laboratórios acadêmicos. Essa incoerência enfraquece não apenas a luta contra o especismo, mas também o discurso da perspectiva de gênero. Integrar uma ética feminista do cuidado deveria implicar também rejeitar a violência estrutural contra os animais.

Também é necessária uma pedagogia dentro do movimento ativista. Há uma tendência a ver os pecuaristas ou experimentadores como inimigos, mas muitas dessas pessoas poderiam ser nossos familiares ou amigos, e muitos ativistas eram onívoros antes de se tornarem veganos. Se quisermos alcançar além dos já convencidos, não podemos fazê-lo a partir do confronto, mas sim por meio da



SUMÁRIO



pedagogia e da persuasão estratégica. A persuasão está na essência da pedagogia. Não se trata de manipular, mas de construir um discurso que apele à empatia e à lógica moral. O movimento vegano corre o risco de ficar preso em um nicho. Cada vez mais pessoas evitam se identificar como veganas para não serem rotuladas. Precisamos sair dessa armadilha e centrar o discurso na compaixão e na rejeição à violência, não em uma postura política ou ideológica.

O feminismo passou por essa transição, e acredito que o movimento animalista também passará. Mas é necessária muita pedagogia para que a maioria entenda que pecuaristas ou caçadores não são nossos inimigos. Se os vemos como inimigos, caímos na mesma lógica de confronto e violência que criticamos. A chave está em construir pontes, não em aprofundar divisões. A educação pode ser uma ferramenta poderosa para mudar essa dinâmica.

LUÍS – Para terminar, em relação ao seu livro editado junto com Catia Faria⁷³, você poderia explicar a relação entre especismo e linguagem conforme abordada no livro?

NÚRIA – A linguagem que empregamos não é o mais importante, mas sem mudar a linguagem é impossível mudar as coisas. No livro há muitas visões e perspectivas diferentes, mas todas compartilham este ponto de partida.

A linguagem é poderosa porque afeta diretamente como pensamos e agimos. Mudar a linguagem não é suficiente para mudar o mundo, mas é uma condição necessária para fazê-lo. Por isso, acredito que é fundamental estar consciente de seu potencial transformador, tanto para o bem quanto para o mal. As palavras não importam apenas para quem as recebe, elas também contam — e muito — no imaginário de quem as pronuncia. Ajudam a reforçar crenças, hábitos e autojustificações. Identificar essa capacidade da linguagem e viver escolhendo os termos que usamos, em vez de viver sem consciência deles, é uma ferramenta de exercício da liberdade pessoal.

SUMÁRIO

A psicologia cognitiva mostra que a linguagem molda nossa mente. Por isso, existem práticas que recomendam repetir afirmações positivas para reforçar a autoestima. A linguagem gera padrões no cérebro que podem influenciar a forma de pensar e agir. Isso demonstra que a linguagem não apenas reflete a realidade, mas também a constrói e transforma. Por isso, acredito que a linguagem é uma ferramenta muito poderosa para a mudança pessoal e social. Contudo, essa mudança deve começar por nós mesmos. Pessoas que tentam mudar o mundo sem se transformarem primeiro dificilmente terão sucesso. A linguagem é uma ferramenta de transformação pessoal que, quando usada com cuidado e consciência, pode contribuir para uma mudança real em nossa vida e, portanto, na porção do mundo que representamos. Esta é, na minha opinião, uma das melhores razões para viver: nos aprimorarmos individualmente para contribuir para um mundo um pouco melhor.

REFERÊNCIAS

ALMIRÓN, Núria. Alimentación y calentamiento global: «La larga sombra del ganado» en la prensa española. *Estudios sobre el Mensaje Periodístico*, Madrid, v. 19, n. 1, p. 17-33, 2013.

ALMIRÓN, Núria. Beyond anthropocentrism: Critical Animal Studies and the political economy of communication. *The Political Economy of Communication*, [s.l.], v. 4, n. 2, p. 54-72, 2016.

ALMIRÓN, Núria. Communicating solidarity – the ethics of representing human and nonhuman distant suffering. In: KHAZAAL, Natalie; ALMIRÓN, Núria (eds.). *Like an animal: Critical Animal Studies approaches to borders, displacement, and othering*. Leiden/ Boston: Brill Rodopi, 2021. p. 51-75.

ALMIRÓN, Núria. Especismo y capitalismo. In: FARIA, Catia; ALMIRÓN, Núria (orgs.). *Especismo y lenguaje*. Madrid: Plaza y Valdés, 2024. p. 23-34.



ALMIRÓN, Núria; FARIA, Catia. Climate change impacts on free-living nonhuman animals: challenges for media and communication ethics. *Studies in Media and Communication*, [s.l.], v. 7, n. 1, p. 37–48, 2019.

FARIA, Catia; ALMIRÓN, Núria (coords.). Introducción – Especismo y lenguaje. In: FARIA, Catia; ALMIRÓN, Núria (coords.). *Especismo y lenguaje*. Madrid: Plaza y Valdés, 2024. p. 7–20.

FREEMAN, Carrie P.; ALMIRÓN, Núria. Editors' introduction to the special issue "Communication in defense of nonhuman animals during an extinction and climate crisis". *Journalism and Media*, [s.l.], v. 3, p. 405–406, 2022.

SUMÁRIO



4

Núria Almiron

COMUNICACIÓN, ACTIVISMO Y ÉTICA ANIMAL

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-674-6.4



Núria Almiron vive en el campo con un compañero humano y muchos otros no humanos, gracias a un jardín silvestre que acoge a pájaros, roedores, lagartijas e innumerables insectos y otros visitantes más o menos regulares o puntuales, como el visón americano que hizo acto de presencia un día. En la casa conviven Félix, un gato abuelo, y Nil, una panterita negra (en la foto, Max, que ya no está con la familia).

Núria es catedrática de ética y economía política de la comunicación en la Universitat Pompeu Fabra en Barcelona y lleva más de dos décadas dedicada a la academia. Antes trabajó como traductora, politóloga y periodista. Aunque inició su carrera académica investigando en el ámbito de la economía política de la comunicación, en 2011 amplió su campo de estudio a la ética animal y, en 2016, fue una de las impulsoras de los estudios críticos animales aplicados a la comunicación.

Desde entonces, ha publicado y editado artículos, capítulos y libros sobre el papel de la comunicación, especialmente la persuasiva, en la construcción y el mantenimiento del especismo, es decir, la ideología que discrimina a las otras especies por el mero hecho de no ser humanas. Los más recientes en el momento de realizar esta entrevista eran *Animal Suffering & Public Relations. The Ethics of Persuasion in the Animal Industrial Complex* (Routledge 2024) y *Especismo y Lenguaje* (editado con Catia Faria para Plaza y Valdés, 2024).

Es co-directora del UPF-Centre for Animal Ethics, un centro de estudios en ética animal y estudios críticos animales considerado un referente en Europa. También es fundadora y directora del máster oficial en Estudios Internacionales sobre Medios, Poder y Diferencia y ha dirigido los proyectos de investigación THINKClima (2017-2021) y COMPASS (2022-2025).

Página personal: www.almiron.org

UPF-CAE: www.upf.edu/cae

THINKClima: <https://www.upf.edu/ca/web/thinkclima>

COMPASS: <https://www.upf.edu/web/compass>

PESTS: <https://www.upf.edu/web/pests/about-us>

SUMÁRIO

Al inicio de esta entrevista, cuando se le preguntó por los animales que convivían con ella, la entrevistada relató un episodio ocurrido en octubre de 2024, poco antes de esta conversación. Había tenido la persiana de su estudio en casa enrollada durante todo el verano, pero el día anterior a la entrevista la bajó debido a la lluvia y se llevó una sorpresa:

Por lo visto, había una madre con dos murciélagos bebés instalados dentro del hueco de la persiana enrollada y, cuando la bajé... ¡plof! cayeron los pequeños sobre la repisa. Pensé que habrían muerto, pero no. Los dos hermanos se acurrucaron el uno contra el otro y se aferraron a la persiana ya desenrollada, mientras que la madre se marchó, imagino que para buscar un lugar mejor donde refugiar a la familia. Pasé todo el día pendiente de ellos y, a la mañana siguiente, ya se habían ido. Es imposible saber con certeza si provoqué un cataclismo fatal en sus vidas o simplemente fui un pequeño inconveniente. Estas experiencias son una constante donde vivo, entre las granjas de cerdos y vacas, las batidas de cazadores, las exhibiciones ganaderas y ornitológicas, los pescadores y tantas otras realidades animales nada bucólicas.

Tras esta anécdota, comenzamos la entrevista.

LUÍS - En el proceso de consolidación de tu trayectoria, ¿cómo y cuándo emerge el interés de abordar desde un ámbito académico o activista, la cuestión de la ética animal?

NÚRIA - Empecé en la universidad estudiando la economía política de los grupos de comunicación, es decir, las relaciones de poder que hay detrás de la comunicación: la propiedad, el financiamiento, las deudas, los favores, las “puertas giratorias” y todo lo que condiciona la estructura y el funcionamiento de los medios. Durante los primeros años trabajando en este campo, me di cuenta de la contradicción de adoptar una posición crítica frente a los abusos y el sufrimiento en la sociedad, mientras mi estilo de vida —en la alimentación, la vestimenta, el entretenimiento, etc.— seguía basado en el abuso y el sufrimiento de tantos no humanos.

SUMARIO



Era simplemente incoherente rechazar el sufrimiento, el abuso y la explotación de los humanos y, al mismo tiempo, ignorar o justificar el que sufrían los animales no humanos, que tienen la misma capacidad de sentir y cuya cantidad de víctimas es incluso mucho mayor. Tomar conciencia de esta contradicción transformó no solo mi vida personal, sino también mi enfoque académico.

LUÍS - ¿Qué supone en tu carrera incorporar la cuestión animal?

NÚRIA - A partir de 2011 incorporé en mi investigación y docencia una mirada totalmente distinta, no solo no discriminatoria con respecto a los individuos no humanos sino mucho más compasiva en general. Y descubrí que desde la comunicación había mucho campo para investigar la ideología y la discriminación especista, y prácticamente nadie haciéndolo desde el periodismo, las relaciones públicas, la ficción y las industrias culturales en general.

Cuando empecé a investigar en este ámbito en 2011, había muy poco publicado al respecto a nivel internacional, aunque lo suficiente para resultar una gran inspiración. Lo más destacado eran los trabajos de Carol J. Adams sobre sexismo y especismo en la publicidad y el libro de Joan Dunayer sobre lenguaje y especismo. También descubrí un texto de Arran Stibbe sobre análisis crítico del discurso y la cuestión animal, y a Carrie P. Freeman, que ya había comenzado a publicar textos y era la única referente en el ámbito de la comunicación con este enfoque —Adams, Dunayer y Stibbe procedían de otros campos⁷⁴.

Pero en Europa estaba todo por hacer. Así que empecé por lo más directo: ¿qué dicen los periódicos cuando cubren noticias sobre animales? Me di cuenta de que, en aquel momento, nadie hablaba de la relación entre el cambio climático y los animales, así que empecé por ahí, sin un plan definido, simplemente porque desde la comunicación parecía el punto natural de partida. Desde entonces, el estudio del discurso lo he mantenido porque creo que el lenguaje,

SUMARIO

el discurso y la creación de narrativas son la principal conexión entre la ética animal y la ética de la comunicación.

Sin embargo, con el tiempo, me he ido especializando en comunicación persuasiva, lo que me ha abierto una puerta enorme: el estudio de los lobbies y grupos de interés, sus relaciones con la política y con los medios de comunicación. Esto me ha permitido analizar no solo sus mensajes, sino también la economía política de estos actores. Los estudios como emisores de discurso que perpetua y justifica el especismo, pero también como actores con una estructura de poder y relaciones económicas que ayudan a explicar ese discurso.

LUÍS – De modo que, con la inclusión de la cuestión animal, no solo tu objeto de estudio, pero también tu perspectiva se amplió.

NÚRIA – En efecto, de hecho, esto es precisamente lo que reivindicó en uno de mis primeros textos al respecto de la investigación en comunicación y la cuestión animal⁷⁵. Vincent Mosco define la economía política de la comunicación, sobre todo, como un espacio de análisis donde prima la ética. En el fondo, cuando analizas la propiedad de un grupo de comunicación o de cualquier industria u organización que emite un discurso, estás evaluando si es correcto, sensato o beneficioso para la sociedad, si es fructífero o si solo interesa y beneficia a una élite. Y esta variable ética no puede discriminar en función de especie.

Esto me abrió la puerta a reflexiones e investigaciones muy interesantes en el ámbito de la ética de la comunicación, especialmente en el estudio de los códigos deontológicos y de las teorías y perspectivas que se aplican en este campo, como en el periodismo. Sin embargo, este primer avance resultó un poco frustrante.

La profesión periodística sigue muy anclada en el antropocentrismo y en el especismo. Los códigos deontológicos han incorporado

SUMARIO



cuestiones de género, medioambientales, de igualdad y aquellas que tienen que ver con los migrantes. Pero no hemos conseguido, hasta hoy, que incorporen la sensibilidad ética hacia la comunidad más abundantemente discriminada del planeta: los otros animales.

Esto no ha impedido, sin embargo, que, desde la academia, hayamos lanzado propuestas deontológicas no solo para la práctica periodística, sino también la publicitaria, las relaciones públicas y la cultura en general⁷⁶.

LUÍS – ¿Podrías resumir el vínculo que existe entre la comunicación y la ética animal y cómo las has integrado en tu caso?

NÚRIA - Desde la comunicación, los investigadores entienden que su objeto de estudio es todo aquello que afecta a la sociedad y que puede ser mediado por la comunicación —es decir, reflejado por la comunicación, pero también construido, moldeado y transformado mediante la producción y circulación de mensajes. Por ejemplo, esto ha dado lugar a una línea de investigación muy relevante, como la comunicación medioambiental, porque el impacto de la especie humana en el medio ambiente es innegable y, a través de la comunicación, se configuran las percepciones sociales sobre los problemas medioambientales, se definen las responsabilidades y se legitiman o cuestionan determinadas acciones y políticas.

Sin embargo, es evidente que el trato que damos a los animales no humanos también es un acto humano y mediado por la comunicación. Y, sin embargo, nadie parecía tener interés por estudiarlo hasta hace una década en la universidad. Algunos investigadores consideran que los animales ya estaban incluidos en el ámbito de la comunicación medioambiental, pero esto es una simplificación. Hay animales que forman parte de los ecosistemas naturales, pero también hay muchos otros que son explotados por los humanos o que conviven directamente con nosotros y que no pueden ser reducidos al entorno natural.

SUMARIO

De forma que la ética animal nos obliga a expandir de manera lógica el objeto de estudio de la comunicación. Si entendemos que la comunicación afecta a todos los actos humanos, el trato hacia los otros animales, como acto humano, debe formar parte de ese análisis.

La forma en cómo he materializado en mi trabajo esta incorporación ha sido a través de los estudios críticos animales, cuya fusión con los estudios críticos en comunicación he ayudado a impulsar a través de un volumen que edité junto con Matthew Cole y Carrie P. Freeman⁷⁷.

También he incorporado la cuestión animal a la comunicación desde una perspectiva interdisciplinaria, trabajando con investigadoras de otros ámbitos que enriquecen y complementan la mirada comunicacional. En este sentido, el papel del UPF-Centre for Animal Ethics ha sido clave para mi evolución.

LUÍS - ¿Podrías contarnos cómo surgió la idea de crear el UPF-Centre for Animal Ethics (UPF-CAE) y que impacto ha tenido?

NÚRIA - El embrión del UPF-CAE surge de un grupo de reflexión que creamos en la UPF en 2015, a petición de Joan Vallbona, un cargo del Ayuntamiento de Barcelona. Joan nos invitó a reunirnos un grupo de expertos en ética animal para ayudar al ayuntamiento a reflexionar sobre cómo abordar las cuestiones relacionadas con los animales en la ciudad. Este primer grupo de reflexión se llamó Grup Interuniversitari de Reflexió en Ètica Animal (GIREA) y estaba formado por Paula Casal, Marta Tafalla, Montserrat Escartín, Catia Faria y yo misma, además de Joan. El grupo funcionó durante un año y, cuando llegó a su fin, todas pensamos que debíamos continuar de algún modo.

Justo en ese momento, a finales de 2015, nuestra universidad creó la figura de centro de estudios, así que, junto con Paula Casal, decidimos aprovechar la oportunidad para crear un centro de estudios que, a pesar de su denominación, siempre ha tenido una

SUMARIO



clara vocación de *think tank*. Es decir, somos académicas activistas; no pretendemos hacer ciencia neutral, sino que nuestro trabajo contribuya a reducir el sufrimiento que experimentan los animales no humanos, tanto el que les causamos directamente como el que puedan experimentar de forma natural.

De eso hace ya 10 años y desde entonces hemos publicado artículos, libros, recomendaciones, guías, hemos lanzado una revista académica, hemos formado a investigadores e investigadoras, recibimos a investigadores visitantes cada año y hemos conseguido dar visibilidad a la cuestión animal de una forma en cómo no hubiéramos podido los integrantes del centro cada una por separado⁷⁸.

Además, el centro ha supuesto para quienes lo integramos un apoyo y una fuente de enriquecimiento mutuo considerable, al menos en mi caso. El CAE está formado por una veintena de personas, aunque la composición varía con el tiempo. Existe un núcleo estable, el consejo científico, y también contamos con investigadores predoctorales y postdoctorales que nos visitan, realizan estancias con nosotras o a quienes formamos y apoyamos en su desarrollo académico. Aunque dominan los filósofos, siempre hay un grupo importante de investigadoras expertas en comunicación y también hay perfiles de antropología, psicología, estética, literatura y otros. Es difícil definir el impacto que hemos tenido, pero, sin duda, hemos ayudado a visibilizar en la academia la necesidad de prestar atención al sufrimiento animal y de actuar para reducirlo. Esto, además, tiene consecuencias que van mucho más allá de los animales, con un impacto directo en la sociedad humana.

LUÍS - Desde el primer artículo que publicaste en 2013⁷⁹ hasta hoy, ¿crees que ha habido cambios relevantes en la sociedad con respecto a la cuestión animal con el enfoque medioambiental?

NÚRIA - Sí, en varios sentidos, tanto positivos como negativos. Ese primer artículo fue mi inicio en los estudios críticos animales.

SUMARIO

En aquel momento ya se hablaba mucho del cambio climático, pero solo se ponía el foco en los combustibles fósiles, ignorando el impacto de la dieta y las decisiones alimentarias. Cuando publiqué ese artículo, apenas había estudios sobre el tema. Sin embargo, desde entonces ha surgido una línea de investigación sobre cómo los medios de comunicación han omitido hasta hace bien poco el papel de la dieta en la contaminación. Hasta hace bien poco, solo se mencionaba la contaminación de los combustibles fósiles y cuestiones como el transporte o el turismo, pero no se hablaba de la carne o del agua.

Esto ha cambiado radicalmente: hoy Naciones Unidas, la Unión Europea y muchos medios reconocen el impacto ambiental de la producción de carne. Grupos de investigación en el Reino Unido han demostrado que las personas que comen alimentos de origen animal generan más emisiones contaminantes que los vegetarianos y que los veganos. El impacto de la dieta ya no es tabú, sino un tema central. Y debería importarnos al margen de cuanto nos preocupe el cambio climático. Comer carne, además de generar un enorme sufrimiento a los animales, contamina, erosiona y desertifica.

Sin embargo, todo lo anterior ha quedado eclipsado, y este es el aspecto negativo: el cambio climático domina hoy toda la ética medioambiental, y ha relegado por completo a un segundo plano la ética animal. Mi artículo estaba enfocado desde la ética animal, argumentando que estamos causando un dolor extremo a millones de animales y, además, contaminando el planeta. Sin embargo, el discurso dominante ha reducido el problema al impacto medioambiental de la dieta, desvinculándolo de la cuestión ética. Muchas personas se hacen veganas por razones de salud o sostenibilidad, pero no por compasión hacia los animales. La preocupación por el sufrimiento animal se ha convertido en un efecto colateral positivo, pero secundario.

Esto ha tenido consecuencias preocupantes. Por ejemplo, como lo importante es la sostenibilidad y no el sufrimiento animal,



SUMARIO



se están invirtiendo millones de euros en tecnología para explotar a los animales de manera más *sostenible*. Se están manipulando genéticamente los animales y su alimentación para que contaminen menos, pero sin cuestionar la explotación. También se están aprobando granjas de insectos en Europa, sin considerar el incremento exponencial que esto supone en explotación de seres vivos. La lógica es puramente antropocéntrica, sin atención a la ética animal.

Otro ejemplo es la carne de laboratorio impulsada como solución. Incluso en el mejor escenario, en el que esta sea factible y sostenible, esto no cambia el paradigma carnista. La gente seguirá asumiendo que es normal comer carne, perpetuando una visión supremacista sobre los animales, ya que solo nos parece aceptable porque es carne de animales, pero dejaría de serlo si se tratara de carne de laboratorio humana. Basta con observar que las grandes empresas que promueven la carne de laboratorio no tienen principios veganos; simplemente ven una oportunidad de mercado por la crisis climática⁸⁰.

Por tanto, sí, ha habido un cambio enorme. Ahora se reconoce el impacto medioambiental de la industria cárnica, pero el sufrimiento animal sigue siendo ignorado o tratado como un beneficio colateral. La resistencia para reconocer que no es ético explotar y consumir animales sigue siendo fuerte, incluso cuando reconocemos que son seres sintientes.

LUÍS - ¿Cómo puede la comunicación cuestionar la práctica de comer carne, considerando el sesgo antropocéntrico y androcéntrico que existe? ¿Crees que ha habido avances en la superación de estos sesgos desde tus primeros textos hasta ahora?

NÚRIA - La relación entre género y consumo de carne está muy estudiada. Comer carne sigue vinculado a una representación de la masculinidad que algunos colectivos —como cazadores o pescadores— reivindican como símbolo de libertad y fortaleza. El avance

SUMÁRIO

del veganismo, aunque limitado y tergiversado, ha provocado una reacción defensiva en estos grupos, reforzando patrones sexistas y androcéntricos.

Creo que la educación es clave para dismantlar estos estereotipos. La idea de que comer carne está asociado con la fuerza es absurda si pensamos que algunos de los animales más fuertes, como los elefantes, son herbívoros. Pero este estereotipo cultural, especialmente en la cultura occidental, solo puede corregirse mediante una educación que promueva el cuidado y el respeto hacia los animales desde la infancia.

En el ámbito comunicativo, el reto es convencer a los no convencidos. Hablar solo para los ya convencidos no sirve de mucho. Hay que dirigirse también a quienes tienen una mentalidad contraria, y hacerlo desde un discurso que no se perciba como ideológico o sectario. La cuestión de la violencia y el sufrimiento es universal; casi nadie defiende abiertamente la violencia, incluso entre quienes defienden el consumo de carne —por eso la industria hace tantos esfuerzos para hacer creer que los animales que explota están bien cuidados.

El problema es que el veganismo ha sido identificado como una causa de izquierdas o, peor aún, etiquetado como *woke*, lo que genera rechazo en ciertos sectores. Si seguimos reforzando la división ideológica, solo convenceremos a los que ya están de acuerdo, lo cual es fútil. Necesitamos un discurso que apele a valores compartidos —como evitar el sufrimiento y la violencia— y que trascienda las divisiones políticas.

No estoy diciendo que debamos adecuar el discurso para complacer a quienes tienen actitudes machistas o discriminatorias, por supuesto. Las conductas discriminatorias no deben reforzarse ni tolerarse. Pero sí creo que es posible plantear el mensaje desde un marco ético y universal, apelando a principios básicos de empatía y

SUMARIO



justicia que cualquier persona —independientemente de su orientación política o ideológica— puede entender y aceptar. En mi opinión, la clave está en centrar el discurso en el rechazo a la violencia y al sufrimiento, evitando que el veganismo se perciba como una cuestión de identidad política o una postura moralmente superior, porque no lo es. Quienes defienden el veganismo por razones de ética animal son precisamente personas que no se consideran superiores, ni siquiera respecto a otras especies. Y, por supuesto, la voluntad de reducir el sufrimiento no puede considerarse patrimonio de ninguna identidad política.

La educación juega un papel fundamental aquí. Los niños tienen una tendencia natural a empatizar con los animales, pero esta sensibilidad se pierde cuando se normaliza el consumo de carne en el entorno familiar. Sin embargo, incluso en familias con tradiciones cazadoras o pescadoras, es posible cambiar el marco mental si se trabaja desde una educación basada en el respeto y la empatía.

LUÍS – Esto enlaza con la idea de Jeremy Bentham de que “la cuestión con los otros animales no es ‘¿pueden razonar?’ o ‘¿pueden hablar?’ sino ‘¿pueden sufrir?’”. Tú también planteas que, desde la domesticación —y la consiguiente desigualdad entre humanos y no humanos—, los animales han sido la clase trabajadora más explotada. A pesar de ello, al igual que los humanos, también muestran formas de resistencia. ¿Podrías desarrollar más esta idea de los animales como “la clase trabajadora más baja”?

NÚRIA – Esta es una perspectiva marxista que creo que es útil para analizar la realidad de los animales no humanos, seas o no marxista. La idea la ha desarrollado especialmente Jason Hribal, quien argumenta que los animales constituyen una clase trabajadora porque son utilizados como mano de obra y fuente de riqueza⁸¹.

De hecho, el término *capital* viene del latín *caput* (cabeza) y originalmente se refería a la cantidad de cabezas de ganado que

SUMARIO

poseía una persona, lo que determinaba su riqueza. La explotación animal fue, por tanto, la base sobre la que se construyó el capitalismo. Esto lo reconoce Adam Smith y, de forma indirecta, también Marx. Y autores marxistas como Hribal lo usan para explicar por qué los animales no humanos son la clase trabajadora más explotada⁸².

Hribal sostiene que esto es así porque los animales no pueden organizarse, salir en los medios ni formar sindicatos. Sin embargo, sí tienen formas de resistencia —intentan escapar, chillan, muestran dolor—, pero esta expresión de su oposición no es reconocida dentro del marco antropocéntrico⁸³. La sociedad sigue considerando a los animales como recursos disponibles para nuestro uso, en línea con la interpretación cristiana de que la Tierra y sus criaturas están ahí para ser explotadas por la especie humana.

Lo interesante de la perspectiva de Hribal es que señala que incluso las clases trabajadoras humanas oprimidas explotan a los animales. La mayoría de las personas de clase trabajadora consume carne, viste pieles y utiliza animales para el trabajo o el entretenimiento. Aunque en algunos casos pueda justificarse por falta de alternativas, en el mundo globalizado actual estas opciones son cada vez menos necesarias. Por eso los animales son la clase trabajadora más oprimida; incluso los oprimidos los oprimen.

El problema es que el análisis marxista dominante no ha incorporado esta dimensión. Los autores marxistas reconocen las dinámicas de poder y explotación entre humanos, pero no aplican el mismo análisis a las relaciones entre humanos y animales. Incluso en la economía política de la comunicación, que tiene una base marxista sólida, esta perspectiva está prácticamente ausente. Creo que el argumento de Hribal podría ayudar a abrir los ojos dentro del pensamiento marxista, que ha sido relevante para identificar la opresión, pero que ha quedado rezagado al no extender ese análisis a la explotación de los animales.



SUMARIO

LUÍS - En *Climate Change Impacts on Free-Living Nonhuman Animals*⁸⁴, planteas que los desafíos que enfrentan los animales no humanos debido al cambio climático son también problemas éticos, políticos y sociales. Sin embargo, la ciencia, especialmente en el ámbito de la conservación, tiende a priorizar la supervivencia de las especies sobre el bienestar individual, lo que refuerza una lógica especista y antropocéntrica. Además, adviertes que esta postura puede justificar la eliminación de animales como consecuencia de acciones humanas previas, cayendo en una "trampa especista". ¿Podrías ampliar esta reflexión?

También planteas que los animales que viven en libertad deben ser considerados sujetos morales y beneficiarios de ayuda, pero esta ayuda suele ofrecerse desde la misma lógica antropocéntrica que criticas. ¿Qué tipo de ciencia sería necesaria para ayudar a los animales en libertad sin reproducir esta racionalidad dominante? ¿Cómo puede contribuir la ética animal a cuestionar esta visión científica hegemónica?

NÚRIA - El artículo que mencionas lo escribimos con Catia Faria, que es la primera autora y quien podría responder mejor a estas cuestiones. Sin embargo, desde la ética de la comunicación, creo que puedo aportar algo.

Por ejemplo, en comunicación, los documentales de naturaleza tienen una larga tradición y un fuerte impacto, algo que ha llevado a generar códigos deontológicos específicos sobre cómo comportarse al filmar en la naturaleza. Tradicionalmente, la norma era no intervenir, siguiendo el paradigma ecologista dominante, solo filmar lo que ocurre. Sin embargo, hay un replanteamiento en curso sobre este enfoque. Hay autores del ámbito de la comunicación que han empezado a argumentar que no siempre es ético mantenerse al margen. Si puedes intervenir para aliviar el sufrimiento sin causar daño, deberías hacerlo. Mantenerte como observador, haciendo tu trabajo de documentalista, al margen del sufrimiento que estás



SUMARIO



presenciando, nos sitúa en una posición que roza el voyeurismo —es decir, una actitud pasiva y distante que convierte el sufrimiento ajeno en un simple espectáculo.

Hace años hubo un caso paradigmático en el que un camarógrafo que filmaba para la BBC rescató a un animal atrapado en el barro. Esto marcó un cambio en la forma de abordar la intervención. No se trata de manipular la naturaleza ni de intervenir constantemente, pero sí de ayudar cuando es posible. Si un animal está atrapado en una cerca o ahogándose, intervenir para salvarle debería ser tan natural como lo sería para un ser humano.

Filósofos como Catia Faria y otros han influido en esta reflexión ética, aunque este enfoque aún no está plenamente asumido en la esfera comunicativa. Y sin embargo, el debate ya está muy avanzado. Ahora mismo la discusión ya no está en si intervenir o no sino en cuando es posible hacerlo y cuándo es mejor no hacerlo. Algunos sostienen que se podría manipular genéticamente a los animales para controlar la reproducción o reducir el sufrimiento, pero ahí tengo reservas. La manipulación genética implica riesgos que no controlamos.

En estos momentos, mi opinión es que el límite está en aliviar el sufrimiento mediante acciones directas y no invasivas: proporcionar comida, curar heridas, proteger hábitats y ofrecer refugio, por ejemplo. La ingeniería genética, en cambio, introduce una complejidad y unos riesgos que no hemos demostrado ser capaces de controlar. La arrogancia de creer que podemos hacerlo podría tener consecuencias graves. Pero hay mucho que podemos hacer dentro de los límites éticos que ya conocemos.

LUÍS - En "*Communicating solidarity*" (2021), incluido en *Like an Animal*⁸⁵, retomas el giro propuesto por Lillie Chouliaraki sobre la ética de la comunicación solidaria y el sufrimiento lejano, señalando cómo pasamos de una ética de la piedad a una ética de la ironía, donde el

SUMARIO

sufrimiento ajeno —humano o animal— se convierte en espectáculo y solo afecta momentáneamente al espectador, que busca recuperar su propio bienestar. Al leerlo, pensé en “El espectáculo del otro” de Stuart Hall⁸⁶. Vemos el sufrimiento a través de la televisión o las redes, donde permanece distante, mientras las plataformas facilitan formas de consumo que alivian la culpa (como las donaciones) sin un cambio real en las prácticas personales. ¿Podrías profundizar en la idea del desplazamiento y el deslizamiento en la percepción de la precariedad humana y cómo esa lógica se extiende a los animales? Y, en ese marco, ¿cómo definirías la solidaridad como cuidado dentro de lo que llamas “una ética global de compasión entre especies”?

NÚRIA – Este capítulo forma parte de un libro que, en conjunto, responde mejor a lo que planteas que lo que yo pueda añadir aquí —especialmente recomendable es la introducción del libro escrita por la primera editora, Natalie Khazaal.

En mi capítulo, intento ampliar las ideas de Lillie Chouliaraki, cuya mirada es antropocéntrica pero muy interesante al mostrar cómo la pobreza, el sufrimiento y la violencia se han convertido en un espectáculo más en los medios. Mi contribución radica en cuestionar cómo definimos la solidaridad. Propongo abandonar la definición antropocéntrica dominante.

Chouliaraki procede de los estudios críticos del lenguaje, donde se trabaja más el concepto de empatía que el de compasión. Aquí entramos en un terreno confuso porque términos como *piEDAD*, *empatía* y *compasión* han sido entendidos de formas distintas, a menudo vinculados a la religión. La psicología occidental precisamente adoptó empatía para distanciarse de esa connotación religiosa. Pero la compasión implica algo más profundo que la empatía.

La simpatía es reconocer el sufrimiento del otro sin que nos afecte realmente. La empatía va un paso más allá: ponerse en el lugar del otro y sentir su dolor. Pero en la compasión hay una dimensión de acción: no solo siento el sufrimiento del otro, sino que

SUMÁRIO



quiero ayudarlo. Esto es lo que falta en la práctica comunicativa profesional en general.

Si solo hay simpatía, puedes hacer una donación a una ONG y seguir con tu vida. Si hay empatía, sufres junto con el otro, pero el centro sigues siendo tú y tu sufrimiento. La compasión, en cambio, te saca de ti mismo y centra la acción en el otro, en cómo puedes ayudarlo.

La comunicación actual está centrada en ganar audiencias, no en reducir el sufrimiento. Si realmente se centrara en reducir el sufrimiento, se reconocería que el sufrimiento animal también importa. El problema es que los medios están dominados por intereses políticos o económicos y, además, hay una polarización ideológica que bloquea cualquier diálogo: solo empatizamos con los nuestros.

Para cambiar las cosas hay que empatizar con quienes piensan distinto, incluso con quienes nos resulta difícil entender o aceptar. Mi capítulo intenta precisamente ampliar el análisis de Chouliaraki más allá del antropocentrismo, incorporando una ética de la compasión que, como Chouliaraki, supere la lógica de la superioridad moral que subyace a la piedad y la caridad, pero que no se limite solo a los humanos.

LUÍS – En este último trabajo también mencionas el concepto de “democracia cosmopolita sintiente” en relación con el cuidado y la solidaridad hacia los animales ¿Podrías explicar esta idea y cómo aplicarla?

NÚRIA – El concepto de democracia cosmopolita sintiente que mencionas procede de Alasdair Cochrane, quien propone incluir a todos los seres sintientes, humanos y no humanos, en las estructuras políticas y de toma de decisiones, garantizando la representación y protección de sus intereses. Autores como Cochrane llevan tiempo reflexionando sobre cómo dar voz a los animales y representar sus intereses en las instituciones humanas⁸⁷.

SUMARIO

En mi opinión, hay un paso previo a esto, necesario para reducir el sufrimiento de los animales, y de hecho de todos, humanos y no humanos. Este paso requiere dejar de instrumentalizar políticamente la causa animal. Educar en contra del sufrimiento animal es por supuesto un acto político, pero otra cosa bien distinta es la instrumentalización política que se hace de la causa animal, tanto a favor como en contra, por prácticamente todas las ideologías políticas. La polarización política es veneno para la compasión y el respeto. En mi opinión, para la defensa de los animales sería mucho más efectivo substituir el eje ideológico de izquierda-derecha por un eje basado en algo mucho más efectivo y aplicado, como el eje daño-no daño. Es decir, en lugar de tomar las ideologías políticas como referencia de un comportamiento más o menos ético con respecto a los animales, sería mucho más fructífero que las acciones se valorarán en función de si causan daño o no a los seres sintientes. Así, el comportamiento ético es el que no daña, o causa el menor daño posible, independientemente del eje político-ideológico.

Para poner en práctica el eje daño-no daño, podríamos imaginar una escala donde aquellos que más dañan y menos se preocupan por el sufrimiento estarían en el nivel ético más bajo, mientras que quienes hacen todo lo posible para minimizar el daño estarían en el nivel más alto.

Así, en el nivel más bajo estarían los supremacistas, quienes justifican el sufrimiento de otros —incluidos animales y grupos humanos considerados inferiores—. Inmediatamente encima estarían los que reconocen que está mal causar daño a algunos, pero siguen justificando el sufrimiento de otros. Más arriba estarían quienes creen que está mal causar daño a todos los seres sintientes, aunque en la práctica aún generan algo de daño. Finalmente, en el nivel ético más alto estarían quienes intentan, en cada decisión, causar el menor daño posible. Obviamente es imposible no causar daño alguno, pero lo importante es tomar decisiones que minimicen el coste en sufrimiento.



SUMARIO

Creo que esta escala, basada en la sintiencia y en la reducción del daño, sería una base más realista para construir una democracia cosmopolita sintiente que el actual escenario de instrumentalización política de la causa animal.

LUÍS – Aunque no sea estrictamente tu ámbito de estudio, me gustaría hablar un poco más sobre educación. ¿Qué acciones en el plano educativo crees que son necesarias hoy y que, al mismo tiempo, podrían tener un impacto significativo en el futuro?

NÚRIA – La educación para reducir la violencia que ejercemos contra los animales y comprender que sus intereses en no sufrir son tan importantes como los nuestros debe abordarse a todos los niveles: en la escuela, en los institutos y en la universidad. A nivel de los más pequeños es fundamental, porque es donde mayor impacto tiene todo, pero hay mucho por hacer también en los otros niveles.

Hemos conseguido que en muchas cantinas universitarias, como en la Universitat Pompeu Fabra, se ofrezcan opciones veganas, pero queda mucho trabajo por hacer para que estas opciones sean auténticas y no solo simbólicas. Sin mencionar que, en la mayoría de los eventos de profesores e investigadores, los recesos para comer siguen anclados en opciones alimentarias basadas en animales.

Las universidades han avanzado mucho en la incorporación de perspectivas inclusivas, especialmente en cuestiones de género. Sin embargo, resulta contradictorio afirmar que se defiende una ética del cuidado feminista mientras se sirven restos de cuerpos de seres sintientes o sus fluidos para el consumo, o se experimenta con animales en los laboratorios académicos. Esta incoherencia debilita no solo la lucha contra el especismo, sino también el discurso de la perspectiva de género. Integrar una ética feminista del cuidado debería implicar también rechazar la violencia estructural hacia los animales.

También hace falta pedagogía dentro del movimiento activista. Hay una tendencia a ver a los ganaderos o a los experimentadores



SUMARIO



como enemigos, pero muchas de esas personas podrían ser nuestros familiares o amigos, y muchos activistas fueron omnívoros antes de hacerse veganos. Si queremos llegar más allá de los ya convencidos, no podemos hacerlo desde el enfrentamiento, sino desde la pedagogía y la persuasión estratégica.

La persuasión está en la esencia de la pedagogía. No se trata de manipular, sino de construir un discurso que apele a la empatía y a la lógica moral. El movimiento vegano está en riesgo de quedar atrapado en un nicho. Cada vez más gente evita identificarse como vegana para no ser etiquetada. Necesitamos salir de esa trampa y centrar el discurso en la compasión y el rechazo a la violencia, no en una postura política o ideológica.

El feminismo ha pasado por esta transición, y creo que el movimiento animalista también lo hará. Pero hace falta mucha pedagogía para que la mayoría entienda que los ganaderos o cazadores no son nuestros enemigos. Si los vemos como enemigos, caemos en la misma lógica de confrontación y violencia que criticamos. La clave está en construir puentes, no en profundizar las divisiones. La educación puede ser una herramienta poderosa para cambiar esta dinámica.

LUÍS – Para terminar, en relación con tu libro editado junto a Catia Faria⁸⁸, ¿podrías explicar la relación entre especismo y lenguaje tal como se aborda en el libro?

NÚRIA - El lenguaje que empleamos no es lo más importante, pero sin cambiar el lenguaje es imposible cambiar las cosas. En el libro hay muchas visiones y perspectivas diferentes, pero todas comparten este punto de partida.

El lenguaje es poderoso porque afecta directamente a cómo pensamos y actuamos. Cambiar el lenguaje no es suficiente para cambiar el mundo, pero es una condición necesaria para hacerlo. Por

SUMARIO



eso, creo que es clave ser conscientes de su potencial transformador, para bien y para mal. Las palabras no solo cuentan para quién las recibe, también cuentan y mucho, en el imaginario de quién las pronuncia. Ayudan a reforzar creencias, hábitos y autojustificaciones. Identificar esta capacidad del lenguaje y vivir eligiendo los términos que empleamos, en lugar de vivir sin ser conscientes de ellos, es una herramienta de ejercicio de la libertad personal.

La psicología cognitiva muestra que el lenguaje moldea nuestra mente. Por eso hay prácticas que recomiendan repetir afirmaciones positivas para reforzar la autoestima. El lenguaje genera patrones en el cerebro que pueden influir en la forma de pensar y de actuar. Esto demuestra que el lenguaje no solo refleja la realidad, sino que también la construye y la transforma.

Por eso creo que el lenguaje es una herramienta muy poderosa para el cambio personal y social. Pero ese cambio debe empezar por uno mismo. Las personas que intentan cambiar el mundo sin transformarse primero a sí mismas difícilmente tendrán éxito. El lenguaje es una herramienta de transformación personal que, cuando se usa con cuidado y consciencia, puede contribuir a un cambio real en nuestra vida, y por tanto en la porción del mundo que representamos. Esta es, en mi opinión, una de las mejores razones para vivir: mejorarnos a nivel individual para contribuir a hacer un mundo un poco mejor.

REFERENCIAS

ALMIRÓN, Núria. Alimentación y calentamiento global: «La larga sombra del ganado» en la prensa española. *Estudios sobre el Mensaje Periodístico*, Madrid, v. 19, n. 1, p. 17-33, 2013.

ALMIRÓN, Núria. Beyond anthropocentrism: Critical Animal Studies and the political economy of communication. *The Political Economy of Communication*, [s.l.], v. 4, n. 2, p. 54-72, 2016.

SUMÁRIO

ALMIRÓN, Núria. Communicating solidarity – the ethics of representing human and nonhuman distant suffering. In: KHAZAAL, Natalie; ALMIRÓN, Núria (eds.). *Like an animal: Critical Animal Studies approaches to borders, displacement, and othering*. Leiden/ Boston: Brill Rodopi, 2021. p. 51–75.

ALMIRÓN, Núria. Especismo y capitalismo. In: FARIA, Catia; ALMIRÓN, Núria (orgs.). *Especismo y lenguaje*. Madrid: Plaza y Valdés, 2024. p. 23–34.

ALMIRÓN, Núria; FARIA, Catia. Climate change impacts on free-living nonhuman animals: challenges for media and communication ethics. *Studies in Media and Communication*, [s.l.], v. 7, n. 1, p. 37–48, 2019.

FARIA, Catia; ALMIRÓN, Núria (coords.). Introducción – Especismo y lenguaje. In: FARIA, Catia; ALMIRÓN, Núria (coords.). *Especismo y lenguaje*. Madrid: Plaza y Valdés, 2024. p. 7–20.

FREEMAN, Carrie P.; ALMIRÓN, Núria. Editors' introduction to the special issue "Communication in defense of nonhuman animals during an extinction and climate crisis". *Journalism and Media*, [s.l.], v. 3, p. 405–406, 2022.



5

Eze Paez

A LIBERDADE ANIMAL COMO NÃO-DOMINAÇÃO E O DEVER DE AJUDAR OS ANIMAIS SILVESTRES



Eze Paez é pesquisador Ramón y Cajal no grupo Direito & Filosofia da Universidade Pompeu Fabra (Barcelona). Graduado e mestre em Direito pela mesma instituição, é doutor em Filosofia Moral. Sua pesquisa dedica-se ao desenvolvimento de uma teoria republicana da cidadania animal não humana e à reflexão sobre nossas obrigações éticas de ajudar animais silvestres que sofrem danos de origem natural. Publicou em periódicos internacionais de alto impacto, como *Analysis*, *Inquiry*, *Pacific Philosophical Quarterly*, *Utilitas*, *Bioethics* e *Environmental Values*, articulando sua produção acadêmica com atividades de divulgação científica sobre antiespecismo e com o ativismo político em defesa dos animais não humanos.

PESTS: <https://www.upf.edu/web/pests/about-us>

SUMÁRIO



LUÍS – Como vocêalaria de Eze Paez? Quem é você? ⁸⁹

EZE – Sou pesquisador Ramón y Cajal no *Law & Philosophy Group* da Universitat Pompeu Fabra (UPF), membro do UPF-CAE, e meu tema de pesquisa é: quais são nossas obrigações morais e políticas em relação aos animais? Em particular, ultimamente me interessam duas questões.

Primeira: como podemos fundamentar a cidadania dos animais não humanos a partir de uma concepção republicana de liberdade e de justiça. Ou seja, a partir de uma concepção que entende que o valor político mais importante é a liberdade como não-dominância, segundo a qual um indivíduo é livre em uma sociedade na medida em que tem um conjunto de liberdades fundamentais protegidas contra o poder de interferência de outros e na medida em que participa do controle democrático das instituições. Em que medida faz sentido sustentar a cidadania animal a partir dessa concepção de liberdade.

Segunda: outro problema que me interessa muito é determinar quais são nossas obrigações éticas de ajudar os animais silvestres, os animais que vivem na natureza, não apenas quando sofrem danos pela ação humana, mas também quando sofrem danos por causas naturais. A tese que defendo — não apenas eu, mas também outros autores que têm trabalhado nisso há muito mais tempo, como Catia Faria ou Oscar Horta — é que, se rejeitamos o especismo e acreditamos que nossas obrigações com os animais são as mesmas que com os seres humanos, então temos a obrigação de ajudá-los também nesses casos.

Além disso, procuro complementar minha atividade de pesquisa — sempre procurei fazer isso! — com ativismo em favor dos direitos dos animais. No passado, colaborei com uma organização que ainda existe, a *Fundação Ética Animal*⁹⁰, fundada por Oscar Horta, com o objetivo de educar ativistas sobre o especismo e sobre nossas

SUMÁRIO



obrigações com os animais, tanto os que estão sob controle humano quanto os silvestres. Nos últimos anos, tenho buscado direcionar meu ativismo mais para a introdução da proteção dos direitos dos animais nos partidos políticos, que são os que têm maior incidência direta sobre as instituições.

LUÍS – Quem são seus companheiros animais não humanos?

EZE – Isso, infelizmente, mudou no último ano. Neste momento, minha companheira e eu convivemos com dois animais não humanos. Uma gata, de nove anos, chamada Pipina, que foi resgatada da rua por minha companheira, antes de me conhecer. E uma pomba, de três anos, chamada Calimera, que resgatamos da rua. Estamos muito contentes de conviver com Calimera, pois aprendemos muito sobre as pombas. É uma honra e um prazer poder conhecer como realmente é uma pomba quando tem uma vida feliz, quando está cuidada, saudável, alimentada, quando não sente medo, quando vive sem nenhum tipo de estresse; a confiança que mostra em nós; como sempre quer estar conosco e se relaciona da mesma forma que vemos um cão ou um gato fazer, procurando-nos, seguindo-nos, querendo estar conosco. E tem sido um grande aprendizado – inevitavelmente, agora sofro muito mais quando vejo pombas na rua, porque agora sua dor é muito mais próxima! Até março, além disso, convivíamos com outro gatinho, Pilucho, que já tinha 19 anos e que infelizmente morreu. Mas sempre seremos gratos a ele por nos ensinar a amar, a cuidar. Ele sempre se preocupava conosco quando estávamos tristes ou quando sua companheira gata não estava bem.

LUÍS – Qual é a relação de Pipina com a pomba?

EZE – Pois bem, Pipina é uma gata muito medrosa, provavelmente pelo que sofreu quando, sendo filhote, vivia na rua. Em contrapartida, Calimera tem muita confiança em si mesma, porque nunca lhe aconteceu nada e ela não conhece outra vida além de estar conosco, já que era muito pequena quando a recolhemos. Calimera

SUMÁRIO



tem disposição de estar com Pipina e de incomodá-la um pouco, mas Pipina tem medo demais e sai correndo. Na verdade, é a pomba quem tem uma personalidade muito mais dominante do que a gata.

LUÍS – No processo de consolidação de sua carreira como pesquisador, como e quando surge o interesse de abordar, a partir do campo acadêmico e/ou ativista, o tema dos animais ou da ética animal?

EZE – Eu sempre estive interessado em filosofia moral e em filosofia política em geral, mas não foi até pouco antes de terminar o doutorado que comecei a me interessar seriamente pela ética animal. Quando eu estava terminando o doutorado foi quando Catia Faria chegou aqui para continuar seu doutorado. Ela, sim, trabalhava em ética animal. Passei a conhecer o tema seriamente a partir dela, conheci também quem foi seu orientador de tese, Oscar Horta, especialista em ética animal de âmbito internacional. Foi a partir das minhas conversas com eles, de trabalhar com eles, que percebi a importância da disciplina e que, realmente, estava motivado para que minha pesquisa de pós-doutorado se centrasse nela. Desde então, desde que me doutorei em 2014, comecei a trabalhar exclusivamente em ética animal.

LUÍS – A partir de sua área de origem, como você vê a conexão entre o campo da Filosofia e do Direito com o tema da ética animal? Você acredita que o paradigma antropocêntrico que, podemos dizer, é a origem e a sustentação dessas duas áreas do conhecimento, está mudando ou poderá mudar, de alguma maneira, com as contribuições da filosofia animal e do direito animal? Nesse sentido, podemos falar de uma filosofia animal e de um direito animal? Cátia Faria e você escrevem sobre os interesses dos animais, compreendidos, é claro, a partir da interpretação de uma racionalidade humana. Você acredita que o direito defende os interesses dos animais ou, antes, os interesses dos humanos diante dos animais? Como seria um direito animal fundado nos interesses animais?

SUMÁRIO

EZE – É certo, mais no Direito do que na Filosofia, que essas são disciplinas que assumem um antropocentrismo moral, isto é, a ideia de que os interesses dos seres humanos importam mais do que os dos demais animais, porque são interesses dos seres humanos. Isso é menos verdadeiro na filosofia, porque na filosofia sempre houve autores que defenderam alguma postura que poderíamos chamar de antiespecista, já há milênios e, sobretudo, desde os anos 1970 do século XX, quando realmente começa a se construir essa disciplina filosófica que chamamos de ética animal, que tem a ver com fazer filosofia moral e filosofia política a partir de uma posição que não é especista.

Então, do ponto de vista filosófico, claramente é possível fazer filosofia de maneira não antropocêntrica, e muita filosofia já é feita a partir de uma posição não antropocêntrica. É claro que ainda há muito a percorrer nesse sentido. É graças à reflexão em filosofia moral não-antropocêntrica e em filosofia política não-antropocêntrica que encontramos — ainda que tímidas — tentativas de construir sistemas jurídicos que não sejam antropocêntricos. Eles não existem, não houve até agora nenhum sistema jurídico que não fosse antropocêntrico. Ainda não se tentou construir nenhum sistema jurídico que não seja antropocêntrico, mas já encontramos propostas de mudança para dotar de maior proteção os interesses dos animais. Mudanças que são necessárias para que algum dia, quem sabe, tenhamos sistemas jurídicos que não sejam antropocêntricos.

Aqui me refiro tanto a tentativas de melhorar as normas que protegem os interesses dos animais de companhia ou que reduzem o sofrimento dos animais explorados em fazendas quanto a tentativas de dotar alguns animais não humanos, como os grandes símios ou os cetáceos, de personalidade jurídica e de direitos fundamentais. Nada disso, por si só, absolutamente, constrói um sistema jurídico que não seja antropocêntrico, mas todas são mudanças na direção correta.



SUMÁRIO



LUÍS – A antropóloga brasileira Ciméa Bevilaqua estudou o caso de uma chimpanzé e de uma orangotango, chamadas Sandra e Cecília⁹¹, que, com o fim de um zoológico na cidade de Buenos Aires, ficaram “sem lugar”. As organizações de proteção aos animais realizaram uma série de mobilizações e conseguiram que, por meio da justiça, fosse outorgada às duas a condição de *peessoas não-humanas*, tendo assim, com base no fato de terem vivido toda a vida em cativeiro, o direito de receber proteção, cuidado, bem-estar e recursos para que pudessem viver em um santuário.

Como você interpreta essa figura de *peessoa não-humana*? Tal figura não reiteraria, mais uma vez, a condição antropocêntrica da qual se pretende afastar? Isso já aconteceu aqui na Espanha ou em outros países da União Europeia? Você sabe se tal outorga do status de *peessoa não-humana* tem garantido a vida e o bem-estar desses animais (“agentes mudos”) ou se, ao contrário, como tem ocorrido em outros lugares, há uma rejeição dos animais humanos em relação a esses animais não humanos, por supostamente receberem mais cuidados ou “ganharem mais dinheiro” do que “outros” animais humanos por parte das esferas públicas, por exemplo? No contexto de suas pesquisas, como você vê que essa figura “ético-jurídica” de *peessoa não-humana* pode ajudar os animais não humanos em seus interesses a partir da frase que você menciona no texto *A republic for all sentients – social freedom without free will*: “to be a free [human] person, then, is to be a citizen in a political community of equals” (Paez, 2021, p.2)?

EZE – Aqui há duas questões. Uma é a questão de dar personalidade jurídica aos animais não humanos. Outra questão, conceitualmente distinta, é se devem ser cidadãos, porque não decorre necessariamente do fato de ter personalidade jurídica que se deva ter a condição de cidadania. Em nossas comunidades políticas, há muitos seres humanos: todos têm personalidade jurídica, alguns são cidadãos, outros não são cidadãos.

SUMÁRIO

A questão da personalidade jurídica tem a ver com se o direito considera que uma entidade é apta para ser titular de direitos subjetivos ou se, ao contrário, é uma entidade que não pode ter direitos subjetivos, mas pode ser objeto dos direitos de propriedade que os demais tenham sobre essa entidade. Então, se defendemos sistemas jurídicos e comunidades políticas que não sejam antropocêntricos, é necessário reconhecer que os animais não humanos sencientes não podem ser objetos de nossos direitos de propriedade, mas sim entidades com capacidade de ter direitos próprios, portanto, entidades com personalidade jurídica.

Em nossos ordenamentos jurídicos já existem *peessoas jurídicas não-humanas*, como a administração pública, as empresas, as associações, as fundações. Todas estas são entidades com personalidade jurídica, são entidades fictícias, não são pessoas humanas, portanto, são *peessoas não-humanas*. Entidades não-humanas com personalidade jurídica.

A questão, agora, seria também reconhecer personalidade jurídica a outras entidades que tampouco são humanas, que são os animais não humanos sencientes. Que tenham direitos que protejam seus interesses mais fundamentais. Do mesmo modo que nossos interesses mais fundamentais estão protegidos por esses direitos. Que os animais estejam igualmente protegidos é necessário para que seus interesses possam receber a tutela dos tribunais, por exemplo, para que esses direitos/interesses estejam blindados constitucionalmente, de modo que não possam ser violados por leis aprovadas pelo poder legislativo. E, também, para que os seres humanos encarregados do cuidado desses animais tenham que respeitar esses interesses.

LUÍS – No seu texto *Becoming the good shepherds* (2019), você afirma algo que também aparece em outros trabalhos das pesquisadoras do CAE, a saber, que os animais não humanos sofrem, seja

SUMÁRIO



nas fazendas, seja na natureza – *“eles também têm vidas em que o sofrimento predomina, mesmo que seja devido a eventos naturais e não à ação humana”* (p.1). Cátia Faria (2023) chega a dizer que a predação sobre eles na natureza ocasiona sofrimento⁹², assim como a morte de inúmeros indivíduos na vida inicial no caso de animais que têm como estratégia reprodutiva evoluída, ao longo do tempo, gerar uma prole numerosa sem exercer cuidados parentais (como as tartarugas, os peixes, os anfíbios, de maneira mais geral).

Sim, eu compartilho a ideia de que isso provoca sofrimento: a morte ou o ferimento do animal não humano vivo pela mordida de outro animal não humano, seu predador. Mas isso não faz parte da natureza “selvagem” – “ou como ela é” – e que, em grande medida, os discursos conservacionistas pretendem manter e proteger? Se não for assim, que tipo de “natureza” é essa em que se quer que os animais (ou melhor, os indivíduos animais não humanos) não sofram? Não seria essa uma “nova natureza” construída a partir da compreensão do animal humano, algo que justamente se rejeita na crítica antiespecista?

Gostaria de compreender um pouco mais esse argumento, que recai menos sobre a população e mais sobre a vida do indivíduo, sobre a qual se deveria intervir “se estivéssemos suficientemente certos de que não produziríamos mais mal do que bem” (p.1), na direção de atender aos seus interesses em não sofrer (p.3). O que a seniência tem a ver com isso? E como esse argumento ético baseado na seniência articula-se (ou não) com a ecologia das populações?

Ainda na página 2 de *Becoming the good shepherds* (2019), ao falar das ovelhas e de outros animais não humanos, você afirma que: *“Além disso, precisamos de alguma teoria moral. Nesse sentido, é óbvio que a maioria das pessoas nas sociedades humanas acredita que é permissível prejudicar ovelhas (ou porcos, vacas, galinhas e peixes, nesse caso) para que possamos desfrutar de sua carne, fazer*

SUMÁRIO



roupas a partir deles ou avançar em nosso conhecimento biomédico. No máximo, acreditam que seria bom se pudéssemos obter todas essas coisas sem infligir tanto sofrimento a esses animais" (p.2).

Ou seja, algo semelhante ao que Olatz Aranceta-Reboredo (2022) chamou de "paradoxo Peppa Pig", ao dizer que as crianças adoram a Peppa Pig, mas que o mesmo não ocorre em relação ao porco real, que elas comem (talvez) sem fazer a relação com o personagem. Nesta parte do texto, você poderia comentar a seguinte frase: "*causar menos danos é bom, mas não causar danos é melhor*", quando rebate a posição especista de outros autores que defendem que deveríamos conhecer melhor as ovelhas para explorá-las de forma mais eficiente, sem causar sofrimentos "desnecessários"?

EZE – É preciso discernir dois problemas distintos. Primeiro, se temos razões para aliviar ou eliminar o sofrimento por causas naturais que padecem os indivíduos sencientes, sejam humanos ou não humanos – essa é a questão ética de fundo! –; e, em segundo lugar, a outra questão, que é em parte estratégica: se, dado o conhecimento que temos sobre como funcionam os ecossistemas e os instrumentos de que dispomos, podemos intervir na natureza para ajudar os animais que nela vivem, de forma que não causemos mais dano do que queremos evitar, ou se não temos ainda a capacidade de fazê-lo.

O fato é que, se acreditamos que os interesses de todos os indivíduos sencientes importam, independentemente de sua espécie e do lugar onde vivem, e se acreditamos que temos razões para aliviar o sofrimento por causas naturais que acometem os seres humanos ou os animais não humanos sob controle humano, como os animais de companhia, então, salvo contradição ou incoerência, temos que aceitar que também temos razões para aliviar o sofrimento por causas naturais dos animais que vivem na natureza. E o nosso objetivo ético último tem de ser que eles também tenham as melhores vidas possíveis.

SUMÁRIO

A questão é que essa não é uma tarefa fácil, e o raciocínio ético precisa nos levar à conclusão de que temos a obrigação de não intervir, quando a tentativa de os ajudar possa ser contraproducente – porque vamos gerar mais dano do que queremos evitar, ou porque não temos conhecimento ou meios suficientes. Mas isso, por sua vez, implica que, se estivermos numa circunstância em que temos os meios e o conhecimento suficientes para realizar uma intervenção que nos garanta não causar mais dano do que queremos evitar, então deveríamos fazê-lo⁹³. E, ainda mais importante, implica que temos a obrigação de investigar para melhorar nosso conhecimento sobre o funcionamento dos ecossistemas e aperfeiçoar nossos recursos, a fim de estarmos cada vez mais em posição de ajudá-los.

O fato de que certos danos sejam produzidos por causas naturais não é uma boa razão para concluir que tais danos não importam moralmente. Pois, do meu ponto de vista, a natureza não possui nenhum valor intrínseco; a natureza é simplesmente como as coisas são, como é o universo, e o universo é resultado de forças impessoais, que não têm como objetivo que os indivíduos sejam felizes; as leis físicas não perseguem nenhum fim inerentemente valioso. Em contrapartida, creio que o que sim é inerentemente valioso, de um ponto de vista ético, é que os indivíduos sencientes tenham as melhores vidas possíveis. Se isso implicar a necessidade de intervir e modificar a natureza para alcançá-lo, na medida em que possamos fazê-lo sem causar mais dano do que queremos evitar, então é nossa obrigação tentar.

LUÍS – Ainda, no final da p.2 e no início da p.3 (Paez, 2019), você faz o que entendo como uma “argumentação reversa”, ou seja, traz argumentos que os animais humanos não negariam em relação a outros animais humanos (como as crianças ou aqueles indivíduos com severos comprometimentos cognitivos) para sustentar que, se é assim para eles, também deve ser em relação aos animais não humanos, como as ovelhas e outros. Assim, você poderia falar sobre o valor (estratégico) desse tipo de silogismo para a ética animal?

SUMÁRIO

EZE – Sobre o valor estratégico do silogismo, o silogismo em questão ao qual você se refere – entendo – é o que na ética animal chamamos de argumento da superposição de espécies. Isto é, se você não está disposto a aceitar essas implicações éticas para os seres humanos, porque lhe parecem horríveis, então também não deve aceitá-las para os animais não humanos. Esse argumento tem um claro valor lógico ou argumentativo, porque mostra que, para ser coerente, ou você aceita que podemos causar danos aos seres humanos de formas que usualmente nos parecem horríveis, ou aceita que não podemos causar esses danos aos animais não humanos – e esse é um grande valor argumentativo!

A sua pergunta pelo “valor estratégico”, entendo que diz respeito à capacidade de persuasão subjetiva que esse argumento possui, para além de ser ou não um bom argumento do ponto de vista formal. Eu desconheço dados científicos sobre a capacidade persuasiva desse argumento. Tenho apenas dados anedóticos, ou seja, o que percebi quando apresentei esse argumento a outras pessoas. E eu diria que, na maioria das ocasiões, as pessoas não querem renunciar à crença de que há certos danos que não é permissível infringir aos seres humanos; com isso, ficam mais dispostas a aceitar que os interesses dos animais não humanos importam mais do que acreditavam antes.

Há outros indivíduos que, genuinamente, acreditam que não, que os interesses desses seres humanos que não possuem capacidades cognitivas sofisticadas contam tão pouco quanto os dos demais animais, e que simplesmente os tratamos como se fossem seres humanos típicos porque isso é uma ficção socialmente útil. Mas creio que, para a maioria das pessoas, sim, esse argumento da superposição de espécies é persuasivo.

LUÍS – Agora, deixe-me apresentar o seguinte cenário, em uma pergunta que no Brasil chamaríamos de “fazer o papel do advogado do diabo”: de hoje em diante, todos os animais humanos se tornam

SUMÁRIO



veganos, deixando de fazer uso da carne, da pele, de qualquer produto de origem animal não humana. O que aconteceria com esses milhões de animais, esses indivíduos sob o controle direto dos humanos? Para quais lugares eles “voltariam”, já que domesticados (ou escravizados) e afastados, no tempo e no espaço, de onde viviam originalmente?

EZE – Bem, esses animais não iriam a lugar nenhum. Simplesmente deixariam de existir com o passar do tempo. O problema logístico aconteceria se toda a exploração animal desaparecesse de uma vez, porque isso significaria que, simplesmente, não teríamos recursos para que todos os animais não humanos que, atualmente, estão sujeitos à exploração tivessem vidas boas. Provavelmente, a nossa única solução seria eutanasiar a maioria deles, porque, caso contrário, morreriam de fome. Não teríamos recursos. Assumindo um cenário em que a exploração animal desaparece progressivamente, quero dizer que existiriam cada vez menos desses animais não humanos, porque cada vez existiriam menos deles sob exploração, e, quando as últimas explorações desaparecessem, a solução mais benevolente seria que os animais que ainda existissem, quando a exploração animal desaparecesse, vivessem cuidados em santuários.

Talvez, com o passar dos séculos, restassem em alguns santuários alguns descendentes de vacas, porcos, ovelhas. Mas 99,9% de todos esses animais desapareceriam. É claro, porque só existem devido ao interesse econômico em criá-los. Sei que essa é uma pergunta que muitas pessoas fazem, mas o certo é que isso não resulta problemático, em absoluto.

LUÍS – No texto *It's Splitsville: why animal ethics and environmental ethics are incompatible*, de Cátia Faria com você (2019), vocês dizem que o critério moral que orienta essas éticas é distinto, em muitos casos, quando se considera os indivíduos sencientes e o sofrimento dos animais silvestres no núcleo de suas lógicas. Vocês referem uma tese da incompatibilidade e outra que chamam de tese da rejeição,

SUMÁRIO



a partir da qual argumentam que a visão ambiental deve ser rejeitada em nome da ética animal por duas razões: a visão ambientalista é inconsistente ou inverossímil e, como já dito, não considera o sofrimento dos animais silvestres (p.2).

Em síntese, vocês sustentam que essas visões éticas não são intercambiáveis, como geralmente se pensa, inclusive no pensamento acadêmico. Além disso, apresentam a visão da ética animal a partir de duas afirmações: *"os indivíduos sencientes são moralmente consideráveis, independentemente da pertença a espécies"* e *"nossas razões morais mais fortes são dadas pelos interesses desses indivíduos"* (p.2).

Nesse contexto, vocês apresentam a noção de senciência como *"a capacidade de ter experiências positivas – como o prazer – e negativas – como o sofrimento"* (p.4), ou seja, o bem-estar animal. Vocês também dizem que *"to the best of our scientific knowledge, all vertebrates and some invertebrates (like octopuses) are sentient, and it being possible that many other invertebrates are too"* (p.3) e que, baseados nessa compreensão, devemos considerar as diferentes alternativas que temos que podem beneficiá-los ou prejudicá-los. Não fazer isso significa especismo, discriminação similar ao racismo e ao sexismo.

Dito isso, pergunto: você saberia dizer como os aportes sobre o racismo e o sexismo⁹⁴, já mais aceitos e incorporados na academia (a despeito de muitas vezes se encontrarem ameaçados), estão correlacionados com e poderiam ajudar a sustentar a crítica ao especismo?

EZE – Há primeiro uma conexão lógica, que é esta: os mesmos argumentos que mostram por que o sexismo ou o racismo são discriminações injustas, mostram também por que o especismo é uma discriminação injusta. De forma que, se um indivíduo se opõe ao racismo e ao sexismo, as mesmas razões deveriam levá-lo a se

SUMÁRIO

opor ao especismo. Essa é uma relação lógica entre eles. A razão provável, que é empírica – que eu não trabalhei, porque não tenho conhecimentos empíricos e sou filósofo –, mas, sim, sei que existe a hipótese entre especialistas em psicologia social que consideram que nossas atitudes a favor da existência de hierarquias sociais têm a ver com uma estrutura psicológica que chamam de orientação para a dominância social, que é a que faz com que nos pareça atraente a existência dessas hierarquias sociais. De forma que os indivíduos que pontuam alto em *orientação para a dominação social* costumam pontuar alto também em uma atitude positiva em relação a todas essas discriminações que são manifestações de distintas hierarquias sociais, hierarquias baseadas na raça, no gênero, na espécie.

Se essa hipótese for correta, outra hipótese derivada dela seria que estratégias que permitam minimizar a orientação para a dominância social permitem, ao mesmo tempo, não apenas reduzir nossa atitude favorável ao sexismo e ao racismo, mas também ao especismo. E que, por outra parte, estratégias e instituições que fortaleçam, que favoreçam a orientação para a dominância social favorecerão a prevalência dessas atitudes hierárquicas, como o racismo, o sexismo e o especismo. Mas, de um ponto de vista empírico, não posso dizer nada mais sobre isso.

LUÍS – Outra questão é se poderíamos/deveríamos rejeitar a ética ambiental (que vem operando, por exemplo, a partir da escolha de “espécies emblemáticas”, como pandas, coalas⁹⁵ e baleias, desde uma lógica “mais biológica”, que considera a importância das populações, das comunidades e sua relação com o meio abiótico) em favor da ética animal, como uma crítica que consideraria o prazer ou sofrimento de cada indivíduo, sem lhes sobrepor razões de conservação/preservação ancoradas no valor das entidades naturais e de seus processos? Qual seria o papel da “intervenção positiva” aqui?



SUMÁRIO

EZE – Para esclarecer, aqui há duas posições éticas que perseguem objetivos distintos e que dão importância distinta a esses objetivos. Há um objetivo que é a preservação de entidades e processos naturais. Há outro objetivo que é que os indivíduos sencientes tenham as melhores vidas possíveis. O que fazemos quando esses dois objetivos entram em choque entre si? Temos que decidir qual prevalece: se prevalece a preservação das entidades e processos naturais, de forma que alcançar esse objetivo pode justificar causar danos aos indivíduos sencientes; ou se prevalece o objetivo de que os sencientes tenham as melhores vidas possíveis, ainda que isso implique na não preservação dessas entidades e processos naturais.

A posição que outros e eu defendemos é: a preservação das entidades e processos naturais não é um objetivo em si mesmo, mas, em todo caso, é um instrumento a mais para alcançar que os indivíduos sencientes tenham as melhores vidas possíveis. Então, quando para alcançar esse objetivo devemos preservar as entidades e processos naturais tal como estão, é isso o que temos que fazer. Ou, quando para alcançar que os indivíduos sencientes tenham as melhores vidas possíveis devemos modificar as entidades e processos naturais, é isso o que temos que fazer. Isso também impacta em quais devem ser nossas prioridades de conservação.

Se não nos importamos com os indivíduos sencientes, se o que nos importa é preservar certas espécies porque estão em perigo, então acreditaremos que devemos destinar recursos para preservar essas espécies, ainda que não sejam os indivíduos que mais precisam de ajuda. Se acreditamos que o que temos que fazer é ajudar os indivíduos sencientes a terem melhores vidas, talvez, com os recursos escassos que temos, nossa prioridade não deva ser – não sei! – salvar baleias, mas impedir a pesca de atuns, porque os atuns sofrem muito mais danos do que podem sofrer as baleias, e há muito mais atuns do que baleias.



SUMÁRIO



LUÍS – Você tem ideia da repercussão (ou, pelo menos, a imagina) dessa análise no campo da racionalidade científica vigente, isto é, da biologia, ecologia, engenharia e manejo ambiental, entre outras áreas, incluindo as políticas públicas⁹⁶ que “administram” a natureza? E, se tiver, para além da recepção em alguns desses grupos, tal crítica tem provocado outras formas de pensar e agir, ou de diálogo com vocês (seja individualmente ou coletivamente, como o CAE), sobre as práticas controversas e “feitas em nome da Ciência”? Há exemplos?

EZE – Em primeiro lugar, creio que ainda não houve uma exposição muito ampla dos especialistas em ecologia a essa posição ética de ajudar os indivíduos que vivem na natureza. Isso é o que realmente importa. Minha impressão a respeito daqueles que já foram expostos a ela é de rejeição. Às vezes, trata-se de uma rejeição porque não se compreendeu bem qual é essa posição, pois acreditam que o que estamos defendendo é a ideia de que se deve intervir na natureza para ajudar os animais quaisquer que sejam as consequências e que, portanto, não estamos levando em conta o risco de danos.

Isso, evidentemente, é falso, porque não seria uma boa posição ética, já que o que realmente queremos é que tenham as melhores vidas possíveis; portanto, sim, é necessário intervir, como disse, quando realmente dispomos dos conhecimentos e dos meios que nos permitem fazê-lo com um risco aceitável. Às vezes, a rejeição não decorre da incompreensão, mas de uma divergência ética profunda. Talvez seja por especismo, porque, de fato, há indivíduos que acreditam que os animais não importam.

Mas também pode ser porque acreditam que a natureza importa em si mesma, ou que é necessário preservá-la tal como é, em benefício das gerações futuras. Em alguns casos, não se trata de especismo, mas da crença de que a natureza possui um valor intrínseco que faria com que, independentemente dos danos sofridos pelos animais, os seres humanos não tenham permissão moral

SUMÁRIO



para tentar modificar o que a natureza é, o que o universo é; que isso seria um exercício de antropocentrismo, de dominação humana. Penso que essa é uma posição confusa.

Acredito que, ainda que quem a sustente não o conceba dessa forma, o que de fato está defendendo é uma posição antropocêntrica. Porque não é o que diriam se os interesses em jogo fossem de outros seres humanos. Só dizem isso porque se trata dos interesses dos animais não humanos e porque veem os seres sencientes não humanos como uma comunidade separada dos humanos, de modo que seria algo negativo que os seres humanos tentassem ajudá-los ou interferir em suas vidas. Algo que não diriam se fossem seres humanos. Portanto, não se trata de um especismo consciente, mas sim, creio, de um especismo implícito ao estabelecer essa separação radical entre seres humanos e animais não humanos que vivem na natureza, em favor de uma ideia de não interferência.

LUÍS – Considerando o seguinte excerto do texto (Faria e Paez, 2019) – “What we argue here is that animal ethics and environmental ethics are incompatible moral positions, and that the latter must be rejected. This, of course, entails that we believe that those who endorse environmentalism in any of those political movements are mistaken” (p.4), e este de outro texto de vocês (*Why environmentalism cannot beat denialism: an antispeciesist approach to the ethics of climate change*), quando afirmam que “only an antispeciesist approach is equipped to take into account the possible negative and positive effects of climate change on all sentient beings, thereby correctly assessing its overall value and deriving the reasons we may have to interfere with it” (Faria e Paez, 2019, p.71) – como você lida com a compreensão de que, ao realizar análises como essas, que solapam as bases das políticas públicas ambientais e, por certo, os aportes científicos que supostamente lhes dão sustentação, vocês estão colocando as práticas usuais de “cabeça para baixo” e, por isso, podem (individual e coletivamente, como grupo) sofrer a pressão de

SUMÁRIO



uma imensa engrenagem já em funcionamento e que “luta” por seus interesses e existência? Há “vozes” de ativistas ou de cientistas que os apoiem nessa direção? De que modo?

Ainda, na p.9, vocês perguntam ou, melhor dizendo, sintetizam sua posição: *“Como seria uma visão consistente e plausível? Em primeiro lugar, ela rejeitaria o especismo e aceitaria que o bem-estar de indivíduos sencientes em circunstâncias semelhantes é igualmente relevante. Em segundo lugar, ela implicaria, naturalmente, que devemos ajudar os seres humanos que sofrem por causas naturais. Implicaria também que meros objetivos ambientalistas não podem justificar causar danos aos humanos. De modo semelhante, concluiria que, no que diz respeito aos animais não humanos, intervenções negativas devem ser evitadas e intervenções positivas em seu favor devem ser realizadas”*. E, além disso, em favor da rejeição à ética ambientalista, que preconiza o ambiente sobre o indivíduo, sustentando que “a natureza é boa”, vocês dizem que *“As evidências contra essa visão, entretanto, são suficientemente contundentes para rejeitá-la. Os animais em estado selvagem levam vidas curtas e repletas de sofrimento, que frequentemente terminam em mortes horríveis. (...) A morte e o sofrimento, e não o bem-estar, são esmagadoramente predominantes na natureza.”* (Faria e Paez, 2019, p.9).

Assim, mais uma vez, faço a mesma pergunta que dirigi à Catia Faria⁹⁷ quando ela e Núria (Faria e Almirón, 2019) afirmam que os “animais de vida livre na natureza [devem ser considerados] como beneficiários de ajuda”. Mas, como se diz, a ajuda aqui é a humana e também, ou supostamente, com a participação da “mesma ciência”, ou melhor, da mesma racionalidade científica antropocêntrica/especista da ética ambiental conservacionista que é criticada: nesse sentido, que tipo ou que características deve ter essa ciência que se espera ajude os animais de vida livre, especialmente ao se considerar a seguinte frase, no texto *Humans may be unique and superior — and that is irrelevant* (Paez, 2019): *“Temos o dever de nos tornar seus cuidadores, utilizando nossas maiores capacidades científicas*

SUMÁRIO



e tecnológicas para aliviar ou prevenir os danos naturais que eles sofrem.” (p.2)? Que tipos de conhecimento, decisões e práticas essa ciência deve colocar em circulação?

EZE – Há certos especialistas em biologia animal e ecologia que estão tentando construir uma disciplina científica alternativa à biologia e à ecologia da conservação, que seria a biologia do bem-estar. A diferença entre essas disciplinas não está na ciência. Elas compartilham o mesmo método científico, baseiam-se nas mesmas evidências. A diferença está nos objetivos éticos que perseguem. É verdade que o conservacionismo, a ciência da conservação, costuma se apresentar como eticamente neutra, mas isso não é correto, pois a preservação dos ecossistemas, das espécies, das entidades naturais é um objetivo ético. O que é estritamente científico e neutro é todo o conhecimento e todos os instrumentos colocados a serviço desse objetivo, mas o objetivo em si é político. A diferença é que a biologia do bem-estar tem como objetivo que os animais tenham as melhores vidas possíveis e, como um de seus meios – mas não como finalidade –, a conservação. Portanto, não se trata de uma discussão entre posições científicas e não científicas, mas entre duas disciplinas, ambas baseadas no método e nas evidências científicas, que perseguem objetivos éticos e políticos distintos.

LUÍS – Se não me engano, Catia Faria (2023) menciona alguns exemplos, como o caso da vacinação contra a poliomielite em chimpanzés estudados por Jane Goodall. Mas você saberia dizer se há outros exemplos ou se existem estudos que se dedicaram a elaborar planos de intervenção diante das ameaças mais constantes decorrentes das mudanças climáticas, como incêndios, inundações, epidemias etc.?

EZE – Para além dos exemplos que você provavelmente já leu nos textos de Catia Faria, como a vacinação de primatas, a ajuda a animais famintos ou durante o inverno, campanhas de vacinação, não existem políticas públicas baseadas em uma biologia do bem-estar. Não há ordenamentos jurídicos ou comunidades políticas que

SUMÁRIO



tenham adotado um paradigma não-antropocêntrico na gestão dos ecossistemas e dos animais silvestres. Como sempre, é possível tentar reformas que avancem nessa direção, embora ainda estejamos longe de alcançar esse objetivo.

Um exemplo, que ocorreu no Estado espanhol, são tentativas de incluir a proteção dos animais silvestres nos planos de proteção civil em casos de catástrofes naturais. É totalmente comum que existam protocolos que estabelecem como salvar populações humanas diante de um incêndio, inundação, terremoto, o que seja. Esses protocolos raramente dizem algo sobre o que fazer com os animais não humanos silvestres. Talvez alguns protocolos mencionem animais de companhia ou animais de fazenda – mas porque possuem valor econômico, não porque sejam considerados em si –, mas geralmente nada dizem sobre como ajudar os animais da floresta em chamas ou os que correm risco de morrer afogados em uma inundação. Alterar nossos protocolos de proteção civil para contemplar esses casos pode ser uma forma viável de avançar rumo a uma gestão compassiva dos ecossistemas e de ajudar os animais que sofrem com danos naturais.

LUÍS – Como a ética animal, na perspectiva aqui tratada por vocês, pode/deve contribuir para a crítica a esse tipo de racionalidade científica (que é dominante)? Seria uma ciência que investiga e coloca em curso o bem-estar dos animais não humanos? Se assim for, como e sob quais premissas compatibilizar o bem-estar dos coelhos/lebres com o bem-estar dos lobos, o que envolve afetar o bem-estar dos coelhos/lebres?

EZE – Com relação à racionalidade científica ou ao método científico, eu, de início, nego que seja especista ou antropocêntrico em qualquer sentido. O método científico não é especista em nenhum aspecto; ele apenas indica como devemos proceder para considerar que certas hipóteses causais estão falseadas ou resultam aceitáveis de acordo com evidências obtidas experimentalmente. O que é uma

SUMÁRIO

questão ética é: quais métodos de obtenção de evidência científica são eticamente aceitáveis e quais não são? E, nesse ponto, sim, temos atitudes especistas, porque consideramos que certos métodos de obtenção de evidência científica são moralmente inaceitáveis devido aos danos que causariam aos seres humanos, como experimentos involuntários em humanos, enquanto consideramos aceitável causar danos semelhantes a animais não humanos. Há, evidentemente, uma incoerência aqui e, portanto, nossa atitude em relação a quais métodos de obtenção de evidências são aceitáveis ou não deveria ser não-especista. A ciência, porém, em si mesma, não é nem especista nem não-especista.

Com relação à segunda pergunta, a situação ideal que, portanto, define qual deve ser nosso objetivo, é que os animais que são predadores, ou que necessitam causar danos a outros animais para sobreviver, não precisem fazê-lo, de modo que outros animais não padeçam tais danos. Talvez não exista, atualmente, nenhum meio para alcançar esse objetivo sem causar um mal maior do que o que queremos evitar. E, portanto, lamentavelmente, deveríamos aceitar que fenômenos como a predação continuassem a existir. Mas, mesmo que seja assim, deveríamos encarar isso com tristeza, deveríamos lamentar não podermos fazer nada contra a predação. Seria moralmente incorreto que nossa atitude fosse neutra ou positiva, no caso de não podermos fazer nada.

Talvez, felizmente, um dia tenhamos os meios para que não seja necessário que os predadores causem danos a outros animais para sobreviver. Se um dia tivermos esses meios e, efetivamente, pudermos mudar as coisas sem gerar mais dano do que o que pretendemos evitar, então deveríamos fazê-lo. Suponhamos que vivêssemos em um mundo cujos ecossistemas não tivessem predação. Se alguém propusesse introduzir a predação como uma nova relação natural, considerariamos isso moralmente horrível, pois significaria introduzir um grande mal no mundo. Se um dia tivermos os meios para eliminar a predação, sem que isso gere mais danos, deveríamos



SUMÁRIO



ter a mesma atitude de horror diante de alguém que propusesse não o fazer, de alguém que propusesse manter a predação apenas porque “as coisas sempre foram assim”.

LUÍS – Esta questão segue, em grande medida, as anteriores, mas, agora, a partir da seguinte frase do texto *Preserving nature for the benefit of all sentient individuals* (Paez, 2020): “Além disso, apenas entidades conscientes podem ser sencientes, isto é, possuir a capacidade de experimentar estados com valência positiva ou negativa, como prazer e sofrimento. Ser senciente é condição necessária para ter interesses em alcançar o primeiro e evitar o segundo — para ter um bem-estar que pode ser aumentado ou reduzido pelas ações de outros seres sencientes ou por eventos naturais. Seres sencientes são os únicos tipos de indivíduos que possuem reivindicações morais e para os quais podemos ter obrigações morais.” (p.2). Gostaria de perguntar: por que salvar a natureza para a posteridade deveria incluir critérios que nos permitissem escolher “beneficiar e salvar” apenas os seres sencientes? (Se compreendi bem!) Eles não dependeriam de uma interação com outros seres vivos, até agora considerados como não-sencientes, assim como com as “coisas” (nutrientes, minerais, vegetais, interações com bactérias e fungos etc.)? E, além disso, que tipo de “lugar” seria esse, em uma “natureza já desfeita” pela ação antrópica, onde esses animais não humanos sencientes viveriam a partir de uma escolha do animal humano? Esse “lugar” não seria, a partir dessa especulação, já completamente antrópico/especista?

EZE – Em primeiro lugar, há dois sentidos de natureza. Há natureza em sentido amplo, que se refere a tudo o que existe: um computador, um edifício, um planeta, um coelho. Tudo é natural porque tudo o que existe decorre das leis físicas. Nada atua contra elas. Tudo é física, tudo é natural. Há um sentido mais restrito de natureza, que é tudo o que ocorre independentemente da ação humana. É certo que, na medida em que – para que todos os indivíduos sencientes tenham as melhores vidas possíveis –, mudamos coisas mediante a ação

SUMÁRIO



humana (coisas que, sem ela, teriam ocorrido de outra forma), isso já não é natureza no sentido restrito do termo. Isso é verdade, mas é absolutamente irrelevante do ponto de vista ético. Não importa se, pelo fato de ter sido afetado pela ação humana, em vez de natural em sentido estrito, devemos chamá-lo de outra forma, porque, do ponto de vista ético, a única questão que importa é: essas são as melhores condições de vida para os indivíduos sencientes ou não? Se são, é o que devemos fazer. Se não são, devemos fazê-lo de outra maneira.

Por que isso não é especista? Uma intervenção seria especista se fosse realizada sob a crença de que os interesses dos seres humanos importam mais do que os dos animais não humanos. Se nossos objetivos de mudança da natureza estão baseados na ideia de que os interesses de todos os indivíduos sencientes importam igualmente, e de que todos devem ter as melhores vidas possíveis, isso não seria especista. Que não seja especista é compatível com o fato de que possamos nos equivocar ao tentar promover tais mudanças: podemos errar por não identificar corretamente quais são os interesses reais dos animais não humanos, ou, ainda, por identificá-los corretamente, mas equivocar-nos nos meios. Esses dois tipos de erro também estão presentes em nossas intervenções de ajuda em relação aos seres humanos. No caso dos animais não humanos, há a dificuldade epistêmica adicional de que eles não podem nos comunicar seus interesses com a mesma sofisticação que outros seres humanos, quando se comunicam linguisticamente conosco. Provavelmente, como há maior risco de erro, isso significa que nosso limiar de certeza deve ser muito mais elevado, até que sintamos que está permitido intervir. Mas é falso concluir, a partir disso, que nunca devemos tentar nenhuma intervenção, que nunca é permitido ajudar.

LUÍS – De certa maneira, “que mundo seria esse?” é a pergunta que vocês fazem no texto *Moral circle expansion: a promising strategy to impact the far future* (Anthis e Paez, p.7), que compreendo como uma espécie de manifesto ou de carta lançada ao futuro, considerando a

SUMÁRIO

ação humana no passado e no presente, assim como, a partir da ciência e da tecnologia, e de suas diferentes promessas, em relação ao futuro. Nesse “manifesto” está, por assim dizer, a presença da humanidade no futuro e a decisão sobre “o destino” das espécies sencientes. Isso se expressa no seguinte trecho: “...*dado o potencial da humanidade para continuar existindo por milhares de anos, para a colonização de outros planetas ou para a capacidade tecnológica de criar grandes números de seres sencientes*” (p.7). Além disso, vocês perguntam: “...*os humanos também devastam o meio ambiente natural. Se isto é o que os humanos têm feito com o nosso poder atual sobre apenas um planeta, o que poderíamos fazer em escala galáctica?*”” (p.7). Assim, nesse “mundo”, qual seria a importância da expansão (positiva) do círculo moral? Saberíamos, desde hoje, e a partir de diferentes instâncias (acadêmico-científica, política e econômica, por exemplo), além da ética, como expandi-lo e sob quais premissas?

EZE – Como fazê-lo? A resposta curta é que não sei. Não sei por que é uma questão empírica como lograr, de fato, que os seres humanos expandam de forma resiliente seu círculo moral para incorporar os demais animais, outras entidades sencientes e as gerações futuras. A única coisa que posso dizer é que, provavelmente, será necessário implementar dois tipos de estratégias ao mesmo tempo. Uma que tenha a ver com tentar mudar nossas crenças, explicar às pessoas por que o especismo é incorreto.

Mas haverá outra que é igualmente importante, que consiste em mudar nossas estruturas econômicas e nossas instituições políticas, porque parece que somos menos resistentes a mudar nossas crenças quando nossa conduta já mudou, e não o contrário. Isto é, se conseguimos uma economia na qual existem alternativas ao consumo de animais — porque há tipos de carne artificial ou de peixe artificial, e esses produtos são mais baratos do que os derivados da exploração animal —, então as pessoas podem acessar essas alternativas de forma muito mais barata, sem precisar mudar seus hábitos

SUMÁRIO



alimentares. Esse é um tipo de mudança institucional que favorecerá enormemente a mudança nas crenças das pessoas e fará com que uma mudança na expansão do círculo moral seja mais resiliente.

Portanto, quem quer melhorar o mundo para os animais não deve apenas se dedicar a fazer filosofia e explicar por que está errado explorar os demais animais, ou por que devemos ajudar os animais silvestres, mas deve também, com igual importância, mudar as instituições econômicas para que haja um mercado com melhores produtos que não derivem da exploração animal; encontrar alternativas à experimentação animal que sejam atrativas para a comunidade científica; e promover mudanças legislativas que consolidem certas transformações na atitude da sociedade, uma vez que já tenham ocorrido, de modo a tentar impedir que retrocedam. Assim, não sei qual seria o melhor desenho estratégico, mas uma crença plausível que tenho é que a melhor estratégia incorporará todas essas dimensões ao mesmo tempo.

LUÍS – No texto *Lenguaje especista, naturaleza y libertad* (Paez, 2024), você inicia dizendo que o capítulo pretende tratar dos animais silvestres, “... os quais, em geral, não têm recebido a devida atenção por parte de ativistas e acadêmicos” (p.147), com o objetivo de revisar certas expressões relativas a eles que utilizamos ordinariamente e sobre as quais não refletimos, mantendo, possivelmente, o especismo. Você escolhe, para tanto, discutir duas palavras: “natureza” e “liberdade”, considerando que são usadas de maneira equivocada em relação aos animais silvestres. A primeira, empregada no sentido amplo de proteger a natureza, sem considerar os animais humanos e os demais animais não humanos; a segunda, que infere que os animais não humanos que não estão sob controle direto dos humanos são “livres”. Você refuta ambas as interpretações.

Você afirma também que o que importa, quando se fala de natureza, não é a distinção entre humanos e não humanos, mas “entre entidades não sencientes e indivíduos sencientes, pertençam

SUMÁRIO



à espécie que pertençam" (p.151), pois "os animais silvestres não devem ser percebidos como objetos a serem geridos, mas como sujeitos cujos interesses devemos levar em conta para determinar quais intervenções na natureza e políticas públicas ambientais devem ser levadas a cabo" (p.151-2, grifo do autor). Aqui faço uma pergunta próxima daquela sobre a pessoa não-humana (se é que posso associar pessoa não-humana com senciência), ou seja, gostaria de saber se há, por exemplo, leis (na Espanha ou na Europa) já vigentes que tenham como pressuposto principal a senciência, mais do que o meio ambiente?

Na p.153, você propõe trabalhar com o conceito de liberdade como não dominação, ou seja, o animal é livre enquanto não está dominado. Afirmo ainda que "em nossas sociedades, a situação dos animais não humanos domesticados é semelhante à da escravidão" [como no exemplo do amo benevolente], mas que, no caso das granjias, os animais não estão sujeitos a amos benevolentes (p.154). Por outro lado, você também argumenta que os animais não humanos silvestres que não estão diretamente sob a vontade dos humanos tampouco são livres no sentido pleno da palavra, uma vez que nossas práticas — como a caça, a pesca, a expansão imobiliária, os resíduos contaminantes, as mudanças climáticas, entre outras — os afetam. E eles "não são livres exatamente pelas mesmas razões que os animais sob controle direto não o são: encontram-se sob dominação humana" (p.156). Além disso, não são livres devido à "pobreza de opções a que estão expostos" (p.156).

Por fim, diante do que foi exposto, você afirma que "...devemos, pois, evitar falar de *animais em liberdade* para nos referirmos aos animais silvestres, já que isso obscurece sua situação total e política de dominação" (Paez, 2024, p.156-7, grifo do autor). Em conclusão, você sustenta que, além de revisar "os conceitos com os quais nos referimos a eles", é necessário promover uma mudança em nossas instituições sociais e políticas.

SUMÁRIO

EZE – A primeira pergunta, sobre leis na Espanha ou na Europa que tenham como pressuposto principal a senciência. Sim, elas existem, mas sua eficácia é limitada. No artigo 13 do Tratado de Funcionamento da União Europeia, que é um dos dois tratados fundacionais da União Europeia, reconhece-se que os animais são indivíduos sencientes e que o fato de serem sencientes e de terem um bem-estar próprio deve condicionar tanto a legislação europeia quanto a de todos os seus países membros em uma série de áreas, como a investigação científica, a agricultura, a pecuária e a pesca. Ao mesmo tempo, afirma-se que isso deve ser compatível com o respeito a certas práticas culturais tradicionais de alguns Estados, pensando, sobretudo, em casos como a tauromaquia, na Espanha.

Isso, no entanto, impacta muito pouco a legislação europeia sobre meio ambiente, que é inteiramente antropocêntrica e conservacionista. O reconhecimento da senciência dos demais animais cumpre um papel apenas no sentido de obrigar a empregar meios menos danosos para a gestão ambiental *ao matar indivíduos de certas espécies*. É um papel, mas é mínimo, não é o princípio em que se apoia toda a legislação. O mesmo ocorre com a legislação europeia sobre experimentação animal: a União Europeia reconhece que, dada a senciência dos animais submetidos à experimentação, o objetivo último deve ser eliminar a experimentação com animais. Enquanto isso, estabelecem-se normas para reduzir o número de animais sujeitos à experimentação e para minimizar os danos que recebem. Na legislação sobre a exploração de animais em fazendas também se assume que eles são indivíduos com um bem-estar próprio e estabelecem-se medidas para minimizar o sofrimento que vivenciam na exploração, no transporte e na morte. Tudo isso, claro, é muito insuficiente de um ponto de vista não-especista.

No caso do Estado espanhol, obviamente, toda essa legislação europeia é aplicável, como Estado membro. Além disso, desde 2023, a Espanha conta com a primeira Lei estatal de Proteção dos Direitos e do Bem-Estar dos Animais, que reconhece que os animais

SUMÁRIO



são indivíduos sencientes. Essa lei, no entanto, *aplica-se apenas aos animais de companhia*. Reconhece-se que os animais de companhia são indivíduos sencientes, que têm um bem-estar próprio, do qual derivam certos direitos à vida e ao bom trato; mas essa lei aplica-se somente a gatos, cães, furões e a todos aqueles animais considerados de companhia, justamente os que já têm as melhores condições de vida.

Desde 2022, se não me engano, o Código Civil espanhol reconhece que todos os animais são indivíduos sencientes. Reconhece que não são coisas, mas sim uma categoria jurídica distinta, tanto das coisas quanto das pessoas humanas. No entanto, o regime jurídico ao qual devem estar submetidos segue sendo, na prática, o mesmo das coisas: continuam sendo objetos sobre os quais os seres humanos têm direitos de propriedade. Isso teve impacto, por exemplo, em casos de separação ou divórcio, nos quais passou a existir a obrigação de decidir o destino dos animais de companhia em comum, não em função de quem era o proprietário, mas levando em conta aquilo que fosse melhor para os próprios animais. Isso representa, claramente, uma relativização da importância dos direitos de propriedade e uma maior valorização dos interesses do animal. Mas, em termos gerais, nossa estrutura jurídica segue baseada no antropocentrismo, no conservacionismo ou em uma mescla de ambos. Nos últimos anos, a consideração da senciência animal começou a introduzir algumas mudanças tímidas em normas já existentes, mas trata-se de um acréscimo posterior, e ainda falta muito para que realmente se converta em um valor fundamental de toda essa estrutura jurídica.

Em seguida, temos a pergunta sobre por que os animais na natureza tampouco são livres. Isso tem a ver com a concepção de liberdade política que me parece mais persuasiva: a concepção republicana de liberdade, que costuma se opor à concepção liberal. De acordo com a concepção liberal, um indivíduo é livre na medida em que ninguém interfira em sua vida. Portanto, a partir dessa

SUMÁRIO



concepção liberal, talvez pudéssemos dizer que, se não interferimos nas vidas dos animais selvagens, eles são livres. Vivem vidas ruins, mas ao menos são livres. Já a concepção republicana considera que isso não é suficiente para que possamos afirmar que um indivíduo é livre: é necessário que ele seja imune ao poder de interferência dos outros. O simples fato de que os demais não interfiram em sua vida não significa que seja livre; significa apenas que é livre quando os outros não têm o poder de interferir em sua vida. Nós, seres humanos, temos poder para interferir nas vidas dos animais selvagens — outra coisa é que, por boa vontade, preguiça ou qualquer outro motivo, decidamos não exercer esse poder. Mas, de fato, os animais selvagens, como todos os animais, estão sob nosso poder. Por isso, não podemos dizer que sejam livres.

Do ponto de vista republicano, a única forma de garantir a liberdade dos animais selvagens seria, como para todos os animais, estabelecer toda uma estrutura institucional que assegure que os seres humanos não possam interferir em suas vidas — exceto quando isso seja necessário para protegê-los de interferências de outros humanos — e que garanta que esses animais tenham, em suas liberdades fundamentais, um leque de opções tão rico e significativo quanto aquele que garantimos aos seres humanos. É essa necessidade de assegurar que os animais selvagens disponham de opções tão ricas e significativas em suas liberdades básicas quanto as nossas que justifica, a partir da concepção republicana de liberdade, que possamos intervir nos ecossistemas para evitar que sofram certos danos — para que não morram de fome, de sede, de calor ou de doenças.

LUÍS – Há uma autora dos Estudos Culturais, Devon Powers (2022), que afirma que os estudos sobre futuros são muito importantes para que os deixemos nas mãos das grandes corporações e plataformas e que, portanto, nós (pessoas comuns e acadêmicas/os) deveríamos pensar em como colonizar o futuro. Isso, pode-se dizer, é uma estratégia de poder e resistência. Nas demais entrevistas perguntei: a que

SUMÁRIO



caminhos a tua trajetória até aqui te leva a pensar no que fazer ou no que precisa ser feito no futuro próximo? Mas, considerando o teu texto com Jacy Anthis (2021), *Moral circle expansion: promising strategy to impact the far future*, e o seguinte parágrafo do texto – “Como os animais selvagens constituem a maioria dos indivíduos sencientes e é possível que grande parte deles tenha um bem-estar negativo, parece particularmente relevante determinar se eles poderiam ou deveriam ser a próxima fronteira, depois dos animais domesticados, do círculo moral em expansão. Assim como a humanidade, em geral, já não considera correto negar cuidados a seres humanos que sofrem por causas naturais — como um desastre natural que atinge um país estrangeiro —, talvez um dia possamos considerar errado não atender ao bem-estar dos animais selvagens, oferecendo-lhes abrigo, alimento e água quando forem atingidos por esses mesmos desastres naturais.” (Anthis & Paez, 2021, p.6) – pergunto: como vês, no futuro próximo e no mais distante, a expansão do círculo moral humano incluindo todos os seres sencientes, seja nas políticas públicas, seja na academia ou na vida cotidiana dos animais humanos e de suas escolhas e ações?

EZE – Há duas coisas aqui. Como estamos falando sobre o futuro, não me atrevo a dizer se, realmente, o círculo moral se expandirá como penso que deve se expandir, ou se, ao contrário, se retrairá. Mas acredito em duas coisas. Primeiro, que é racional ser otimista, porque nos últimos duzentos anos vimos uma grande expansão do círculo moral dos seres humanos, maior do que em qualquer outro momento da história. Em apenas dois séculos passamos a aceitar como normal, como ordinário, que todos os seres humanos devem estar dentro do círculo moral e que importam igualmente, independentemente de seu gênero, raça, orientação sexual, identidade sexual etc.

Isso não significa que todo mundo aceite, mas que, sim, para uma ampla maioria, essa é considerada a posição normal; o outro ponto de vista é o anômalo. Também conseguimos que se aceite que os interesses de pelo menos alguns animais, como os animais

SUMÁRIO



de companhia, importam, e que os dos outros animais importam em alguma medida, já que temos algumas regras que protegem seu bem-estar de alguma forma — como no caso dos animais de fazenda. Essas são evidências de que, ao menos quando se criam circunstâncias econômicas e políticas adequadas, é possível uma grande expansão do nosso círculo moral. Isso, penso, nos dá razões para sermos otimistas: se conseguimos preservar essas condições econômicas e políticas, poderemos continuar expandindo nosso círculo moral. Creio que, para isso, é necessário construir sistemas econômicos que permitam que todos os seres humanos tenham vidas boas.

Caso contrário, penso que é impossível manter sistemas democráticos e uma cidadania informada, educada, com tempo e recursos para pensar eticamente sobre aqueles que não se parecem com eles — como os animais. Além disso, precisamos preservar instituições políticas democráticas e uma sociedade civil forte, articulada em movimentos sociais que defendam democraticamente todas essas causas. Penso que essas são as condições mínimas para mantermos o otimismo e acreditarmos que no futuro continuaremos expandindo nosso círculo moral.

LUÍS – Para terminar, já agradecendo esta longa conversa, pergunto: há algo mais que consideras importante dizer para uma audiência (brasileira), em grande parte ainda distante das discussões sobre filosofia nos Estudos Críticos Animais?

EZE – Sim, gostaria de dizer algo. Gostaria de encorajar todas as pessoas que querem defender os animais a considerarem militar em partidos políticos de seus países, porque é a única forma de introduzir com força esse tema dentro das diferentes estruturas partidárias; e que cada um o faça no partido que mais se ajuste às suas próprias convicções, inclusive se forem pessoas que se situam à direita. É importante que a defesa dos animais seja transversal, tanto à direita quanto à esquerda. Encorajo a fazê-lo porque esse é um espaço absolutamente necessário de ser ocupado para que, de fato,

SUMÁRIO



alcancemos as mudanças institucionais que os animais precisam. Não basta ser vegano, não basta pertencer a movimentos sociais que atuam fora das instituições — é necessário também atuar dentro das próprias instituições.

REFERÊNCIAS

ANTHIS, Jacy Reese; PAEZ, Eze. Moral circle expansion: a promising strategy to impact the far future. *Futures*, v. 130, p. 1-11, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.futures.2021.102756>.

ARANCETA-REBOREDO, Olatz. And what about the animals? A case study comparison between China's Panda diplomacy and Australia's Koala diplomacy. *Animal Ethics Review*, v. 2, n. 1, p. 78-93, 2022.

CRUZ, Elizeu Pinheiro da. Quando biólogos olham para os bichos: caatinga, ecologia e zoologia entre vida, trabalho e morte. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 26, n. 57, p. [intervalo de páginas], maio/ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832020000200005>.

FARIA, Catia; PAEZ, Eze. It's splitsville: why animal ethics and environmental ethics are incompatible. *American Behavioral Scientist*, [s.l.], p. 1-14, 2019. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0002764219830467>. Acesso em: [data].

FARIA, Catia; PAEZ, Eze. Why environmentalism cannot beat denialism: an antispeciesist approach to the ethics of climate change. In: ALMIRÓN, Núria; XIFRA, Jordi (org.). *Climate change denial and public relations: strategic communication and interest groups in climate inaction*. London: Routledge, 2020. p. 59-73. DOI: 10.4324/9781351121798-5.

PAEZ, Eze. Becoming the good shepherds. *Animal Sentience*, v. 25, n. 30, 2019. DOI: 10.51291/2377-7478.1470.

PAEZ, Eze. Humans may be unique and superior — and that is irrelevant. *Animal Sentience*, v. 23, n. 26, 2019. DOI: 10.51291/2377-7478.1403.

PAEZ, Eze. Preserving nature for the benefit of all sentient individuals. *Animal Sentience*, v. 27, n. 18, 2020. DOI: 10.51291/2377-7478.1551.

PAEZ, Eze. A republic for all sentient: social freedom without free will. *Pacific Philosophical Quarterly*, [s.l.], 16 mar. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1111/papq.12351>.

PAEZ, Eze. Lenguaje especista, naturaleza y libertad. In: FARIA, Catia; ALMIRÓN, Núria (coords.). *Especismo y lenguaje*. Madrid: Plaza y Valdés, 2024. p. 147-158.

POWERS, Devon. Em direção aos estudos culturais futuristas. In: SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos Santos; KARNOPP, Lodenir Becker; WORTMANN, Maria Lucia Castagna (orgs.). *O que são estudos culturais hoje? Diferentes praticantes retomam a pergunta do International Journal of Cultural Studies*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

SUMÁRIO



6

Eze Paez

LA LIBERTAD ANIMAL COMO NO DOMINACIÓN Y EL DEBER DE AYUDAR A LOS ANIMALES SILVESTRES

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-674-6.6



Eze Paez es investigador Ramón y Cajal en el grupo de Derecho y Filosofía de la Universidad Pompeu Fabra (Barcelona). Es licenciado y máster en Derecho por la misma institución, donde también obtuvo el doctorado en Filosofía Moral. Su investigación se centra en el desarrollo de una teoría republicana de la ciudadanía de los animales no humanos y en la reflexión sobre nuestras obligaciones éticas de ayudar a los animales silvestres que sufren daños de origen natural. Ha publicado en revistas internacionales de alto impacto como *Analysis*, *Inquiry*, *Pacific Philosophical Quarterly*, *Utilitas*, *Bioethics* y *Environmental Values*, y articula su producción académica con actividades de divulgación científica sobre el antiespecismo y con el activismo político en defensa de los animales no humanos.

PESTS: <https://www.upf.edu/web/pests/about-us>

SUMARIO



LUÍS - ¿Como usted hablaría de Eze Paez? ¿Quién sois?⁹⁸

EZE - Soy investigador Ramon y Cajal en el *Law & Philosophy Group* de la Universitat Pompeu Fabra (UPF), miembro del UPF-CAE y mi tema de investigación es ¿Cuáles son nuestras obligaciones morales y políticas hacia los animales? En concreto, me interesan, últimamente, dos cosas. Primera, cómo podemos fundamentar la ciudadanía de los animales no humanos desde una concepción republicana de la libertad y de la justicia. O sea, desde una concepción que entiende que el valor político más importante es la libertad como no dominación, que un individuo es libre en una sociedad en la medida que tiene un conjunto de libertades fundamentales protegidas frente al poder de interferencia de otros y en la medida en que participa del control democrático de las instituciones. En qué medida tiene sentido sostener la ciudadanía animal desde esta concepción de la libertad.

Segundo, otro problema que me interesa mucho es determinar cuáles son nuestras obligaciones éticas de ayudar a los animales silvestres, a los animales que viven en la naturaleza, no solo cuando están sufriendo daños por la acción humana, sino también cuando están sufriendo daños por causas naturales. La tesis que yo defiendo – no solo yo, sino otros autores que han trabajado esto durante mucho más tiempo, como Catia Faria u Oscar Horta, es si rechazamos el especismo, y creemos que nuestras obligaciones con los animales son las mismas que con los seres humanos, entonces tenemos la obligación de ayudarles también en estos casos.

Después, intento complementar mi tarea de investigación – ¡siempre lo he intentado! – con activismo a favor de los derechos de los animales. En el pasado colaboraba con una organización, que todavía existe, la Fundación Ética Animal⁹⁹, que fue fundada por Oscar Horta, para educar a los activistas sobre el especismo, sobre nuestras obligaciones con los animales, tanto en bajo control humano como animales silvestres. Desde hace unos años, intento hacer mi activismo más enfocado en introducir la protección de los

SUMARIO



derechos de los animales en los partidos políticos, que son los que más incidencia directa tienen en las instituciones.

LUÍS - ¿Quién son tus compañeros animales no humanos?

EZE - Esto, lamentablemente, ha cambiado en el último año. Ahora mismo, mi compañera y yo convivimos con dos animales no humanos. Una gata, de nueve años, llamada Pipina, que fue rescatada de la calle por mi compañera, antes de conocerme a mí. Y una paloma, de tres años, llamada Calimera, que rescatamos de la calle. Estamos muy contentos de convivir con Calimera, pues hemos aprendido mucho sobre las palomas. Es un honor y un placer poder conocer cómo es realmente una paloma cuando tiene una vida feliz, cuando esta cuidada, sana, alimentada, cuando no tiene miedo, cuando vive sin ningún tipo de estrés; la confianza que muestra en nosotros; cómo siempre quiere estar con nosotros y se relaciona como vemos que un perro, un gato harían, buscándonos, siguiéndonos, queriendo estar con nosotros. Y ha sido todo un aprendizaje - ¡inevitablemente, ahora sufro mucho más cuando veo palomas en la calle, porque ahora su dolor es mucho más cercano! Hasta marzo, además, convivíamos con otro gatito, Pilucho, que tenía ya 19 años, y que lamentablemente murió. Pero siempre le estaremos agradecidos por enseñarnos a amar, a cuidar. Él siempre se preocupaba por nosotros cuando estábamos tristes o cuando su compañera gata no estaba bien.

LUÍS - ¿Cuál es la relación de Pipina con la paloma?

EZE - Pues, Pipina es una gata muy asustadiza, probablemente por lo mal que le pasó cuando, siendo bebe, vivía en la calle. En cambio, Calimera tiene mucha confianza en sí misma, porque nunca ha le pasado nada y ella no conoce otra vida que estar con nosotros, porque era muy bebe cuando la recogimos. Calimera tiene la disposición a estar con Pipina y molestarla un poco, pero Pipina tiene demasiado miedo y se va corriendo. En realidad, es la paloma quien tiene una personalidad mucho más dominante que la gata.

SUMARIO



LUÍS - En el proceso de consolidación de su carrera como investigador, ¿cómo y cuándo surge el interés de abordar, desde el ámbito académico y/o activista, el tema de los animales o de la ética animal?

EZE - Yo siempre estuve interesado en la filosofía moral y en la filosofía política en general, pero no fue hasta poco antes de acabar el doctorado, cuando empecé a interesarme en serio en la ética animal. Cuando yo acababa el doctorado fue cuando Catia Faria llegó aquí a continuar su doctorado. Ella sí trabajaba en ética animal. Empecé a conocer el tema en serio a partir de ella, conocí también a quien fue su director de tesis, Oscar Horta, experto en ética animal de ámbito internacional. Fue a partir de mis conversaciones con ellos, a partir de trabajar con ellos, cuando me di cuenta de la importancia de la disciplina y que, realmente, estaba motivado para que mi investigación posdoctoral se centrara en ella. Desde entonces, desde que me doctoré en 2014 que empecé a trabajar exclusivamente en ética animal.

LUÍS - Desde tu área de origen, ¿cómo ves la conexión entre el campo de la Filosofía y del Derecho con el tema de la ética animal? ¿Crees que el paradigma antropocéntrico que, podemos decir, es el origen y la sustentación de esas dos áreas del conocimiento, está cambiando o podrá cambiar, de alguna manera, bajo los aportes de la filosofía animal y del derecho animal? En este sentido, ¿podemos hablar de una filosofía animal y de un derecho animal? Catia Faria y usted escriben sobre los intereses de los animales, comprendidos, por cierto, desde la interpretación de una racionalidad humana. ¿Crees que el derecho defiende los intereses de los animales o, antes, de los humanos frente a los animales? ¿Como sería un derecho animal fundado en los intereses animales?

EZE - Es cierto, más del Derecho que de la Filosofía, que estas son disciplinas que asumen un antropocentrismo moral, esto es, la idea que los intereses de los seres humanos importan más que de los demás animales, porque son intereses de los seres humanos. Esto es menos cierto de la filosofía, porque en la filosofía siempre ha habido

SUMARIO



autores que han defendido alguna postura que podríamos llamar antiespecista, desde hace milenios y, sobre todo, desde los años 70 del siglo XX que, realmente, se empieza a construir esta disciplina filosófica que llamamos ética animal, que tiene que ver con hacer filosofía moral, filosofía política desde una posición que no es especista.

Entonces, desde el punto de vista filosófico, claramente, se puede hacer filosofía de manera no antropocéntrica y se hace mucha filosofía desde una posición no antropocéntrica. Por supuesto, hay aún mucho por recorrer en este sentido. Es gracias a la reflexión en filosofía moral no antropocéntrica y la filosofía política no antropocéntrica que encontramos - todavía tímidos intentos de construir sistemas jurídicos que no sean antropocéntricos. No existen, no ha habido ningún sistema jurídico que no sea antropocéntrico. No se ha intentado, todavía, construir ningún sistema jurídico que no sea antropocéntrico, pero sí que encontramos propuestas de cambio para dotar de mayor protección a los intereses de los animales. Cambios que son necesarios para algún día, ojalá, tener sistemas jurídicos que no sean antropocéntricos. Aquí hablo desde intentos de mejorar las normas que protegen los intereses de los animales de compañía o que reducen el sufrimiento de los animales que son explotados en granjas hasta intentos de dotar de personalidad jurídica y de derechos fundamentales algunos animales no humanos, como los grandes simios o los cetáceos. Nada de esto, por sí solo, en absoluto, construye un sistema jurídico que no sea antropocéntrico, pero todos son cambios en la dirección adecuada.

LUÍS - La antropóloga brasileña, Ciméa Bevilaqua, estudió el caso de una chimpancé y de una orangutana, llamadas Sandra y Cecilia¹⁰⁰, las cuales, con el fin de un zoo en la ciudad de Buenos Aires, quedarán se "sin lugar". Las organizaciones de protección a los animales hicieran una serie de movimientos y conseguirán que, por medio de la justicia, a las dos fuera otorgado la condición de *personas no humanas*, teniendo así, con base que vivieran todas sus vidas en

SUMÁRIO



cautiverio, derecho de recibir protección, cuidado, bienestar y recursos para ponerlas a vivir en un santuario.

¿Como interpretas a esta figura de *persona no humana*? ¿Tal figura no reiteraría, más una vez, la condición antropocéntrica de la cual se quiere alejar? ¿Esto ha pasado aquí en España o en otros países de la Unión Europea? ¿Sabes se tal otorgación del *status* de *persona non humana* ten garantizado la vida y el bien estar de estos animales ('agentes mudos') o, se, junto o, por el contrario, como tiene acontecido en otros lugares, ay un rechazo de los animales humanos por estos animales no humanos por supuestamente recibieren más cuidados o "ganaren más dinero" que 'otros' animales humanos por parte de las esferas públicas, por ejemplo? En el contexto de tuyas investigaciones, ¿como ves que esta figura "ético-jurídica" de *persona no humana* pueda ayudar a los animales no humanos en sus intereses desde la frase que dices en el texto *A republic for all sentients - social freedom without free will: "Ser uma pessoa [humana] livre, então, é ser cidadã/cidadão em uma comunidade política de iguais."* (Paez, 2021, p.2)?

EZE - Aquí hay dos cuestiones. Una es la cuestión de dar personalidad jurídica a los animales no humanos. Otra cuestión, conceptualmente distinta, es si deben ser ciudadanos porque no se sigue necesariamente de tener personalidad jurídica que se deba tener la condición de ciudadanía. En nuestras comunidades políticas, hay muchos seres humanos, todos tienen personalidad jurídica, unos son ciudadanos, otros no son ciudadanos.

La cuestión de la personalidad jurídica tiene que ver con si el derecho considera que una entidad es apta para ser titular de derechos subjetivos o, si, por el contrario, es una entidad que no puede tener derechos subjetivos, pero, si puede ser objeto de los derechos de propiedad que los demás tengamos sobre esta entidad. Entonces, si defendemos sistemas jurídicos, comunidades políticas que no sean antropocéntricas, es necesario reconocer que los animales no

SUMARIO



humanos sintientes no pueden ser objetos de nuestros derechos de propiedad, sino que deben ser entidades con capacidad para tener derechos propios, por tanto, entidades con personalidad jurídica. En nuestros ordenamientos jurídicos ya existen personas jurídicas no humanas, como la administración pública, las empresas, las asociaciones, las fundaciones. Todas estas son entidades con personalidad jurídica, son entidades ficticias, no son personas humanas, por tanto, son personas no humanas. Entidades no humanas con personalidad jurídica.

La cuestión, ahora, sería reconocer también personalidad jurídica a otras entidades que tampoco son humanas, que son los animales no humanos sintientes. Que tengan derechos que protejan sus intereses más fundamentales. Igual que nuestros intereses más fundamentales están protegidos por esos derechos. Que los animales estén igualmente protegidos, es necesario para que sus intereses puedan recibir la tutela de los tribunales, por ejemplo, para que esos derechos/intereses estén atrincherados constitucionalmente, que no puedan ser vulnerados por leyes aprobadas por el poder legislativo. Y, también, para que los seres humanos, que tengan encargado el cuidado sobre esos animales, tengan que respetar esos intereses.

LUÍS – En tuyo texto, *Becoming the good shepherds* (2019), dices algo que es compartido por otros textos de las investigadoras del CAE, cual sea, que los animales no humanos sufren, sea en las granjas, sea en la naturaleza – “*they also have lives in which suffering predominates, even if it’s due to natural events rather than human agency*” (p.1). Catia Faria (2023) llega a decir que la depredación sobre ellos en la naturaleza ocasiona sufrimiento¹⁰¹, así como la muerte de inúmeros individuos en la vida temprana en el caso de los animales que tienen como estrategia reproductiva, evolucionada a lo largo del tiempo, tener una larga prole sin ejercer cuidados parentales (como las tortugas, los peces, los anfibios, de manera más general). Sí, yo comparto que eso provoque sufrimiento, la muerte o el herimiento del

SUMARIO



animal no humano vivo por la mordida del otro animal no humano, su depredador, ¿pero, eso no es parte de la naturaleza “salvaje” – “o como ella es” – y que, en gran medida, en los discursos conservacionistas se quiere mantener y proteger? Sí así no es, ¿qué tipo de ‘naturaleza’ es esta en que se quiere que los animales (o más bien, los individuos animales no humanos) no sufran? ¿No sería esta una ‘nueva naturaleza’ desde la comprensión del animal humano, algo que se rechaza en la crítica antiespecista? Me Gustaría comprender un rato más este argumento, lo cual recae más do que sobre la población, sobre la vida del individuo, sobre la cual se debería intervenir “si estuviéramos suficientemente ciertos de que no produciríamos más mal do que bien” (p.1) en la dirección de atender sus intereses en no sufrir (p.3). ¿Lo que tiene haber la sintiencia con esto? Y, ¿cómo este argumento ético bajo la sintiencia hace o no articulación con la ecología de las poblaciones?

Aún en la página 2 de *Becoming the good shepherds* (2019), hablando de las ovejas y de otros animales no humanos, dices que “Furthermore, we need some moral theory. In this sense, it is obvious that a majority of people in human societies believe that it is permissible to harm sheep (or pigs, cows, hens and fishes for that matter) so that we can enjoy their meat, make clothes out of them, or advance our biomedical knowledge. At most, they believe it would be nice if we could obtain all those things without inflicting so much suffering on these animals” (p.2).

O sea, algo similar a lo que Olatz Aranceta-Reboredo (2022) llamó de “paradoxo Peppa Pig”, al decir que a los niños les encanta *Peppa Pig*, pero que lo mismo no se pasa cuando se trata del propio cerdo, a quien comen (quizá) sin hacer relaciones con el personaje. En esta parte del texto, ¿podrías comentar la siguiente frase “causar menos daños es bueno, pero no causar daños es mejor” cuando rebates la posición especista de otros autores que dicen que deberíamos conocer más a las ovejas para explótalas mejor, sin hacer daños innecesarios?

SUMARIO

EZE - Hay que distinguir dos problemas distintos. Si tenemos razones para aliviar o eliminar el sufrimiento por causas naturales que padecen los individuos sintientes, sean humanos o no humanos – ¡esta es la cuestión ética de fondo! –, y luego esta otra cuestión que, en parte, es estratégica. Si, dado el conocimiento que tenemos de cómo funcionan los ecosistemas, dado los instrumentos que tenemos en nuestro alcance, podemos intervenir en la naturaleza para ayudar a los animales que viven en ella, de forma que no cause más daño que queremos evitar o si no tenemos la capacidad para hacer eso. Lo cierto es que sí creemos que los intereses de todos los individuos sintientes importan, con independencia de su especie y del lugar donde vivan, y creemos que tenemos razones para aliviar el sufrimiento por causas naturales que padecen los seres humanos o los animales no humanos bajo el control humano, como los animales de compañía. Salvo que nos contradigamos, salvo que seamos incoherentes, tenemos que aceptar que también tenemos razones para aliviar el sufrimiento por causas naturales de los animales que viven en la naturaleza. Y nuestro objetivo ético último tiene que ser que ellos tengan, también, las mejores vidas posibles.

La cuestión es, esto no es una tarea fácil y el razonamiento ético nos tiene que llevar a concluir que tenemos la obligación de no intervenir, para intentar ayudarles, si creemos que hacerlo puede ser contraproducente, porque vamos a generar más daño que el queremos evitar, porque no tenemos el conocimiento o los medios suficientes.

Pero esto, a su vez, implica que si estamos en una circunstancia en la que tenemos los medios y el conocimiento suficientes para hacer una intervención que nos garantice que no causará más daño que queremos evitar, entonces, deberíamos hacerlo. Y, también, implica que tenemos, aún más importante, una obligación de investigar para mejorar nuestro conocimiento sobre cómo funcionan los ecosistemas y mejorar nuestros medios para estar cada vez en mejor posición para ayudarles. El hecho de que unos daños sean



SUMARIO

producidos por causas naturales no es una buena consideración para concluir que esos daños no importan moralmente. Porque, desde mi punto de vista, la naturaleza no tiene ningún valor intrínseco, la naturaleza es simplemente como son las cosas, como es el universo, y el universo es el resultado de fuerzas impersonales, que no tienen como objetivo que los individuos sean felices; las leyes físicas no persiguen ningún objetivo inherentemente valioso. En cambio, yo creo que lo que, sí es inherentemente valioso desde un punto de vista ético es que los individuos sintientes tengan las mejores vidas posibles. Si esto implica que es necesario intervenir y modificar la naturaleza para lograrlo, en la medida que podemos hacerlo sin causar más daño del que queremos evitar, es nuestra obligación intentarlo.

LUÍS - Aún, en el final de p.2 y en el inicio de la tres, haces lo que yo entiendo como "argumentación reversa", o sea, trae argumentos que los animales humanos no denegarían con relación a otros animales humanos (como a los niños o aquellos individuos con severos comprometimientos cognitivos) para argumentar que, si así es, también debe serlo para los animales no humanos como las ovejas y otros. Así, ¿podrías hablar del valor (estratégico) de ese tipo de silogismo para la ética animal?

EZE - Sobre el valor estratégico del silogismo, el silogismo en cuestión al que te refieres - entiendo - es lo que en ética animal llamamos del *argumento de la superposición de especies*. Es decir, si no estás dispuesto a aceptar estas implicaciones éticas para los seres humanos, porque te parecen horribles, entonces, tampoco las tienes que aceptar para los animales no humanos. Este argumento tiene un claro valor lógico o argumentativo, porque muestra que, para ser coherente, o bien tienes que aceptar que podemos dañar los seres humanos de formas que usualmente nos parecen horribles, o bien tienes que aceptar que no podemos causar esos daños a los animales no humanos - ¡y éste es un gran valor argumentativo!



SUMARIO



Tu pregunta por el 'valor estratégico', entiendo que tiene que ver con la capacidad de persuasión subjetiva que ese argumento tiene, más allá de si es un buen argumento desde un punto de vista formal o no. Desconozco datos científicos sobre la capacidad persuasiva de este argumento. Sólo tengo datos anecdóticos, por tanto, lo que yo he percibido cuando he presentado este argumento a los demás. Y yo diría que, en la mayoría de las ocasiones, la gente no quiere renunciar a la creencia de que hay ciertos daños que no es permisible hacer a los seres humanos, con los cual están más dispuestos a aceptar que los intereses de los animales humanos importan más de que lo creían. Hay otros individuos que, genuinamente, creen que no, que los intereses de esos seres humanos que no tienen capacidades cognitivas sofisticadas cuentan tan poco como la dos demás animales y que simplemente les tratamos como si fueran seres humanos típicos porque es una ficción socialmente útil. Pero creo que una mayoría de la gente, sí, se siente persuadida por este argumento de la superposición de especies.

LUÍS - Ahora, déjame presentar el siguiente escenario, en una pregunta que en Brasil llamaríamos de 'hacer el papel del abogado del diablo': de hoy en adelante, todos los animales humanos se convierten en veganos, no más haciendo uso de la carne, la piel, lo que sea de origen animal no humana. ¿Lo que pasaría a estes millones de animales, de individuos bajo el control directo humano? ¿Para cuales lugares ellos "volverían", ya que domesticados (o esclavizados) y lejos, en el tiempo y el espacio, de donde vivían originalmente?

EZE - Bueno, esos animales no irían a ninguna parte. Sencillamente dejarían de existir con el paso del tiempo. El problema logístico sucedería si toda la explotación animal desapareciera a la vez, porque esto quiere decir que, sencillamente, no tendríamos recursos para que todos los animales no humanos que, actualmente, están sujetos a la explotación tuvieran vidas buenas. Probablemente nuestra única solución sería eutanasiar a la mayoría de ellos, porque, si no, se morirían de hambre. No tendríamos recursos asumiendo un escenario

SUMARIO

donde la explotación animal desaparece progresivamente, estoy queriendo decir que cada vez existirían menos de estos animales no humanos, porque cada vez existirían menos de ellos bajo explotación, y cuando las últimas explotaciones desaparecieran, la solución más benevolente sería que los animales que, todavía, siguieran existiendo, cuando la explotación animal desapareciera, vivieran cuidados en santuarios. Quizá, con el paso de los siglos, quedarían en algunos santuarios algunos descendientes de vacas o de cerdos, ovejas. Pero, el 99,9% de todos estos animales desaparecerían. Por supuesto, porque solo existen por el interés económico en críalos. Sé que esta es una pregunta que hace mucha gente, pero lo cierto es que no resulta problemático, en absoluto.

LUÍS - En el texto *It's Splitsville: why animal ethics and environmental ethics are incompatible*, de Catia Faria con usted (2019), ustedes dicen que el criterio moral que orienta esas éticas es distinto, en muchos casos, cuando se considera los *individuos sintientes* y el sufrimiento de los animales silvestres en el núcleo de sus lógicas. Hablan de una *tesis de la incompatibilidad* y de otra que llaman de *tesis del rechazo*, desde la cual argumentan que la visión ambiental debe ser rechazada en nombre de la ética animal por dos razones: la visión ambientalista es inconsistente o inverosímil y, como ya dicho, no considera el sufrimiento de los animales silvestres (p.2).

En síntesis, ustedes sustentan que estas visiones éticas no son intercambiables, tal como generalmente se piensa, mismo en el pensamiento académico. Además, presentan la visión de la ética animal a partir de dos afirmaciones: "*los individuos sintientes son moralmente considerables, independientemente de pertenencia a especies*" y "*nuestras razones morales más fuertes están dadas por los intereses de estos individuos*" (p.2). En este contexto, presentan la noción de sintiencia como "*la capacidad de tener experiencias positivas – como el placer – y negativas – como el sufrimiento*" (p.4) o sea, el bien estar animal. Ustedes también dicen que "*to the best of our scientific knowledge, all vertebrates and some invertebrates (like*



SUMÁRIO



octopuses) are sentient, and it being possible that many other invertebrates are too" (p.3) y que, embazados en tal comprensión, debemos considerar las diferentes alternativas que tenemos que poden beneficiarlos o dáñalos. No hacer eso significa especismo, discriminación similar al racismo y el sexismo.

Dicho esto, pregunto: ¿sabrías decir como los aportes cerca del racismo y del sexismo¹⁰², ya más aceptados e incorporados en la academia (a despecho de muchas veces se encontraren amenazados), están correlacionados con y podrían ayudar a sostener la crítica al especismo?

EZE - Hay primero una conexión lógica, que es esta: los mismos argumentos que muestran por qué el sexismo o el racismo son discriminaciones injustas, muestran también por qué el especismo es una discriminación injusta. De forma que, si un individuo está opuesto al racismo y al sexismo, las mismas razones deberían llevarle a oponerse al especismo. Esta es una relación lógica entre ellos. La razón probable, que es empírica – que yo no he trabajado, porque no tengo conocimientos empíricos y soy filósofo –, pero, sí, sé que existe la hipótesis entre expertos en psicología social que consideran que, nuestras actitudes a favor de la existencia de jerarquías sociales tienen que ver con una estructura psicológica a la que llaman *orientación hacia la dominancia social*, que es la que hace que nos resulten atractivas la existencia de esas jerarquías sociales. De forma que los individuos que apuntan alto en la orientación hacia la dominación social suelen apuntar alto en una actitud positiva hacia todas estas discriminaciones que son manifestaciones de distintas jerarquías sociales, jerarquías basadas en la raza, en el género, en la especie. Si esta hipótesis es cierta, otra hipótesis alemana a esta sería que estrategias que permitan minimizar la orientación hacia la dominancia social permiten, a la vez, no solo reducir nuestra actitud favorable hacia el sexismo y el racismo, sino, también, el especismo. Y, que, por otra parte, estrategias e instituciones que fortalezcan, que favorezcan la orientación hacia la dominancia social favorecerán la

SUMARIO



prevalecía de estas actitudes por jerarquía, como el racismo, sexismo y especismo. Pero, desde un punto de vista empírico, no puedo decir nada más sobre ello.

LUÍS – Otra cuestión es si podríamos/deberíamos rechazar la ética ambiental (que viene operando, por ejemplo, a partir de la elección de ‘especies emblemáticas’ como pandas, koalas¹⁰³ y ballenas, por ejemplo, desde una lógica “más biológica”, que considera la importancia de las poblaciones, las comunidades y su relación con el medio abiótico) frente a la ética animal como una crítica que consideraría el placer o sufrimiento de cada individuo, sin les sobrepasar razones de conservación/preservación ancladas en el valor de las entidades naturales y sus procesos? ¿Cuál sería el papel de la “intervención positiva” aquí?

EZE - Para aclarar, aquí hay dos posiciones éticas que persiguen objetivos distintos a los que dan importancia distinta. Hay un objetivo que es la preservación de entidades y procesos naturales. Hay otro objetivo que es que los individuos sintientes tengan las mejores vidas posibles. ¿Qué hacemos cuando estos dos objetivos chocan entre sí? Tenemos que decidir cuál prevalece, si prevalece la preservación de las entidades y procesos naturales, de forma que lograr este objetivo puede justificar dañar los individuos sintientes o se prevalece el objetivo de que los sintientes tengan las mejores vidas posibles, aunque esto conlleve la no preservación de estas entidades y procesos naturales. La posición que otros y yo defendemos es: la preservación de las entidades y procesos naturales no es un objetivo en sí mismo, sino que, en todo caso, es un instrumento más para lograr que los individuos sintientes tengan las mejores vidas posibles.

Entonces, cuando para lograr ese objetivo debemos preservar las entidades y procesos naturales tal y como están, eso es lo que tenemos que hacer. O, cuando para lograr que los individuos sintientes tengan las mejores vidas posibles, debemos modificar las entidades y procesos naturales, eso es lo que tenemos que hacer.

SUMARIO

Esto también impacta en cuáles deben ser nuestras prioridades de conservación. Si no nos importa los individuos sintientes, si lo que nos importa es preservar ciertas especies porque están en peligro, entonces, crearemos que debemos destinar recursos para preservar a esas especies, aunque no sean los individuos que más necesitan ayuda. Si creemos que lo que tenemos que hacer es ayudar a que los individuos sintientes tengan mejores vidas, quizá, con los recursos escasos que tenemos, nuestra prioridad no debe ser - ¡no sé! - salvar a ballenas, sino impedir la pesca de atunes, porque los atunes sufren muchos más daños de lo que pueden sufrir las ballenas, y hay muchos más atunes y que ballenas.

LUÍS - ¿Tienes idea de la repercusión (o, pelo menos, la imagina) de este análisis en el campo de la racionalidad científica vigente, o sea, de la biología, ecología, ingeniería y manejo ambiental, entre otras áreas, incluyendo las políticas públicas¹⁰⁴ que 'administran' la naturaleza? Y, se tienes, se, para allá de la recepción en algunos de estos grupos, ¿tal crítica ha provocado otras formas de pensar y actuar, o de dialogo con ustedes (sea individual o colectivamente como CAE), sobre las prácticas controvertidas y 'hechas en nombre de la Ciencia'? ¿Hay ejemplos?

EZE - Em primero lugar, creo que, todavía no ha habido una exposición muy amplia de los expertos en ecología a esta posición ética de ayudar a los individuos que viven en la naturaleza. Eso es lo que importa realmente. Mi impresión al respecto de aquellos que sí han estado expuestos a ello es de rechazo. As veces es un rechazo porque no ha se comprendido bien cual es esta posición, porque creen que lo que estamos defendiendo es que hay que intervenir en la naturaleza para ayudar a los animales sean cuales sean las consecuencias, y que, por tanto, no estamos teniendo en cuenta el riesgo de daños.

Eso, por supuesto, es falso porque no sería una buena posición ética, porque lo que realmente queremos es que tengan las



SUMARIO



mejores vidas posibles; por tanto, sí hay que intervenir, como he dicho, cuando realmente tenemos los conocimientos y los medios que nos permiten hacerlos con un riesgo aceptable. A veces, el rechazo no es por incompreensión, sino porque, realmente, hay una discrepancia ética profunda. Quizá es por especismo, porque realmente son individuos que creen que los animales no importan. Pero, sí creen que la naturaleza importa en sí misma, o creen que es necesario preservarla tal como está en beneficio de las generaciones futuras. A veces no es por especismo, sino por creer que la naturaleza tiene un valor en sí misma que hace que, con independencia de los daños que los animales tengan, los seres humanos no tienen moralmente permitido intentar cambiar como es la naturaleza, como es el universo, que eso sería un ejercicio de antropocentrismo, de dominación humana. Yo creo que esta es una posición confusa.

Creo que, aunque quienes la sostienen no lo conciben así, realmente eso que están defendiendo es una posición antropocéntrica. Porque no es lo que dirían si los intereses que estuvieran en juego fueran de otros seres humanos. Solo dicen eso porque son intereses de los animales no humanos y ven a los sintientes no humanos como una comunidad separada de los seres humanos y que sería algo malo que los seres humanos intentaran ayudarles e interfirieran en sus vidas. Cosas que no dirían si fueran seres humanos. Por tanto, nos es una cuestión de especismo consciente, pero, sí, creo que hay un especismo implícito al establecer esa separación radical entre seres humanos y animales no humanos que viven en la naturaleza, a favor de quienes no habría que interferir.

LUÍS – Considerando el siguiente extracto del texto (Faria y Paez, 2019) – *"What we argue here is that animal ethics and environmental ethics are incompatible moral positions, and that the latter must be rejected. This, of course, entails that we believe that those who endorse environmentalism in any of those political movements are mistaken"* (p.4), y, este de otro texto de ustedes (*Why environmentalism cannot beat denialism: an antispeciesist approach to the*

SUMARIO



ethics of climate change), cuando afirman que *"only an antispeciesist approach is equipped to take into account the possible negative and positive effects of climate change on all sentient beings, thereby correctly assessing its overall value and deriving the reasons we may have to interfere with it"* (Faria y Paez, 2019, p.71) - ¿Cómo lidas con la comprensión de que, al hacer análisis como estas, que solapan las bases de las políticas públicas ambientales e, por supuesto, los aportes científicos que supuestamente le dan soporte, estás poniendo las prácticas usuales de *cabeza abajo* y, por esto, puedes (individual y colectivamente, como grupo) sufrir la presión de una inmensa maquinaria ya puesta en funcionamiento y 'peleando' por sus intereses y existencia? ¿Hay 'voces' de activistas o científicos vos apoyando en esta dirección? ¿Como?

Aún, En la p.9 ustedes preguntan o, más bien, tal como lo entiendo, sintetizan su posición: *"What would a consistent and plausible view be like? First, it would reject speciesism and accept that the well-being of sentient individuals in similar circumstances is equally relevant. Second, it would imply, of course, that we should help human beings suffering from natural causes. It would also imply that mere environmentalist goals cannot justify harming humans. Similarly, it would conclude that, regarding nonhuman animals, negative interventions must be avoided and positive interventions in their behalf ought to be carried out"*. Y, además, a favor del rechazo a la ética ambientalista, que preconiza el ambiente sobre el individuo, creyendo que la "la naturaleza es buena", ustedes dicen que *"the evidence against this view, however, is compelling enough to reject it. Animals in the wild lead short lives full of suffering that often end in horrible deaths. (...) death and suffering, not well-being, are hugely prevalent in nature"* (Faria y Paez, 2019, p.9).

Desde entonces, otra vez, hago la misma pregunta que hice a Catia Faria cuando ellas (Faria y Almirón, 2019) dicen que los *"animales de vida libre en la naturaleza [deben ser considerados] como beneficiarios de ayuda"*. Pero, como dice, la ayuda aquí es la humana

SUMARIO



y, también, o supuestamente con la participación de la “misma ciencia”, o mejor, de la misma racionalidad científica antropocéntrica/especista de la ética ambiental conservacionista que es criticada: Así, ¿qué tipo o que características tiene que tener esta ciencia que se espera ayudar los animales de vida libre, especialmente cuando se considera la siguiente frase, en el texto *Humans may be unique and superior — and that is irrelevant* (Paez, 2019), “*we have a duty to become their caretakers, using our greater scientific and technological abilities to alleviate or prevent the natural harms they suffer*” (p.2)? ¿Qué tipos de conocimiento, decisiones y prácticas tal ciencia debe poner en circulación?

EZE - Hay ciertos especialistas en biología animal y ecología que están intentando construir una disciplina científica alternativa a la biología y a la ecología de la conservación, que sería la biología del bienestar. La diferencia entre estas disciplinas no tiene que ver con la ciencia. Ellas comparten el mismo método científico, están basadas en las mismas evidencias. La diferencia está en los objetivos éticos que persiguen. Es cierto que el conservacionismo, la ciencia de la conservación, suele presentarse como éticamente neutral, pero no es cierto, porque la preservación de los ecosistemas, de las especies, de las entidades naturales es un objetivo ético. Lo que es estrictamente científico y neutral es todo el conocimiento y todos los instrumentos que se ponen a servicio de ese objetivo, pero ese objetivo mismo es político. La diferencia está en que la biología del bienestar tiene como objetivo que los animales tengan las mejores vidas posibles, y, como uno de sus medios – pero no como objetivo –, la conservación. Por tanto, no es una discusión entre posiciones científicas y posiciones no científicas, sino entre dos disciplinas, basadas en el método y las evidencias científicas, que persiguen objetivos éticos, objetivos políticos diferentes.

LUÍS - Se no estoy equivocado, Catia Faria (2023), habla de algunos ejemplos, como el caso de la vacunación contra la poliomielitis en los chimpancés estudiados por Jane Goodall, pero ¿sabrías decir se hay

SUMARIO



otros ejemplos o se hay estudios que han se dedicado a elaborar planes de intervención frente a las más constantes amenazas debido al cambio climático, como incendios e inundaciones, epidemias, etc.?

EZE - Más allá de los ejemplos que, probablemente, ya has leído los textos de Catia Faria, como de la vacunación de simios, de ayudar animales hambrientos o en el invierno, campañas de vacunación, no existen políticas públicas basadas en una biología del bienestar. No existen ordenamientos jurídicos o comunidades políticas que hayan adoptado un paradigma no antropocéntrico en la gestión de los ecosistemas y de los animales silvestres. Como siempre, se pueden intentar reformas que vayan en esta dirección, aún que falte mucho, todavía, para que hayamos alcanzado este objetivo.

Un ejemplo, que ha sucedido en el estado español, son intentos de introducir la protección de los animales silvestres en los planes de protección civil cuando hay alguna catástrofe natural. Es totalmente habitual que haya protocolos que dicen como salvar a las poblaciones humanas ante un incendio, inundación, terremoto, lo que sea. Esos protocolos no suelen decir nada sobre qué hacer con los animales no humanos silvestres, quizá algunos protocolos dicen algo sobre animales no humanos de compañía o sobre animales no humanos que son propiedad de granjas – pero, porque tienen un valor económico, no porque sean animales no humanos –, pero no suelen decir nada de cómo ayudar a los animales del bosque que se está incendiando o los animales que están en peligro de morir ahogados en una inundación. Cambiar nuestros protocolos de protección civil para estos casos puede ser una forma fácil de avanzar hacia una gestión compasiva de los ecosistemas y de ayudar los animales que sufren por daños naturales.

LUÍS - ¿Cómo la ética animal desde la perspectiva aquí tratada por ustedes puede/debe contribuir para la crítica a este tipo de racionalidad científica (que es dominante)? ¿Sería una ciencia que investiga y pone en curso el *bienestar* de los animales no humanos? Se así

SUMARIO



lo es, ¿cómo y bajo cuales premisas compatibilizar el bienestar de los conejos/liebres frente al bienestar de los lobos, lo cual involucra afectar el bienestar de los conejos/liebres?

EZE - En respecto a la racionalidad o el método científicos, yo, de entrada, niego que sea especista, que sea antropocéntrico en ningún sentido. El método científico nos es especista en ningún sentido, simplemente nos dice cómo hay que proceder para considerar que ciertas hipótesis causales están falseadas o resultan aceptables de acuerdo con evidencias obtenidas experimentalmente. Lo que es una cuestión ética es: ¿qué métodos de obtención de evidencia científica son éticamente aceptables y cuales no lo son? Y, en este punto, sí tenemos actitudes especistas porque consideramos que ciertos métodos de obtención de evidencia científica son moralmente inaceptables por los daños que causarían a los seres humanos, como experimentos involuntarios en seres humanos, mientras que sí consideramos aceptable causar daños similares a animales no humanos. Por supuesto aquí hay una incoherencia y, por tanto, nuestra actitud sobre que métodos de obtención de evidencias son aceptables o no debería ser no especista. Pero, la ciencia no es en sí misma ni especista, ni no especista.

Con relación a la segunda pregunta, la situación ideal que, por tanto, define cuál debe ser nuestro objetivo, es que los animales que son depredadores, o que necesitan de causar daños a otros animales, para poder sobrevivir, no necesiten hacerlo, de forma que los otros animales no padezcan estos daños. Quizá no exista ningún medio para alcanzar ese objetivo sin causar un daño mayor que el que queremos evitar. Y, por tanto, lamentablemente, deberíamos aceptar que fenómenos como la depredación siguieran existiendo. Pero, incluso, si eso es así, deberíamos ver esto con tristeza, deberíamos lamentar que no pudiéramos hacer nada contra la depredación. Sería moralmente incorrecto que nuestra actitud fuera neutral o positiva, en caso de que no podamos hacer nada.

SUMARIO



Quizá, afortunadamente, un día, tengamos el medio para lograr que no sea necesario que los depredadores hagan daño a otros animales para poder sobrevivir. Si un día tenemos esos medios, y, efectivamente, podemos cambiar las cosas, sin hacer más daño del que pretendemos evitar, entonces, deberíamos hacerlo. Supongamos que viviéramos en un mundo en cuyos ecosistemas la depredación no existiera. Si alguien propusiera introducir la depredación como una nueva relación natural, lo consideraríamos moralmente horrible, porque supondría introducir un gran daño en el mundo. Si un día tenemos los medios para eliminar la depredación, sin que eso genere más daños, deberíamos sentir la misma actitud de horror frente a alguien que propusiera no hacerlo, frente a alguien que propusiera mantener la depredación simplemente porque “las cosas siempre han sido así”.

LUÍS – Esta cuestión sigue, en grande medida, las anteriores, pero, ahora, desde la siguiente frase del texto *Preserving nature for the benefit of all sentient individuals* (Paez, 2020) – “Furthermore, only conscious entities can be sentient, i.e., have the capacity for feeling states with positive and negative valences, such as pleasure and suffering. Being sentient is necessary for having interests in attaining the one and avoiding the other — for having a well-being which can be increased or reduced by the actions of other sentient beings or by natural events. Sentient beings are the only kinds of individuals who have moral claims and to whom we can owe moral obligations” (p.2) –, me gustaría preguntar ¿por qué salvar la naturaleza para la posteridad debería incluir criterios que nos permitiesen elegir “beneficiar y salvar” apenas los seres sintientes? (¡Se comprendí bien!) ¿Ellos no dependerían de una interacción con otros seres vivos, hasta ahora considerados como no sintientes, así como con las “cosas” (nutrientes, minerales, vegetales, interacciones con bacterias y hongos, etc.)? Y, además, ¿qué tipo de “lugar” sería este, en ‘una naturaleza ya deshecha’ por la acción antrópica, donde estos animales no humanos sintientes vivirían desde una elección del animal humano?

SUMARIO

¿Este 'lugar' no sería, desde esta especulación, ya completamente antrópico/especista?

EZE - En primer lugar, hay dos sentidos de naturaleza. Hay naturaleza en sentido amplio, que hace referencia a todo lo que existe, sea un ordenador, un edificio, un planeta, un conejo. Todo es natural porque todo que existe procede de las leyes físicas. Nada actúa contra ellas. Todo es física, todo es natural. Hay un sentido más restringido de natural, que es todo lo que sucede con independencia de la acción humana. Es cierto que, en la medida que – para que todos los individuos sintientes tengan las mejores vidas posibles –, mediante la acción humana cambiamos cosas (que sin la acción humana hubiera procedido de modo distinto), eso ya no es naturaleza en el sentido restringido del término. Eso es verdad, pero es absolutamente irrelevante desde un punto de vista ético. No importa nada si a eso, como ya sido afectado por la acción humana, en vez de natural en sentido estricto, le tenemos que llamarlos de otra forma, porque desde un punto de vista ético el único que importa es: ¿son esas las mejores condiciones de vida para los individuos sintientes o no lo son? Si lo son, es lo que hay que hacer. Si no lo son, habrá que hacerlo de otra forma.

¿Por qué no es especista eso? Una intervención sería especista si procede bajo la creencia que los intereses de los seres humanos importan más que los intereses de los animales no humanos. Si nuestros objetivos de cambio de la naturaleza están basados en la idea que los intereses de todos individuos sintientes importan lo mismo, y que todos los individuos sintientes deben tener las mejores vidas posibles, eso no sería especista. Que no sea especista es compatible con que nos equivoquemos al intentar generar estos cambios; que nos equivoquemos porque no hemos identificado correctamente cuáles son los intereses reales de los animales no humanos, o porque, aunque los hemos identificado correctamente, nos hemos equivocado en los medios.



SUMARIO

Esos son dos tipos de errores que están presentes también en nuestras intervenciones de ayuda hacia los seres humanos. En el caso de los animales no humanos, se da la dificultad epistémica adicional que ellos no pueden comunicarnos cuáles son sus intereses con la misma sofisticación que, sí pueden tener otros seres humanos cuando se comunican lingüísticamente con nosotros. Probablemente, como hay un mayor riesgo de cometer errores, esto quiere decir que nuestro umbral de certeza deberá ser mucho más alto, hasta que sintamos que está permitido hacer una intervención. Pero es falso que se siga, entonces, que no tenemos que intentar ninguna intervención, que nunca está permitido ayudar.

LUÍS – De cierta manera, “¿qué mundo sería ese?” es la pregunta que ustedes hacen en el texto *Moral circle expansion: a promising strategy to impact the far future* (Anthis y Paez, p.7), lo cual comprendo como un tipo de manifiesto o de una carta lanzada al futuro considerando la acción humana en el pasado y el presente, así como, desde la ciencia y la tecnología, y sus diferentes promesas, con relación al futuro. En ese ‘manifiesto’ está, por así decir, la presencia de la humanidad en el futuro y la decisión sobre ‘el destino’ de las especies sintientes. Esto se expresa en el siguiente extracto “... given humanity’s potential for continued existence over thousands of years, colonisation of other planets, or technological ability to create large numbers of sentient beings” (p.7), además, ustedes preguntan “...humans also decimate the natural environment. If this is what humans have done with our current power over just one planet, what might we do on a galactic scale?” (p.7). Así, en ‘ese mundo’, ¿cuál sería la importancia de la expansión (positiva) del círculo moral? ¿Sabríamos, desde hoy, y desde diferentes instancias (académico-científica, política y económica, por ejemplo), además de la ética, como expandirlo y bajo cuales premisas?

EZE – ¿Como hacerlo? La respuesta corta es que no lo sé. No lo sé porque es una cuestión empírica cómo lograr, realmente, que los seres humanos expandan de forma resiliente su círculo moral para

SUMARIO



incorporar a los demás animales, a otras entidades sintientes y las generaciones futuras. Lo único que puedo decir es que probablemente será necesario implementar dos tipos de estrategias a la vez. Una que tenga que ver con intentar cambiar nuestras creencias, explicar a la gente por qué el especismo es incorrecto.

Pero, habrá otra que es igualmente importante, que es cambiar nuestras estructuras económicas y nuestras instituciones políticas, porque, parece que somos menos resistentes a cambiar nuestras creencias cuando nuestra conducta ya ha cambiado que no a la inversa. Esto es, si logras una economía en la que existen alternativas al consumo de animales, porque hay tipos de carne artificial o de pescado artificial, y son más baratos que los derivados de la explotación animal y, por tanto, la gente puede acceder a esas alternativas de forma mucho más barata sin necesidad de cambiar sus hábitos alimenticios, ese es un cambio institucional que va a favorecer, muchísimo, el cambio en las creencias de la gente y hará que un cambio en la expansión de su círculo moral sea más resistente.

Por tanto, quienes queremos mejorar el mundo para los animales, no solo tenemos que dedicarnos a hacer filosofía y explicar porque está mal explotar a los demás animales, o por qué hay que ayudar los animales silvestres, sino que es tan importante como eso cambiar las instituciones económicas para que haya un mercado con mejores productos que no deriven de la explotación animal; encontrar alternativas a la experimentación con animales que resulten atractivas para la comunidad científica e intentar cambios legislativos que atrincheren ciertos cambios en la actitud de la sociedad, una vez ya se han producido, para así intentar impedir que estos cambios reviertan. Entonces, no sé cuál sería el mejor diseño estratégico, pero una creencia plausible que tengo es que la mejor estrategia incorporará todas esas cosas a la vez.

LUÍS – En el texto *Lenguaje especista, naturaleza y libertad* (Paez, 2024), empieza diciendo que el capítulo pretende hablar de los

SUMARIO



animales silvestres, "... quienes, en general, no han recibido la atención suficiente por parte de personas activistas y académicas" (p.147), desde el objetivo de revisar ciertas expresiones relativas a ellos que empleamos ordinariamente y sobre las cuales no reflexionamos, manteniendo, posiblemente el especismo. Eliges, para tanto, discutir dos palabras, 'naturaleza' y 'libertad', considerando que se las usa de manera equivocada con relación a los animales silvestres. La primera, se emplea en el sentido amplio de *proteger la naturaleza*, sin considerar los animales humanos y otros animales no humanos; la segunda, infiere que los animales no humanos que no están bajo el control directo de los animales humanos son 'libres.' ¡Usted refuta las dos interpretaciones!

Dice también que lo que interesa, cuando se habla de naturaleza, no es la distinción entre animales humanos y animales no humanos, sino "*entre entidades no sintientes e individuos sintientes, pertenezcan a la especie que pertenezcan*" (p.151), pues "*los animales silvestres no deben ser percibidos como objetos que gestionar, sino como sujetos cuyos intereses debemos tener en cuenta para determinar que intervenciones en la naturaleza y políticas públicas medioambientales deben ser llevadas a cabo*" (p.151-2, destaque del autor). Aquí hago una pregunta un poco parecida con aquella sobre la *persona no humana* (sí es que puedo asociar *persona no humana* con *sintiencia*), o sea, ¿me gustaría saber se hay, por ejemplo, leyes (en España o Europa) ya vigentes, que tienen como presupuesto principal la sintiencia, más do que el medioambiente?

En la p.153, propone que se trabaje con el concepto de *libertad como no dominación*, o sea, el animal es libre mientras no esté dominado. Aún dices que "*en nuestras sociedades la situación de los animales no humanos domesticados es semejante a la una esclava*" [como comenta en el ejemplo del amo benevolente], pero que los animales no están sujetos a amos benevolentes, como en el caso de las granjas, por ejemplo (véase p.154). Por otro lado, también argumenta que los animales no humanos (silvestres) que no están directamente

SUMARIO

bajo las voluntades de los animales humanos también no son libres en el sentido límite de la palabra, visto que nuestras prácticas, como la caza, la pesca, la expansión inmobiliaria, los residuos contaminantes, el cambio climático, entre otros, les afecta. Y ellos *"no son libres por exactamente las mismas razones que los animales bajo control directo no lo son: se encuentran bajo la dominación humana"* (p.156). Además, ellos no son libres debido a *"la pobreza de opciones a las que se enfrentan"* (p.156). Y, por fin, ante lo que ha dicho, refieres que *"...debemos, pues, evitar de hablar de animales en libertad para referirnos a los animales silvestres, ya que ello oscurece su situación total y política de dominación"* (Paez, 2024, p.156-7, destaques del autor). Por fin, concluye que además de revisar *"los conceptos con los que nos referimos a ellos"*, requiere un cambio en nuestras instituciones sociales y políticas.

EZE - La primera pregunta, sobre leyes en España o Europa que tengan como presupuesto principal la sintiencia. Sí, las hay, pero su eficacia es limitada. En el artículo 13 del Tratado de Funcionamiento de la Unión Europea, que es uno de los dos tratados fundacionales de la Unión Europea, se reconoce que los animales son individuos sintientes, y que el hecho de sean sintientes y que tengan un bienestar propio tienen que condicionar la legislación europea y la legislación de todos sus países miembros en toda una serie de áreas, como la investigación científica o como la agricultura, la ganadería, pesca; a la vez que dice que eso debe ser compatible con respetar ciertas prácticas culturales tradicionales de algunos estados, pensando, sobre todo, en casos como de la tauromaquia, en España. Esto, sin embargo, impacta muy poco en la legislación europea sobre medioambiente, que es enteramente antropocéntrica, es enteramente conservacionista, y el reconocimiento de la sintiencia de los demás animales juega un papel en la medida que obliga a emplear los medios menos dañinos para la gestión ambiental *para matar a individuos de ciertas especies*. Es un rol, pero es un rol minino, no es el principio sobre que descansa toda la legislación. Lo mismo

SUMARIO

ocurre con la legislación europea sobre investigación animal, donde la Unión Europea reconoce que, dada la sintiencia de los animales sujetos a la experimentación, el objetivo último debe ser eliminar la experimentación con animales. Mientras tanto se establecen normas para reducir el número de animales sujetos a la experimentación, y minimizar los daños que reciben. En la legislación sobre explotación animal en granjas también se deduce que son individuos con un bienestar propio y se establecen medidas para minimizar el sufrimiento que sienten en su explotación, en el transporte o en la muerte. Todo claro, muy insuficiente desde un punto de vista no especista.

En el caso del estado español, obviamente, toda esta legislación europea es aplicable, como estado miembro. Además, en el caso de España, desde 2023, tenemos una primera Ley estatal de Protección de los Derechos y el Bienestar de los Animales, que reconoce que los animales son individuos sintientes. Esta ley, sin embargo, solo se aplica a los animales de compañía. Se reconoce que los animales de compañía son individuos sintientes, que tienen un bienestar propio, que aquí se derivan ciertos derechos a la vida y al buen trato, pero, se aplica solamente a gatos, perros, hurones y a todos aquellos animales que sean considerados de compañía, que ya son los animales que mejores vidas tienen.

Desde 2022, si no recuerdo mal, el Código Civil español reconoce que todos los animales son individuos sintientes. Reconoce que no son cosas, sino que son una categoría jurídica distinta, tanto de las cosas cuanto de las personas humanas, pero que, eventualmente, el régimen jurídico al que deben estar sujetos debe ser diferente al de las cosas; De hecho, siguen sujetos a lo mismo régimen jurídico de las cosas, siguen siendo objetos sobre los cuales los seres humanos tienen derechos de propiedad. Esto ha impactado en cosas como, en casos de separación o divorcio, la existencia de la obligación de decidir el destino de los animales, que se tuvieran en común, sin tener en cuenta quién es el propietario, sino atendiendo solo a lo que es mejor para los animales. Eso es, claramente, una relajación de



SUMARIO



la importancia de los derechos de la propiedad y una mayor importancia a los intereses del propio animal. Pero, de nuevo, en general, nuestra estructura jurídica está basada en antropocentrismo, en conservacionismo o una mezcla de ambos. En los últimos años, se introduce la consideración de la sintiencia de los animales y esto está empezando a cambiar tímidamente algunas normas que ya existían. Pero, es un añadido posterior y queda mucho para que realmente se convierta en valor fundamental de toda esa estructura jurídica.

Luego, tenemos la pregunta sobre por qué los animales en la naturaleza tampoco son libres. Esto tiene que ver con la concepción de libertad política que me resulta más persuasiva, que es la concepción republicana de la libertad política, suele oponerse a la concepción liberal. De acuerdo con la concepción liberal, un individuo es libre en la medida que nadie interfiera en su vida. Por tanto, desde una concepción liberal, quizá sí podríamos decir que, en la medida en que no interfiramos en las vidas de los animales silvestres, ellos son libres. Tienen vidas malas, pero al menos son libres. Desde una concepción republicana esto no es suficiente para que puedas decir que un individuo es libre. Debe ser inmune al poder de interferencia de otros, de forma que el mero hecho que los demás no interfieran en su vida no nos dice nada sobre si es libre o no. Solo nos dice que es libre que los demás no tengan el poder para interferir en su vida. Nosotros tenemos el poder para interferir en las vidas de los animales silvestres, cosa distinta es que, por buena voluntad, por emperreza o por lo que sea, decidimos no ejercer ese poder de interferencia. Pero, de hecho, los animales silvestres, como todos los animales, están bajo nuestro poder. Por eso, no podemos decir que sean libres.

Desde un punto de vista republicano, la única forma de garantizar la libertad de los animales silvestres, sería, como de todos los animales, establecer toda una estructura institucional que garantice que los seres humanos no podemos interferir en sus vidas, excepto cuando ello sea necesario para proteger a los animales silvestres de

SUMARIO



interferencias de otros seres humanos y para garantizar que los animales silvestres tengan en sus libertades fundamentales un abanico de opciones tan rico, tan significativo, como al que garantizamos a los seres humanos. Es esta necesidad de garantizar que los animales silvestres tienen en sus libertades básicas opciones tan ricas y significativas como las nuestras, lo que justifica, desde el punto de vista de la libertad republicana, que interfiramos en los ecosistemas para impedir que sufran esos daños, para que no mueran de hambre, no mueran de sed, de calor, de enfermedades.

LUÍS - Ay una autora de Estudios Culturales, Devon Powers (2022), que dice que los estudios futurísticos son mucho importantes para que los dejemos en las manos de las grandes corporaciones y plataformas, y que, por lo tanto, nosotros (personas comunes y académicos) deberíamos pensar en *cómo colonizar el futuro*. Eso, se puede decir, como una estrategia de poder y resistencia. En las demás entrevistas pregunté ¿A que caminos tu trayectoria hasta aquí te lleva a pensar en lo que hacer o el que necesita ser hecho en el futuro próximo? Pero, considerando tuyo texto con Jacy Anthi (2021), *Moral circle expansion: promising strategy to impact the far future*, y el siguiente parágrafo del texto – “*Since wild animals constitute the majority of sentient individuals and it is possible that a great number of them have negative wellbeing, it seems particularly relevant to determine whether they could or should be the next frontier, after domestic animals, of the expanding moral circle. Just as humanity as a whole no longer thinks it is right to deny care for humans who suffer from natural causes —such as a natural disaster that strikes a foreign country— we might one day think it’s wrong not to address wild animal welfare by providing housing, food, and water to wild animals struck by those same natural disasters* (Anthis y Paez, 2021, p.6) – preguntaré: ¿como ves en el futuro, próximo y lejano, la *expansión del círculo moral humano* incluyendo a todos los seres sentientes, sea en las políticas públicas, sea en la academia o en la vida cotidiana de los animales humanos y sus elecciones y acciones?

SUMARIO

EZE - Hay dos cosas aquí. Como estamos hablando sobre el futuro, no me atrevo a decir si, realmente, el círculo moral se expandirá como creo que debe expandirse, o si, realmente, se retrotraerá. Sí que creo dos cosas. Uno, que es racional ser optimista, porque en los últimos doscientos años hemos visto una gran expansión del círculo moral de los seres humanos, mayor de que la había existido antes, en cualquier momento anterior de la historia, de forma que en apenas doscientos años hemos aceptado como normal, como ordinario, que todos los seres humanos deben estar dentro del círculo moral y que importan lo mismo, con independencia de su género, raza u orientación sexual, identidad sexual, etc.

Esto no quiere decir que todo el mundo lo acepte, pero que, sí es por una gran mayoría considerada como la posición normal; lo otro es lo anormal. También hemos logrado que se acepte que los intereses de al menos algunos animales, como los animales de compañía, importan, y que los de los otros animales importan algo, como que para que tengamos algunas reglas que protegen su bienestar de alguna forma, como los animales de granja. Estas son evidencias de que, al menos cuando se dan las circunstancias económicas y políticas adecuadas, es posible una gran expansión de nuestro círculo moral. Esto, creo, que nos da razones para que seamos optimistas; que, si logramos preservar estas condiciones económicas y políticas, podremos continuar expandiendo nuestro círculo moral. Creo que para esto tenemos que lograr sistemas económicos que permitan que todos los seres humanos tengan vidas buenas. Si no, creo que es imposible mantener sistemas democráticos y mantener a una ciudadanía informada y educada, y con tiempo y con los recursos para pensar éticamente sobre aquellos que no se parecen a ellos, como los animales. Además, necesitamos preservar instituciones políticas democráticas y una sociedad civil fuerte, que se articule en movimientos sociales que defiendan democráticamente todas esas causas. Creo que estas son las condiciones mínimas que debemos mantener para ser optimistas y si en el futuro siguiéremos expandiendo nuestro círculo moral.



SUMÁRIO



LUÍS - Por fin, ya te agradeciendo por esta larga conversación, pregunto ¿hay algo más que tu piensas que sería importante decir para una audiencia (brasileña), en grande parte, aun lejana de las discusiones sobre filosofía en los *Estudios Críticos Animales*?

EZE - Sí, me gustaría decir algo. Me gustaría animar a todas aquellas personas que quieren defender a los animales que consideren militar en partidos políticos de su país, porque es la única forma de introducir con fuerza este tema dentro de los diferentes partidos; y que cada uno lo haga desde el partido político que más se ajuste a sus propias convicciones, especialmente si son personas que tienen condiciones de derecha. Es importante que la defensa de los animales sea algo transversal, tanto a derecha como a izquierda. Animo a que lo hagan porque es un espacio que es absolutamente necesario asaltar para que, realmente, logremos los cambios institucionales que los animales necesitan. No basta ser vegano, no basta pertenecer a movimientos sociales que actúen fuera de las instituciones, es necesario actuar dentro de las propias instituciones.

REFERENCIAS

ANTHIS, Jacy Reese; PAEZ, Eze. Moral circle expansion: a promising strategy to impact the far future. *Futures*, v. 130, p. 1-11, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.futures.2021.102756>.

ARANCETA-REBOREDO, Olatz. And what about the animals? A case study comparison between China's Panda diplomacy and Australia's Koala diplomacy. *Animal Ethics Review*, v. 2, n. 1, p. 78-93, 2022.

CRUZ, Elizeu Pinheiro da. Quando biólogos olham para os bichos: caatinga, ecologia e zoologia entre vida, trabalho e morte. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 26, n. 57, p. [intervalo de páginas], maio/ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832020000200005>.

SUMÁRIO

FARIA, Catia; PAEZ, Eze. It's splitsville: why animal ethics and environmental ethics are incompatible. *American Behavioral Scientist*, [s.l.], p. 1-14, 2019. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0002764219830467>. Acesso em: [data].

FARIA, Catia; PAEZ, Eze. Why environmentalism cannot beat denialism: an antispeciesist approach to the ethics of climate change. In: ALMIRÓN, Núria; XIFRA, Jordi (org.). *Climate change denial and public relations: strategic communication and interest groups in climate inaction*. London: Routledge, 2020. p. 59-73. DOI: 10.4324/9781351121798-5.

PAEZ, Eze. Becoming the good shepherds. *Animal Sentience*, v. 25, n. 30, 2019. DOI:10.51291/2377-7478.1470.

PAEZ, Eze. Humans may be unique and superior — and that is irrelevant. *Animal Sentience*, v. 23, n. 26, 2019. DOI: 10.51291/2377-7478.1403.

PAEZ, Eze. Preserving nature for the benefit of all sentient individuals. *Animal Sentience*, v. 27, n. 18, 2020. DOI: 10.51291/2377-7478.1551.

PAEZ, Eze. A republic for all sentients: social freedom without free will. *Pacific Philosophical Quarterly*, [s.l.], 16 mar. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1111/papq.12351>.

PAEZ, Eze. Lenguaje especista, naturaleza y libertad. In: FARIA, Catia; ALMIRÓN, Núria (coords.). *Especismo y lenguaje*. Madrid: Plaza y Valdés, 2024. p. 147-158.

POWERS, Devon. Em direção aos estudos culturais futuristas. In: SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos Santos; KARNOPP, Lodenir Becker; WORTMANN, Maria Lucia Castagna (orgs.). *O que são estudos culturais hoje? Diferentes praticantes retomam a pergunta do International Journal of Cultural Studies*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.



7

Olatz Aranceta-Reboredo¹⁰⁵

COMPAIXÃO COM A DOR ANIMAL:

**ELEMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO
DE UMA EDUCAÇÃO PÓS-ANTROPOCÊNTRICA**

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-674-6.7



Olatz faz parte do grupo de pesquisa em Comunicação CrítiCC, da Universidade Pompeu Fabra (UPF), em Barcelona. Suas áreas de pesquisa incluem os estudos críticos animais, os grupos de interesse (grupos de pressão ou lobby) e a representação de animais não humanos nos meios de comunicação. Formou-se em Estudos Ingleses pela Universidade do País Basco e possui mestrado em Mídia, Poder e Diferença (UPF). Olatz também é gerente do projeto de pesquisa COMPASS e, em 2025-2026, está finalizando seu doutorado no Departamento de Comunicação da UPF, cujo título em inglês faz um importante trocadilho entre *pain* e *Spain*: "*Compassion in (S) pain*", analisando como o discurso dos grupos de interesse contribui para a perpetuação do cativeiro e da exibição de animais ["COMPASSION IN (S)PAIN: How Interest Group's Discourse Contributes to the Perpetuation of Animal Captivity and Exhibition"].

PESTS: <https://www.upf.edu/web/pests/about-us>

SUMÁRIO



LUÍS: Olatz, li os artigos novos que enviaste, que estão em fase de publicação, e fiz alguns apontamentos, mas não perguntas específicas sobre eles. Em algum momento, vou inserir uma ou outra questão para que possamos conversar. Bem, a primeira pergunta para todos é: quem é você, Olatz Aranceta-Reboredo?

OLATZ - Nasci em Eibar, no País Vasco, e sempre fui uma pessoa interessada em idiomas (sobretudo, a literatura) e muito curiosa. Sempre precisei entender as coisas quando me diziam que eu tinha que fazer algo ou não, o que me levou a ter alguns problemas com a autoridade desde muito cedo. Isso porque, se não entendo por que devo me comportar de determinada maneira ou aceitar certas normas, tenho dificuldade em cumpri-las.

No terceiro ano da graduação em inglês, depois de assistir a alguns documentários, foi como se se “abrisse” diante de mim um mundo de sofrimento e dor que eu jamais havia percebido antes. Isso me levou a pensar que queria realmente entender como fui capaz de ignorá-lo por tanto tempo e, também, como conseguimos, socialmente, não o questionar.

LUÍS - Aproveito a menção aos documentários para comentar o artigo *Inspiring animal liberation* (Almiron, Fernández, Aranceta-Reboredo, 2024) justamente porque essa referência aos documentários apareceu agora em nossa conversa. Pelo que percebo, a questão do documentário tem sido recorrente em tua trajetória de trabalho, e considero muito interessante a forma como vocês a abordaram nesse texto. Ao ler esses trabalhos, tive a impressão de que muitos deles poderiam, inclusive, ter sido desenvolvidos em uma Faculdade de Educação. Isso porque, na Linha de Estudos Culturais em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), da qual participo, encontramos produções bastante próximas, ainda que situadas em outro campo disciplinar. Em outras palavras, mesmo sob diferentes designações, os trabalhos dialogam com problemáticas muito semelhantes àquelas que mobilizam nossas pesquisas

SUMÁRIO



em educação. Nesse sentido, gostaria de destacar que, em tua trajetória e nos textos que tive oportunidade de ler, encontrei inúmeras conexões com aquilo que fazemos em nosso campo.

Passemos, contudo, para a segunda questão: Quem são os teus companheiros não humanos?

OLATZ - [depois de adulta,] a primeira não-humana com a qual eu realmente estabeleci um vínculo mais forte foi a Euri. Euri é a companheira de meu namorado e foi resgatada quando ainda era bebê, em um dia de muita chuva, daí o seu nome que, em Euskera¹⁰⁶, quer dizer “chuva”. É incrível como nos parecemos, mesmo que não tenhamos compartilhado tanto tempo juntas. Temos nos acompanhado e temos até maneirismos, às vezes, semelhantes, que nos aproximam muito. Mas, bem, levamos essa relação a distância porque vivo em Barcelona e ela está no País Vasco. Ela seria como que a principal não-humana com a qual realmente estabeleci um vínculo tão forte.

Aqui em Barcelona convivo com duas gatas, além de três humanas, que são Runa e Nebu. São duas gatas negras, cada uma delas têm um caráter totalmente diferente da outra. Também nos acompanhamos de uma forma muito bonita, porque as duas, mesmo que tenham seus quartos, por alguma razão, quando eu estou teletrabalhando, me acompanham pela casa – seja em cima da escrivaninha, ao lado do teclado ou junto ao armário. Elas são muito carinhosas e as agradeço muito pelas conexões que tenho na minha vida.

LUÍS - Gostaria de perguntar sobre a tua trajetória como pesquisadora. Tu falaste um pouco sobre tua vinculação e formação em línguas. Então a pergunta é um pouco na direção de pensar “como a língua ou a forma como se fala sobre as coisas te aproximou dos estudos animais?”. Em outras palavras, no processo de consolidação de tua trajetória como pesquisadora, como e quando surgiu o interesse por abordar, desde o âmbito acadêmico ou ativista, o tema dos animais ou da ética animal? E, desde tua área de formação na

SUMÁRIO



graduação, em língua inglesa, como vê a conexão entre o campo da linguagem e da comunicação com aquele da ética animal?

OLATZ - Houve, em meu percurso e em minha formação, alguns momentos que considero decisivos. O primeiro deles ocorreu quando, após concluir minha transição para o veganismo, presenciei, em uma aula universitária, uma professora dedicar toda uma aula para criticar e ridicularizar o feminismo interseccional que incluía os outros animais. Essa situação me causou profunda frustração, pois, a partir do lugar de poder que ela ocupava como docente, não apenas deslegitimava a possibilidade de compreender tais relações e de investigá-las, como também desvalorizava o trabalho desenvolvido por diversos coletivos — até hoje atuantes — que buscam, por exemplo, garantir que animais considerados como de companhia possam ir junto com as mulheres em situação de violência para as casas de acolhimento, entre outras iniciativas igualmente relevantes.

Essas conexões já eram correntes e reconhecidas, mas aquela professora ridicularizava a própria possibilidade de que a importância atribuída a outros animais pudesse ser reconhecida como válida dentro do feminismo. Isso me marcou profundamente: de um lado, a raiva e a frustração; de outro, a vontade de investigar se haveria alguma forma, a partir da literatura ou do trabalho que eu realizava, de contribuir nesse campo. Estudei uma obra teatral que me impactou muito, *Juicio a los animales*¹⁰⁷, de origem espanhola. No entanto, foi apenas quando participei do programa Erasmus, na Polônia, que, ao ter contato com a análise de discurso, em especial a análise crítica do discurso, sob orientação da doutora Ana Wieczorek, compreendi que não era necessário possuir uma formação específica em Biologia ou em Direito para me aproximar das dinâmicas de poder, analisar discursos e, assim, encontrar caminhos para atuar em favor dos outros animais. Foi nesse momento que me dei conta de que, a partir da minha própria formação, havia muito que eu poderia fazer para contribuir com a melhoria dessa situação. Percebi que não

SUMÁRIO



estava limitada apenas porque, em algum momento, esse campo de investigação havia sido ridicularizado.

LUÍS - Em relação aos teus textos mais recentes, gostaria de perguntar, em especial, sobre o estudo de caso que realizaste acerca dos pandas e dos coalas¹⁰⁸ (Aranceta-Reboredo, 2022). Nesse trabalho, observas como esses animais têm sido utilizados como instrumentos diplomáticos nas relações internacionais — seja como presentes, seja como propaganda, entre outros usos. Minha questão, então, diz respeito aos direitos animais: de que maneiras esses direitos estariam implicados em relações diplomáticas nas quais tais animais não falam por si mesmos, mas são representados a partir de interesses humanos — sejam eles científicos, econômicos, diplomáticos ou uma articulação de todos esses fatores?

Em outras palavras, gostaria que você comentasse sobre o papel que os animais desempenham nesse tipo de política, aspecto que também aparece de forma significativa em sua análise sobre oceanários e aquários (cf. Aranceta-Reboredo; Almiron, 2024a). Refiro-me, em especial, ao discurso amplamente mobilizado por essas instituições, segundo o qual estariam contribuindo com a pesquisa científica, promovendo a conservação e garantindo que os animais ali mantidos estejam mais bem cuidados e tratados do que estariam em seu habitat natural.

OLATZ - Antes de mais nada, preciso salientar que esta não é exatamente a minha especialidade. No entanto, a partir do que tenho estudado e do que escutei de pesquisadoras que se dedicam mais profundamente ao tema — como a doutora Macarena Montes¹⁰⁹, Eze Paez e Pablo Magaña — trata-se, sem dúvida, de uma situação extremamente problemática e delicada na contemporaneidade. Em especial, no que diz respeito ao reconhecimento da agência, pois, quando se fala de *animais enquanto trabalhadores da indústria*, ou eles são antropomorfizados, ou se assume que seus interesses coincidem com os dos humanos e com os da própria indústria, sem que, de fato,

SUMÁRIO



lhes seja reconhecida a *condição de trabalhadores*, tampouco que tal trabalho represente algum tipo de benefício ou implicação positiva para esses indivíduos.

Sei que esta questão se situa mais propriamente no campo do Direito¹⁰, mas é justamente por meio de mecanismos como o reconhecimento da *personalidade jurídica de pessoas não-humanas*¹¹ que se pode, por exemplo, propor e sustentar um *habeas corpus* em casos nos quais animais em cativeiro tenham algumas de suas necessidades fundamentais negadas ou privadas — em afronta aos seus direitos. Essa perspectiva abre espaço para discutir se tais animais podem ou não continuar participando de atividades educativas, ou permanecer expostos ao público em determinados santuários, por exemplo. Em outras palavras, trata-se de reconhecer que eles merecem estar em condições nas quais suas próprias perspectivas e necessidades sejam centrais, em vez de subordinadas exclusivamente às necessidades humanas.

O fato de que diversos índices sociais, pessoais e ecológicos estejam sendo sistematicamente frustrados não apenas em razão do cativeiro, mas também da forma como os concebemos — por exemplo, como “embaixadores”, no caso de pandas e coalas — evidencia o caráter coercitivo desse tipo de “trabalho” [animal], independentemente de lhes ser atribuída ou não uma função simbólica. Tal crítica se fundamenta no fato de que esse trabalho não decorre de um exercício de liberdade, de um interesse próprio ou de um comportamento espontâneo que se poderia observar para compreendê-los, mas, antes, de algo que são obrigados a performar. Ressalte-se, contudo, que essa performance não deve ser entendida nos termos da performance humana tal como usualmente concebida.

Assim, pelo que tenho aprendido em diferentes cursos, no âmbito da política e do Direito vem sendo desenvolvida a noção de “trabalho não humano”, que envolve questões como cidadania e aposentadoria — instrumentos que poderiam contribuir para reverter

SUMÁRIO



parte da situação atual e permitir avaliar se esses indivíduos estão, de fato, trabalhando e se estamos nos apropriando de sua obra. Isso implica pensar em medidas que assegurem, por exemplo, que, quando não forem mais capazes de desempenhar esse trabalho em tais condições, tenham garantias médicas, sociais, espaciais etc. Evidentemente, tais propostas apresentam diferentes níveis de problematização conforme a abordagem adotada e o fato de resultarem em uma melhoria das condições materiais não significa que eu considere que isso seja suficiente, ideal ou uma solução à exploração animal. Contudo, o que se observa é um esforço para recentrar os animais nesse debate — algo que, até o momento, o próprio “sistema” não está favorecendo.

Compartilho da opinião de muitas investigadoras e ativistas sobre o fato de, mais do que não possuírem voz¹², silenciarmos os animais. Isso fica evidente, por exemplo, quando ignoramos suas formas de resistência nesses espaços e preferimos projetar neles a voz que nos interessa. É o caso de animais como pandas ou coalas: costuma-se afirmar que estão se divertindo, que passam bem, que estão performando. No entanto, ao sustentar essa narrativa, se nega a possibilidade de que expressem algo diferente. Em outras palavras, não se trata de ausência de voz, mas de um processo em que sua voz é silenciada e reescrita pelos discursos da indústria. Outro ponto importante é o modo como os animais são instrumentalizados em jogos de poder. Um exemplo emblemático é o caso da China, que “presenteia” determinados animais, mas posteriormente os reivindica de volta. Nesse processo, os animais tornam-se peças de negociação, verdadeiros brinquedos nas dinâmicas políticas das relações diplomáticas internacionais.

LUÍS - Como os processos de antropomorfização e infantilização — geralmente associados à representação de animais “fofos” (*cute*), à ideia de que são “muito parecidos” conosco (animais humanos) ou de que “se comportam como bebês” —, atribuídos a animais não humanos (como o panda ou o coala) e difundidos na cultura

SUMÁRIO



popular por diferentes meios, como você diz no texto, geram empatia no público e contribuem para a diplomacia humana? Por outro lado, em que medida tais processos ajudam ou não os animais não humanos envolvidos, especialmente suas espécies (já que os indivíduos entregues como presentes diplomáticos permanecerão afastados de seus locais de origem e confinados em instituições de exibição voltadas ao olhar humano) e as demais espécies de seus entornos biogeográficos?

Em síntese, você acredita que isso ajuda ou não? E quais são as implicações dessa caracterização, dessa antropomorfização e humanização dos comportamentos, dessa alusão ao fato de serem “parecidos conosco” etc.?

OLATZ - Por um lado, a questão da representação desses animais como animais lindos, que são muito parecidos conosco, que se comportam como bebês etc., é muito interessante, pois está, de certo modo, generalizada na cultura popular, como em desenhos, livros e todas essas coisas. Por outro lado, trata-se, também de uma questão bastante complexa de responder, uma vez que nos estudos animais há intensos debates sobre isso. Por exemplo, discute-se se o uso estratégico da antropomorfização em conteúdos educativos poderia, de alguma forma, favorecer a criação de conexões empáticas, preocupações e compreensões em relação aos animais representados. Mesmo em materiais de educação antiespecista ou vegana, essa prática aparece: enfatizam-se certas características, como a capacidade de andar sobre duas pernas ou de possuir uma voz humana, para viabilizar a comunicação em contos ou fábulas. O que muda, nesse caso, é o propósito e o contexto político em que essa antropomorfização se realiza.

Outro ponto em debate são as consequências da simplificação excessiva das representações. Um exemplo recorrente é o chamado “efeito Disney”, que cria fascínio por determinada espécie de forma romantizada, sem considerar as complexidades de sua

SUMÁRIO



vida e de sua convivência com humanos. Um caso emblemático é o dos dálmatas: menos de dez anos após a estreia do filme, houve na Inglaterra um enorme aumento nas taxas de abandono de animais dessa raça. Isso porque eles eram vistos como animais dóceis e encantadores, mas, na prática, possuem necessidades muito específicas, alto nível de energia e exigem cuidados que muitas famílias não estavam preparadas para oferecer. O resultado foi frustração para os tutores e sofrimento para os animais.

Outro exemplo é o do *Pernalonga* e a disseminação da ideia de que coelhos comem cenouras. Muitas pessoas, influenciadas por esse imaginário, oferecem cenouras indiscriminadamente a esses animais. No entanto, associações veterinárias têm alertado que alimentos ricos em açúcares podem causar sérios problemas de saúde — chegando até à cegueira —, lembrando que cenouras devem ser apenas um agrado eventual, não a base da dieta. Curiosamente, esse hábito surgiu como referência ao filme *It happened one night* (1934)¹³, e isso foi incorporado culturalmente. Assim, vemos a tensão entre antropomorfizar — ou “humanizar” — os animais para transmitir mensagens educativas e, ao mesmo tempo, reconhecer e ensinar sobre suas necessidades reais e suas formas de perceber o mundo. É uma disputa ética sem respostas simples: até que ponto a antropomorfização é problemática e até que ponto pode ser útil para gerar empatia e mobilização em favor dos animais?

Em termos políticos, a forma como alguns animais são concebidos como “fofos” ou inofensivos também é profundamente estratégica. O exemplo da China é ilustrativo: ao associar sua imagem internacional ao panda — um animal dócil e simpático —, o país projeta uma narrativa de suavidade, ocultando tensões políticas, econômicas ou militares. De maneira semelhante, a Espanha utiliza o touro como símbolo de força e potência, vinculando à imagem nacional a características de bravura e virilidade. No entanto, esse uso simbólico não contribui diretamente para os animais em si; pelo

SUMÁRIO



contrário, instrumentaliza suas figuras, reduzindo-os a representações políticas e culturais que servem aos interesses humanos.

Há, contudo, um potencial de transformação na forma como nos relacionamos com os animais quando esses se tornam símbolos de resistência ou de luta. O caso de Tilikum¹¹⁴, a orca (*Orcinus orca*) cuja trajetória mobilizou debates globais sobre o cativeiro marinho, é exemplar, assim como a história de Elefantes, tal como Tyke¹¹⁵, que escaparam de condições de exploração e ganharam visibilidade midiática. Esses episódios mostram que os animais possuem capacidade de expressar seus interesses e de se representar por meio de suas ações. O problema é que, frequentemente, interpretamos essas resistências¹¹⁶ a partir de uma perspectiva antropocêntrica, atribuindo-lhes sentidos e narrativas que respondem mais às nossas expectativas e desejos do que às realidades próprias desses indivíduos.

LUÍS - Esse ponto dialoga com o que os outros textos de vocês denominam de *pseudo-care* (Aranceta-Reboredo, 2023, 2024; Aranceta-Reboredo, Almiron, 2024; Aranceta-Reboredo, Moreno, 2025), ou seja, a retórica do cuidado em relação aos animais. Trata-se de um discurso que enfatiza compaixão e proteção, mas que, em grande medida, funciona como propaganda, incorporando interesses da indústria e legitimando práticas de exploração. Historicamente, essa retórica tem sido direcionada especialmente às crianças, vistas como sujeitos com maior capacidade de aprendizagem e potencial de transformação social. No entanto, aquilo que lhes é apresentado são representações específicas de animais — em cartoons, zoológicos, bichos de pelúcia — e não os animais em sua complexidade e alteridade. A escola, por sua vez, raramente questiona ou desfaz essas imagens. Nesse sentido, a transposição entre animais reais e suas versões ficcionalizadas ou mercantilizadas revela-se problemática, pois contribui para naturalizar um olhar reducionista. Assim, o *pseudo-care* não é apenas uma estratégia econômica e ideológica, mas também profundamente política, ao definir quais imagens dos animais circulam e quais permanecem silenciadas.

SUMÁRIO



No seu texto *Lenguaje especista y entretenimiento* (Aranceta-Reboredo, 2024), presente no livro *Especismo y Lenguaje*, organizado por Núria Almiron e Cátia Faria (2024), entre outras discussões, você sugere o uso de nomes pessoais para os animais forçados a permanecer em diferentes tipos de cativeiro – zoológicos, aquários e circos, ou seja, coleções de diferentes ordens – em vez da prática de não nomeá-los como estratégia de substituição por outros animais da mesma espécie quando envelhecem, adoecem ou morrem.

Você também destaca a retórica discursiva da dimensão educativa dessas “coleções”, que, de maneira nada surpreendente, faz alusão às coleções zoológicas/botânicas, as quais igualmente se baseiam em retirar animais/plantas de seus lugares de origem e expô-los frequentemente mortos em laboratórios ou museus – diferindo, em linhas gerais, da coleção de animais vivos em zoológicos, aquários, circos ou “fazendas educativas” (em que animais de criação são apresentados a estudantes das cidades para que conheçam os “animais do campo”. Pelo menos no Brasil, essa é uma prática comum das escolas com relação às crianças).

Dito isso, pergunto: como você enxerga a educação diante dessa retórica discursiva? Considerando que os animais são forçados a permanecer nesses espaços — que podem ser vistos quase como lugares de refúgio — e que muitos deles nasceram nesses locais, como é o caso dos gorilas e chimpanzés do zoo¹⁷, embora alguns tenham sido resgatados de caçadores ou traficantes, temos situações em que os animais vivem permanentemente em cativeiro, sem possibilidade de retorno ao seu habitat natural.

Também quero pensar com vocês que esses animais podem deixar de ser prisioneiros, mas, no mundo de hoje, dificilmente podem “voltar a lugares que nunca foram seus”; portanto, não têm um lugar para onde retornar. Você acredita que exista uma pedagogia no entretenimento, que eduque pelo divertimento, pela redução do outro a

SUMÁRIO



objeto de olhar, a partir de uma perspectiva de ética animal? De que tipo de educação precisaríamos para poder enfrentar esse contexto?

Sei que são questões complexas, mas gostaria de discutir como poderíamos pensar uma educação que aborde essas problemáticas, que nos permita identificar e refletir sobre a antropomorfização e o uso utilitário dos animais, promovendo um olhar crítico sobre essas práticas.

OLATZ - Eu acredito que essa resposta possui diferentes dimensões. Começarei pelo último ponto que você comentou e, em seguida, abordarei o que eu havia pensado em comentar. Um exemplo interessante é o que Paula Casal¹¹⁸ discute sobre os direitos dos símios: quando falamos de certas espécies em cativeiro, não estamos tratando apenas de seu bem-estar biológico, mas também de seu bem-estar social e de sua cultura. O fato de existirem, por exemplo, cinco gerações consecutivas de chimpanzés nascendo e vivendo em um zoológico, onde toda cultura existente já está completamente desconectada do que ocorre na natureza, implica que o que significa ser um chimpanzé em termos culturais e comunicacionais se perde diretamente.

Estar em cativeiro ou não poder ser reinserido no ambiente natural não significa que os animais devam permanecer em qualquer sistema. Uma das lutas dentro da perspectiva dos direitos dos símios é transferi-los para espaços maiores, totalmente centrados e adaptados à espécie, como o *Rainfer*¹¹⁹, a *Fundação Mona*¹²⁰, entre outros. Nesses locais, comportamentos mais naturais podem ser fomentados por especialistas, promovendo socialização, recuperação e até “cura” de estereotípias, além de possibilitar que os animais aprendam a se relacionar em grupos maiores e mais complexos.

Então, sim, eu acredito que o fato de nascer em cativeiro, sobretudo em certas espécies para as quais hoje já existem mais recursos e conhecimentos, não significa que se deva necessariamente desnaturalizar completamente esses animais ou limitar sua

SUMÁRIO



existência apenas à exposição pública. É preciso olhar além disso e pensar em como se pode melhorar suas vidas dentro dos limites existentes. Para muitos animais, isso é possível por meio de santuários ou espaços específicos — embora esses locais enfrentem sérias dificuldades financeiras, pois dependem quase exclusivamente de doações e recebem pouco ou nenhum apoio público ou privado.

Por outro lado, esse é um tema sobre o qual tenho refletido muito a partir da pesquisa que realizei com Júlia Castellano¹²¹ (Aranceta-Reboredo; Castellano, 2024), em que conversamos e entrevistamos trabalhadores de zoológicos. Apesar disso, quero destacar que sou uma pessoa de fora dessa indústria, que não trabalhou nesses espaços e que as entrevistas foram realizadas no contexto de um livro sobre violências e danos no complexo industrial animal.

Nesta investigação escutamos deles como vivenciam, por dentro, as frustrações decorrentes das limitações que enfrentam, tanto no aspecto educativo quanto na atitude dos grupos escolares que visitam o zoo, muitas vezes com conhecimentos muito superficiais vindos da escola. Isso porque o tempo disponível para essas conversas é extremamente curto, o que torna difícil abordar questões estruturais, como a caça furtiva, o tráfico de animais exóticos no país ou o próprio fenômeno do “mascotismo”. Muitas vezes, eles relatam situações em que precisam explicar que determinado pássaro chegou ali em condições terríveis nas aduanas porque alguém tentou comprá-lo. E, no entanto, muitas crianças saem da visita dizendo que gostariam de ter esse animal em casa.

Esses trabalhadores expressam, portanto, uma frustração em nível educacional: a falta de conhecimento sobre as capturas e transporte, sobre as condições dos animais resgatados de circos e a ausência de uma educação integral que permita refletir sobre essas práticas. Ao mesmo tempo, muitos argumentam que, desde cedo, ao ver um animal individualizado, as crianças podem ter uma oportunidade única de estabelecer algum vínculo. Mas reforçam

SUMÁRIO

que isso precisa ser acompanhado de uma educação integral, crítica e informada.

E é justamente nesse ponto que eu mais concordo: a necessidade de que os próprios centros escolares, por meio de cursos e de seu currículo educativo, abordem esses problemas. Mas não de forma a dizer simplesmente: *"esses são os problemas e a futura geração precisa resolvê-los"* — não se trata de transferir a responsabilidade, como aconteceu conosco em relação à crise climática. O que me parece fundamental é falar de soluções concretas, de ações possíveis, acessíveis às crianças e jovens. Nesse sentido, iniciativas como a *Aula Animal*¹²² ou o trabalho desenvolvido a partir da *Ética Animal*¹²³ são muito potentes, sobretudo no contexto atual em nível estatal [na Espanha]. Através de uma educação integral e mais completa, que também envolva a formação de educadores nas escolas para tratar da ética animal, podemos começar a mudar o olhar: compreender os animais como indivíduos, como sujeitos em si mesmos, não apenas pelo quanto se parecem conosco. Isso significa reconhecer o valor intrínseco dos animais e refletir sobre as práticas cotidianas que os afetam — práticas que vão muito além, por exemplo, da simples questão do uso do plástico.

Assim, se alguém deseja levar estudantes para aprender sobre determinados animais, pode-se buscar alternativas mais éticas — em vez de visitar um zoológico, recorrer a outros espaços, realizar uma videochamada com centros de reabilitação, ou utilizar diferentes recursos que não reforcem a lógica da coleção. Essa educação ética não deve partir somente das instituições que mantêm animais em cativeiro, mas também — e sobretudo — dos centros de reabilitação e das próprias escolas. Não podemos permitir que apenas os zoológicos ou espaços similares assumam esse papel educativo, até porque muitas vezes isso serve como justificativa para sua manutenção enquanto instituição. Trata-se de pensar a educação de maneira coletiva, em nível social, para que seja realmente efetiva.

SUMÁRIO



Não podemos delegar à indústria — com seus interesses econômicos — a responsabilidade de educar as próximas gerações.

LUÍS - Outra questão sobre esse texto é se você considera que existe uma *pedagogia do entretenimento*, isto é, uma forma de educar pelo divertimento que, no entanto, reduz o outro a objeto de contemplação. Como seria possível pensar essa questão a partir de uma perspectiva da ética animal? E, a partir disso, que tipo de educação precisaríamos desenvolver para construir uma crítica consistente a esse contexto? Você já mencionou alguns pontos anteriormente, mas agora a pergunta é mais específica: trata-se de refletir em termos de uma pedagogia do entretenimento.

OLATZ - Eu gosto muito dessa palavra, dessa forma de compreender, porque é como se essa pedagogia já categorizasse ou hierarquizasse os outros animais. Na verdade, não li especificamente sobre “pedagogia do entretenimento”. Agora estou aprofundando mais no tema do espetáculo, mas, no fim, ambos caminham juntos. Parece-me evidente que, dada à socialização especista que temos, essa pedagogia do entretenimento pode ser bastante problemática, não apenas em relação aos animais, mas também quando falamos do modo como nos entretemos com outras culturas, com outros grupos sociais — ou até mesmo com diferentes classes sociais, dependendo do programa — sempre a partir de uma posição de distância que nos coloca “por cima”.

Por isso, acredito que precisamos de uma educação mais integral, como já mencionei: uma educação crítica e ética, que busque complexificar, que vá além do que aparece de imediato no conteúdo. É necessário falar sobre cultura, sobre os animais, sobre os interesses não humanos, tanto em nível individual quanto coletivo. Não basta apenas observar: é preciso fomentar o pensamento crítico. Caso contrário, quando estamos acostumados a ver os animais nessas situações, acabamos por normalizá-las, naturalizá-las e reproduzi-las no futuro, se ficarmos apenas na lógica do entretenimento.

SUMÁRIO



Eu não acredito que, como receptores de entretenimento, sejamos totalmente passivos ou incapazes de reagir. Mas penso que é preciso problematizar esse consumo, justamente porque, quando estamos entretidos, estamos em um estado mais relaxado, menos crítico. E é nesse momento que as dinâmicas de poder, as violências e até mesmo a propaganda entram de forma mais sutil do que gostaríamos de admitir. Sem perceber, podemos estar naturalizando práticas violentas e reproduzindo essas estruturas sem questioná-las.

LUÍS: Com frequência, em alguns de seus textos, assim como em alguns de Catia Faria (2023), há, em termos de uma análise antiespecista, uma crítica à coletivização — seja de insetos, de peixes ou de outros animais não humanos —, destacando-se a individualidade como uma dimensão importante para a senciência.

Sob o título da subseção *“The art of acknowledging individuality: voice(less) and name(less)”*, pode-se entender que a individualização está presente, por exemplo, na nomeação dos animais domesticados mais comuns, como cães e gatos, mas é muito menos frequente para outros animais, como os de fazendas ou os de zoológicos e aquários. Em outras palavras, eles existem apenas como coletivos “sem nomes” e “sem voz”, o que, por sua vez, facilita sua exploração como “coisas”, já que, mais do que sujeitos (sendo o nome uma forma de tornar-se sujeito), são considerados como objetos — como já exploramos anteriormente.

Outra questão que gostaria de retomar é sobre o que você comenta a respeito da retórica da nomeação — de como ela funciona como uma estratégia que, por um lado, individualiza os animais, mas, por outro, também coletiviza os problemas que existem em torno deles. E, sobretudo, gostaria de ouvir sua opinião sobre esse “recurso” — que me parece horrível — de atribuir sempre o mesmo nome a animais diferentes, ao longo do tempo, como se estivessem sempre bem, sem envelhecer, adoecer ou morrer à medida em que são substituídos por outros da mesma espécie, mais jovens.

SUMÁRIO



OLATZ - Sim, totalmente. Para mim isso é até aterrorizador, e me lembra uma prática muito comum também nos lares: alguém diz “tenho um peixinho chamado *Naranjito* há 20 anos”, mas, na verdade, já passaram sete “*Naranjitos*” pelo mesmo aquário. Essa lógica da nomeação, que em princípio deveria servir para reconhecer uma identidade individual, acaba funcionando como se fosse um personagem de espetáculo, cujo nome passa de um animal a outro — como no teatro, em que atores diferentes representam o mesmo papel.

No caso dos animais, isso não só invisibiliza suas individualidades como também os diluem em uma coletividade artificial. É um fenômeno que considero muito problemático, mas que está bastante difundido, inclusive com nomes “artísticos”. E isso se conecta à questão da individualização e da coletivização: é preciso ter cuidado para que, ao identificar, não percamos de vista o coletivo. Caso contrário, corre-se o risco de gerar empatia por um personagem como o *Mickey Mouse*, mas não pelos ratos reais, por exemplo.

Lembro de um estudo¹²⁴ sobre sistemas de identificação de orcas (*Orcinus orca*) na costa do Canadá e dos Estados Unidos. Ali, desenvolveram um método para reconhecer individualmente grupos e indivíduos, o que permitiu não só um censo mais preciso — revelando que havia muito menos orcas do que se imaginava — mas também impulsionou mudanças legais que proibiram a captura desses animais em liberdade para cativeiro. Além disso, o sistema possibilitou mapear relações sociais: estruturas de matriarcado, padrões de socialização, intercâmbios entre grupos. E, ao mesmo tempo, favoreceu uma conexão individual e coletiva: cada orca passou a ter um código, uma história, uma identidade, e isso serviu como ferramenta para uma educação ambiental que realmente beneficiava os próprios animais, sem apagá-los em um nome genérico.

Então - não sei - parece uma história muito bonita, ou um exemplo muito significativo, para mostrar que, quando nos esforçamos

SUMÁRIO



em identificar, em perceber as diferenças — não para categorizar, mas para compreender e pensar no que esses indivíduos realmente precisam —, os resultados podem ser positivos. Podemos perceber, por exemplo, que a redução no número de animais tem a ver com a escassez de alimento por determinada razão, e isso nos leva a lutar para que tenham acesso ao que necessitam. Se não conhecemos, se não estabelecemos essa conexão, acabamos perdendo oportunidades de apoio ou até mesmo invisibilizando-os, quando os deixamos dissolvidos apenas no coletivo. Por isso considero importante atribuir nomes, mas que esses nomes representem uma individualidade real — sem transformá-los em “estrelas”, sem desconectá-los do grupo do qual fazem parte.

LUÍS - Neste mesmo texto (Aranceta-Reboredo, 2024), você afirma que “os/as trabalhadores/as de zoológicos dizem estar educando os visitantes desses espaços para respeitarem aos animais cativos e em liberdade”. Afirma também que “a educação é um dos pilares que promove essa indústria” e que “a *World Association of Zoos and Aquariums* (WAZA) insta todos os zoológicos e aquários a assegurar que a educação seja um motivo central de sua razão de ser” (p.141).

Assim, a pergunta é: como se poderia transformar a tradição que começou no passado e que, mais uma vez, tem muitas raízes nas práticas de invasão e saque do colonialismo/imperialismo, das quais tanto as disciplinas biológicas (mas também a veterinária e a agricultura) quanto os espaços expositivos (museus, zoológicos, coleções etc.) são herdeiros, e que expuseram não apenas animais não humanos, mas até, há menos de um século, também animais humanos como objetos (mais do que sujeitos) do olhar dos espectadores?

Essa questão me parece importante porque acredito que o pressuposto das práticas educativas, tanto na escola quanto na própria formação de docentes em ciências e biologia, não passa por criticar tal tradição herdada, mas por, de certo modo, repeti-la.

SUMÁRIO

OLATZ - Essa é uma questão que me interessa muito, mas para a qual não tenho uma resposta concreta. E acredito que, neste momento, ninguém consiga oferecer uma solução definitiva. Mas penso que há dois pontos principais.

O primeiro é que estamos vivendo um momento em que a própria indústria começa a reconhecer seu passado colonial e a revisitar essa história. Porém, ao mesmo tempo, ocorre também um processo de *rebranding*: muitas instituições e empresas reconhecem “um mal do passado” para se distanciar dele e afirmar “já não somos mais isso”. É uma forma de se desresponsabilizar, de lavar a imagem, rejeitando qualquer conexão com o presente.

O problema é que, no fim, esse gesto cria uma aparência de reflexividade e de ética, mas não impede a continuidade de práticas herdadas do colonialismo e do extrativismo — práticas que vêm de 100, 150 anos atrás e que permanecem, seja através de bolsas, de acordos, ou do transporte de animais. Por isso, penso que é fundamental termos cuidado diante dessas instituições que se mostram críticas apenas no discurso, porque esse reconhecimento pode acabar mascarando práticas que, embora hoje pareçam menos violentas, continuam sendo formas de perpetuação dessas lógicas.

Mas também acredito que, a partir das práticas educativas, há muito que podemos fazer tanto em nível social quanto pedagógico — e não apenas pensando nas gerações mais jovens. Isso envolve também a formação de professores, pesquisadores, profissionais que trabalham diretamente com animais ou que estudam a história desses espaços, de forma que essa formação seja orientada por uma perspectiva crítica. Reconhecer uma tradição herdada não significa que ela não possa ser transformada por dentro, pois mesmo que certas práticas sejam repetidas ou perpetuadas — porque todos temos limites —, ainda assim existe margem para transformação.



SUMÁRIO



Nesse sentido, a educação pode ter um papel fundamental. Algo que me chamou a atenção, a partir de conversas com trabalhadoras e de alguns textos que estudei, é como muitas vezes se fala sobre a extinção, sobre os danos na natureza, sobre o sofrimento dos animais, mas a ação concreta que se propõe acaba se limitando a “doar dinheiro”, “não usar plástico” ou “não comer peixes pequenos” — em vez de propor, por exemplo, “não comer peixes”. Ou seja, apresentam-se problemas reais, mas as ferramentas dadas às pessoas para agir sobre eles são bastante restritas.

Por isso penso que é preciso mudar essa lógica: até que ponto estamos realmente facilitando que as pessoas possam agir? Ou estamos apenas dizendo: “olha, sabemos que tudo isso está mal”? Nesse processo, considero fundamental começar a reconhecer os animais como sujeitos — indivíduos com caráter, com personalidade. Não se trata de dizer “você viu uma tartaruga no centro de resgate”, mas sim: “você conheceu a Mary, que gosta dessa comida, não daquela, que veio de tal situação e, por ter a idade que tem, não consegue se alimentar sozinha”. Esse tipo de narrativa individualiza e gera conexão, ao mesmo tempo em que possibilita uma educação mais ética e transformadora.

Por exemplo, criar histórias e identidades que tornem visível a realidade desses indivíduos pode ser uma estratégia importante. Uma das pessoas que entrevistamos, ao falar sobre zoológicos e aquários, comentava que no verão os golfinhos ficavam mais ativos sexualmente — o que às vezes era considerado um “problema” para os shows, porque eles não podiam se apresentar. Havia muito debate entre as trabalhadoras, que conviviam diariamente com os animais, e a administração dos espetáculos. Muitas delas diziam: *esses animais não deveriam fazer três shows por dia, no máximo um, porque estão mais agressivos, mais nervosos*. E, diante disso, surgiu até a proposta de substituir a apresentação tradicional por um show educativo, de uma hora e meia, no qual se explicaria ao público por que os animais

SUMÁRIO



não estavam presentes naquele momento, trazendo detalhes sobre suas necessidades e limites. Isso mostra que, mesmo dentro do próprio sistema, existem possibilidades de transformação — ainda que muito limitadas — e um interesse genuíno em buscar alternativas.

Por fim, penso que é fundamental oferecer uma perspectiva realista sobre a situação: reconhecer as limitações dos espaços e práticas em que os animais estão inseridos. Estar em um contexto de dominação e restrição implica, inevitavelmente, em sofrimento e dano — e o cuidado, por mais bem-intencionado, não elimina essa realidade. Ser transparente sobre essas contradições, reconhecendo que os humanos não são onipotentes e que a situação está longe de ser ideal, pode abrir espaço para uma consciência mais crítica e, conseqüentemente, para a ação.

Um dos grandes problemas da educação oferecida pela indústria é justamente essa indução à passividade: “se eu doar dinheiro para a associação, já fiz a minha parte e posso ficar tranquilo”. Pelo contrário, acredito que precisamos fomentar uma postura crítica que questione tradições naturalizadas e estimule a responsabilidade, tanto no campo acadêmico quanto nas escolhas cotidianas como consumidores. É nesse ponto que pode residir uma verdadeira possibilidade de transformação.

LUÍS - Estamos, portanto, falando não apenas de uma educação do olhar, que guarda uma relação hierárquica entre quem pode olhar e quem é olhado, mas também de uma educação (pode-se dizer, não formal) que, assentada em instituições como zoológicos, circos, aquários, fazendas ou outros tipos de exposições, como já se disse, repete uma lógica colonialista/imperialista/especista que é naturalizada – e, por isso, torna-se invisível aos “olhos não preparados”.

A questão, então, é como pensar transformações dentro de um contexto tão estruturado e historicamente consolidado. Por piores que sejam essas instituições, é improvável que mudem de forma

SUMÁRIO



rápida. Mas, de certa forma, são duas coisas: uma é a mudança das práticas e a outra é a mudança dos discursos — algo que se relaciona com o que se chama de *ethical washing*, quando se altera a forma de falar ou se reposiciona institucionalmente sem que a estrutura fundamental seja modificada.

Considerando isso, minha pergunta é: você acha que é possível gerar mudanças, ainda que parciais, desde dentro dessas instituições já estabelecidas, que lutam para se manter e ao mesmo tempo se apresentam como reflexivas ou éticas? Como você imagina que seria possível utilizar essas próprias instituições já existentes – que vêm mudando não apenas seus espaços expositivos, mas talvez, sobretudo, seus discursos – como uma forma de torcê-las desde dentro, ou seja, como uma estratégia de resistência para “abrir os olhos” a outros modos de pensar e olhar?

OLATZ - Acho que esse é um tema em que não há muitas alternativas exploradas¹²⁵: fazer colaborações incômodas, que desafiem as convenções existentes. Lembro-me de quando estive na *Edge Hill University*, no *Center for Human-Animal Studies*, em 2023, durante três meses do meu doutorado. Uma das doutorandas desse centro estava criando uma rede de colaboração com produtores rurais locais. Em vez de simplesmente aplicar uma abordagem radical, como a de algumas associações veganas que trabalham para transformar a pecuária intensiva em agricultura vegana, buscam estratégias mais intermediárias, bem como têm uma comunicação mais efetiva, que facilita alianças frente à pecuária intensiva.

O objetivo destas redes é reduzir gradualmente a exploração, oferecendo alternativas econômicas que permitam ganhos sustentáveis e mudanças de longa duração, mas que, no presente, também forneçam algum apoio concreto. Quando há um desejo de transformação da indústria, esse acompanhamento é fundamental — algo que, de outra forma, mais confrontacional, não existiria. É nesse

SUMÁRIO



contexto que parece que podem começar a se abrir portas para produzir mudanças efetivas nos âmbitos material e social.

No caso da Espanha, por exemplo, o ZOOXXI propôs uma transformação do modelo tradicional de zoológicos, centrando a atenção mais nos animais. A ideia não era apenas trabalhar com animais importados de outros países em programas internacionais, mas também com espécies locais: animais capturados ou cedidos por pessoas que os mantinham como “exóticos” em casa e que, por algum motivo, não podiam mais cuidar deles. O objetivo era converter o espaço em um centro de recuperação — um verdadeiro santuário — onde os animais, muitas vezes “aposentados” ou impossibilitados de retornar à natureza, pudessem receber o melhor cuidado possível.

Acompanhar esse tipo de transformação só é viável quando há colaboração. Não se trata apenas de oferecer apoio político ou econômico, mas também de dialogar sobre as diferentes ideias e estratégias para transformar esses espaços. Isso implica sentar-se à mesa com pessoas com quem não se concorda completamente, ceder em alguns pontos e ouvir sobre as limitações que existem para efetivar mudanças reais.

Então, acredito que há muito a ser feito, mas dentro de uma lógica de pragmatismo estratégico. Grande parte desse trabalho passa por ter um “choque de realidade” em relação às limitações de algumas indústrias, escutar as necessidades dos trabalhadores e planejar ações a longo prazo. Às vezes, isso envolve valorizar aspectos que inicialmente não havíamos considerado. Por exemplo, nas entrevistas que realizamos, perguntamos aos profissionais quais medidas eles acreditavam ter maior impacto no bem-estar dos animais sob seus cuidados. Quase todos apontaram melhores condições laborais. Muitos enfrentam exploração, precariedade, falta de convênios, baixos salários, horas extras não remuneradas – mas, quando voltam para casa, há casos em que os animais não são alimentados adequadamente. Aumentar a rotatividade de funcionários,

SUMÁRIO



contratar mais pessoas e oferecer melhores salários teria um efeito direto e significativo sobre o cuidado dos animais. Isso mostra que a precariedade laboral humana impacta diretamente na qualidade de vida deles. Melhorar as condições de trabalho não é apenas uma questão ética para os humanos, mas também para os próprios animais sob seu cuidado.

Creio, portanto, que existe espaço para colaboração, embora nem todos estejam prontos para mudar. Muitos se conformam em dizer “temos mudado” e ponto. Além disso, há diversas razões pelas quais as pessoas não se abrem: medo de serem julgadas, receio de críticas diretas sobre o dano que causam, ou resistência em colaborar com abolicionistas. No entanto, creio que existem pontes possíveis, formas de apoiar esses profissionais para que não se sintam tão isolados, e razões práticas para buscar melhorias no dia a dia de muitos animais. Há muitas associações trabalhando nesta direção. O desafio é que colocar os animais em santuários, aumentar o número de cuidadores ou retirá-los da exibição muitas vezes não tem atrativo político ou econômico. Por isso, as políticas públicas precisariam atuar estrategicamente: os recursos são limitados e, em muitos centros, o máximo que poderiam oferecer seria cuidar dos animais sem proporcionar nenhum tipo de enriquecimento, estímulo físico ou mental.

O que um trabalhador pode fazer nessas situações? Como mudar suas próprias práticas? Muitas vezes, criticar a instituição é o máximo que se permite — e pronto. Para atingir mudanças reais, é preciso muito mais investimento financeiro. Esse recurso não pode depender apenas da entrada de visitantes, porque aumentar o fluxo de público também pode gerar consequências negativas: sobrecarregar os trabalhadores e estressar ainda mais os animais. Portanto, é necessário um investimento significativo, público e assegurado, que não dependa exclusivamente da receita da venda de ingressos para os visitantes. Somente assim será possível criar melhores condições

SUMÁRIO



para os animais e para os profissionais que cuidam deles, oferecendo espaço para práticas mais éticas e sustentáveis.

LUÍS - No texto *Exploring nonhuman animal representation in children's media: a critical literature review* (Aranceta-Reboredo, 2023), que marca o final de sua dissertação de mestrado, você analisa, a partir de uma perspectiva antiespecista, situada na área interdisciplinar dos *Critical Animal Studies*, as representações de animais não humanos voltadas às crianças nas mídias (séries televisivas e filmes). Afirma que as crianças aprendem muitas coisas por meio dessas representações (normas sociais, valores éticos, narrativas culturais, questões de gênero e sexualidade, domesticidade etc.). Você também aponta que elas tendem a estabelecer conexões emocionais mais fortes com animais não humanos por meio das diferentes formas de mídia (que empregam estratégias associadas à antropomorfização, como infantilização, coletivização e *cuteness/pupyness* – disneyficação, bambificação) do que em experiências diretas com animais.

Destaca ainda que o uso de “personagens animais antropomorfizados para contar histórias humanas normaliza e replica os mecanismos de dominação entre humanos e não humanos da vida real” (p.21). Nesse sentido, identifica que a discussão feita na revisão que você apresenta está centrada “nos valores pedagógicos ou simbólicos dos não humanos de acordo com os interesses humanos”.

Além disso, tal revisão mostra que os animais humanos, em sua prática acadêmica – mesmo quando pretendem proteger os animais não humanos – não os consideram “como eles mesmos” (p.22 e seguintes), permanecendo centrados no animal humano (p.24). Em outras palavras, o especismo está naturalizado inclusive na própria ciência¹²⁶, assim como nas diferentes mídias (o que, no campo dos Estudos Culturais, foi nomeado como *pedagogias culturais*¹²⁷), de modo que não se observam os corpos, necessidades e comportamentos dos animais, mas apenas por meio de lentes antropomórficas, que têm um impacto significativo na construção de valores,

SUMÁRIO



comportamentos, atitudes ecológicas e escolhas alimentares (como comer ou não carne) (p.23).

Considerando esse estudo, você indica que selecionou os trabalhos que mais se aproximam da perspectiva de considerar os animais não humanos como eles próprios, ou seja, como diz citando outro autor, "... representações de animais não humanos reais, com corpos, necessidades, desejos e comportamentos que se alinham com suas identidades de espécie" (p.22).

Outro ponto que chama atenção em seu texto é o argumento de que "a antropomorfização [opera] como uma ferramenta para invisibilizar a senciência não humana" (p.24). E aqui estão envolvidos vários graus, como a proximidade (animais domésticos, como cães e gatos, situados em um tipo de limbo, em um continuum em que são posicionados como "mais que animais", mas "menos que humanos"); as representações circulantes de animais considerados belos (como alguns mamíferos) em contraste com os considerados maus ou feios (como serpentes, aranhas, escorpiões e até alguns mamíferos, como a hiena); e a coletivização, como no caso de peixes e insetos.

Nesse contexto de variadas formas de invisibilização, você poderia discutir a seguinte frase/ideia: "a invisibilização das experiências não humanas é abordada por meio do caso exemplificativo da cisheteronormatividade projetada sobre elas" (p.24)? E, junto a isso, também gostaria que comentasse sobre o apagamento, que você menciona mais adiante no texto, da "*queerness* encontrada nos animais" (p.36).

OLATZ - Esse é um tema que me interessa muito e que no artigo acabou sendo limitado pelo espaço: tive que sacrificar algumas partes que, tristemente, não queria deixar de mencionar, justamente por sua importância. Entrei em contato com essa questão pela primeira vez nas aulas de mestrado com Núria Almirón, ao discutir os *frames* e o *storytelling* presentes nos documentários de natureza. Um ponto

SUMÁRIO



que analisei foi a construção da família nuclear nesses documentários televisivos. Ao investigar artigos críticos sobre o tema, percebi algo que muita gente já sabia antes de mim: essas representações têm um propósito político e de educação moral em certos contextos.

Historicamente, os documentários de natureza mostraram, por exemplo, famílias normativas em espécies que não apresentam esse tipo de comportamento — espécies que não são monogâmicas, que não são heterossexuais, e cujas práticas de cuidado não seguem padrões “cristãos” ou centrados na ideia de *nurturing*, como estamos acostumados a escutar sobre os mamíferos. Havia uma romantização do cuidado e da caça, em que o comportamento dos animais era interpretado de forma distorcida: se era uma fêmea, falava-se de cuidado; se era um macho, de proteção.

Além disso, quando havia competição, utilizava-se uma linguagem bélica com referências humanas. Em outras palavras, os documentários aplicavam lentes humanas para interpretar comportamentos, estruturas sociais, relações familiares e grupais que não têm relação com as formas de hierarquização ou negociação desses animais. Isso acabou gerando estereótipos sobre certos comportamentos que, do ponto de vista da etologia (do estudo do comportamento animal) não correspondem à realidade. É como ver um filme da Disney: as imagens e os cortes apresentados servem à narrativa que se deseja construir, e não à vida real desses animais.

Assim, ao aprofundar esse tema, percebi que não apenas se invisibilizam aspectos como a diversidade sexual, a dominação de fêmeas em algumas espécies, a variação em relação à genitalidade, mas também os indivíduos que poderiam ser entendidos, pelo conceito humano, como *trans*: animais com capacidade de mudar de sexo ou de desempenhar papéis que poderíamos relacionar a gênero. Nesse contexto, se *Procurando Nemo* tivesse sido mais realista, a história mostraria uma mãe procurando a Nemo. Nesta espécie, quando não há fêmeas — que frequentemente são maiores

SUMÁRIO



e mais fortes — alguns machos mudam de sexo ou fisionomia para assumir papéis de proteção necessários ao grupo. Essa transformação é totalmente natural e permite que o indivíduo ofereça cuidados mais efetivos aos seus congêneres.

Esse fenômeno é discutido em obras como *Evolution's Rainbow*¹²⁸, que compila diversos comportamentos *queer* no mundo não humano. Ao mesmo tempo, existe um esforço ativo, muitas vezes institucional ou narrativo, para impor interpretações normativas e não-*queer* da natureza. Isso acontece porque tendemos a projetar nossa própria visão de mundo na natureza e a acreditar que só há uma forma “correta” de ser, relacionar-se ou existir. Assim, comportamentos também presentes na natureza, acabam sendo considerados antinaturais por estarem invisibilizados — uma ideia que, ademais, é usada para marginalizar coletivos humanos.

Aqui, surge uma questão política: tendemos a olhar para os animais a partir de lentes humanas, normativas e coloniais, o que pode levar a formas sutis de opressão. Um exemplo é o caso dos “pinguins gays”¹²⁹ em zoológicos. Frequentemente, eles são apresentados como aliados dos direitos LGBTQIA+, especialmente quando recebem ovos para “adotar”, mas raramente se questiona sua condição de vida real ou suas necessidades, para além da narrativa construída.

LUÍS - Enquanto você falava, lembrei-me do filme *A Marcha dos Pinguins*¹³⁰, que também foi bastante criticado por apresentar a ideia de casal de parceiros e o esforço que fazem para cuidar do ovo e do filhote. O filme reforça a linguagem que descreve o que fêmeas e machos fazem, como aprendem e agem de acordo com seu “gênero”.

OLATZ - É algo que, ao mesmo tempo, invisibiliza realidades humanas e impõe esquemas de comportamento humano sobre os animais. É um tipo de dupla opressão: não conseguimos compreender aos demais animais como eles realmente são, e ainda cortamos a

SUMÁRIO



diversidade que existe no mundo humano, fingindo que certas práticas não são “naturais”.

LUÍS - Exatamente! Mesmo quando não se discute explicitamente, há uma educação implícita que molda os corpos e comportamentos de acordo com normas específicas. O interesse existe até certo ponto — enquanto convém à narrativa.

A próxima questão se distancia um pouco do que você vem analisando, mas envolve *Peppa Pig*. Aqui, a reflexão é sobre a distância entre gostar da *Peppa* e consumir carne de porco. As crianças gostam da personagem, mas, como você mencionou sobre *Mickey Mouse*, esse afeto não se traduz em cuidado ou respeito pelos animais reais. Então, a pergunta é: para promover uma conexão entre a representação midiática de animais e os animais na “vida real”, seria necessária uma educação não especista, que ocorra na escola, na família e nas mídias? Helena Pedersen (2023) chama isso de educação pós-antropocêntrica. A questão central é: como promover uma educação pós-antropocêntrica em meio a um discurso hegemônico, antropocêntrico e naturalizado?

OLATZ - Por exemplo, algo que me interessava muito — e que, de fato, estava previsto como marco teórico da minha tese — era colaborar com a televisão pública no País Vasco para estabelecer a ética animal como um dos objetivos éticos do canal, junto com outros já existentes, como igualdade de gênero, educação ambiental etc. A ideia era que a ética animal funcionasse como parâmetro para o conteúdo produzido, permitindo analisar o que estava sendo transmitido do ponto de vista ético em relação aos outros animais. Esse artigo (Aranceta-Reboredo, 2023) serviu como base teórica para planejar e definir esse objetivo, bem como para avaliar o conteúdo veiculado, garantindo que o canal estivesse consciente sobre o que estava comunicando sobre os animais. Vejo um grande potencial em tal tipo de trabalho e adoraria desenvolvê-lo no futuro: assim como incorporamos considerações de igualdade de gênero ou justiça ambiental

SUMÁRIO



na produção e disseminação de conteúdo, seria possível criar objetivos ou critérios que levassem em conta os outros animais. Seja ao contar histórias com animais como protagonistas, seja ao ensinar sobre problemas que eles enfrentam ou sobre seus comportamentos naturais, ter esse parâmetro permitiria que a produção de conteúdo fosse mais consciente. As pessoas, ao consumirem essas histórias, também seriam convidadas a refletir criticamente sobre o que está sendo ensinado e sobre como os animais estão sendo representados.

Também acredito que os quadrinhos, as histórias e os livros de inspiração vegana estariam muito presentes na criação de conteúdos. Quando comecei no ativismo, conheci Mel Sukernik, e uma das primeiras coisas que fizemos foi colaborar na busca e na tradução de uma série de livros que eram ao mesmo tempo ecocêntricos e antiespecistas — mesmo sem usar explicitamente esses termos¹³¹. Essas obras oferecem uma educação em que os animais são reconhecidos como indivíduos, mas também respeitados em suas características de espécie. Os conflitos das histórias não giram apenas em torno de relações humanas, mas incluem preocupações ligadas ao bem-estar dos outros animais. Lembro, por exemplo, de um dos livros em que um dos protagonistas humanos deixa um pônei de plástico no bosque, que era seu brinquedo favorito. Outra personagem, ao encontrar o objeto, se assusta pensando: *“E se meus amigos não humanos pensarem que isso é comida? E se alguém comer e se machucar?”*. A partir daí, os personagens começam a conversar com os outros animais e a procurá-lo juntos, até encontrarem o brinquedo antes que qualquer acidente aconteça. Esse exemplo ilustra bem não só os riscos da contaminação ambiental, mas também a importância da colaboração, da prevenção de danos e de imaginar como cada animal agiria diante da situação.

Acredito que a criação de novas narrativas — seja na literatura, no cinema ou em outros meios voltados às crianças — precisa passar por uma revisão crítica do que estamos realmente ensinando. Não se trata de negar a dimensão lúdica, mas de cuidar para que

SUMÁRIO



os animais não sejam apresentados apenas de forma fofa ou estereotipada. É necessário evitar a desconexão entre o personagem representado e o animal da mesma espécie na vida real. Se é um porco na história, continua sendo o mesmo porco que, em outros contextos, poderia ser consumido como carne. Essa conexão, que a literatura vegana vem procurando recuperar, é central para promover uma educação mais crítica e coerente.

LUÍS - Agora vamos a uma questão que se estende desde a biologia (a discussão sobre a neotenia, ou seja, como você diz, “a retenção de características juvenis no adulto”), passando pela psicologia infantil e chegando até os estudos de recepção/audiência na comunicação, estando completamente envolvida – segundo entendo e depreendo da leitura do seu texto – com a educação. Trata-se da questão mais ampla da antropomorfização que, segundo você aponta, alguns autores defendem como válida e necessária “para promover empatia em relação aos animais não humanos” (p.30), enquanto outros a criticam fortemente a partir de uma abordagem não especista.

Assim, nesse contexto da antropomorfização direcionada às crianças como estratégia para promover empatia, você poderia falar um pouco mais sobre a *cutification*, *bambification* ou, para fazer alusão a quem mais a empregou como estratégia de direcionamento, a *Disneyfication*? Quais são seus possíveis impactos na compreensão da “vida real” dos animais não humanos?

OLATZ - Acredito que já vimos como esse problema aparece em diferentes casos: desde o coelho *Pernalonga* até os peixes de *Procurando Nemo*, ou mesmo filmes como *Rio*¹³², que foram feitos com a intenção de promover consciência ambiental e, paradoxalmente, acabaram estimulando ainda mais a captura e o comércio desses animais. O resultado foi justamente a diminuição drástica de certas populações, o que mostra que, mesmo quando há avisos explícitos — como no último *Nemo*, em que pediam para não “encher as casas de Dorys” —, os efeitos colaterais seguem acontecendo.

SUMÁRIO



Isso revela um ponto fundamental: não controlamos como o público recebe essas narrativas.

Quando transformamos animais em ícones ou personagens ideais — seja o Bambi que desperta empatia em relação a não caçar, seja o peixe ou o pássaro que vira objeto de consumo — abrimos um espaço perigoso para a mercantilização da vida não-humana. Não sei se a solução passa apenas por colocar avisos em filmes ou por transformar a narrativa para enfatizar o lado negativo da exploração, porque, mesmo assim, os riscos permanecem. Talvez a questão central seja repensar diretamente esse tipo de representação, para que ela não continue a produzir consequências materiais tão graves. Não se trata de dizer que essas histórias devem desaparecer, mas de transformá-las de modo que não reforcem práticas de consumo e exploração, ainda que a intenção original seja educativa.

LUÍS – Agora eu gostaria de abrir um espaço para falar da intersecção com os Estudos Culturais. Porque, pelo menos pela compreensão que tenho, os Estudos Culturais são um campo muito aberto, que cruza com muitas áreas — filosofia, educação, comunicação, direito, literatura, cinema... E justamente por essa abertura, também sofrem dessa falta de identidade fixa. Mas, ao mesmo tempo, é essa plasticidade que permite múltiplas ramificações: estudos de gênero, estudos do racismo, estudos sobre a identidade e, claro, sempre atravessados pela questão do poder. Nesse sentido, me parece que há uma ressonância: as perguntas que os *Critical Animal Studies* colocam não estão tão distantes das que os Estudos Culturais já fazem em relação a gênero, raça, identidade.

Eu, pessoalmente, não tenho uma leitura tão aprofundada de como os *Critical Animal Studies* se articulam formalmente com os Estudos Culturais, mas a minha questão é justamente essa: você vê conexões? Você acha que existe, de algum modo, uma agenda política comum — em que a questão dos animais ecoa debates de gênero, de racismo, de outras formas de opressão? E aí talvez

SUMÁRIO



a diferença seja que, enquanto os Estudos Culturais nem sempre trabalham a partir de uma dimensão ética, mas política e representacional, os *Critical Animal Studies* colocam essa ênfase ética muito mais claramente. Mas, de toda forma, vejo um compromisso compartilhado de debater e tensionar as formas de poder que moldam tanto as relações humanas quanto as não-humanas.

OLATZ - Sim, totalmente. De fato, a criação de grupos como o CULIVIAN¹³³ —em Valência— representa muito bem esse tipo de interesse e de mobilização. Eu acho que, desde o começo, já havia uma proximidade entre os *Animal Studies* e os *Cultural Studies*, sobretudo por conta da representação, do trabalho com filmes, literatura, imagens. Porém, o que vejo agora é que, desde a crítica a partir dos *Animal Studies*, estão surgindo redes de colaboração cada vez mais fortes. Por exemplo, há teses, como a de Bianca Friedman, sendo escritas sobre a representação de cavalos no cinema. E não apenas sobre os cavalos enquanto “atores” no filme, mas também sobre a realidade material aí presente, como as condições desses animais, as implicações acerca de como passamos a entender outros cavalos a partir dessas imagens, os mitos que se criam em torno deles e até as consequências ecológicas ou os impactos locais derivados dessa indústria.

Neste sentido, eu diria que, sim, há muitas ideias e conexões. Há muitas pessoas que trabalham desde os *Cultural Studies*, mas assumindo esse olhar crítico dos *Animal Studies*. O que fazem é justamente analisar o discurso, o texto, o visual e o auditivo, mas sempre a partir de um prisma político e crítico, que leva em conta o que tudo isso significa para os outros animais.

Então, eu vejo que é realmente uma combinação muito enriquecedora. Primeiro porque aporta outra dimensão às análises que já vinham sendo feitas, e depois porque abre possibilidades para pessoas que, em determinados círculos, nunca teriam se colocado a questão dos animais como sujeitos políticos. De repente, elas

SUMÁRIO

dizem: "Ah, olha, não tinha pensado que esse conteúdo poderia ser trabalhado dessa maneira". Nos congressos em que tenho estado ultimamente, encontro muito isso: pessoas que são as únicas em seu campo fazendo algo relacionado aos animais desde um ponto de vista crítico. Há, por exemplo, Leire Morrás¹³⁴, que vem dos estudos clássicos; Irati Jiménez¹³⁵, que trabalha a literatura, mas desde uma perspectiva animalista; companheiras no CULIVIAN, que também investigam a cultura popular; e uma amiga minha, Natalia Miron, que em seu doutorado está estudando intersecções entre orientalismo, capacitismo e especismos em filmes como *Avatar*¹³⁶. Há muito trabalho potente emergindo justamente dessa colaboração e, em alguns anos, redes de doutorandas/es passaram a ser redes de doutoras/es com essas inquietudes.

Pessoalmente, me interessa muito ler esses estudos, porque trazem reflexões que, se você se limitasse apenas às teorias dos *Critical Animal Studies* sem considerar o material, deixaria de fora uma parte fundamental: o impacto cultural, simbólico e representacional. É um campo que só se fortalece nessa abertura. E, no fim das contas, isso mostra que os *Critical Animal Studies* são necessariamente interdisciplinares. Não é possível se dedicar a eles sem ter alguma noção de cultura, direito, política, biologia, etologia, comunicação etc., porque cada tema exige atravessar essas áreas. Se não, a gente se dá conta, imediatamente, de que está faltando compreensão.

E, para mim, o cultural sempre foi uma base em tudo o que fiz e no que quero continuar explorando. É também por isso que me interessou tanto o tema do conteúdo dirigido às crianças. Porque, embora seja fundamental analisar o discurso empresarial, publicitário e midiático — e isso, sem dúvida, é muito relevante —, o que esses *lobbies* fazem em termos educativos e nas culturas que incentivam criar por meio de associações, eventos e conversas é, na minha visão, o que deixa um impacto mais duradouro. É um impacto que se sedimenta no *status quo*, no inconsciente coletivo, e não apenas na infância, mas também nos jovens e adultos. Então, sim, vejo



SUMÁRIO



claramente essa sobreposição entre disciplinas e percebo que já existem colaborações muito interessantes nesse sentido.

LUÍS - No texto *"Compromised values: a comparative response during the COVID-19 crisis by ethical vegans and vegetarians"* (Díaz, Almiron e Aranceta-Reboredo, 2024), vocês afirmam que o *animal advocacy* é um fenômeno complexo que, como movimento social, envolve diversas instâncias morais e estilos de vida que têm o veganismo e o vegetarianismo como seus núcleos, além da contestação contra os testes em animais.

Vocês também analisam as comunidades veganas e vegetarianas, nas quais surge a discussão sobre as vacinas e o fato de haver insumos de origem animal nelas. Nesse contexto, vocês trabalham justamente o alinhamento entre o veganismo político, os princípios de justiça social e uma certa afinidade com a esquerda progressista. Ao mesmo tempo, aparece outro ponto: o veganismo e o vegetarianismo enquanto escolhas mais associadas à dieta e à saúde, havendo, neste sentido, uma crítica recorrente ao fato de muitas pessoas não se posicionarem pelos animais, mas pelo cuidado com o próprio corpo, pela ideia de saúde, performance ou aprimoramento individual. Além disso, surge a noção de ameaça simbólica, sobre como os veganos são representados — como no estereótipo dos "comedores de alface" — e de que forma esses preconceitos operam para manter e reforçar o *status quo* especista. É, claro, uma questão muito ampla, mas gostaria de ouvir você comentar sobre ela.

OLATZ - Vou responder em duas partes. Primeiro, sobre o veganismo político e depois sobre essa ideia do veganismo como ameaça. Por um lado, o tema do veganismo político é algo que, desde os ativismos, se trabalha muito. Existe essa discussão de que alguém pode ser até mais antiespecista — mesmo consumindo animais em determinadas circunstâncias — do que uma pessoa que é vegana apenas na dieta, no sentido de *plant-based*. Aqui entra a diferença entre um compromisso político (que pode não se estender a todas as práticas)

SUMÁRIO



e uma prática mais individualizada. Ou seja, alguém que segue uma dieta vegana por saúde, mas não participa de marchas, não assina petições, não se envolve em processos de normalização social do não consumo de animais. Essa distinção gera muito debate. Há pessoas que chegam a afirmar que, se falta o fator político, não se trata de veganismo, mas apenas de uma *dieta vegetariana estrita*.

Por outro lado, algumas reconhecem como veganas pessoas que, embora ainda façam escolhas que não são veganas (como consumir medicamentos que contêm insumos animais, por falta de alternativas sociais), mantêm um compromisso ético. No fundo, essas fronteiras são mais borradas do que parecem no discurso teórico. Porque, no âmbito prático, o veganismo se vive sempre num espaço de *tensão entre o ideal e a realidade material*: as condições econômicas, a disponibilidade local de produtos, as alternativas existentes. Por isso, para mim, mais do que um ideal fixo, *o veganismo é a tentativa de reduzir o máximo possível o sofrimento animal*, dentro das possibilidades de cada um.

Não se trata de ser uma pessoa perfeita, mas de ter um compromisso e um ideário político. Essa é a diferença em relação a quem faz por saúde ou por outras razões que não têm a ver com ética — pode ser por questões econômicas, porque é mais barato, ou simplesmente porque é o que está disponível. Então, sim, há diferenças nas práticas. Mas eu diria que o veganismo, se o entendemos como antiespecismo, é inerentemente político. O problema é que, até hoje, existe também essa diferenciação entre antiespecismo e veganismo, o que abre um debate enorme, sem resposta simples.

No texto em que trabalhamos sobre vacinas (Díaz, Almiron e Aranceta-Reboredo, 2024), justamente associamos essa questão ao tema do consumo. Porque originalmente pensávamos o veganismo como algo com limites éticos muito fortes, ao ponto de levantar a hipótese de que algumas pessoas veganas poderiam se recusar a se vacinar por conta da presença de insumos animais. Mas o que

SUMÁRIO



se viu foi o contrário: por princípios éticos associados ao cuidado, à empatia e à responsabilidade com os outros, muitas pessoas veganas colocaram de lado a questão animal, priorizando a proteção da coletividade. Não era uma decisão “*por mim*”, mas “*pelos outros*”. Já no caso dos vegetarianos, a vacinação se vinculava mais frequentemente a razões de saúde individual, de autopreservação. É muito curioso que, na pesquisa, tenha se destacado mais o tema do veganismo do que o do antiespecismo.

Atualmente, estou investigando como *lobbies reacionários antianimalistas* operam na Espanha, promovendo narrativas de conspiração. Esses grupos afirmam que há uma infiltração estrangeira — vinda do norte da Europa ou dos Estados Unidos — para destruir a cultura espanhola. Esse discurso é perigoso, mas ao mesmo tempo muito interessante do ponto de vista sociológico e político, porque mostra como estereótipos são construídos para criar medo em torno dos veganos. Esses lobbies produzem guias e orientações para políticos, explicando como “*não serem enganados pelos animalistas*”, e afirmam que esses últimos estariam manipulando decisões governamentais a ponto de ameaçar a economia, as famílias e a cultura local. Ou seja, o veganismo aqui não é só uma prática de cuidado ou ética, mas também uma *categoria simbólica* usada como ameaça, reforçando preconceitos e justificando resistências políticas e sociais. Isso permite analisar não apenas escolhas individuais, mas também as dinâmicas de poder, medo e controle social que circulam em torno do veganismo.

Isso é algo que estou investigando agora e espero concluir a pesquisa em alguns meses. Espero sair com ideias muito mais claras, mas que já indicam um potencial reacionário e de obstrucionismo desse tipo de discurso, capaz de paralisar as pessoas em questões de ética animal de forma bastante intensa. Esse fenômeno está relacionado à ultradireita e ao obstrucionismo climático, e envolve a criação de redes de discurso entre pessoas que colaboram entre si, repetindo as mesmas ideias¹³⁷.

SUMÁRIO



LUÍS - Parece, então, que há também uma dimensão de *fake news* e de discurso anticientífico, que está muito circulante hoje em todos os lugares, incluindo o Brasil.

OLATZ – Exato, e que potencializam inclusive pessoas como Wolfgang Kiessling, da Fundação Loro Parque¹³⁸, a partir de um vídeo antianimalista que ele fez, no qual afirma que eles são os verdadeiros animalistas e ecologistas, buscando, portanto, redefinir o significado desses termos de acordo com seus interesses. Ao mesmo tempo, critica cientistas e críticos, afirmando que eles buscam apenas protagonismo e não sabem o que dizem nem o que fazem, incluindo todos os ativistas. É muito interessante como eles estão dicotomizando e polarizando o debate, enquanto definem quais críticas são legítimas. Não se trata de uma pluralidade de vozes ou de recebermos a diversidade de posições: as associações antiespecistas dizem uma coisa, Kiessling diz outra, e o que chega ao público geral é principalmente a narrativa desses grupos sobre os animalistas. Isso gera medo, paranoia e teorias de conspiração, com um impacto e potencial de dano muito altos. Ao se redefinir aquele que tem interesses de impedir mudanças e manter as coisas como estão, como é possível se posicionar sem ir à defensiva, dizendo que você não é esse tipo de vegano ou antiespecista?

O animalismo é objeto de campanhas de difamação há bastante tempo. Essas campanhas tendem a exagerar, sugerindo conspirações onipresentes e poderosas, ou a ridicularizar, dizendo que se trata apenas de algumas poucas pessoas interessadas na leitura. Como entender a ética animal ou a proposta de incluir outros animais no círculo moral se ao que o público em geral recebe somam-se esse tipo de discursos “distorcidos”? É necessário, ao que me parece, trabalhar em recursos de contestação.

LUÍS - Estamos chegando ao final, e a última pergunta que gostaria de fazer é sobre o seu trabalho de tese, que, como expressa o título do seu projeto, trata da compaixão na Espanha, abordando

SUMÁRIO



os interesses dos grupos, seus interesses exclusivos e questões semelhantes. No entanto, o que eu gostaria que você comentasse aqui é sobre o "trocadilho", que funciona apenas em inglês, presente em parte do título de seu projeto: *"Compassion in (S)pain"*. Esse trocadilho, por assim dizer, põe em circulação uma série de ideias: sugere que a Espanha, por meio desse discurso e da hegemonia dos lobbies, está provocando dor, causando sofrimento aos animais. Gostaria, portanto, que você falasse um pouco sobre esse jogo entre *"Spain"* e *"pain"* (Espanha e dor; a Espanha provocando dor...), que é extremamente interessante e provocativo.

OLATZ - Na verdade, tenho que dizer que, originalmente, começou um pouco como uma broma. Na internet, durante muito tempo, havia o meme de dizer, por exemplo: *"estou sofrendo, tenho dor, estou sofrendo porque tenho que ir trabalhar na segunda"*, ou em contextos semelhantes. E diziam: *"Spain"* sem o S, em inglês. Achava muito engraçada essa forma de falar, porque também a usavam com outros países, tirando uma letra ou sigla, e tal. Assim, quando comecei a pensar no título da tese, pensei: claro, é *"Compassion in Spain"*, mas também poderia ser *"Compassion in pain"*. E se eu fizesse como na internet, tirando o S, brincando com essa broma? Depois, refletindo, percebi que, no final, o que estava gerando significado era muito mais do que a piada: era a ideia de encontrar compaixão diante da dor do outro.

Segundo Nussbaum¹³⁹, dentro das bases da compaixão, precisamos atender várias características para ter empatia por alguém ou sentir compaixão. Primeiro, precisamos sentir que a dor é legítima ou real; segundo, que essa dor não é merecida ou injusta; e terceiro, que essa dor é algo que poderia nos acontecer, isto é, precisamos ser capazes de transladá-la para o nosso corpo ou para nossas emoções. Segundo esse modelo, cumpridas essas três características (legitimidade – injustiça – transladação), podemos ter empatia. Contudo, com os outros animais, há ainda outra dimensão, que creio

SUMÁRIO



se chamar *pensamento eudaimonista*¹⁴⁰ ou algo similar, que consiste na ideia de que o coletivo que está sofrendo merece essa empatia.

Com o título *Compassion in (S)Pain (La compasión en el dolor)*, proponho refletir sobre o papel desempenhado por esses lobbies. O argumento que sustentam é que, ainda que se reconheça que essa dor não é merecida, que é real e que poderia ser experimentada por nós, o simples fato de se tratar de outros animais impede que a compaixão se manifeste de modo proativo. Ou seja, a população não sente a necessidade de agir. Também se trata dessa ideia de entrar na dor do outro com compaixão ou ação, de ser capaz de vê-la, e depois pensar na compaixão em geral na Espanha. Esse tipo de discurso, no final, é o que acaba mobilizando ou imobilizando respostas dentro do país, ou em diferentes regiões, para esse tipo de sofrimento. Pode levar a que ele se normalize, se naturalize, ou, ao contrário, que haja uma ação positiva no sentido de dizer: "*não, aqui acreditamos que isso não deve continuar acontecendo*" – ou seja, que exista uma resposta social.

Esse título joga um pouco com todas essas ideias, não é? A importância do sofrimento, quando falamos de todos esses animais, de como se criam barreiras para que não o percebamos; mas também, mesmo que o vejamos ou compreendamos, muitas vezes não fazemos nada a respeito. Está, portanto, relacionado com a ideia de obstruir, paralisar e impedir que haja uma ação proativa. Diferentemente da empatia – uma das formas como a literatura distingue os conceitos, embora haja divergências entre autores – a confusão ou o bloqueio da empatia implica na ausência de ação proativa. A tese, então, investiga como essa resposta ou mudança social pode ser freada pelo discurso daqueles que têm interesse em perpetuar o uso de animais em espetáculos, exposições e cativeiros por motivos de entretenimento.

Gostaria de agradecê-lo por perguntar sobre isso, pois ninguém havia me questionado sobre o título, e é algo que me agradou muito.

SUMÁRIO



LUÍS – Sim, mas é muito interessante mesmo, porque já no título se coloca um problema. Agora, finalizando, há duas questões, mas vou agrupá-las: elas versam sobre o futuro e se você tem mais alguma coisa a acrescentar. Então, o futuro!

Há uma autora de Estudos Culturais, Devon Powers (2022), que diz que os estudos futurísticos são muito importantes para que não os deixemos nas mãos das grandes corporações e plataformas, e que, portanto, nós (pessoas comuns e acadêmicos) deveríamos pensar em como colonizar o futuro. Isso, pode-se dizer, como uma estratégia de poder e resistência. Assim, minha pergunta aqui é: a que caminhos a tua trajetória até aqui te leva a pensar sobre o que fazer no futuro próximo?

OLTAZ – Eu defenderei a tese em dezembro de 2025, se tudo correr bem. Estou, portanto, em um período de fechamento, mas também de aceitação de que há coisas que não conseguirei realizar dentro da tese. Aceitar isso é também reconhecer que este é apenas o início do meu trabalho de investigação nesse campo. Há, de certa forma, um pequeno duelo interno sobre se será suficiente mesmo não cobrindo tudo o que eu gostaria, e aceitar que temos limites materiais, mentais e sociais, e que existe vida além da tese.

No futuro, meu objetivo é continuar trabalhando com narrativas e discursos, porque acredito que eles têm potencialidade prática real para os ativismos e para pessoas que buscam melhorar a situação dos animais. Se deixarmos de ler aqueles que pensam diferente, perdemos não apenas o entendimento de como argumentam e conquistam apoio, mas também oportunidades de contra-argumentar e intervir. Há tantos documentos e escritos produzidos como resposta, e, se não os analisarmos, não estaremos preparados para agir de maneira informada. Portanto, penso que meu trabalho pode contribuir ao sintetizar, organizar e oferecer essas ferramentas a quem debate em diferentes níveis – seja em contextos políticos, acadêmicos ou sociais. Meu objetivo é disponibilizar materiais que auxiliem essas discussões.

SUMÁRIO

Também gostaria de estudar como esses discursos chegam à população em geral. Na tese, trabalhei com a recepção de trabalhadores, mas mais do ponto de vista de sua experiência do que da compreensão do discurso. Quero investigar como diferentes grupos – veganos, não veganos etc. – recebem essas mensagens: se as veem como aceitáveis ou se percebem-nas como radicais. Pretendo observar o impacto desses discursos na população em termos propagandísticos e, a médio e longo prazo, buscar saídas práticas a partir desses resultados, compreendendo seu efeito social.

Adoraria ainda colaborar na criação de materiais educativos, especialmente em euskara, pois, às vezes, atuo na tradução de conteúdos. Quero também trabalhar na construção de uma rede junto a colegas da AIK – a associação que estamos tentando formar no País Vasco – para que estudantes interessados em ética animal saibam onde e a quem recorrer e possam impulsionar esses questionamentos éticos a partir da universidade. Atualmente, estão se formando redes muito interessantes na Espanha, em Barcelona, Valência, Madrid, Galícia, e queremos inserir o País Vasco nesse mapa. Esse é, em linhas gerais, o caminho que pretendo seguir e o que desejo realizar.

REFERÊNCIAS:

ALMIRON, Núria; FERNÁNDEZ, Laura; ARANCETA-REBOREDO, Olatz. Inspiring animal liberation: The representation of animal activists in US animal advocacy documentaries (2000-2019). In: PARKINSON, Claire; HERRING, Lara (eds.). *Animal Activism On and Off Screen*. Sydney University Press, 2024.

ALMIRON, Núria; ARANCETA-REBOREDO, Olatz. Lobbying against compassion: a review of the ethics of persuasion when nonhuman animal suffering is involved. *methaodos. Revista de Ciencias Sociales*, v. 10, n. 2, p. 410-418, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17502/mrcs.v10i2.575>.



SUMÁRIO



ALMIRON, Núria; FERNÁNDEZ, Laura; RODRIGO-ALSINA, Miquel. Illusory authenticity: Negotiating compassion in animal experimentation discourse. *Discourse Studies*, v. 26, n. 2, p. 153-172, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1177/14614456231219633>.

ARANCETA-REBOREDO, Olatz; ALMIRON, Núria. Commodifying compassion: a critical discourse analysis of Spanish zoo, aquarium and animal theme parks' lobbies. *Frontiers in Communication*, v. 9, 2024a.

ARANCETA-REBOREDO, Olatz; ALMIRON, Núria. On compassion, influence, and animal suffering. In: ALMIRON, Núria (ed.). *Animal Suffering and Public Relations. The Ethics of Persuasion in the Animal Industrial Complex*. London: Routledge, 2024b.

ARANCETA-REBOREDO, Olatz; CASTELLANO, Júlia. Inside the Spanish zoological park industry: Worker insights on human-animal relationships and shared vulnerabilities in Spain. In: HUNNICUTT, Gwen; TWINE, Richard; MENTOR, Kenneth (eds.). *Violence and Harm in the Animal Industrial Complex: Human-Animal Entanglements*. London: Routledge, 2024. p. 221-235. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781003441908-20>.

ARANCETA-REBOREDO, Olatz; MORENO, Jose A. Coaliciones discursivas y animales para entretenimiento: el debate de la "ley de bienestar animal" en la prensa española. *Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación*, v. 12, n. 23, 2025. DOI: <https://doi.org/10.24137/raeic.12.23.14>.

ARANCETA-REBOREDO, Olatz. And what about the animals? A case study comparison between China's Panda diplomacy and Australia's Koala diplomacy. *Animal Ethics Review*, v. 2, n. 1, p. 78-93, 2022.

ARANCETA-REBOREDO, Olatz. Especismo y entretenimiento. In: FARIA, Catia; ALMIRÓN, Núria (Coords.). *Especismo y lenguaje*. Madrid: Plaza y Valdés, 2024. p. 23-34.

ARANCETA-REBOREDO, Olatz. Essay: Exploring nonhuman animal representation in children's media: A critical literature review. *Journal for Critical Animal Studies*, v. 20, n. 1, p. 20-44, 2023. Disponível em: <https://journalforcriticalanimalstudies.org/jcas-volume-20-issue-1-december-2023/>.

BADÍA, Pilar; HERNÁNDEZ, Diego J. *La voz de los animales*. España: Diversa Ediciones, 2021.

BEVILAQUA, Ciméa Barbato. Pessoas não humanas: Sandra, Cecília e a emergência de novas formas de existência jurídica. *Mana* 25(1): 038-071, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1678-49442019v25n1p038>.

SUMÁRIO

COLLING, Sarat. *Insurrección animal*: Historias extraordinarias de rebelión y resistencia de los animales en la era del capitalismo global. Madrid: Errata Naturae, 2024.

CRUZ, Elizeu Pinheiro da. Quando biólogos olham para os bichos: caatinga, ecologia e zoologia entre vida, trabalho e morte. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, v. 26, n. 57, p. 115-144, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832020000200005>. Acesso em 20 jan. 2024.

DÍAZ, Estela M.; ALMIRON, Núria; ARANCETA-REBOREDO, Olatz. Compromised values: a comparative response during the COVID-19 crisis by ethical vegans and vegetarians. *Humanities and Social Sciences Communications*, v. 11, n. 485, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1057/s41599-024-02861-5>.

FERNÁNDEZ, Laura; DÍAZ-CARMONA, Estela; ARANCETA-REBOREDO, Olatz; ALMIRON, Núria. Displaying compassion to hide harms: An analysis of the visual communication strategies of the Spanish animal industrial complex. In: HUNNICUTT, Gwen; TWINE, Richard; MENTOR, Kenneth (eds.). *Violence and Harm in the Animal Industrial Complex: Human-Animal Entanglements*. London: Routledge, 2025. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781003441908-4>.

PEDERSEN, Helena. Post-anthropocentric pedagogies: purposes, practices, and insights for higher education, *Teaching in Higher Education*, p. 1-15, 22 jun. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13562517.2023.2222087>. Acesso em 15 out. 2024.

POWERS, Devon. Em direção aos estudos culturais futuristas. In: SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; KARNOPP, Lodenir Becker; WORTMANN, Maria Lucia Castagna (orgs.). *O que são estudos culturais hoje? Diferentes praticantes retomam a pergunta do International Journal of Cultural Studies*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe L. Cultura infantil: a construção corporativa da infância. Traduzido por George Eduardo J. Bricio. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.



8

Olatz Aranceta-Reboredo

COMPASIÓN CON EL DOLOR ANIMAL:

**ELEMENTOS PARA LA CONSTRUCCIÓN
DE UNA EDUCACIÓN POSANTROPOCÉNTRICA¹⁴¹**



Olatz forma parte del grupo de investigación en Comunicación Crítica de la Universidad Pompeu Fabra (UPF), en Barcelona. Sus áreas de investigación incluyen los estudios críticos animales, los grupos de interés (grupos de presión o *lobby*) y la representación de los animales no humanos en los medios de comunicación. Es licenciada en Estudios Ingleses por la Universidad del País Vasco y posee un máster en Medios, Poder y Diferencia (UPF). Olatz también es gestora del proyecto de investigación COMPASS y, durante el período 2025-2026, está finalizando su doctorado en el Departamento de Comunicación de la UPF, cuyo título en inglés realiza un juego de palabras entre *pain* y *Spain*: "*Compassion in (S)pain*", analizando cómo el discurso de los grupos de interés contribuye a la perpetuación del cautiverio y de la exhibición de animales ["COMPASSION IN (S)PAIN: How Interest Group's Discourse Contributes to the Perpetuation of Animal Captivity and Exhibition"]⁴².

PESTS: <https://www.upf.edu/web/pests/about-us>

SUMÁRIO



LUÍS: Olatz, después de preparar y enviarte las cuestiones de la entrevista, he leído los nuevos artículos que me enviaste, que están en proceso de publicación, y he hecho algunas anotaciones, pero no preguntas específicas sobre ellos. En algún momento incluiré alguna cuestión para que podamos conversar. Bien, la primera pregunta para todas: ¿quién eres tú, Olatz Aranceta-Reboredo?

OLATZ: Nací en Éibar, en el País Vasco, y siempre fui una persona interesada en los idiomas (sobre todo la literatura) y muy curiosa. Siempre necesité entender las cosas cuando me decían que tenía que hacer algo o no, lo que me llevó a tener algunos problemas con la autoridad desde una edad muy temprana. Eso porque, si no entiendo por qué debo comportarme de determinada manera o aceptar ciertas normas, me resulta difícil cumplirlas.

En el tercer año de la carrera de estudios ingleses, después de ver algunos documentales, fue como si se “abriera” ante mí un mundo de sufrimiento y dolor que jamás había percibido antes. Eso me llevó a pensar que realmente quería entender cómo había sido capaz de ignorarlo durante tanto tiempo y, también, cómo conseguimos, socialmente, no cuestionarlo.

LUÍS - Aprovecho la mención a los documentales para comentar el artículo *Inspiring animal liberation* (Almiron, Fernández, Aranceta-Reboredo, 2024), justamente porque esa referencia a los documentales apareció ahora en nuestra conversación. Por lo que percibo, la cuestión del documental ha sido recurrente en tu trayectoria de trabajo, y considero muy interesante la forma en que la abordasteis en ese texto. Al leer esos trabajos, tuve la impresión de que muchos de ellos podrían, incluso, haberse desarrollado en una Facultad de Educación. Esto porque, en la Línea de Estudios Culturales en Educación de la Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), de la cual formo parte, encontramos producciones bastante cercanas, aunque situadas en otro campo disciplinar. En otras palabras, aun bajo diferentes denominaciones, los trabajos dialogan

SUMARIO



con problemáticas muy semejantes a aquellas que movilizan nuestras investigaciones en educación. En este sentido, me gustaría destacar que, en tu trayectoria y en los textos que tuve la oportunidad de leer, encontré innumerables conexiones con aquello que hacemos en nuestro campo.

Pasemos, no obstante, a la segunda cuestión: ¿Quiénes son tus compañeros no humanos?

OLATZ – [Ya de adulta,] la primera no humana con la que realmente establecí un vínculo más fuerte fue Euri. Euri es la compañera de mi pareja y fue rescatada cuando apenas era un bebé, en un día de mucha lluvia, de ahí que su nombre que significa lluvia en euskera. Es increíble como nos parecemos, aunque no hayamos compartido tanto tiempo, hasta tenemos manierismos, a veces, semejantes, que nos acercan mucho; cuando nos sorprendemos, nos estresamos etc. Pero, bueno, llevamos esta relación a distancia porque yo vivo en Barcelona y ella está en el País Vasco. Ella sería, por decirlo así, la principal no humana con la que realmente establecí un vínculo tan fuerte.

Aquí en Barcelona convivo con dos gatas, además de tres humanas, que son Runa y Nebu. Son dos gatas negras, cada una con un carácter totalmente distinto de la otra. También nos acompañamos de una forma muy bonita, porque las dos, aunque tengan sus cuartos, por alguna razón, cuando estoy teletrabajando, me acompañan por la casa —ya sea encima del escritorio, al lado del teclado o junto al armario. Son muy cariñosas y agradezco mucho estas tres las conexiones que tengo en mi vida.

LUÍS – Me gustaría preguntarte sobre tu trayectoria como investigadora. Hablaste un poco de tu vinculación y formación en lenguas. Entonces, la pregunta va un poco en la dirección de pensar: “¿cómo la lengua o la forma en que se habla de las cosas te acercó a los estudios animales?”. En otras palabras, en el proceso de consolidación de

SUMARIO



tu trayectoria como investigadora, ¿cómo y cuándo surgió el interés por abordar, desde el ámbito académico o activista, el tema de los animales o de la ética animal? Y, desde tu área de formación en la licenciatura en lengua inglesa, ¿cómo ves la conexión entre el campo del lenguaje y la comunicación con el de la ética animal?

OLATZ – Hubo, en mi breve recorrido y en mi formación, algunos momentos que considero decisivos. El primero de ellos ocurrió cuando, tras concluir mi transición al veganismo, presencié, en una clase universitaria, a una profesora dedicar toda la sesión a criticar y ridiculizar el feminismo interseccional que incluía a los otros animales. Esta situación me causó una profunda frustración, pues, desde el lugar de poder que ocupaba como docente, no solo deslegitimaba la posibilidad de comprender esas relaciones e investigarlas, sino que también desvalorizaba el trabajo desarrollado por diversos colectivos —aún hoy activos— que buscan, por ejemplo, garantizar que los animales considerados de compañía puedan acompañar a mujeres en situación de violencia en casas de acogida, entre otras iniciativas igualmente relevantes.

Esas conexiones estaban presentes y reconocidas, pero aquella profesora ridiculizaba la mera posibilidad de que la consideración de los otros animales pudiera verse como algo válido dentro del feminismo. Esto me marcó profundamente: por un lado, la rabia y la frustración; por otro, la voluntad de investigar si hubiera alguna forma, desde la literatura o el trabajo que realizaba, de contribuir en este campo. Estudié una adaptación a obra teatral que me impactó mucho, *Juicio a los animales*¹⁴³, de origen español. Sin embargo, fue solo cuando participé en el programa Erasmus, en Polonia, que, al entrar en contacto con el análisis del discurso, en especial con el análisis crítico del discurso, bajo la orientación de la doctora Anna Wieczorek, comprendí que no era necesario contar con una formación específica en Biología o en Derecho para aproximarme a las dinámicas de poder, analizar discursos y, así, encontrar caminos para actuar en favor de los otros animales. En ese momento me di

SUMARIO



cuenta de que, desde mi propia formación, había mucho que podía hacer para intentar contribuir a mejorar esa situación. Percibí que no estaba limitada únicamente porque, en algún momento, ese campo de investigación hubiera sido ridiculizado.

LUÍS – En relación con tus textos recientes, quisiera preguntarte, en particular, por el estudio de caso que realizaste sobre los pandas y los koalas¹⁴⁴ (Aranceta-Reboredo, 2022). En ese trabajo, observas cómo estos animales han sido utilizados como instrumentos diplomáticos en las relaciones internacionales —ya sea como obsequios, como propaganda, entre otros usos. Mi pregunta, entonces, se refiere a los derechos animales: ¿de qué maneras estarían implicados estos derechos en relaciones diplomáticas en las que tales animales no hablan por sí mismos, sino que son representados a partir de intereses humanos —ya sean científicos, económicos, diplomáticos o una articulación de todos esos factores?

En otras palabras, me gustaría que comentaras sobre el papel que los animales desempeñan en este tipo de política, aspecto que también aparece de manera significativa en tu análisis sobre oceanarios y acuarios (Aranceta-Reboredo; Almiron, 2024a). Me refiero, en especial, al discurso ampliamente movilizad por estas instituciones, según el cual estarían contribuyendo a la investigación científica, promoviendo la conservación y garantizando que los animales allí mantenidos estén mejor cuidados y tratados que en su hábitat natural.

OLATZ: Ante todo, debo subrayar que este no es mi campo de especialización. Sin embargo, a partir de lo que he estudiado y de lo que he escuchado de investigadoras que se dedican más profundamente al tema — como Macarena Montes¹⁴⁵, o Eze Paez y Pablo Magaña— se trata, sin duda, de una situación sumamente problemática y delicada en la contemporaneidad. En especial, en lo que respecta al reconocimiento de la agencia, pues, cuando se habla de *animales como trabajadores de la industria*, o bien son antropomorfizados, o bien se asume que sus intereses coinciden con los de los humanos y

SUMARIO



con los de la propia industria, sin que, de hecho, se les reconozca la *condición de trabajadores* ni que tal trabajo represente algún tipo de beneficio o implicación positiva para estos individuos.

Esta cuestión se sitúa más propiamente en el campo del Derecho¹⁴⁶, y es justamente a través de mecanismos como el reconocimiento de la personalidad jurídica de *personas no humanas*¹⁴⁷ que se puede, por ejemplo, proponer y sostener un *habeas corpus* en casos en los que animales en cautiverio tengan negadas o privadas algunas de sus necesidades fundamentales —en afrenta a sus derechos. Esta perspectiva abre espacio para discutir si tales animales pueden o no seguir participando en actividades educativas, o permanecer expuestos al público en determinados santuarios, por ejemplo. En otras palabras, se trata de reconocer que merecen estar en condiciones en las que sus propias perspectivas y necesidades sean centrales, en lugar de subordinadas exclusivamente a las necesidades humanas.

El hecho de que diversos intereses sociales, personales y ecológicos estén siendo sistemáticamente frustrados no solo debido al cautiverio, sino también de la manera en que los concebimos —por ejemplo, como “embajadores”, en el caso de pandas y koalas— evidencia el carácter coercitivo de este tipo de “trabajo” [animal], independientemente de que se les atribuya o no una función simbólica. Tal crítica se fundamenta en que ese trabajo no procede de un ejercicio de libertad, de un interés propio o de un comportamiento espontáneo que pudiera observarse para comprenderlos, sino, más bien, de algo que se ven obligados a ‘performar’. Cabe resaltar, no obstante, que esta performance no debe entenderse en los términos de la performance humana tal como se concibe habitualmente.

Así, por lo que he podido escuchar en formaciones, en el ámbito de la política y del Derecho se viene desarrollando la noción de “trabajo no humano”, que involucra cuestiones como ciudadanía y jubilación —instrumentos que podrían contribuir a revertir parte

SUMARIO



de la situación actual y permitir evaluar si estos individuos están, en efecto, trabajando y si nos estamos apropiando de *su obra*. Ello implica pensar en medidas que aseguren, por ejemplo, que, cuando ya no sean capaces de desempeñar ese trabajo en tales condiciones, tengan garantizados cuidados médicos, sociales, espaciales etc. Evidentemente, tales propuestas presentan distintos niveles de problematización según el enfoque adoptado y que implique una mejoría de condiciones materiales no significa que personalmente considere que sea suficiente, ideal o una solución a la explotación animal. No obstante, lo que se observa es un esfuerzo por recentrar a los animales en este debate —algo que, hasta el momento, el propio “sistema” no está favoreciendo.

Comparto la opinión de muchas académicas y activistas sobre el hecho de que más que no poseer voz¹⁴⁸, lo que ocurre es que los silenciarnos. Esto se hace evidente, por ejemplo, cuando ignoramos sus formas de resistencia en estos espacios y preferimos proyectar en ellos la voz que nos interesa. Es el caso de animales como pandas o koalas: suele afirmarse que se están divirtiendo, que están bien, que están ‘performando.’ Sin embargo, al sostener esa narrativa, se niega la posibilidad de que expresen algo distinto. En otras palabras, no se trata de ausencia de voz, sino de un proceso en el que su voz es silenciada y reescrita por los discursos de la industria. Otro punto importante es el modo en que los animales son instrumentalizados en juegos de poder. Un ejemplo emblemático es el caso de China, que “regala” determinados animales, pero posteriormente los reivindica de vuelta. En ese proceso, los animales se convierten en piezas de negociación, auténticos juguetes en las dinámicas políticas de las relaciones diplomáticas internacionales.

LUÍS – ¿Cómo los procesos de antropomorfización e infantilización —generalmente asociados a la representación de animales “tiernos” (*cute*), a la idea de que son “muy parecidos” a nosotros (animales humanos) o de que “se comportan como bebés”—, atribuidos a animales no humanos (como el panda o el koala) y difundidos en la

SUMARIO



cultura popular por diferentes medios, como dices en el texto, generan empatía en el público y contribuyen a la diplomacia humana? Por otro lado, ¿en qué medida tales procesos ayudan o no a los animales no humanos implicados, especialmente a sus especies (ya que los individuos entregados como obsequios diplomáticos permanecerán alejados de sus lugares de origen y confinados en instituciones de exhibición destinadas a la mirada humana) y a las demás especies de sus entornos biogeográficos?

En síntesis, ¿crees que esto ayuda o no? ¿Y cuáles son las implicaciones de esa caracterización, de esa antropomorfización y humanización de los comportamientos, de esa alusión al hecho de que son “parecidos a nosotros”, etc.?

OLATZ – Por un lado, la cuestión de la representación de estos animales como animales bonitos, que son muy parecidos a nosotros, que se comportan como bebés etc., es muy interesante, pues está, de algún modo, generalizada en la cultura popular, como en dibujos, libros y todas esas cosas. Por otro lado, se trata también de una cuestión bastante compleja de responder, ya que en los estudios animales hay intensos debates al respecto. Por ejemplo, se discute si el uso estratégico de la antropomorfización en contenidos educativos podría, de alguna forma, favorecer la creación de conexiones empáticas, preocupaciones y comprensiones en relación con los animales representados. Incluso en materiales de educación antiespecista o vegana aparece esta práctica: se enfatizan ciertas características, como la capacidad de caminar sobre dos patas o de poseer una voz humana, para hacer posible la comunicación en cuentos o fábulas. Lo que cambia, en este caso, es el propósito y el contexto político en el que se realiza esa antropomorfización.

Otro punto en debate son las consecuencias de la excesiva simplificación de las representaciones. Un ejemplo recurrente es el llamado “efecto Disney”, que crea fascinación por determinada especie de forma romantizada, sin tener en cuenta las complejidades de

SUMARIO



su vida y de su convivencia con los humanos. Un caso emblemático es el de los dálmatas: menos de diez años después del estreno de la película, hubo en Inglaterra un enorme aumento en las tasas de abandono de animales de esta raza. Ello se debía a que eran vistos como animales dóciles y encantadores, pero, en la práctica, poseen necesidades muy específicas, un alto nivel de energía y requieren cuidados que muchas familias no estaban preparadas para ofrecer. El resultado fue frustración para los tutores y sufrimiento para los animales.

Otro ejemplo es el de *Bugs Bunny*¹⁴⁹ y la difusión de la idea de que los conejos comen zanahorias. Muchas personas, influenciadas por ese imaginario, ofrecen zanahorias indiscriminadamente a estos animales. Sin embargo, asociaciones veterinarias han alertado de que los alimentos ricos en azúcares pueden causar serios problemas de salud —llegando incluso a la ceguera—, recordando que las zanahorias deben ser solo un capricho ocasional, no la base de la dieta. Curiosamente, este hábito surgió como una referencia a la película *It Happened One Night* (1934)¹⁵⁰ y eso fue incorporado culturalmente. Así, vemos la tensión entre antropomorfizar —o “humanizar”— a los animales para transmitir mensajes educativos o culturales y, al mismo tiempo, reconocer y enseñar sus necesidades reales y sus formas de percibir el mundo. Se trata de una disputa ética sin respuestas sencillas: ¿hasta qué punto la antropomorfización es problemática y hasta qué punto puede ser útil para generar empatía y movilización a favor de los animales?

En términos políticos, la forma en que algunos animales son concebidos como “tiernos” o inofensivos también es profundamente estratégica. El ejemplo de China es ilustrativo: al asociar su imagen internacional con el panda —un animal dócil y simpático—, el país proyecta una narrativa de suavidad, ocultando tensiones políticas, económicas o militares. De manera similar, España utiliza el toro como símbolo de fuerza y potencia, vinculando la imagen nacional a características de valentía y virilidad. No obstante, este uso simbólico no contribuye directamente a algo positivo para los animales en sí;

SUMARIO



al contrario, instrumentaliza sus figuras, y puede reducirlos a representaciones políticas y culturales que sirven a los intereses humanos.

Sin embargo, existe un potencial de transformación en la forma en que nos relacionamos con los animales cuando estos se convierten en símbolos de resistencia o lucha. El caso de Tilikum¹⁵¹, la orca (*Orcinus orca*) cuya trayectoria movilizó debates globales sobre el cautiverio marino, es ejemplar, así como la historia de elefantes como Tyke¹⁵² que escaparon de condiciones de explotación y ganaron visibilidad mediática. Estos episodios muestran que los animales poseen capacidad de expresar sus intereses y de representarse por medio de sus acciones. El problema es que, con frecuencia, interpretamos estas resistencias¹⁵³ desde una perspectiva antropocéntrica, atribuyéndoles sentidos y narrativas que responden más a nuestras expectativas y deseos que a las realidades propias de estos individuos.

LUÍS – Este punto dialoga con lo que vuestros otros textos denominan pseudo-care (Aranceta-Reboredo, 2023, 2024; Aranceta-Reboredo, Almiron, 2024; Aranceta-Reboredo, Moreno, 2025), es decir, la retórica del cuidado hacia los animales. Se trata de un discurso que enfatiza compasión y protección, pero que, en gran medida, funciona como propaganda, incorporando intereses de la industria y legitimando prácticas de explotación. Históricamente, esta retórica se ha dirigido especialmente a las niñas y niños, vistos como sujetos con mayor capacidad de aprendizaje y potencial de transformación social. Sin embargo, lo que se les presenta son representaciones específicas de animales —en dibujos animados, zoológicos, peluches— y no los animales en su complejidad y alteridad.

La escuela, por su parte, rara vez cuestiona o desmonta esas imágenes. En este sentido, la transposición entre animales reales y sus versiones ficcionalizadas o mercantilizadas resulta problemática, pues contribuye a naturalizar una mirada reduccionista. Así, el pseudo-care no es solo una estrategia económica e ideológica, sino

SUMARIO



también profundamente política, al definir qué imágenes de los animales circulan y cuáles permanecen silenciadas.

En tu texto *Lenguaje especista y entretenimiento* (Aranceta-Reboredo, 2024), presente en el libro *Especismo y Lenguaje*, organizado por Núria Almiron y Cátia Faria (2024), entre otras discusiones, sugieres el uso de nombres personales para los animales obligados a permanecer en diferentes tipos de cautiverio —zoológicos, acuarios y circos, es decir, colecciones de distinto orden— en lugar de la práctica de no nombrarlos como estrategia para sustituirlos por otros animales de la misma especie cuando envejecen, enferman o mueren.

Tú también destacas la retórica discursiva de la dimensión educativa de esas “colecciones” que, de manera nada sorprendente, alude a las colecciones zoológicas/botánicas, las cuales igualmente se basan en extraer animales/plantas de sus lugares de origen y exponerlos, a menudo muertos, en laboratorios o museos – diferenciándose, en líneas generales, de la colección de animales vivos en zoológicos, acuarios, circos o “granjas educativas” (donde se presentan a los estudiantes urbanos animales de granja para que conozcan a los “animales del campo”. Al menos en Brasil, esta es una práctica escolar común con relación a los niños).

Dicho esto, pregunto: ¿cómo ves la educación ante esta retórica discursiva? Considerando que los animales son forzados a permanecer en esos espacios —que pueden ser vistos casi como lugares de refugio— y que muchos de ellos han nacido allí, como es el caso de los gorilas y chimpancés del zoo¹⁵⁴, aunque algunos hayan sido rescatados de cazadores o traficantes, nos encontramos con situaciones en las que los animales viven permanentemente en cautiverio, sin posibilidad de regresar a su hábitat natural.

También quiero pensar con vosotros que esos animales pueden dejar de ser prisioneros, pero, en el mundo actual, difícilmente pueden “volver a lugares que nunca fueron suyos”; por

SUMARIO



lo tanto, no tienen un lugar al que retornar. ¿Crees que existe una pedagogía del entretenimiento, que eduque mediante la diversión, reduciendo al otro al objeto de mirada, desde una perspectiva de ética animal? ¿Qué tipo de educación necesitaríamos para poder afrontar este contexto?

Sé que son cuestiones complejas, pero me gustaría debatir cómo podríamos pensar una educación que aborde estas problemáticas, que nos permita identificar y reflexionar sobre la antropomorfización y el uso utilitario de los animales, promoviendo una mirada crítica sobre esas prácticas.

OLATZ – Creo que esta respuesta posee diferentes dimensiones. Comenzaré por el último punto que comentaste y, a continuación, abordaré lo que había pensado comentar.

Un ejemplo interesante es el que Paula Casal¹⁵⁵ discute sobre los derechos de los grandes simios: cuando hablamos de ciertas especies en cautividad, no se trata solo de su bienestar biológico, sino también de su bienestar social y de su cultura. El hecho de que existan, por ejemplo, cinco generaciones consecutivas de chimpancés naciendo y viviendo en un zoológico, donde toda la cultura existente ya está completamente desconectada de lo que ocurre en la naturaleza, implica que lo que significa ser un chimpancé en términos culturales y comunicativos se pierde directamente.

Estar en cautividad o no poder ser reintroducido en el entorno natural no significa que los animales deban permanecer en cualquier sistema. Una de las luchas dentro de los derechos de los simios es trasladarlos a espacios más amplios, centrados y adaptados a la especie, como el *Rainfer*¹⁵⁶, la *Fundación Mona*¹⁵⁷, entre otros. En esos lugares, comportamientos más naturales pueden ser fomentados por especialistas, promoviendo socialización, recuperación e incluso la "cura" de estereotipias, además de posibilitar que los animales aprendan a relacionarse en grupos mayores y más complejos.

SUMARIO

Así que sí, tal y como se defiende desde la ética animal, creo que el hecho de nacer en cautividad, sobre todo en ciertas especies para las cuales hoy ya existen más recursos y conocimientos, no significa que deba necesariamente desnaturalizarse completamente a esos animales ni limitar su existencia únicamente a la exposición pública. Es necesario ir más allá y pensar en cómo se pueden mejorar sus vidas dentro de los límites existentes. Para muchos animales, esto es posible a través de santuarios o espacios específicos —aunque estos lugares afrontan serias dificultades financieras, pues dependen casi exclusivamente de donaciones y reciben poco o ningún apoyo público o privado.

Por otro lado, este es un tema sobre el que he reflexionado mucho a partir de la investigación que realicé con Júlia Castellano¹⁵⁸ (Aranceta-Reboredo; Castellano, 2024), en la que conversamos y entrevistamos a trabajadores de zoológicos. Eso sí, antes de nada, quiero señalar que soy una persona de fuera de esa industria, que no ha trabajado en estos espacios, y que las entrevistas se enmarcaron en el contexto de un libro sobre violencias y daños en el complejo industrial animal.

Para esta investigación escuchamos de ellos cómo viven, desde dentro, las frustraciones derivadas de las limitaciones que enfrentan, tanto en el aspecto educativo como en la actitud de los grupos escolares que visitan el zoo, muchas veces con conocimientos muy superficiales procedentes de la escuela. Esto se debe a que el tiempo disponible para esas conversaciones es extremadamente breve, lo que dificulta abordar cuestiones estructurales, como la caza furtiva, el tráfico de animales exóticos en el país o el propio fenómeno del “mascotismo.” En una ocasión una trabajadora nos relató que explicaron cómo un determinado pájaro llegó allí en condiciones terribles en las aduanas porque alguien intentó comprarlo. Y, sin embargo, muchos niños salieron de la visita diciendo que les gustaría tener ese animal en casa.

SUMARIO

Estos trabajadores expresan, por tanto, una frustración a nivel educativo: la falta de conocimiento sobre las capturas y transporte, sobre las condiciones de los animales rescatados de circos, y la ausencia de una educación integral que permita reflexionar sobre esas prácticas. Al mismo tiempo, muchos argumentan que, desde pequeños, al ver a un animal individualizado, los niños pueden tener una oportunidad única de establecer algún vínculo. Pero subrayan que eso necesita ir acompañado de una educación integral, crítica e informada.

Y es precisamente en este punto donde más coincido: la necesidad de que los propios centros escolares, a través de cursos y de su currículo educativo, aborden estos problemas. Pero no de una forma que diga simplemente: *"estos son los problemas y la futura generación tiene que resolverlos"* — no se trata de transferir la responsabilidad, como ocurrió con nosotros en relación con la crisis climática. Lo que me parece fundamental es hablar de soluciones concretas, de acciones posibles, accesibles a niños y jóvenes. En este sentido, iniciativas como *Aula Animal*¹⁵⁹ o el trabajo desarrollado a partir de *Ética Animal*¹⁶⁰ son muy potentes, sobre todo en el contexto actual a nivel estatal [en España]. A través de una educación integral y más completa, que también implique la formación de educadores en las escuelas para tratar la ética animal, podemos empezar a cambiar la mirada: comprender a los animales como individuos, como sujetos en sí mismos, no solo en cuanto se parecen a nosotros. Eso significa reconocer y valorar el valor intrínseco de los animales y reflexionar sobre las prácticas cotidianas que los afectan — prácticas que van mucho más allá, por ejemplo, de la simple cuestión del uso del plástico.

Así, si alguien desea llevar a estudiantes para aprender sobre determinados animales, se pueden buscar alternativas más éticas — en lugar de visitar un zoológico, recurrir a otros espacios, realizar una videollamada con centros de rehabilitación, o utilizar diferentes



SUMARIO

recursos que no refuercen la lógica de la colección. Esa educación ética no debe partir únicamente de las instituciones que mantienen animales en cautividad, sino también — y sobre todo — de los centros de rehabilitación y de las propias escuelas. No podemos permitir que sean solo los zoológicos o espacios similares los que asuman ese papel educativo, ya que muchas veces esto sirve como justificación para su mantenimiento como institución. Se trata de pensar la educación de manera colectiva, a nivel social, para que sea realmente efectiva. No podemos delegar en la industria — con sus intereses económicos — la responsabilidad de educar a las próximas generaciones.

LUÍS – Otra cuestión sobre este texto es si consideras que existe una *pedagogía del entretenimiento*, es decir, una forma de educar a través de la diversión que, sin embargo, reduce al otro al objeto de contemplación. ¿Cómo sería posible pensar esta cuestión desde una perspectiva de la ética animal? Y, a partir de ahí, ¿qué tipo de educación deberíamos desarrollar para construir una crítica consistente a este contexto? Ya mencionaste algunos puntos anteriormente, pero ahora la pregunta es más específica: se trata de reflexionar en términos de una pedagogía del entretenimiento.

OLATZ – Me gusta mucho esa palabra, esa forma de comprender, porque es como si esa pedagogía ya categorizara o jerarquizara a los otros animales. En realidad, no he leído específicamente sobre “pedagogía del entretenimiento”. Ahora estoy profundizando más en el tema del espectáculo, pero, al final, ambos caminan juntos. Me parece evidente que, dada la socialización especista que tenemos, esa pedagogía del entretenimiento puede ser bastante problemática, no solo en relación con los animales, sino también cuando hablamos de la forma en que nos entretenemos con otras culturas, con otros grupos sociales — o incluso con diferentes clases sociales, dependiendo del programa — siempre desde una posición de distancia que nos coloca “por encima”.



SUMARIO

Por eso, creo que necesitamos una educación más integral, como ya mencioné: una educación ética y crítica, que busque complejizar, que vaya más allá de lo que aparece de inmediato en el contenido. Es necesario hablar sobre cultura, sobre los animales, sobre los intereses no humanos, tanto a nivel individual como colectivo. No basta solo observar: es preciso fomentar el pensamiento crítico. De lo contrario, cuando estamos acostumbrados a ver a los animales en esas situaciones, terminamos por normalizarlas, naturalizarlas y reproducirlas en el futuro, si permanecemos únicamente en la lógica del entretenimiento.

No creo que, como receptores de entretenimiento, seamos totalmente pasivos o incapaces de reaccionar. Pero pienso que es necesario problematizar este consumo, precisamente porque, cuando estamos entretenidos, nos encontramos en un estado más relajado, menos crítico. Y es en ese momento cuando las dinámicas de poder, las violencias e incluso la propaganda entran de forma más sutil de lo que quisiéramos admitir. Sin darnos cuenta, podemos estar naturalizando prácticas violentas y reproduciendo esas estructuras sin cuestionarlas.

LUÍS - Con frecuencia, en algunos de tus textos, así como en algunos de Catia Faria (2023), aparece, en términos de un análisis antiespecista, una crítica a la colectivización — ya sea de insectos, de peces o de otros animales no humanos —, destacándose la individualidad como una dimensión importante para la sintiencia. Bajo el título de la subsección *"The art of acknowledging individuality: voice(less) and name(less)"*, puede entenderse que la individualización está presente, por ejemplo, en la denominación de los animales domesticados más comunes, como perros y gatos, pero es mucho menos frecuente para otros animales, como los de granja o los de zoológicos y acuarios. En otras palabras, estos existen únicamente como colectivos "sin nombres" y "sin voz", lo que, a su vez, facilita su explotación como "cosas", ya que, más que sujetos (siendo el nombre una forma de



SUMARIO



convertirse en sujeto), son considerados como objetos — como ya hemos explorado anteriormente.

Otra cuestión que me gustaría retomar es lo que comentas respecto a la retórica de la denominación — cómo funciona como una estrategia que, por un lado, individualiza a los animales, pero, por otro, también colectiviza los problemas que existen en torno a ellos. Y, sobre todo, me gustaría escuchar tu opinión sobre este “recurso” — que me parece horrible — de atribuir siempre el mismo nombre a diferentes animales, a lo largo del tiempo, como si estuvieran siempre bien, sin envejecer, enfermar o morir, en la medida en que son sustituidos por otros de la misma especie, más jóvenes.

OLATZ – Sí, totalmente. Para mí eso es incluso aterrador, y me recuerda una práctica muy común también en los hogares: alguien dice “tengo un pececillo llamado *Naranjito* desde hace 20 años”, pero, en realidad, ya han pasado siete “Naranjitos” por la misma pecera. Esa lógica de la denominación, que en principio debería servir para reconocer una identidad individual, acaba funcionando como si fuera un personaje de espectáculo, cuyo nombre pasa de un animal a otro — como en el teatro, en el que actores diferentes representan el mismo papel.

En el caso de los animales, esto no solo invisibiliza sus individualidades, sino que además los diluye en una colectividad artificial. Es un fenómeno que considero muy problemático, pero que está bastante difundido, incluso con nombres “artísticos”. Y esto se conecta con la cuestión de la individualización y de la colectivización: es preciso tener cuidado para que, al identificar, no perdamos de vista lo colectivo. De lo contrario, corremos el riesgo de generar empatía hacia un personaje como *Mickey Mouse*, pero no hacia las ratas reales, por ejemplo.

Recuerdo un estudio¹⁶¹ sobre sistemas de identificación de orcas (*Orcinus orca*) en la costa de Canadá y de Estados Unidos. Allí,

SUMARIO



desarrollaron un método para reconocer individualmente grupos e individuos, lo que permitió no solo un censo más preciso — revelando que había muchas menos orcas de lo que se imaginaba — sino que también impulsó cambios legales que prohibieron la captura de esos animales en libertad para el cautiverio. Además, el sistema permitió mapear relaciones sociales: estructuras de matriarcado, patrones de socialización, intercambios entre grupos. Y, al mismo tiempo, favoreció una conexión individual y colectiva: cada orca pasó a tener un código, una historia, una identidad, y esto sirvió como herramienta para una educación ambiental que realmente beneficiaba a los propios animales, sin borrarlos en un nombre genérico.

No sé, parece una historia muy bonita, o un ejemplo muy significativo, para mostrar que, cuando nos esforzamos en identificar, en percibir las diferencias — no para categorizar, sino para comprender y pensar en lo que esos individuos realmente necesitan —, los resultados pueden ser positivos. Podemos advertir, por ejemplo, que la reducción en el número de animales tiene que ver con la escasez de alimento por determinada razón, y eso nos lleva a luchar para que tengan acceso a lo que necesitan. Si no conocemos, si no establecemos esa conexión, acabamos perdiendo oportunidades de apoyo o incluso invisibilizándolos, cuando los dejamos disueltos únicamente en lo colectivo. Por eso considero importante atribuir nombres, pero que esos nombres representen una individualidad real — sin transformarlos en “estrellas”, sin desconectarlos del grupo del que forman parte.

LUÍS – Em este mesmo texto (Aranceta-Reboredo, 2024), afirmas que “los/las trabajadores/as de zoológicos dicen estar educando a los visitantes de esos espacios para que respeten a los animales cautivos y en libertad”. Afirmas también que “la educación es uno de los pilares que promueve esa industria” y que “la *World Association of Zoos and Aquariums* (WAZA) insta a todos los zoológicos y acuarios a asegurar que la educación sea un motivo central de su razón de ser” (p.141).

SUMARIO

Así, la pregunta es: ¿cómo se podría transformar la tradición que empezó en el pasado y que, una vez más, tiene muchas raíces en las prácticas de invasión y saqueo del colonialismo/imperialismo, de las que tanto las disciplinas biológicas (pero también la veterinaria y la agricultura) como los espacios expositivos (museos, zoológicos, colecciones, etc.) son herederos, y que expusieron no solo a animales no humanos, sino incluso, hace menos de un siglo, también a animales humanos como objetos (más que sujetos) de la mirada de los espectadores?

Esa cuestión me parece importante porque creo que el presupuesto de las prácticas educativas, tanto en la escuela como en la propia formación de docentes en ciencias y biología, no pasa por criticar esa tradición heredada, sino por, de algún modo, repetirla.

OLATZ – Esta es una cuestión que me interesa mucho, pero para la que no tengo una respuesta concreta. Y creo que, en este momento, nadie puede ofrecer una solución definitiva. Pero pienso que hay dos puntos principales.

El primero es que estamos viviendo un momento en el que la propia industria empieza a reconocer su pasado colonial y a revisar esa historia. Sin embargo, al mismo tiempo, ocurre también un proceso de *rebranding*: muchas instituciones y empresas reconocen “un mal del pasado” para distanciarse de él y afirmar “esto ya no somos”. Es una forma de desresponsabilizarse, de lavar la imagen, rechazando cualquier conexión con el presente.

El problema es que, al final, ese gesto crea una apariencia de reflexividad y de ética, pero no impide la continuidad de prácticas heredadas del colonialismo y del extractivismo — prácticas que vienen de hace 100, 150 años y que permanecen, ya sea a través de becas, de acuerdos o del transporte de animales. Por eso, pienso que es fundamental tener cuidado frente a esas instituciones que se muestran críticas solo en el discurso, porque ese reconocimiento puede



SUMARIO

acabar enmascarando prácticas que, aunque hoy parezcan menos violentas, siguen siendo formas de perpetuación de esas lógicas.

Pero también creo que, a partir de las prácticas educativas, hay mucho que podemos hacer tanto a nivel social como pedagógico —y no solo pensando en las generaciones más jóvenes. Esto implica también la formación de profesorado, investigadores, profesionales que trabajan directamente con animales o que estudian la historia de esos espacios, de manera que dicha formación esté orientada por una perspectiva crítica. Reconocer una tradición heredada no significa que no pueda ser transformada desde dentro. Aunque ciertas prácticas se repitan o se perpetúen —porque todos tenemos límites—, sigue existiendo un margen para la transformación.

En este sentido, la educación puede desempeñar un papel fundamental. Algo que me llamó la atención, a partir de conversaciones con trabajadoras y de algunos textos que estudié, es cómo muchas veces se habla de la extinción, de los daños en la naturaleza, del sufrimiento de los animales, pero la acción concreta que se propone acaba limitándose a “donar dinero”, “no usar plástico” o “no comer peces pequeños” —en lugar de proponer, por ejemplo, “no comer peces”. Es decir, se presentan problemas reales, pero las herramientas que se ofrecen a las personas para actuar sobre ellos son bastante restringidas.

Por eso pienso que es necesario darle una vuelta a esa lógica: ¿hasta qué punto estamos realmente facilitando que las personas puedan actuar? ¿O simplemente estamos diciendo: “mira, sabemos que todo esto está mal”? En ese proceso, coincido con lo que algunas entrevistadas consideraban fundamental en la educación: lo fundamental de empezar a reconocer a los animales como sujetos —individuos con carácter, con personalidad. No se trata de decir “has visto una tortuga en el centro de rescate”, sino más bien: “has conocido a Mary, que prefiere esta comida y no aquella, que viene de tal situación y que, por la edad que tiene, no puede alimentarse por sí misma”. Este



SUMARIO



tipo de narrativa individualiza y genera conexión, al mismo tiempo que posibilita una educación más ética y transformadora.

Por ejemplo, crear historias e identidades que hagan visible la realidad de esos individuos puede ser una estrategia importante. Una de las personas que entrevistamos, al hablar sobre zoológicos y acuarios, comentaba que en verano los delfines se volvían más activos sexualmente —lo que a veces era considerado un “problema” para los espectáculos, porque no podían presentarse. Había mucho debate entre las trabajadoras, que convivían diariamente con los animales, y la administración de los espectáculos. Muchas de ellas decían: *esos animales no deberían hacer tres funciones al día, como mucho una, porque estaban más agresivos, más nerviosos*. Y, ante esto, llegó incluso a proponerse sustituir la función tradicional por un espectáculo educativo, de una hora y media, en el que se explicara al público por qué los animales no estaban presentes en ese momento, aportando detalles sobre sus necesidades y límites. Esto muestra que, incluso dentro del propio sistema, existen posibilidades de transformación —aunque muy limitadas— y un interés genuino en buscar alternativas.

Por último, pienso que es fundamental ofrecer una perspectiva realista sobre la situación: reconocer las limitaciones de los espacios y prácticas en que los animales están insertos. Estar en un contexto de dominación y restricción implica, inevitablemente, sufrimiento y daño —y el cuidado, por muy bien intencionado que sea, no elimina esta realidad. Ser transparentes sobre esas contradicciones, reconociendo que los humanos no somos omnipotentes y que la situación está lejos de ser ideal, puede abrir espacio a una conciencia más crítica y, en consecuencia, a la acción.

Uno de los grandes problemas de la educación ofrecida por la industria es precisamente esa inducción a la pasividad: “si dono dinero a la asociación, ya he hecho mi parte y puedo quedarme tranquilo”. Al contrario, creo que necesitamos fomentar una postura

SUMARIO



crítica que cuestione tradiciones naturalizadas y estimule la responsabilidad, tanto en el ámbito académico como en las elecciones cotidianas como consumidores. En ese punto puede residir una verdadera posibilidad de transformación.

LUÍS – Estamos, por lo tanto, hablando no solo de una educación de la mirada, que mantiene una relación jerárquica entre quien puede mirar y quien es mirado, sino también de una educación (puede decirse no formal) que, asentada en instituciones como zoológicos, circos, acuarios, granjas u otros tipos de exhibiciones, como ya se ha señalado, reproduce una lógica colonialista - imperialista - especista que se naturaliza —y, por ello, se vuelve invisible a los “ojos no preparados”.

La cuestión, entonces, es cómo pensar transformaciones dentro de un contexto tan estructurado e históricamente consolidado. Por muy problemáticas que sean estas instituciones, es poco probable que cambien de manera rápida. Pero, de alguna forma, se trata de dos cosas: una es el cambio de las prácticas y la otra es el cambio de los discursos —algo que se relaciona con lo que se denomina *ethical washing*, cuando se modifica la manera de hablar o se reposiciona institucionalmente sin que la estructura fundamental sea alterada.

Teniendo esto en cuenta, mi pregunta es: ¿crees que es posible generar cambios, aunque sean parciales, desde dentro de estas instituciones ya consolidadas, que luchan por mantenerse y al mismo tiempo se presentan como reflexivas o éticas? ¿Cómo imaginas que sería posible utilizar esas mismas instituciones existentes —que no solo han ido transformando sus espacios expositivos, sino quizás, sobre todo, sus discursos— como una forma de torcerlas desde dentro, es decir, como una estrategia de resistencia para “abrir los ojos” a otros modos de pensar y mirar?

OLATZ – Creo que este es un tema en el que no se conocen tanto las exploraciones de alternativas¹⁶²: hacer colaboraciones incómodas,

SUMARIO

que desafíen las convenciones existentes. Recuerdo cuando estuve en *Edge Hill University*, en el *Center for Human-Animal Studies*, en 2023, durante tres meses de mi doctorado. Una de las doctorandas de ese centro estaba creando una red de colaboración con productores rurales locales. En lugar de limitarse a trabajar por transformar la ganadería basada en animales en agricultura vegana, buscan estrategias con más pasos intermedios, y tienen una comunicación mejor que facilita alianzas frente a la ganadería intensiva.

El objetivo de estas redes es reducir gradualmente la explotación, ofreciendo alternativas económicas que permitan beneficios sostenibles y cambios a largo plazo y duración, pero que, al mismo tiempo, proporcionen algún apoyo concreto en el presente. Cuando existe un deseo de transformar la industria este acompañamiento resulta fundamental —algo que, de otro modo más confrontacional, no existiría. Es en ese contexto donde parece que pueden empezar a abrirse puertas para producir cambios efectivos a nivel material y social.

En el caso de España, por ejemplo, ZOOXXI propuso una transformación del modelo tradicional de zoológicos, centrando más la atención en los animales. La idea no era que los zoos solo trabajaran con animales importados de otros países para programas internacionales, sino también con especies locales: animales capturados o cedidos por personas que los mantenían como “exóticos” en sus casas y que, por algún motivo, ya no podían cuidar de ellos. El objetivo era convertir el espacio en un centro de recuperación —un verdadero santuario— donde los animales, muchas veces “jubilados” o imposibilitados de regresar a la naturaleza, pudieran recibir el mejor cuidado posible.

Acompañar este tipo de transformación solo es viable cuando hay colaboración. No se trata únicamente de ofrecer apoyo político o económico, sino también de dialogar sobre las diferentes ideas y estrategias para transformar esos espacios. Esto implica sentarse a

SUMARIO

la mesa con personas con las que no se está totalmente de acuerdo, ceder en algunos puntos y escuchar las limitaciones que existen para llevar a cabo cambios reales.

Creo, por lo tanto, que hay mucho por hacer, pero dentro de una lógica de pragmatismo estratégico. Gran parte de este trabajo pasa por tener un “choque de realidad” respecto a las limitaciones de algunas industrias, escuchar las necesidades de los trabajadores y planificar acciones a largo plazo. A veces, eso implica valorar aspectos que inicialmente no habíamos considerado. Por ejemplo, en las entrevistas que realizamos, preguntamos a los profesionales qué medidas pensaban que tendrían mayor impacto en el bienestar de los animales bajo su cuidado. Casi todos señalaron mejores condiciones laborales. Muchos sufren explotación, precariedad, falta de convenios, bajos salarios, horas extras no remuneradas —y, cuando vuelven a casa, hay casos en que los animales no son alimentados adecuadamente. Aumentar la estabilidad de la plantilla, contratar a más personas y ofrecer mejores salarios tendría un efecto directo y significativo en el cuidado de los animales. Esto muestra que la precariedad laboral humana impacta directamente en su calidad de vida. Mejorar las condiciones de trabajo no es solo una cuestión ética para los humanos, sino también para los propios animales bajo su cuidado.

Creo, así, que existe espacio para la colaboración, aunque no todos estén preparados para cambiar. Muchos en las industrias se conforman con decir “hemos cambiado” y ya está. Además, hay diversas razones por las que la gente no se abre: miedo a ser juzgada, temor a críticas directas sobre el daño que causa o resistencia a colaborar con abolicionistas. Sin embargo, hay formas de apoyar a esos trabajadores para que no se sientan tan aislados, y razones prácticas para buscar mejoras en el día a día de muchos animales. Hay varias asociaciones trabajando de esta manera. El desafío es que colocar a los animales en santuarios, aumentar el número de cuidadores o retirarlos de la exhibición muchas veces no resulta atractivo ni política ni económicamente. Por ello, las políticas públicas tendrían que pensar



SUMARIO



estratégicamente: los recursos son limitados y, en muchos centros, lo máximo que podrían ofrecer sería cuidar de los animales sin proporcionar ningún tipo de enriquecimiento, estímulo físico o mental.

¿Qué puede hacer un trabajador en estas situaciones? ¿Cómo cambiar sus propias prácticas? Muchas veces, criticar a la institución es lo máximo que se permite —y nada más. Para lograr cambios reales, se necesita mucha más inversión financiera. Ese recurso no puede depender únicamente de la entrada de visitantes, porque aumentar el flujo de público también puede generar consecuencias negativas: sobrecargar a los trabajadores y estresar aún más a los animales. Por lo tanto, es necesario un financiamiento significativo, público y estructurado, que no dependa exclusivamente de los ingresos de visitantes. Solo así será posible crear mejores condiciones para los animales y para los profesionales que los cuidan, ofreciendo un espacio para prácticas más éticas y sostenibles.

LUÍS – En el texto *Exploring nonhuman animal representation in children's media: a critical literature review* (Aranceta-Reboredo, 2023), que marca el final de tu disertación de máster, analizas, desde una perspectiva antiespecista situada en el área interdisciplinar de los *Critical Animal Studies*, las representaciones de animales no humanos dirigidas a la infancia en los medios (series televisivas y películas). Afirmas que las niñas y los niños aprenden muchas cosas a través de esas representaciones (normas sociales, valores éticos, narrativas culturales, cuestiones de género y sexualidad, domesticidad, etc.). También señalas que tienden a establecer conexiones emocionales más fuertes con los animales no humanos mediante las diferentes formas de medios (que emplean estrategias asociadas a la antropomorfización, como infantilización, colectivización y *cuteness/pupyness* – disneyficación, bambificación) que en experiencias directas con animales.

Destacas, además, que el uso de “personajes animales antropomorfizados para contar historias humanas normaliza y replica

SUMÁRIO



los mecanismos de dominación entre humanos y no humanos de la vida real" (p.21). En este sentido, identificas que la discusión realizada en la revisión que presentas está centrada "en los valores pedagógicos o simbólicos de los no humanos de acuerdo con los intereses humanos".

Asimismo, dicha revisión muestra que los animales humanos, en su práctica académica –incluso cuando pretenden proteger a los animales no humanos–, no los consideran "como ellos mismos" (p.22 y ss.), permaneciendo centrados en el animal humano (p.24). En otras palabras, el especismo está naturalizado incluso en la propia *ciência*¹⁶³, así como en los diferentes medios (lo que, en el campo de los Estudios Culturales, se ha denominado como *pedagogías culturales*¹⁶⁴), de modo que no se observan los cuerpos, necesidades y comportamientos de los animales, sino únicamente a través de lentes antropomórficas, que tienen un impacto significativo en la construcción de valores, comportamientos, actitudes ecológicas y elecciones alimentarias (como comer o no carne) (p.23).

Considerando ese estudio, indicas que seleccionaste los trabajos que más se aproximan a la perspectiva de considerar a los animales no humanos como ellos mismos, es decir, como señalas citando a otro autor, "... representaciones de animales no humanos reales, con cuerpos, necesidades, deseos y comportamientos que se alinean con sus identidades de especie" (p.22).

Otro punto que llama la atención en tu texto es el argumento de que "la antropomorfización [opera] como una herramienta para invisibilizar la sintiencia no humana" (p.24). Y aquí están implicados varios grados, como la proximidad (animales domésticos, como perros y gatos, situados en una especie de limbo, en un continuum en el que son posicionados como "más que animales", pero "menos que humanos"); las representaciones circulantes de animales considerados bellos (como algunos mamíferos) en contraste con los considerados malos o feos (como serpientes, arañas, escorpiones

SUMARIO



e incluso algunos mamíferos, como la hiena); y la colectivización, como en el caso de peces e insectos.

En este contexto de variadas formas de invisibilización, ¿podrías discutir la siguiente frase/idea?: *"la invisibilización de las experiencias no humanas se aborda por medio del caso ejemplificativo de la cisheteronormatividad proyectada sobre ellas"* (p.24). Y, junto a ello, también me gustaría que comentaras sobre el borrado, que mencionas más adelante en el texto, de la *"queerness"* encontrada en los animales" (p.36).

OLATZ – Este es un tema que me interesa personalmente mucho, y que en el artículo acabó quedando limitado por cuestiones de espacio: tuve que sacrificar algunas partes que, tristemente, no quería dejar de mencionar, precisamente por su importancia. Entré en contacto con esta cuestión por primera vez en las clases de máster con Núria Almirón, al discutir los *frames* y el *storytelling* presentes en los documentales de naturaleza. Un punto que analicé fue la construcción de la familia nuclear en esos documentales televisivos. Al investigar artículos críticos sobre el tema, empecé a ser consciente de algo que mucha gente ya sabía antes que yo: esas representaciones tienen un propósito político y de educación moral en ciertos contextos.

Históricamente, los documentales de naturaleza mostraron, por ejemplo, familias normativas en especies que no presentan este tipo de comportamiento — especies que no son monógamas, que no son heterosexuales y cuyas prácticas de cuidado no siguen patrones "cristianos" o centrados en la idea de *nurturing*, como estamos acostumbrados a escuchar sobre los mamíferos. Había una romantización del cuidado y de la caza, en la que el comportamiento de los animales se interpretaba de forma distorsionada: si era una hembra, se hablaba de cuidado; si era un macho, de protección. Además, cuando había competencia, se utilizaba un lenguaje bélico con referencias humanas. En otras palabras, los documentales aplicaban lentes humanas para interpretar comportamientos, estructuras sociales,

SUMARIO



relaciones familiares y grupales que no tienen relación con las formas de jerarquización o negociación de esos animales. Eso terminó generando estereotipos sobre ciertos comportamientos que, desde el punto de vista de la etología (del estudio del comportamiento animal) no corresponden a la realidad. Es como ver una película de Disney: las imágenes y los cortes presentados sirven a la narrativa que se quiere construir, y no a la vida real de esos animales.

Así, al profundizar en este tema, se ve que no solo se invisibilizan aspectos como la diversidad sexual, la dominación de hembras en algunas especies, la variación en relación con la genitalidad, sino también a los individuos que podrían ser entendidos, desde el concepto humano, como trans: animales con capacidad de cambiar de sexo o de desempeñar roles que podríamos relacionar con el género. En este contexto, si *Buscando a Nemo* hubiese sido más realista, la historia mostraría a una madre buscando a Nemo. En esta especie, cuando no hay hembras —que son más grandes y fuertes— algunos machos cambian de sexo o de fisonomía para asumir papeles de protección necesarios para el grupo. Esa transformación es totalmente natural y permite que el individuo ofrezca cuidados más efectivos a su entorno. Este fenómeno es discutido en obras como *Evolution's Rainbow*¹⁶⁵, que recopila diversos comportamientos queer en el mundo no humano. Al mismo tiempo, existe un esfuerzo activo, muchas veces institucional o narrativo, por imponer interpretaciones normativas y no queer de la naturaleza. Esto ocurre porque tendemos a proyectar nuestra propia visión del mundo en la naturaleza y a creer que solo existe una forma “correcta” de ser, relacionarse o existir. Así, comportamientos presentes también en la naturaleza, acaban siendo considerados antinaturales por estar invisibilizados—una idea que, además, se utiliza para marginar a colectivos humanos.

Aquí surge una cuestión política: tendemos a mirar a los animales desde lentes humanas, normativas y coloniales, lo que puede llevar a formas sutiles de opresión. Un ejemplo que incluí originalmente en el artículo es el caso de los “pingüinos gays”¹⁶⁶ en

SUMARIO



zoológicos. Frecuentemente son presentados como aliados de los derechos LGBTQIA+, especialmente cuando reciben huevos para “adoptar”, pero raramente se cuestiona su condición de vida real o sus necesidades, más allá de la narrativa construida.

LUÍS – Mientras hablabas, me acordé de la película *La marcha de los pingüinos*¹⁶⁷, que también fue bastante criticada por presentar la idea de la pareja y el esfuerzo que hacen para cuidar del huevo y de la cría. La película refuerza un lenguaje que describe lo que hacen hembras y machos, cómo aprenden y actúan de acuerdo con su “género”.

OLATZ – Es algo que, al mismo tiempo, invisibiliza realidades humanas e impone esquemas de comportamiento humano sobre los animales. Es una especie de doble opresión: no conseguimos comprender a los demás animales como realmente son, y además recortamos la diversidad que existe en el mundo humano, fingiendo que ciertas prácticas no son “naturales”.

LUÍS – ¡Exactamente! Incluso cuando no se discute explícitamente, existe una educación implícita que moldea los cuerpos y los comportamientos de acuerdo con normas específicas. El interés existe hasta cierto punto —mientras conviene a la narrativa.

La siguiente cuestión se aleja un poco de lo que vienes analizando, pero implica a *Peppa Pig*. Aquí, la reflexión es sobre la distancia entre gustar de Peppa y consumir carne de cerdo. A los niños les gusta el personaje, pero, como mencionaste sobre Mickey Mouse, ese afecto no se traduce en cuidado o respeto hacia los animales reales. Entonces, la pregunta es: para promover una conexión entre la representación mediática de los animales y los animales en la “vida real”, ¿sería necesaria una educación no especista, que ocurra en la escuela, en la familia y en los medios? Helena Pedersen (2023) llama a esto educación posantropocéntrica. La cuestión central es: ¿cómo promover una educación posantropocéntrica en medio de un discurso hegemónico, antropocéntrico y naturalizado?

SUMARIO

OLATZ - Por ejemplo, algo que me interesaba mucho —y que, de hecho, estaba previsto como marco teórico de mi tesis inicial— era colaborar con la televisión pública vasca para establecer la ética animal como uno de los objetivos éticos del canal, junto con otros ya existentes, como igualdad de género, educación ambiental, etc. La idea era que la ética animal funcionara como parámetro para el contenido producido, permitiendo analizar lo que se estaba transmitiendo desde el punto de vista ético en relación con los demás animales. Este artículo (Aranceta-Reboredo, 2023) sirvió como base teórica para planificar y definir este objetivo, así como para evaluar el contenido emitido, garantizando que el canal fuera consciente de lo que estaba comunicando sobre los animales. Veo en esto un gran potencial y me encantaría desarrollarlo en un futuro: así como incorporamos consideraciones de igualdad de género o justicia ambiental en la producción y difusión de contenido, sería posible crear objetivos o criterios que tuvieran en cuenta a los demás animales. Tanto al contar historias con animales como protagonistas, como al enseñar sobre problemas que enfrentan o comportamientos naturales, tener este parámetro permitiría que la producción de contenido sea más consciente. Las personas, al consumir estas historias, también serían invitadas a reflexionar críticamente sobre lo que se está enseñando y cómo se representan los animales.

También creo que en la creación de contenido tienen mucho que ver los cómics, historias y libros de inspiración vegana. Cuando empecé en el activismo, conocí a Mel Zukernik, y colaboré en la traducción de parte de su saga de libros que eran a la vez ecocéntricos y antiespecistas —aunque sin usar explícitamente esos términos.¹⁶⁸ Estas obras ofrecen una educación en la que los animales son reconocidos como individuos, pero también respetados en sus características de especie. Los conflictos de las historias no giran únicamente en torno a las relaciones humanas, sino que incluyen preocupaciones relacionadas con el bienestar de los demás animales. Recuerdo, por ejemplo, uno de los libros en el que uno de los

SUMARIO



protagonistas humanos deja en el bosque un poni de plástico, que era su juguete favorito. Otro personaje, al encontrar el objeto, se asusta pensando: “¿Y si mis amigos no humanos creen que esto es comida? ¿Y si alguien lo come y se hace daño?”. A partir de ahí, los personajes comienzan a hablar con los demás animales y a buscarlo juntos, hasta encontrar el juguete antes de que ocurra cualquier accidente. Este ejemplo ilustra no solo los riesgos de la contaminación ambiental, sino también la importancia de la colaboración, la prevención de daños y de imaginar cómo actuaría cada animal ante la situación.

Creo que la creación de nuevas narrativas —ya sea en literatura, cine u otros medios dirigidos a la infancia— necesita pasar por una revisión crítica de lo que realmente estamos enseñando. No se trata de negar la dimensión lúdica, sino de cuidar que los animales no se presenten únicamente de forma cuqui o estereotipada y simplificada. Es necesario evitar la desconexión entre el personaje representado y el animal de la misma especie en la vida real. Si es un cerdo en la historia, sigue siendo el mismo cerdo que, en otros contextos, podría ser consumido como carne. Esta conexión, que la literatura vegana ha buscado recuperar, es central para promover una educación más crítica y coherente.

LUÍS - Ahora vamos a una cuestión que se extiende desde la biología (la discusión sobre la neotenia, es decir, como tú dices, “la retención de características juveniles en el adulto”), pasando por la psicología infantil y llegando hasta los estudios de recepción/audiencia en comunicación, estando completamente implicada —según entiendo y deduzco de la lectura de tu texto— con la educación. Se trata de la cuestión más amplia de la antropomorfización que, según señalas, algunos autores defienden como válida y necesaria “para promover la empatía hacia los animales no humanos” (p.30), mientras que otros la critican fuertemente desde un enfoque no especista.

Así, en este contexto de antropomorfización dirigida a los niños como estrategia para promover la empatía, ¿podrías hablar

SUMARIO



un poco más sobre la *cutification*, *bambification* o, para hacer alusión a quien más la empleó como estrategia de orientación, la *Disneyfication*? ¿Cuáles son sus posibles impactos en la comprensión de la “vida real” de los animales no humanos?

OLATZ - Creo que ya hemos visto cómo este problema aparece en diferentes casos: desde los conejos hasta los peces de *Buscando a Nemo*, o incluso películas como *Rio*¹⁶⁹, que se hicieron con la intención de promover conciencia ambiental y, paradójicamente, acabaron estimulando aún más la captura y el comercio de estos animales. El resultado fue precisamente la disminución drástica de ciertas poblaciones, lo que muestra que, incluso cuando hay avisos explícitos —como en el último *Nemo*, donde pedían no “llenar las casas de Dorys”—, los efectos secundarios siguen ocurriendo. Esto revela un punto fundamental: no controlamos cómo el público recibe estas narrativas.

Cuando transformamos animales en iconos o personajes ideales —ya sea Bambi, que despierta empatía hacia animales en la caza, o el pez o el pájaro protagonista y “coleccionable”— abrimos un espacio peligroso para la mercantilización de la vida no humana. No sé si la solución pasa únicamente por poner avisos en las películas o por transformar la narrativa para enfatizar el lado negativo de la explotación, porque, aun así, los riesgos permanecen. Tal vez la cuestión central sea replantear directamente este tipo de representación, para que no continúe produciendo consecuencias materiales tan graves. Solamente estoy reflexionando al respecto. No se trata de decir que estas historias deben desaparecer, sino de transformarlas de manera que no refuercen prácticas de consumo y explotación, aunque la intención original sea educativa.

LUÍS - Ahora me gustaría abrir un espacio para hablar de la intersección con los Estudios Culturales. Porque, al menos según la comprensión que tengo, los Estudios Culturales son un campo muy abierto, que cruza con muchas áreas —filosofía, educación, comunicación,

SUMARIO

derecho, literatura, cine...— y precisamente por esa apertura, también sufren de esa falta de identidad fija. Pero, al mismo tiempo, es esta plasticidad la que permite múltiples ramificaciones: estudios de género, estudios sobre el racismo, estudios sobre la identidad y, claro, siempre atravesados por la cuestión del poder. En este sentido, me parece que hay una resonancia: las preguntas que los *Critical Animal Studies* plantean no están tan lejos de las que los Estudios Culturales ya hacen en relación con género, raza e identidad.

Yo, personalmente, no tengo una lectura tan profunda de cómo los *Critical Animal Studies* se articulan formalmente con los Estudios Culturales, pero mi cuestión es precisamente esta: ¿ves conexiones? ¿Crees que existe, de algún modo, una agenda política común —en la que la cuestión de los animales haga eco de debates sobre género, racismo u otras formas de opresión? Y quizás la diferencia sea que, mientras los Estudios Culturales no siempre trabajan desde una dimensión ética, sino política y representacional, los *Critical Animal Studies* ponen este énfasis ético de manera mucho más clara. Pero, de todos modos, veo un compromiso compartido de debatir y tensionar las formas de poder que moldean tanto las relaciones humanas como las no humanas.

OLATZ - Sí, totalmente. De hecho, la creación de grupos como CULIVIAN¹⁷⁰ —en Valencia— representa muy bien este tipo de interés y movilización. Creo que, desde el principio, ya había una proximidad entre los *Animal Studies* y los *Cultural Studies*, sobre todo por la representación, el trabajo con cine, literatura e imágenes. Pero lo que veo ahora es que, desde la crítica de los *Animal Studies*, están surgiendo redes de colaboración cada vez más fuertes. Por ejemplo, en la estancia conocí a Bianca Friedman, cuya tesis trata sobre la representación de los caballos en el cine. Y no solo sobre los caballos como "actores" en la película, sino también sobre la realidad material presente: las condiciones de estos animales, las implicaciones de cómo pasamos a entender a otros caballos a partir de estas



SUMARIO



imágenes, los mitos que se crean en torno a ellos e incluso las consecuencias ecológicas o locales derivadas de esta industria.

Así que, yo diría que sí: hay muchas ideas y conexiones. Hay muchas personas que trabajan desde los *Cultural Studies*, pero asumiendo esta mirada crítica de los *Animal Studies*. Lo que hacen es precisamente analizar el discurso, el texto, lo visual y lo auditivo, pero siempre desde un prisma político y crítico, que tiene en cuenta lo que todo esto significa para los demás animales.

Entonces, veo que es realmente una combinación muy enriquecedora. Primero, porque aporta otra dimensión a los análisis que ya se venían realizando, y luego porque abre posibilidades para personas que, en determinados círculos, nunca se habrían planteado la cuestión de los animales como sujetos políticos. De repente, dicen: "Ah, mira, no había pensado que este contenido podría trabajarse de esta manera". En los congresos en los que he estado últimamente, me encuentro mucho con esto: unas pocas personas únicas en sus campos, que están haciendo algo relacionado con los animales desde un punto de vista crítico. Por ejemplo, Leire Morrás¹⁷¹, que viene de los estudios clásicos; Irati Jiménez¹⁷², que trabaja la literatura, pero desde una perspectiva animalista; compañeras en CULIVIAN, que también investigan la cultura popular; y una amiga mía y doctoranda, Natalia Miron, que está estudiando intersecciones entre orientalismo, capacitismo y especismo con casos como el de *Avatar*¹⁷³. Hay mucho trabajo potente emergiendo precisamente de esta colaboración, y en unos años redes de doctorandes pasarán a ser redes de doctore/as con estas inquietudes.

Personalmente, me interesa mucho leer estos estudios, porque traen reflexiones que, si uno se limitara únicamente a los *Critical Animal Studies* teóricos y centrados en lo material, dejaría fuera una parte fundamental: el impacto cultural, simbólico y representacional. Es un campo que solo se fortalece con esta apertura. Y, al fin y al cabo, esto demuestra que los *Critical Animal Studies* son necesariamente

SUMARIO



interdisciplinarios. No es posible dedicarse a ellos sin tener alguna noción de cultura, derecho, política, biología, etología, comunicación... porque cada tema exige atravesar estas áreas. Si no, uno se da cuenta de inmediato de que falta comprensión.

Y, para mí, lo cultural siempre ha sido una base en todo lo que he hecho y en lo que quiero seguir explorando. También por eso me interesó tanto el tema del contenido dirigido a la infancia. Porque, aunque es fundamental analizar el discurso empresarial, publicitario y mediático —y esto, sin duda, es muy relevante—, lo que estos *lobbies* hacen en términos educativos y en las culturas que fomentan crear a través de asociaciones, eventos y conversaciones es, en mi opinión, fundamental para entender su impacto. Es un impacto que se sedimenta en el *statu quo*, en el inconsciente colectivo, y no solo en la infancia, sino también en jóvenes y adultos. Así que, sí, veo claramente esta superposición entre disciplinas y percibo que ya existen colaboraciones muy interesantes en este sentido.

LUÍS - En el texto *"Compromised values: a comparative response during the COVID-19 crisis by ethical vegans and vegetarians"* (Díaz, Almiron y Aranceta-Reboredo, 2024), ustedes afirman que el *animal advocacy* es un fenómeno complejo que, como movimiento social, involucra diversas instancias morales y estilos de vida que tienen el veganismo y el vegetarianismo como sus núcleos, además de la contestación contra los experimentos con animales.

También analizan las comunidades veganas y vegetarianas, en las que surge la discusión sobre las vacunas y el hecho de que algunas contengan insumos de origen animal. En este contexto, trabajan precisamente el alineamiento entre el veganismo político, los principios de justicia social y cierta afinidad con la izquierda progresista. Al mismo tiempo, aparece otro punto: el veganismo y el vegetarianismo como elecciones más asociadas a la dieta y la salud, existiendo, en este sentido, una crítica recurrente al hecho de que muchas personas no se posicionan por los animales, sino por el

SUMARIO



cuidado del propio cuerpo, por la idea de salud, rendimiento o perfeccionamiento individual.

Además, surge la noción de amenaza simbólica, sobre cómo se representan a los veganos —como en el estereotipo de los “comedores de lechuga”— y de qué forma estos prejuicios operan para mantener y reforzar el statu quo especista. Es, claro, una cuestión muy amplia, pero me gustaría escuchar tu comentario al respecto.

OLATZ - Voy a responder en dos partes. Primero, sobre el veganismo político y después sobre esta idea del veganismo como amenaza. Por un lado, el tema del veganismo político es algo que, desde los activismos, se trabaja mucho. Existe esta discusión de que alguien puede ser incluso más antiespecista —aunque consuma animales en determinadas circunstancias— que una persona que es vegana solo en la dieta, en el sentido de *plant-based*. Aquí entra la diferencia entre un compromiso político (que puede no extenderse a todas las prácticas) y una práctica más individualizada. Es decir, alguien que sigue una dieta vegana por salud, pero no participa en marchas, no firma peticiones, no se involucra en procesos de normalización social del no consumo de animales. Esta distinción genera mucho debate. Hay personas que llegan a afirmar que, si falta el factor político, no se trata de veganismo, sino solo de una dieta vegetariana estricta.

Otras, en cambio, reconocen como veganas a personas que, aunque todavía toman decisiones que no son veganas (como consumir medicamentos que contienen insumos animales, por falta de alternativas sociales), mantienen un compromiso ético. En el fondo, estas fronteras son más difusas de lo que parecen en el discurso teórico. Porque, en el ámbito práctico, el veganismo se vive siempre en un espacio de *tensión entre el ideal y la realidad material*: las condiciones económicas, la disponibilidad local de productos, las alternativas existentes. Sobre estos debates aprendo mucho de compañeras de fuera de la academia principalmente, en jornadas y

SUMARIO

formaciones autogestionadas. Y por eso, para mí, más que un ideal fijo, *el veganismo es el intento de reducir al máximo posible el sufrimiento animal*, dentro de las posibilidades de cada uno.

No se trata de ser una persona perfecta, sino de tener un compromiso y un ideario político. Esa es la diferencia respecto a quienes lo hacen por salud u otras razones que no tienen que ver con la ética —puede ser por cuestiones económicas, porque es más barato, o simplemente porque es lo que está disponible. Entonces, sí, hay diferencias en las prácticas. Pero yo diría que el veganismo, si lo entendemos como antiespecismo, es inherentemente político. El problema es que, hoy en día, también se está haciendo más grande esa brecha entre antiespecismo y veganismo, lo que abre un debate enorme, sin una respuesta sencilla.

En el texto en el que trabajamos sobre vacunas (Díaz, Almiron y Aranceta-Reboredo, 2024), justamente asociamos esta cuestión al tema del consumo. Cabe destacar que la experta del equipo en estudio de veganismo, vegetarianismo y prácticas de consumo es Estela Díaz. Originalmente el estudio planteó el veganismo como algo con límites éticos muy fuertes, al punto de plantear la hipótesis de que algunas personas veganas podrían negarse a vacunarse debido a la presencia de insumos animales. Pero lo que se observó fue lo contrario: por principios éticos asociados al cuidado, la empatía y la responsabilidad con los demás, muchas personas veganas dejaron de lado la cuestión animal, priorizando la protección y la colectividad. No era una decisión *"por mí"*, sino *"por los demás"*. En el caso de los vegetarianos, la vacunación se vinculaba más frecuentemente a razones de salud individual, de autopreservación. Es muy curioso que, en la investigación, haya destacado más el tema del veganismo que el del antiespecismo.

Actualmente, estoy explorando cómo operan los lobbies reaccionarios antianimalistas en España, que promueven narrativas de conspiración. Estos grupos afirman que hay una infiltración

SUMARIO

extranjera —procedente del norte de Europa o de Estados Unidos— para destruir la cultura española. Este discurso es peligroso, pero al mismo tiempo muy interesante desde el punto de vista sociológico y político, porque muestra cómo se construyen estereotipos para generar miedo en torno a los veganos. Estos *lobbies* producen guías y orientaciones para políticos, explicando cómo “no dejarse engañar por los animalistas”, y afirman que estos últimos estarían manipulando decisiones gubernamentales hasta el punto de amenazar la economía, las familias y la cultura local. Es decir, el veganismo aquí no es solo una práctica de cuidado o ética, sino también una categoría simbólica utilizada como amenaza, reforzando prejuicios y justificando resistencias políticas y sociales. Esto permite analizar no solo elecciones individuales, sino también las dinámicas de poder, miedo y control social que circulan en torno al veganismo.

Esto es algo que estoy investigando ahora y espero concluir la investigación en unos meses. Espero salir con ideas mucho más claras, pero que ya indican un potencial reaccionario y de obstruccionismo de este tipo de discurso, capaz de paralizar a las personas en cuestiones de ética animal. Este fenómeno parece relacionado con la ultraderecha y la obstrucción climática, e implica la creación de redes discursivas entre personas que colaboran entre sí, repitiendo las mismas ideas.¹⁷⁴ Eso sí, no quiero sobreestimar el impacto que pueden tener sin indagar en estudios de recepción en un futuro.

LUÍS - Parece, entonces, que también hay una dimensión de *fake news* y de discurso anticientífico, que está muy presente hoy en todos los lugares, incluido Brasil.

OLATZ - Exacto, y que incluso potencian a personas como Wolfgang Kiessling, de la Fundación Loro Parque¹⁷⁵, a partir de un vídeo antiaanimalista que hizo, en el que afirma que ellos son los verdaderos animalistas y ecologistas, buscando así redefinir el significado de estos términos según sus intereses. Al mismo tiempo, critica a científicos y críticos, afirmando que solo buscan protagonismo y que no



SUMARIO

saben lo que dicen ni lo que hacen, incluyendo a todos los activistas. Es muy interesante cómo están dicotomizando y polarizando el debate, mientras definen qué críticas son legítimas. No se trata de una pluralidad de voces ni de recibir la diversidad de posiciones: las asociaciones antiespecistas dicen una cosa, Kiessling dice otra, y lo que llega a la agenda pública es principalmente la narrativa de estos grupos sobre los animalistas. Esto podría generar rechazo al cambio y potenciar miedos y teorías de conspiración. Al redefinirse aquel que tiene intereses en impedir cambios y mantener las cosas como están, ¿cómo es posible posicionarse sin ponerse a la defensiva, diciendo que no eres ese tipo de vegano o antiespecista?

El animalismo es objeto de campañas de difamación desde hace tiempo. Estas campañas tienden a exagerar, sugiriendo conspiraciones omnipresentes y poderosas, o a ridiculizar, diciendo que se trata de solo unas pocas personas interesadas en la lectura. ¿Cómo entender la ética animal o la propuesta de incluir a otros animales en el círculo moral si solo lo que recibe el público general se le suman este tipo de discursos “distorsionados”? Es necesario, me parece, trabajar en recursos de contestación.

LUÍS - Estamos llegando al final, y la última pregunta que me gustaría hacer es sobre tu trabajo de tesis, que, como expresa el título de tu proyecto, trata de la compasión en España, abordando los intereses de los grupos, sus intereses exclusivos y cuestiones similares. Sin embargo, lo que me gustaría que comentaras aquí es sobre el “juego de palabras”, que funciona solo en inglés, presente en parte del título de tu proyecto: *“Compassion in (S)pain”*. Este juego de palabras, por así decirlo, pone en circulación una serie de ideas: sugiere que España, a través de este discurso y de la hegemonía de los lobbies, está provocando dolor, causando sufrimiento a los animales. Me gustaría, por tanto, que hablaras un poco sobre este juego entre “Spain” y “pain” (España y dolor; España provocando dolor...), que es extremadamente interesante y provocador.



SUMARIO



OLATZ - En realidad, debo decir que, originalmente, comenzó un poco como una broma. En las redes, durante algún tiempo, existía el meme de decir, por ejemplo: *"estoy sufriendo, tengo dolor, estoy sufriendo porque tengo que ir a trabajar el lunes"*, o en contextos similares. Y decían: *"Spain sin la S"*, en inglés. Me parecía muy divertido esa forma de hablar, porque también lo usaban con otros países, quitando una letra o sigla, y tal. Así que, cuando empecé a pensar en el título de la tesis, pensé: claro, es *"Compassion in Spain"*, pero también podría ser *"Compassion in pain"*. ¿Y si lo hiciera como en internet, quitando la S, jugando con esto? Después, reflexionando, me di cuenta de que, al final, lo que estaba generando significado era mucho más que el juego de palabras: era la idea de encontrar compasión ante el dolor del otro.

Según Nussbaum¹⁷⁶, dentro de las bases de la compasión, necesitamos cumplir varias características para tener empatía por alguien o sentir compasión. Primero, necesitamos sentir que el dolor es legítimo o real; segundo, que ese dolor es inmerecido o injusto; y tercero, que ese dolor es algo que podría ocurrirnos a nosotros, es decir, necesitamos ser capaces de trasladarlo a nuestro cuerpo o a nuestras emociones. Según este modelo, cumplidas estas tres características (legitimidad – injusticia – traslación), podemos tener empatía. Sin embargo, con los otros animales, hay aún otra dimensión, que creo se llama pensamiento eudaimonista¹⁷⁷ o algo similar, que consiste en la idea de que el colectivo que está sufriendo merece esta empatía.

Con el título *Compassion in (S)Pain (La compasión en el dolor)*, propongo reflexionar sobre el papel que desempeñan estos lobbies. El argumento que sostienen es que, aunque se reconozca que este dolor no es merecido, que es real y que podría ser experimentado por nosotros, el simple hecho de tratarse de otros animales impide que la compasión se manifieste de manera proactiva. Es decir, la población no siente la necesidad de actuar. También se trata de esta idea de entrar en el dolor del otro con compasión o acción, de ser capaz de

SUMARIO



verlo, y después pensar en la compasión en general en España. Este tipo de discurso, al final, es lo que acaba contribuyendo a movilizar o inmovilizar respuestas dentro del país, o en diferentes regiones, frente a este tipo de sufrimiento. Puede llevar a que se normalice, se naturalice, o, por el contrario, que haya una acción positiva en el sentido de decir: “no, aquí creemos que esto no debe seguir ocurriendo” —es decir, que exista una respuesta social.

Este título juega un poco con todas estas ideas, ¿no es así? La importancia del sufrimiento, cuando hablamos de todos estos animales, de cómo se crean barreras para que no lo percibamos; pero también, incluso cuando lo vemos o comprendemos, muchas veces no hacemos nada al respecto. Está, por tanto, relacionado con la idea de obstruir, de paralizar, de impedir que haya una acción proactiva. A diferencia de la empatía —una de las formas en que la literatura distingue los conceptos, aunque haya divergencias entre autores—, la confusión o el bloqueo de la compasión implica el impedimento de que haya acción proactiva, aunque haya empatía. La tesis, entonces, investiga cómo esta respuesta o cambio social puede ser frenada por el discurso de aquellos que tienen interés en perpetuar el uso de animales en espectáculos, exhibiciones y cautiverio por motivos de entretenimiento.

Me gustaría agradecerte por preguntar sobre esto, ya que nadie me había cuestionado sobre el título, y es algo que me ha gustado mucho.

LUÍS - Sí, pero es realmente muy interesante, porque ya en el título se plantea un problema. Ahora, para finalizar, hay dos cuestiones, pero las agruparé: versan sobre el futuro y si tienes algo más que añadir. ¡Así que, el futuro!

Hay una autora de Estudios Culturales, Devon Powers (2022), que dice que los estudios futuristas son muy importantes para que no los dejemos en manos de las grandes corporaciones y

SUMARIO



plataformas, y que, por tanto, nosotros (personas comunes y académicos) deberíamos pensar en cómo colonizar el futuro. Esto, se podría decir, como una estrategia de poder y resistencia. Así que mi pregunta aquí es: ¿a qué caminos te lleva tu trayectoria hasta ahora para pensar sobre qué hacer en el futuro próximo?

OLATZ - Defenderé la tesis en diciembre de 2025, si todo va bien. Estoy, por tanto, en un periodo de cierre, pero también de aceptación de que hay cosas que no conseguiré realizar dentro de la tesis. Este es solo el inicio de mi trabajo investigando en este campo, cinco años no dan para mucho más. Hay, de cierta forma, un pequeño duelo interno sobre si será suficiente no cubrir todo lo que me gustaría, y aceptar que tenemos límites materiales, mentales y sociales, y que existe vida más allá de la tesis.

En el futuro, mi objetivo es seguir trabajando con narrativas y discursos, porque creo que tienen potencialidad práctica real para los activismos y para personas que buscan mejorar la situación de los animales. Si dejamos de leer a quienes piensan diferente, perdemos no solo el entendimiento de cómo argumentan y consiguen apoyo, sino también oportunidades de contraargumentar e intervenir. Hay tantos documentos y escritos producidos como respuesta, y si no los analizamos, no estaremos preparados para actuar de manera informada. Por tanto, mi sueño sería poder contribuir de manera práctica al sintetizar, organizar y ofrecer estas herramientas a quienes debaten en diferentes niveles —ya sea en contextos políticos, académicos o sociales. Mi objetivo es poner a disposición materiales que faciliten estas discusiones.

También me gustaría estudiar cómo estos discursos llegan a la población en general. En la tesis trabajé con la recepción de trabajadores, pero más desde su experiencia que desde la comprensión del discurso. Quiero investigar cómo diferentes grupos —veganos, no veganos etc.— reciben estos mensajes: si los ven como aceptables o si los perciben como radicales. Pretendo observar el impacto

SUMARIO

de estos discursos en la población en términos propagandísticos y, a medio y largo plazo, buscar salidas prácticas a partir de estos resultados, comprendiendo su efecto social.

Me encantaría también colaborar en la creación de materiales educativos, especialmente en euskara, por lo que a veces trabajo en la traducción de contenidos. Quiero además trabajar en la construcción de una red junto a colegas de AIK —el grupo que estamos intentando formalizar en el País Vasco— para que estudiantes interesados en ética animal sepan dónde y a quién recurrir a nivel local, y puedan impulsar estos cuestionamientos éticos desde la universidad. Actualmente se están formando redes muy interesantes en España, en Barcelona, Valencia, Madrid, Galicia, y queremos insertar el País Vasco en este mapa. Este es, en líneas generales, el camino que pretendo seguir y lo que deseo realizar.

REFERENCIAS:

ALMIRON, Núria; FERNÁNDEZ, Laura; ARANCETA-REBOREDO, Olatz. Inspiring animal liberation: The representation of animal activists in US animal advocacy documentaries (2000-2019). In: PARKINSON, Claire; HERRING, Lara (eds.). *Animal Activism On and Off Screen*. Sydney University Press, 2024.

ALMIRON, Núria; ARANCETA-REBOREDO, Olatz. Lobbying against compassion: a review of the ethics of persuasion when nonhuman animal suffering is involved. *methaodos. Revista de Ciencias Sociales*, v. 10, n. 2, p. 410-418, 2022. Disponible em: <http://dx.doi.org/10.17502/mrcs.v10i2.575>.

ALMIRON, Núria; FERNÁNDEZ, Laura; RODRIGO-ALSINA, Miquel. Illusory authenticity: Negotiating compassion in animal experimentation discourse. *Discourse Studies*, v. 26, n. 2, p. 153-172, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1177/14614456231219633>.

ARANCETA-REBOREDO, Olatz; ALMIRON, Núria. Commodifying compassion: a critical discourse analysis of Spanish zoo, aquarium and animal theme parks' lobbies. *Frontiers in Communication*, v. 9, 2024a.



SUMÁRIO

ARANCETA-REBOREDO, Olatz; ALMIRON, Núria. On compassion, influence, and animal suffering. In: ALMIRON, Núria (ed.). *Animal Suffering and Public Relations. The Ethics of Persuasion in the Animal Industrial Complex*. London: Routledge, 2024b.

ARANCETA-REBOREDO, Olatz; CASTELLANO, Júlia. Inside the Spanish zoological park industry: Worker insights on human-animal relationships and shared vulnerabilities in Spain. In: HUNNICUTT, Gwen; TWINE, Richard; MENTOR, Kenneth (eds.). *Violence and Harm in the Animal Industrial Complex: Human-Animal Entanglements*. London: Routledge, 2024. p. 221-235. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781003441908-20>.

ARANCETA-REBOREDO, Olatz; MORENO, Jose A. Coaliciones discursivas y animales para entretenimiento: el debate de la "ley de bienestar animal" en la prensa española. *Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación*, v. 12, n. 23, 2025. DOI: <https://doi.org/10.24137/raec.12.23.14>.

ARANCETA-REBOREDO, Olatz. And what about the animals? A case study comparison between China's Panda diplomacy and Australia's Koala diplomacy. *Animal Ethics Review*, v. 2, n. 1, p. 78-93, 2022.

ARANCETA-REBOREDO, Olatz. Especismo y entretenimiento. In: FARIA, Catia; ALMIRÓN, Núria (Coords.). *Especismo y lenguaje*. Madrid: Plaza y Valdés, 2024. p. 23-34.

ARANCETA-REBOREDO, Olatz. Essay: Exploring nonhuman animal representation in children's media: A critical literature review. *Journal for Critical Animal Studies*, v. 20, n. 1, p. 20-44, 2023. Disponível em: <https://journalforcriticalanimalstudies.org/jcas-volume-20-issue-1-december-2023/>.

BADÍA, Pilar; HERNÁNDEZ, Diego J. *La voz de los animales*. España: Diversa Ediciones, 2021.

BEVILAQUA, Ciméa Barbato. Pessoas não humanas: Sandra, Cecília e a emergência de novas formas de existência jurídica. *Mana* 25(1): 038-071, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1678-49442019v25n1p038>.

COLLING, Sarat. *Insurrección animal: Historias extraordinarias de rebelión y resistencia de los animales en la era del capitalismo global*. Madrid: Errata Naturae, 2024.

CRUZ, Elizeu Pinheiro da. Quando biólogos olham para os bichos: caatinga, ecologia e zoologia entre vida, trabalho e morte. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, v. 26, n. 57, p. 115-144, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832020000200005>. Acesso em 20 jan. 2024.

SUMÁRIO

DÍAZ, Estela M.; ALMIRON, Núria; ARANCETA-REBOREDO, Olatz. Compromised values: a comparative response during the COVID-19 crisis by ethical vegans and vegetarians. *Humanities and Social Sciences Communications*, v. 11, n. 485, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1057/s41599-024-02861-5>.

FERNÁNDEZ, Laura; DÍAZ-CARMONA, Estela; ARANCETA-REBOREDO, Olatz; ALMIRON, Núria. Displaying compassion to hide harms: An analysis of the visual communication strategies of the Spanish animal industrial complex. In: HUNNICUTT, Gwen; TWINE, Richard; MENTOR, Kenneth (eds.). *Violence and Harm in the Animal Industrial Complex: Human-Animal Entanglements*. London: Routledge, 2025. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781003441908-4>.

PEDERSEN, Helena. Post-anthropocentric pedagogies: purposes, practices, and insights for higher education, *Teaching in Higher Education*, p. 1-15, 22 jun. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13562517.2023.2222087>. Acesso em 15 out. 2024.

POWERS, Devon. Em direção aos estudos culturais futuristas. In: SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; KARNOPP, Lodenir Becker; WORTMANN, Maria Lucia Castagna (orgs.). *O que são estudos culturais hoje? Diferentes praticantes retomam a pergunta do International Journal of Cultural Studies*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe L. Cultura infantil: a construção corporativa da infância. Traduzido por George Eduardo J. Bricio. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.



9

Montserrat Escartín Gual¹⁷⁸

OS ANIMAIS E A LITERATURA

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-674-6.9



Montserrat Escartín trabalhou como pesquisadora no *Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC)* durante 30 anos, exercendo a docência durante quase 40 anos, na qualidade de catedrática de Filologia na Universitat de Girona. Paralelamente às publicações em sua especialidade, é membro do *Centre for Animal Ethics* – Universitat Pompeu Fabra (CAE-UPF) e desenvolve investigações no âmbito da defesa dos animais. Como autora de não ficção, escreve narrativa, cujas obras abordam, em várias ocasiões, o mundo animal. Sempre conviveu com gatos e cães que encontrou abandonados e que a acompanharam até suas mortes.

SUMÁRIO



LUÍS – No processo de consolidação de sua carreira como docente e pesquisadora, como e quando surge o interesse em abordar, desde o âmbito acadêmico e/ou ativista, o tema dos animais ou da ética animal?

MONTSERRAT – Creio recordar que tudo começou formalmente em 25 de abril de 2006, quando se celebrou, no Instituto de Filosofia de Madrid, a assembleia fundacional da *Asociación Interuniversitaria para la Defensa de los Animales* (AIUDA¹⁷⁹). Essa organização de professores universitários e pesquisadores foi criada para difundir, tanto no âmbito acadêmico quanto perante a opinião pública, a posição crítica de seus membros sobre o tratamento que os animais recebem na Espanha. Após compará-lo com outros países da comunidade internacional, propôs-se contribuir para que nossas leis fossem modificadas com critérios éticos e pedagógicos, de modo a preservar o respeito e o direito dos animais a uma vida digna. Além de sócia fundadora da AIUDA, fui sua presidenta durante vários anos.

LUÍS – Como filóloga, pesquisadora e formadora de professoras/es-pesquisadoras/es, como você vê a articulação da agenda da defesa dos animais com a produção acadêmica e formativa?

MONTSERRAT – Embora já existam projetos em escolas para sensibilizar as crianças quanto ao respeito aos animais, assim como fazendas-escola ou colônias de férias, a realidade é que não são tão numerosos quanto seria desejável. Se houvesse mais centros, atividades escolares e recursos, seria possível transmitir alguns valores éticos mais cedo às crianças.

LUÍS – Agora, ampliando as perguntas para uma dimensão mais coletiva, gostaria que você pudesse traçar seu percurso e sua atividade anterior e, também, junto ao *Centre for Animal Ethics* da Universitat Pompeu Fabra (CAE-UPF), como um grupo interdisciplinar que reúne professores e pesquisadores das áreas de comunicação, filosofia,

SUMÁRIO



educação, literatura, direito, entre outras, em torno do tema da ética animal. O que a literatura aporta ao grupo e vice-versa?

MONTSERRAT – Como filóloga, minha contribuição ao CAE centra-se em denunciar o uso especista da língua (cf. Escartín, 2024) e na valorização da literatura como meio de divulgação das reivindicações animalistas. Não é sem razão que uma obra literária é um instrumento que contribui para modificar nosso sentido ético ao nos oferecer outras formas de pensar e agir. Ela também o faz em relação aos animais, por ser um observatório a partir do qual é possível dar testemunho, denunciar ou comover; convertendo a leitura em uma mobilização social.

LUÍS – Montserrat, queria muito conversar com você, pois meu interesse em discutir as animalidades foi despertado pela literatura. No início do período da pandemia e do isolamento em casa, minha universidade (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS) suspendeu suas atividades em 13 de março e só as retomou, ainda que de forma virtual, no final de agosto de 2020. Nesse período, li o livro *Literatura e Animalidades* (2016), da professora, escritora e pesquisadora Maria Esther Maciel. A partir daí comecei a ler outros artigos sobre a temática animal e a pensar em desenvolver um trabalho “voltando”, de certo modo, às minhas origens como licenciado em biologia.

Então, em nossa conversa, procurarei trazer algumas dimensões da literatura. Também a partir das indicações de Maria Esther, comecei a ler outras obras literárias que têm os animais como protagonistas – *Memórias de uma ursa polar*, de Yoko Tawada (Todavia Editora, 2019); *A cadela*, de Pilar Quintana (Editora Intrínseca, 2020); *O Amigo*, de Sigrid Nunez (Editora Instante, 2019); *F de Falcão*, de Helen MacDonald (Editora Intrínseca, 2016); *Você é um animal*, Viskovitz, de Alessandro Boffa (Editora Companhia das Letras, 1999), entre outros). Em um desses livros, *Memórias de porco-espinho* (2017, na edição brasileira), de Alain Mabanckou, o porco-espinho diz:

SUMÁRIO



"A palavra, me parece, nos salva do medo e da morte, e se também pudesse me ajudar a me proteger da morte, a escapar dela, então eu seria o ouriço mais feliz do mundo" (p.22). Partindo dessa frase do porco-espinho, pergunto: se a palavra pode nos salvar do medo e da morte, como ela pode ajudar os animais a escaparem da morte?

MONTSERRAT – "A palavra é o que nos salva", afirmava a escritora Ana Maria Matute, e no tema animalista ela tem sido de grande ajuda ao provocar o leitor com teses avançadas e convidando-o a pensar a partir de perguntas sem oferecer respostas. Creio que o que é dito com palavras acertadas em um texto literário favorece a modificação do nosso sentido ético, como fizeram Rosa Montero, Julio Llamazares ou J.M. Coetzee.

LUÍS – A literatura pode, com sua principal ferramenta – a palavra, a narrativa – ajudar a mudar a forma como vemos os animais não humanos?

MONTSERRAT – É indiscutível que a literatura é um meio ao qual qualquer leitor pode ter acesso, ao contrário de estudos, livros ou artigos acadêmicos de circulação mais limitada. É preciso reconhecer também que um ensaio não tem a força que a literatura possui para comover o leitor. O impacto emocional que ela alcança pode ser provocado por meio da ironia, da crueldade ou da compaixão – recursos que um texto ensaístico não utiliza tanto. Sem esquecer que a divulgação de um texto literário é incomparavelmente maior e mais rápida que a de um ensaio, como demonstra o romance *Elizabeth Costello*, de J.M. Coetzee (Editora Companhia das Letras, 2004), que incorporou uma conferência pronunciada na Universidade de Princeton anos antes (*A vidas dos animais*, Editora Companhia das Letras, 2002), de escassa repercussão, ao contrário das muitas reedições do romance.

LUÍS – Em sua experiência como docente, você coloca em prática a literatura para discutir temáticas relacionadas aos animais? E, caso sim, como isso tem funcionado?

SUMÁRIO



MONTSERRAT – Fiz isso sempre que o tema da obra que devia explicar assim o permitia, já que era necessário seguir o programa de cada disciplina.

LUÍS – Pelo que conhece, com quais campos ou áreas do saber a literatura tem se articulado a fim de ajudar para que os animais não tenham medo e escapem da morte?

MONTSERRAT – A literatura dialoga e se complementa com as contribuições da filosofia moral, da ética, da etologia.

LUÍS – Podemos falar de uma Literatura Animal ou Zooliteratura na Espanha, que, por sua vez, traga contribuições para pensar a ética animal? Ou a literatura, como tal, “não deve servir”, necessariamente, para coisa alguma, exceto ser ela mesma?

MONTSERRAT – Não acredito em uma literatura concebida apenas para defender os animais. A literatura se propõe a provocar o leitor, defendendo teses avançadas no campo que escolher, e convidando-o a pensar por meio de perguntas sem oferecer respostas. Embora seja ficção e minta, a literatura é capaz de despertar em nós a sensação de verdade moral, superior, “literária”. Compartilho o que reivindicava o prêmio Nobel José Saramago: “*a literatura não serve para nada*”, porque é fundamental reivindicar a utilidade do inútil, como advertia o filósofo e catedrático de literatura italiano Nuccio Ordine, em seu livro *A utilidade do inútil* (Editora Zahar, 2016).

LUÍS – Desde a sua área de origem, como você vê a conexão entre o campo da Literatura e o tema da ética animal? Bem, como a literatura tem contribuído para o tema da ética animal? E você identifica, mais recentemente, a produção de obras que abordam o tema dos animais e da natureza - como Irene Solá, em *Canto eu e a montanha dança* (Editora Mundaréu, 2021), que coloca animais como a raposa e o urso, os cogumelos ou mesmo elementos inanimados, como as nuvens, falando a partir de “seus lugares”, ou seja, narrando - ou acredita que essas obras permanecem, na mesma medida, com autores

SUMÁRIO



que já discutiram o tema, de forma mais ou menos ampla, como os frequentemente citados Franz Kafka e J.M. Coetzee?

MONTSERRAT – A meu ver, um dos valores da literatura é sua capacidade de modificar nosso senso ético, seja testemunhando, denunciando ou emocionando. Outro mérito é permitir-nos acessar a experiência do outro, vivendo por um tempo a vida de outro ser e compreendendo-o, adquirindo assim múltiplas versões do mundo. Aproveitando essa capacidade, alguns autores escreveram escolhendo um animal como narrador, para que este funcione como espelho de qualquer ser humano, o que permite que o leitor parta de outro ponto de vista para analisar a realidade, como já sugeria Wadji Mouawad em *Anima* (2012)¹⁸⁰. Acredito que tanto a defesa dos animais quanto o respeito à natureza estão interligados, e eu mesma escrevi sobre ambos os temas em meus últimos artigos (vide Escartín, 2023, 2024a).

LUÍS – No texto *Lenguaje especista y modismos populares* (2024b), você faz uma compilação de ditados populares que usam animais não humanos para caracterizar algo negativo ou depreciativo no comportamento dos animais humanos, especialmente daqueles animais não humanos mais próximos de nós (galinhas, porcos, burros, touros, macacos etc.). Você também mostra como tal desprezo envolve palavras ofensivas dirigidas às mulheres, especialmente com conotação sexual, demonstrando assim o sexismo da linguagem. Ao ler o texto, pensei que “é fácil fazer uma longa lista” de usos negativos ou depreciativos dos animais não humanos, pois quase todos os ditados que você cita existem de forma muito semelhante no Brasil, ou seja, eles se deslocam de “língua para língua”, ou talvez sejam efeitos do colonialismo europeu.

Por outro lado, não é tão fácil perceber o racismo, sexismo ou especismo na linguagem, pois nascemos imersos em um mundo sociolinguístico que nos precede e que faz a língua parecer algo natural, que “apenas descreve” o que se passa no mundo. Assim, o ensino da língua cumpre um papel fundamental na constituição de

SUMÁRIO



outras formas de ver, compreender e falar sobre o outro, seja outro animal humano, sejam os animais não humanos.

Portanto, pergunto: como você tem feito isso na sua prática como professora e como tem sido a recepção por parte dos estudantes?

MONTSERRAT – Atualmente não dou aulas; quando o fazia, podia abordar o especismo pontualmente, de acordo com o autor estudado, sendo mais fácil em cursos de língua.

LUÍS – Como movimento para enfrentar essa linguagem “carregada de ismos” (sexismo, racismo, capacitismo etc.), em especial o especismo, você diz que “... *a alternativa a esta situação passaria por evitar as expressões mencionadas e escolher outras sem viés especista*” (p.217). Assim, embora isso pareça mais fácil no meio acadêmico, como podemos fazê-lo no contexto da vida cotidiana?

MONTSERRAT – Penso que não há melhor forma do que cada pessoa se conscientizar da importância do próprio idioleto [forma particular como cada indivíduo fala, incluindo vocabulário, pronúncia e gramática] e das consequências de usar expressões especistas. Em minha opinião, essa atitude deve partir de uma escolha pessoal, após conhecer as consequências de ignorá-la. Nesse sentido, o feminismo avançou mais em suas reivindicações do que o animalismo.

LUÍS – No campo das discussões sobre ética animal, como você vê os desvios e articulações entre a forma como tratamos os animais não humanos se expandirem rapidamente para os animais humanos, uma vez que operam sob o mesmo tipo de racionalidade/regras? Como dizem Bone e Blaise (2015), a forma como tratamos os animais expõe múltiplas camadas de problematização sobre a forma como tratamos os demais humanos.

Em outras palavras, você acredita que as críticas à linguagem racista, sexista, especista etc. também problematizam, como

SUMÁRIO



fiz referência acima, os efeitos da dispersão da Europa pelo mundo, ou seja, os efeitos da colonização e os tensionamentos que hoje se colocam, por exemplo, como efeitos das diásporas e da linguagem que nomeia migrantes como “invasores” (como ervas daninhas, pragas) e, como tais, como parasitas, usurpadores ou predadores que, como insetos ou outros animais, querem sugar o sangue, as riquezas e ocupar “o lugar que não lhes pertence”?

Sei que você leu os livros *Desonra* (2000), *A vida dos animais* (2002) e *Elisabeth Costello* (2004)¹⁸¹, de J.M. Coetzee, e os analisa (pelo menos *Desonra* e *Elisabeth Costello*) em seu artigo *Literatura para la subversión* (Escartín, 2014). Em todos eles, a vida animal é central, e nos dois últimos pode-se dizer que o autor fala a partir do lugar de seu alterego, a escritora australiana Elisabeth Costello.

Nas palestras (3 e 4: “*A vida dos animais: os filósofos e os animais*” e “*A vida dos animais: os poetas e os animais*”, contidas em *Elisabeth Costello*), a escritora é convidada para falar sobre o que quiser acerca de sua produção literária em uma universidade sul-africana, mas acaba provocando os espectadores falando sobre animais, matadouros, campos de extermínio humano e sobre comer ou não animais. “O que lhe vem à mente” ao recordar essas passagens?

MONTSERRAT – Conheço bem *Desonra* e *Elisabeth Costello*, romances de Coetzee que já expliquei e comentei em conferências e congressos, para exemplificar a força da literatura ao reivindicar um tratamento digno aos animais. Mais ainda, por sua capacidade de conseguir que ideias duras penetrem na sociedade e sejam aceitas, como prova o fato de seu autor ter recebido o Nobel de Literatura em 2003. Os membros da Academia Sueca destacaram, ao premiá-lo, que ele era “implacável em sua crítica ao racionalismo cruel e à moral cosmética da civilização ocidental”.

LUÍS – Em seu texto *Literatura para la subversión* (2014), você apresenta muitos autores que, a partir da literatura, exploraram a questão

SUMÁRIO



animal. Ali você também refere três formas diferentes pelas quais se pode caracterizar o tipo de abordagem adotada pelos autores.

Assim, o que me interessa perguntar aqui passa pela articulação de algo que você diz a partir dos “mandamentos” de Marguerite Yourcenar no final do texto, de onde retira o título do artigo (*Literatura para la subversión*), sem explorar diretamente este conceito ao longo do texto, cujo sentido se constitui precisamente pela alusão que o título faz ao trecho dos “mandamentos” de Yourcenar e, igualmente, pela preposição “para”, que nos remete à ideia de que a literatura pode agir, ou seja, nos mobilizar, nos fazer pensar de maneira diferente, refletir sobre as questões de uma época, promover mudanças etc. – você diz que “... a literatura se revela como um meio poderoso para que a sociedade amadureça e exija melhorias” (Escartín, 2014, p.4).

Dito isso, seria possível explorar um pouco mais esta palavra/conceito “subversão” que a literatura pode promover, articulando-a com o termo/conceito que Sarat Colling (2024) chama de “insurreiçãõ”? É certo que são palavras/conceitos diferentes, mas acredito que se intersectam de várias maneiras.

O livro de Sarat Colling, *Insurrección animal: Historias extraordinarias de rebelión y resistencia de los animales en la era del capitalismo global* (2024), traz muitos relatos e discussões sobre agência, senciência e resistência de animais não humanos. Não se trata de literatura em sentido estrito, mas de literatura mais acadêmica, de divulgação; ainda assim, acredito que serve ao propósito de aproximação/interseção entre o que você sugere com “subversão” e o que Colling propõe com “insurreiçãõ”. Algumas passagens do livro são:

“Uma vaca e um bezerro fogem de uma fazenda, atravessam a nado uma lagoa, atravessam uma floresta e saltam a cerca elevada que separa o pasto de um santuário animal. Uma vez lá, se escondem entre um grupo de cavalos. Quatro babuínos escapam de um centro de pesquisa biomédica. Para conseguir isso, colocam um tambor de

SUMÁRIO



duzentos litros em posição vertical, sobem nele e saltam os muros do recinto onde estão presos. Uma galinha que havia sido vendida para virar comida foge voando por cima de uma cerca e percorre quase cinco quilômetros em dois meses para se reunir com seu melhor amigo, um galo chamado Horst" (p.9).

Ela também afirma que "... os animais se comunicam com as línguas, cantos, movimentos, gestos e ritmos da espécie a que pertencem" (p.10); "... para ouvir genuinamente as vozes dos animais, é preciso levar em conta (e tentar dissolver) as estruturas de poder assimétricas nas relações entre eles e os humanos" (p.10); "... é necessário renunciar ao antropocentrismo" que se segue "... a uma longa tradição de ciência e colonização europeias que negam a subjetividade e a intencionalidade animal" (p.11); "... as formas de comunicação únicas e complexas dos animais contradizem o excepcionalismo humano (ou seu autopoicionamento como indicador universal para medir a inteligência)" (p.12) e, finalmente, "... a resistência e a rebelião dos animais insiste que os escutemos e os reconheçamos como semelhantes na luta pela justiça social (...) Embora os animais tenham sido relegados às margens por disposições espaciais e ideológicas humanas, também são sujeitos de suas próprias lutas, o núcleo de seu movimento de libertação" (p.14).

MONTSERRAT – Sem dúvida, a capacidade de sentir da maioria dos animais e sua luta pela vida é um direito de todo ser vivo, tão evidente que é reivindicado não apenas por filósofos morais, mas também por etólogos, biólogos e cientistas contrários à experimentação animal.

LUÍS – Por fim, já agradecendo por esta conversa, faço a pergunta de Elisabeth Costello, personagem de Coetzee: "O que a literatura pode fazer diante de tudo isso?"

MONTSERRAT – Falar sobre isso, denunciar, dar exemplos e divulgar aquilo que acontece e que grande parte da população não quer conhecer, colocando diante de seus olhos.

SUMÁRIO

REFERÊNCIAS

BONE, Jane; BLAISE, Mindy. *An uneasy assemblage: prisoners, animals, asylum-seeking children and posthuman packaging. Contemporary Issues in Early Childhood*, v. 16, n. 1, p. 18–31, 2015. DOI: 10.1177/1463949114566754.

ESCARTÍN, Montserrat. *Esses animais que se empenham em sentir*. Conferência apresentada na Cátedra Animales y Sociedad, Universidad Rey Juan Carlos, Madri, 17 nov. 2023.

ESCARTÍN, Montserrat. “O que fazemos com a Natureza?”. *Revista 15/15/15*, 11 jan. 2024. Disponível em: <https://15-15-15.social/>. Acesso em: 24 outubro 2024a.

ESCARTÍN, Montserrat. Asociación Interuniversitaria para la Defensa de los Animales (AIUDA). *Revista de Bioética y Derecho*, [s.l.], [s.d.]. DOI: <https://doi.org/10.1344/rbd2006.77873>.

ESCARTÍN, Montserrat. Otra dignidad: la cuestión de los animales. In: CASADO, María (Coord.). *Sobre la dignidad y los principios. Análisis de la Declaración Universal sobre Bioética y Derechos Humanos de la UNESCO*. Madrid: Ediciones Civitas, 2009. p. 155–180. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000217785>.

ESCARTÍN, Montserrat. *El lenguaje entre los animales y nosotros*. ADDA Revista, n. 52, jun. 2016. Disponível em: <https://www.addarevista.org/article/colaboracion/52/lenguaje-en-animales-y-humanos/>. Acesso em: out. 2024.

ESCARTÍN, Montserrat. El maltrato a los animales: ciencia, ética y literatura. *Cuadernos Dieciochistas*, v. 18, p. 331–365, 2017. DOI: <https://doi.org/10.14201/cuadecic201718331365>.

ESCARTÍN, Montserrat. *Literatura para la subversión*. Publicado em eldiario.es (blog/columna), Adaptación de la ponencia presentada en el I Congreso de la Red Española de Filosofía, Facultat de Filosofia i Ciències de l'Educació, Universitat de València, 3–5 sept. 2014. Disponível em: https://www.eldiario.es/caballodenietzsche/literatura-animales_132_4505917.html. Acesso em: outubro 2024.

ESCARTÍN, Montserrat. Lenguaje especista y modismos populares. In: FARIA, Catia; ALMIRÓN, Núria (Coords.). *Especismo y lenguaje*. Madrid: Plaza y Valdés, 2024b. p. 209–219.



10

Montserrat Escartín Gual¹⁸²

LOS ANIMALES Y LA LITERATURA

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-674-6.10



Montserrat Escartín es una investigadora que trabajó en el *Consejo Superior de Investigaciones Científicas* (CSIC) durante 30 años y ejerció como docente durante casi 40, en calidad de catedrática de Filología en la Universitat de Girona. Paralelamente a las publicaciones en su especialidad, es miembro del *Centre for Animal Ethics* – Universitat Pompeu Fabra (CAE-UPF) y desarrolla investigaciones en el ámbito de la defensa de los animales. Como autora de no ficción, escribe narrativa, muchas de cuyas obras abordan el mundo animal. Siempre ha convivido con gatos y perros que encontró abandonados y que la acompañaron hasta sus muertes.

SUMARIO



LUÍS - En el proceso de consolidación de su carrera como docente e investigadora, ¿cómo y cuándo surge el interés de abordar, desde el ámbito académico y/o activista, el tema de los animales o de la ética animal?

MONTSERRAT - Creo recordar que todo empezó formalmente el 25 de abril de 2006, cuando se celebró, en el Instituto de Filosofía de Madrid, la asamblea fundacional de la *Asociación Interuniversitaria para la Defensa de los Animales* (AIUDA)¹⁸³. Esta organización de profesores universitarios e investigadores se creó para difundir, tanto en el ámbito académico como ante la opinión pública, la posición crítica de sus miembros sobre el trato que los animales reciben en España. Tras compararlo a otros países de la comunidad internacional, se propuso contribuir a que se modificasen nuestras leyes con criterios éticos y pedagógicos, para que se preservara el respeto y derecho de los animales a una vida digna. Además de socio fundador de AIUDA, fui su presidenta durante años.

LUÍS - Como filóloga, investigadora y formadora de profesoras/es-investigadoras/es ¿como ves la agenda de la defensa de los animales se articular a la producción académica y formativa?

MONTSERRAT - Aunque ya existen proyectos en escuelas para sensibilizar a los niños en el respeto a los animales, así como granjas escuela o colonias durante las vacaciones, la realidad es que no son lo numerosas que sería deseable. De aumentar los centros, actividades escolares y recursos, se lograría transmitirles valores desde edades tempranas.

LUÍS - Ahora, ampliando las preguntas a una dimensión más colectiva, me gustaría que pudierais trazar tu camino y actividad anterior y, también, junto el Centro de Ética Animal de la Universidad Pompeu Fabra (CAE-UPF), como un grupo interdisciplinar que reúne a profesores e investigadores de las áreas de comunicación, filosofía,

SUMÁRIO



educación, literatura, derecho, entre otros, en torno al tema de la ética animal. ¿Lo que aporta la literatura al grupo y viceversa?

MONTSERRAT - Como filóloga, mi aportación al CAE se centra en denunciar el uso especista de la lengua (vide Escartín, 2024), y en la valoración de la literatura como medio divulgativo de las reivindicaciones animalistas. No en vano, una obra literaria es un instrumento que ayuda a modificar nuestro sentido ético al ofrecernos otras formas de pensar y actuar. También lo hace con relación a los animales, por ser un observatorio desde el que puede darse testimonio, denunciar o conmovir; convirtiendo la lectura en un revulsivo social.

LUÍS - Montserrat, quería mucho hablar con usted, pues mi interés en discutir las animalidades fue disparado por la literatura. En el inicio del período de la pandemia, y del aislamiento en casa, mi universidad (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS), canceló sus actividades en 13 de marzo y solo vuélvenos a ellas, aún que, de modo virtual, en fines de agosto de 2020. En este periodo leí el libro *Literatura y Animalidades* (2014), de la profesora, escritora e investigadora Maria Esther Maciel. Desde ahí empecé a leer otros artículos la temática animal y pensar en desarrollar un trabajo “volviendo”, en cierto sentido, a los mis orígenes como licenciado en biología.

Entonces, en nuestra conversación, procuraré traer algunas dimensiones de la literatura. También desde las indicaciones de Maria Esther empecé a leer otras obras literarias que tienen los animales como protagonistas (*Memorias de una osa polar*, de Yoko Tawada; *La perra*, de Pilar Quintana; *The Friend*, de Sigrid Nunez; *H de Halcón*, de Helen MacDonald; *Eres Una Bestia* Viskovitz, de Alessandro Boffa, entre otros. En uno de estos libros, *Memorias de puercoespín* (2017, en la edición brasileña), de Alain Mabanckou, el puercoespín dice: “La palabra, me parece, nos salva del miedo y de la muerte, y si también pudiera ayudarme a protegerme de la muerte, a escapar de ella, entonces sería el erizo más feliz del mundo” (p.22). Partiendo de esta frase del puercoespín, pregunto: ¿Si la palabra puede nos salvar del

SUMARIO



miedo y de la muerte ¿cómo la palabra puede ayudar a los animales escaparen de la muerte?

MONTSERRAT - “La palabra es lo que nos salva”, afirmaba la escritora Ana Maria Matute y en el tema animalista, ella ha sido de gran ayuda al provocar al lector con tesis avanzadas e invitándole a pensar tras formularle preguntas sin darle respuestas. Creo que lo dicho con palabras acertadas en un texto literario favorece que se modifique nuestro sentido ético, como han hecho Rosa Montero, Julio Llamazares o J.M. Coetzee.

LUÍS - ¿La literatura puede, con su principal herramienta, la palabra, la narrativa, ayudar a cambiar la forma como vemos los animales no humanos?

MONTSERRAT - Es indudable que la literatura es un medio no restringido al que puede acceder cualquier lector, a diferencia de estudios, libros o artículos académicos de más limitado acceso. También hay que reconocer que un ensayo no tiene la fuerza que posee la literatura para conmover al lector. El impacto emocional que consigue lo puede provocar a través de la ironía, la crueldad o la compasión; recursos que no utiliza tanto un texto ensayístico. Sin olvidar que la divulgación de un texto literario es incomparablemente mayor y más rápida que la de un ensayo, como demuestra la novela *Elisabeth Costello*, de J.M. Coetzee (2003), que incorporó una conferencia pronunciada en la Universidad de Princeton años antes (*Las vidas de los animales*, 1999), con escasa repercusión, a diferencia de las muchas reediciones de la novela.

LUÍS - ¿En tu experiencia como docente, pones en acción la literatura para discutir temáticas concernientes a los animales? ¿Se pones, como esto ten funcionado?

MONTSERRAT - Lo hice siempre que se terciaba por la temática de la obra que debía explicar, dado que había que ceñirse al programa de cada asignatura.

SUMARIO



LUÍS - ¿Desde lo que conoces, con cuales campos u áreas del conocimiento la literatura tiene se articulado a fin de ayudar a que los animales no tengan miedo y escapen de la muerte?

MONTSERRAT - La literatura dialoga y se complementa con las aportaciones de la filosofía moral, la ética, la etología...

LUÍS - ¿Podemos hablar de una Literatura Animal o Zooliteratura en España, que, a su vez, traiga aportes para pensar la ética animal? ¿O la literatura, como tal, "no debe servir", necesariamente, para cosa alguna, excepto ser ella misma?

MONTSERRAT - No creo en una literatura ideada solo para defender a los animales. La literatura se plantea provocar al lector, defendiendo tesis avanzadas en el terreno que elija, e invitándole a pensar tras formularle preguntas sin darle respuestas. Aunque es ficción y miente, la literatura es capaz de despertar en nosotros la sensación de verdad moral, superior, "literaria". Comparto lo reivindicado por el premio Nobel José Saramago, "*la literatura no sirve para nada*", porque resulta fundamental reivindicar la utilidad de lo inútil, como advertía el filósofo y catedrático de literatura italiano, Nuccio Ordine, en su libro *La utilidad de lo inútil*.

LUÍS - Desde tu área de origen, ¿cómo ves la conexión entre el campo de la Literatura y el tema de la ética animal? Bien como, se ¿la literatura ten traído aportes para el tema de la ética animal? Y se ¿Identificas más recientemente la producción de más obras que abordan el tema de los animales y la naturaleza (como Irene Solá, en *Canto yo y la montaña baila*, que pone animales como la raposa y el oso, los hongos o mismo cosas inanimadas, como las nubes, hablando desde 'sus lugares', o sea, narrando) o cree que ellas permanecen, en la misma medida, con los autores que ya discutirán, menos o más ampliamente, el tema, como los recurrentemente citados Franz Kafka y J.M. Coetzee?

SUMÁRIO

MONTSERRAT - A mi entender, uno de los valores de la literatura es su capacidad de modificar nuestro sentido ético dando testimonio, denunciado o conmoviendo. Otro mérito es permitirnos acceder a la experiencia del prójimo, al vivir por un tiempo la vida de otro ser y comprenderlo adquiriendo así más versiones del mundo. Aprovechando esta capacidad, algunos autores han escrito eligiendo narrador a un animal, para que haga de espejo a cualquier ser humano, lo que permite que el lector deba partir de otro punto de vista para analizar la realidad, como ya planteaba Wadji Mouawad en *Anima* (2012). Creo que tanto la defensa de los animales como el respeto a la naturaleza van unidos y yo misma he escrito sobre ambos temas en mis últimos artículos ("Esos animales que se empeñan en sentir", en *Cátedra animales y sociedad*, Universidad Rey Juan Carlos I (17.11.2023) y "¿Qué hacemos con la Naturaleza?" Revista 15/15/15 (11.1.2024a).

LUÍS - En el texto *Lenguaje especista y modismos populares* (2024b), haces un compilado de dichos populares que usan los animales no humanos para caracterizar algo negativo/despreciativo en el comportamiento de los animales humanos, especialmente de los animales no humanos más cercanos de nosotros (pollos, cerdos, burros, toros, monos etc.). Muestras también como tal desprecio involucra palabras ofensivas contra las mujeres, especialmente de connotación sexual, demostrando, así, el sexismo del lenguaje. En cuanto leía el texto pensaba que "es fácil hacer una larga lista" de usos negativos/despreciativos de los animales no humanos, pues cuasi todos dictados que citas existen de manera muy similar en Brasil, o sea, ellos se trasladan de "lengua para lengua" o, más bien, tal vez sean un de los efectos del colonialismo europeo. Pero, por otro lado, no es tan fácil darse contra del racismo, sexismo o especismo da lenguaje, ya que nascemos inmersos en un mundo sociolingüístico que nos precede y que hace la lengua parezca algo natural, que "apenas describe" lo que se pasa en el mundo. Entonces, la enseñanza de lengua cumple un papel fundamental en la constitución de otras maneras de ver,

SUMARIO



comprender y hablar del otro, sea de otro animal humano, sea de los animales no humanos. Así, pregunto: ¿Cómo estás haciendo eso en tu práctica como profesora y como tiene sido la recepción por parte de las/los estudiantes?

MONTSERRAT - Actualmente no doy clases, cuando lo hacía podía plantear el especismo muy puntualmente en función del autor estudiado, era más fácil en cursos de lengua.

LUÍS - ¿Como movimiento para hacer frente a tal lenguaje "cargada de *ismos*" (sexismo, racismo, capacitismo etc.), en especial el especismo, dices que "*... la alternativa a esta situación pasaría por evitar las expresiones mencionadas y elegir otras sin sesgo especistas*"? (p.217). Así, a pesar de eso parecer más fácil en el medio académico, ¿Cómo hacerlo en el contexto de la vida cotidiana?

MONTSERRAT - Pienso que no hay mejor manera que cada persona fuera consciente de la importancia de nuestro idiolecto y de las consecuencias de usar expresiones especistas. En mi opinión, dicha actitud debe partir de una elección personal, tras conocer las consecuencias de ignorarlo. En este sentido, el feminismo ha avanzado más en sus reivindicaciones que el animalismo.

LUÍS - Desde el campo de las discusiones sobre ética animal, ¿cómo ves los desvíos y las articulaciones entre la forma como tratamos a los animales no humanos se expandieren rápidamente hacia los animales humanos, ya que operan bajo el mismo tipo de racionalidad/reglas?

Como dicen Bone y Blaise (2015), la forma en que tratamos a los animales expone múltiples capas de problematización sobre la forma en que tratamos a los demás humanos. O, en otras palabras, ¿crees que las críticas al lenguaje racista, sexista, especista, etc., tienen también problematizado, como hice referencia arriba, los efectos de la dispersión de la Europa por el mundo, o sea los efectos de la colonización y los tensionamientos que hoy se colocan, por ejemplo,

SUMARIO



como efectos de las diásporas y del lenguaje que nombra migrantes como 'invasores' (como las malas hierbas, las plagas) y, como tal, como parásitos, usurpadores o predadores que, como insectos u otros animales, quieren chupar la sangre, las riquezas y ocupar 'el lugar que nos es lo suyo'?

Sé que has leído los libros *Desgracia* (2000), *La vida de los animales* (2003) y *Elisabeth Costello* (2004), de J.M. Coetzee, y que los analiza (al menos *Desgracia* y *Elisabeth Costello*), en su artículo *Literatura para la subversión* (Escartín, 2014). En todos ellos la vida animal es central, y en los dos últimos se puede decir que el autor habla desde el lugar de su personaje alter ego, la escritora australiana Elisabeth Costello.

En las conferencias (3 y 4: "La vida de los animales: los filósofos y los animales" y "La vida de los animales: los poetas y los animales", contenidas en *Elisabeth Costello*), se invita a la escritora a hablar sobre lo que desee acerca de su producción literaria en una universidad sudafricana, pero termina provocando a los espectadores al hablar de animales, mataderos, campos de exterminio humano y sobre comer o no animales. ¿"Qué te viene a la mente" al recordar esos pasajes?

MONTSERRAT - Conozco bien *Desgracia* y *Elisabeth Costello*, novelas de Coetzee que he explicado y comentado en conferencias y congresos, para ejemplificar la fuerza de la literatura a la hora de reivindicar un trato digno a los animales. Más aún, por su capacidad de conseguir que calen en la sociedad planteamientos duros y que sean aceptados, como prueba que a su autor se le concediera el nobel de literatura en 2003. Los miembros de la Academia sueca destacaron al premiarle ser "implacable en su crítica del racionalismo cruel y de la moral cosmética de la civilización occidental".

LUÍS - En su texto *Literatura para la subversión* (2014), presentas muchos autores que, desde la literatura, han explorado la cuestión

SUMARIO



animal. Ahí también refieres tres formas diferentes por medio de las cuales se puede caracterizar el tipo de abordaje adoptada por los autores. Así, lo que me interesa preguntar aquí pasa por la articulación de algo que dices desde los “mandamientos” de Marguerite Yourcenar en el final del texto, de donde retiras el título del texto (*literatura para la subversión*), sin embargo, sin explotar directamente este ‘concepto’ a lo largo del texto, más cuyo sentido se constituye precisamente por medio de la alusión que el título hace al extracto de los “mandamientos” de Yourcenar y, igualmente, desde la preposición “para”, la cual nos remite a la idea de que *la literatura puede hacer cosas*, o sea nos movilizarnos, hacernos pensar de manera diferente, reflexionar sobre las cuestiones de una época, promover cambios, etc. – dices que “... *la literatura se revell[a] como un medio poderoso para que la sociedad madure y exija mejoras*” (Escartín, 2014, p.4).

Dicho eso, se fuera posible, gustaría que pudieras explorar un rato más esta palabra/concepto “subversión” que la literatura puede promover, articulándolo con la palabra/concepto que Sarat Colling (2024) llama de “insurrección”. Es cierto que son palabras/conceptos diferentes, pero creo que ellos se intersectan de diferentes maneras. Para lo tanto, presento la siguiente síntesis: el libro de Sarat Colling, *Insurrección animal: Historias extraordinarias de rebelión y resistencia de los animales en la era del capitalismo global* (2024), trae muchos relatos y discusiones sobre la agencia, la sintiencia y la resistencia de los animales no humanos. No se trata de literatura el sentido estricto, pero literatura más académica, de divulgación, pero (creo que) sirve al propósito de intersección/aproximación entre lo que sugieres en el texto con “subversión” e o que ella propone con “insurrección”.

Una vaca y un ternero huyen de una granja, cruzan a nado una charca, atraviesan un bosque y saltan la elevada cerca que separa el prado de un santuario animal. Una vez allí, se esconden entre una nada de caballos. Cuatro babuinos se escapan de un centro de investigación biomédica. Para conseguirlo, colocan en posición vertical un barrio de doscientos litros, se suben a él y saltan los muros del

SUMARIO



recinto donde están encerrados. Una gallina a la que habían vendido para convertirla en comida rápida se fuga volando por encima de una alambrada y recorre casi cinco kilómetros en dos meses para reunirse con su mejor amigo, un gallo llamado Horst (p.9).

Ella también dice que "... los animales hablan con las lenguas, los cantos, los movimientos, los gestos y los ritmos de la especie a la que pertenecen" (p.10); "... para escuchar de manera genuina las voces de los animales hay que tener en cuenta (e intentar disolver) las estructuras de poder asimétricas en las relaciones entre estos y los humanos" (p.10); "... es necesario renunciar al antropocentrismo" que se sigue a "... una larga tradición de ciencia y colonización europeas que niegan la subjetividad y la intencionalidad animal" (p.11); "... las formas de comunicación únicas y complejas de los animales contradicen el excepcionalismo humano (u su autoposicionamiento como indicador universal para medir la inteligencia" (p.12) y, por fin, "... la resistencia y la rebelión de los animales insiste en que los escuchemos y los reconozcamos como prójimos en la lucha por la justicia social (...). (...) Aunque los animales han estado relegados a las márgenes por las disposiciones espaciales e ideológicas humanas, también ellos son sujetos de sus propias luchas, el núcleo de su movimiento de liberación" (p.14).

MONTSERRAT - Sin duda la capacidad de sentir en la mayoría de los animales y su lucha por la vida es un derecho de todo ser vivo, tan evidente que lo reivindican no solo filósofos morales, también etólogos o biólogos y científicos contrarios a la experimentación animal.

LUÍS - Por fin, ya te agradeciendo por esta conversación, hago la pregunta de Elizabeth Costello, personaje de Coetzee: "¿Qué puede hacer la literatura ante todo esto?"

MONTSERRAT - Hablar de ello, denunciar dar ejemplos y divulgar aquello que sucede y que buena parte de la población no quiere conocer poniéndoselo ante sus ojos.

SUMÁRIO

REFERENCIAS

BONE, Jane; BLAISE, Mindy. *An uneasy assemblage: prisoners, animals, asylum-seeking children and posthuman packaging*. *Contemporary Issues in Early Childhood*, v. 16, n. 1, p. 18–31, 2015. DOI: 10.1177/1463949114566754.

ESCARTÍN, Montserrat. *Esses animais que se empenham em sentir*. Conferência apresentada na Cátedra Animales y Sociedad, Universidad Rey Juan Carlos, Madri, 17 nov. 2023.

ESCARTÍN, Montserrat. “O que fazemos com a Natureza?”. *Revista 15/15/15*, 11 jan. 2024a. Disponible en: <https://15-15-social/>. Acesso em: 24 outubro 2024.

ESCARTÍN, Montserrat. Asociación Interuniversitaria para la Defensa de los Animales (AIUDA). *Revista de Bioética y Derecho*, [s.l.], [s.d.]. DOI: <https://doi.org/10.1344/rbd2006.77873>.

ESCARTÍN, Montserrat. Otra dignidad: la cuestión de los animales. In: CASADO, María (Coord.). *Sobre la dignidad y los principios. Análisis de la Declaración Universal sobre Bioética y Derechos Humanos de la UNESCO*. Madrid: Ediciones Civitas, 2009. p. 155–180. Disponible en: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000217785>.

ESCARTÍN, Montserrat. *El lenguaje entre los animales y nosotros*. *ADDA Revista*, n. 52, jun. 2016. Disponible en: <https://www.addarevista.org/article/colaboracion/52/lenguaje-en-animales-y-humanos/>. Acesso em: out. 2024.

ESCARTÍN, Montserrat. El maltrato a los animales: ciencia, ética y literatura. *Cuadernos Dieciochistas*, v. 18, p. 331–365, 2017. DOI: <https://doi.org/10.14201/cuadieci201718331365>.

ESCARTÍN, Montserrat. *Literatura para la subversión*. Publicado em eldiario.es (blog/columna), Adaptación de la ponencia presentada en el I Congreso de la Red Española de Filosofía, Facultat de Filosofia i Ciències de l'Educació, Universitat de València, 3–5 sept. 2014. Disponible en: https://www.eldiario.es/caballodenietzsche/literatura-animales_132_4505917.html. Acesso em: outubro 2024.

ESCARTÍN, Montserrat. Lenguaje especista y modismos populares. In: FARIA, Catia; ALMIRÓN, Núria (Coords.). *Especismo y lenguaje*. Madrid: Plaza y Valdés, 2024b. p. 209–219.



Luís Henrique Sacchi dos Santos

EPÍLOGO

COMPANHIAS MAIS-QUE-HUMANAS:
VISITAR A MEMÓRIA

COMPAÑÍAS MÁS-QUE-HUMANAS:
VISITAR LA MEMORIA



Decidi publicar este texto como epílogo porque ele assinala, para além das relações académicas, as pontes que se estabelecem no âmbito dos afetos entre humanos e não humanos, e que também orientam nossos interesses e percursos académicos. Ao concluir meu período como pesquisador visitante no *Center for Animal Ethics*, Núria Almiron — responsável por me receber no Departamento de Comunicação da Universidade Pompeu Fabra — pediu um “recordatório” de meus animais

Decidí publicar este texto como epílogo porque señala, más allá de las relaciones académicas, los puentes establecidos en el ámbito de los afectos entre humanos y no humanos, que también orientan nuestros intereses y recorridos de investigación. Al concluir mi período como investigador visitante en el *Center for Animal Ethics*, Núria Almiron —responsable de mi acogida en el Departamento de Comunicación de la Universidad Pompeu Fabra— me pidió un “recordatorio” de mis animales no

não humanos ou mais-que-humanos, durante a visita que fiz a ela, a Enric (seu companheiro) e aos gatos Félix e Nil, em seu *pueblo en el Ampurdán*, em Girona. Dessa visita nasceu o “arquivo” que apresento a seguir, enviado à Núria em dezembro de 2024 e que, nesta versão, recebeu alguns acréscimos a partir dos e-mails que trocamos até o final do último trimestre de 2025.

A ideia de apresentá-lo como epílogo relaciona-se ao modo como interpretei o epílogo do livro *Quando deixamos de entender o mundo* (Todavia, 2022), de Benjamin Labatut, que difere, em termos de forma, dos capítulos anteriores e, talvez justamente por isso, abre espaço para outras leituras. Não pretendo, de modo algum, me comparar a Labatut, mas busco, de certa maneira, fazer referência ao lirismo presente naquele epílogo — ao menos no que se refere à imagem do limoeiro carregado de limões como nunca, às vésperas de morrer... porque “sabe” que vai morrer, e, nesse saber, oferece sua última e mais generosa abundância.

humanos o más-que-humanos, durante la visita que hice a ella, a Enric (su compañero) y a los gatos Félix y Nil, en su pueblo en el Ampurdán, en Girona. De esa visita nació el “archivo” que presento a continuación, inicialmente enviado a Núria en diciembre de 2024 y que, en esta versión, recibió algunos añadidos a partir de los correos electrónicos que intercambiamos hasta finales del último trimestre de 2025.

La decisión de presentarlo como epílogo se relaciona con el modo en que interpreté el epílogo del libro *Un Verdor Terrible* (Anagrama, 2020), de Benjamin Labatut. Diferente, en términos de forma, de los capítulos anteriores, dicho epílogo abre espacio para otras lecturas.

No pretendo, en absoluto, compararme con Labatut, pero busco, de cierta manera, evocar el lirismo presente en aquel texto —al menos en lo que respecta a la imagen del limonero cargado de frutos como nunca, en vísperas de morir... porque “sabe” que va a morir y, en ese saber, ofrece su última y más generosa abundancia.

SUMÁRIO



"... Bones conseguia pensar sobre essas coisas sem se sentir esmagado pela tristeza, a primeira vez em que compreendeu que a memória era um lugar, um lugar de verdade, que a gente podia visitar, e que passar alguns momentos com os mortos não era necessariamente ruim, na verdade poderia até ser uma fonte de grande conforto e felicidade..." (Paul Auster -*Timbuktu*, p.94).

Aqui estão algumas breves histórias acerca dos animais companheiros que estão vivos e outros que estão vivos apenas memória. Depois de adulto, a primeira companheira não-humana que tive foi uma gata laranja, chamada Moa (de Alemoa, uma designação comum para as loiras e que faz alusão a ser alemã ou descendente de alemão no Brasil). A Moa chegou em 2006, em um momento bastante assombrado de minha vida, pois havia perdido minha irmã (em 2004, com uma pericardite efeito de um lúpus sistêmico) e um companheiro de câncer, em 2006. Após a morte dele mudei do apartamento onde morávamos para um outro, onde fiquei

"... Bones conseguía pensar en esas cosas sin sentirse aplastado por la tristeza, la primera vez que comprendió que la memoria era un lugar, un lugar verdadero, al que uno podía regresar, y que pasar algunos momentos con los muertos no era necesariamente algo malo; en realidad, podía ser incluso una fuente de gran consuelo y felicidad..." (Paul Auster -*Timbuktu*, p.94).

Aquí están algunas breves historias sobre los animales compañeros que están vivos y otros que lo están solo en la memoria. Ya de adulto, la primera compañera no humana que tuve fue una gata naranja, llamada Moa (de Alemoa, una denominación común para las rubias y que alude a ser alemana o descendiente de alemán en Brasil). Moa llegó en 2006, en un momento bastante sombrío de mi vida, pues había perdido a mi hermana (en 2004, a causa de una pericarditis efecto de un lupus sistêmico) y a una pareja por cáncer, en 2006. Tras su muerte me mudé del piso donde vivíamos a otro, donde me quedé solo después

SUMÁRIO



sozinho depois de alguns anos
e continuava dormindo mal –
situação que passou a acontecer
comigo desde que minha irmã
morreu e segue até hoje!

de algunos años y seguía
durmiendo mal —una situación
que comenzó a sucederme
desde que murió mi hermana y
que continúa hasta hoy.



Moa - 12/10/2006 - 20/09/2020

Mas a história é para contar
que ganhei a Moa de uma
massoterapeuta, a Célia Russo.
Ela disse que tinha um presente
para mim, o qual “havia nascido”

Pero la historia sirve para
contar que recibí a Moa de
una masajista, Célia Russo.
Ella dijo que tenía un regalo
para mí, que “había nacido” el

SUMÁRIO



em 12 de outubro (dia em que se comemora o Dia das Crianças), mas que eu só poderia pegá-lo em dezembro. Assim, depois de ter ido para o nordeste dar aulas por dez dias em um Mestrado Interinstitucional, no início de dezembro de 2006, fui buscar a Moa, que tinha somente um irmão tigrinho, cinza e preto, o Theo. Daniela Ripoll, gateira e amiga de longa data, foi quem me ajudou a preparar a chegada da Moa, comprando caixinha de areia, ração e outros apetrechos.

A Moa foi, então, a primeira companheira não-humana que tive depois de adulto, aos 36 anos. Levei algum tempo para me acostumar, mas fiquei completamente apaixonado por aquela criaturinha que se jogava contra a porta quando eu ousava deixá-la do lado de fora, que caminhava e se deitava sobre minhas costas e que era uma caçadora nata.

Eu não sabia nada de gatos “quando grande”, e mesmo que tivesse estudado “as coisas da vida” (afinal, havia me tornado um licenciado em Biologia),

12 de octubre (día en que se celebra el Día de la Niñez), pero que yo solo podría recogerlo en diciembre. Así, después de haber ido al Nordeste a dar clases durante diez días en un Máster Interinstitucional, a comienzos de diciembre de 2006 fui a buscar a Moa, que solo tenía un hermano atigrado, gris y negro, Theo. Daniela Ripoll, amante de los gatos y amiga de larga data, fue quien me ayudó a preparar la llegada de Moa, comprando una arenera, comida y otros utensilios.

Moa fue, entonces, la primera compañera no humana que tuve ya de adulto, a los 36 años. Me llevó algún tiempo acostumbrarme, pero me enamoré por completo de aquella criaturita que se arrojaba contra la puerta cuando me atrevía a dejarla fuera, que caminaba y se acostaba sobre mi espalda y que era una cazadora nata.

No sabía nada de gatos “siendo mayor”, y aunque hubiera estudiado “las cosas de la vida” (al fin y al cabo, me había convertido en licenciado en Biología),

SUMÁRIO



essas eram outras coisas, outros bichos... Eu ainda não sabia, depois de ter sido criança, o que seria amar uma gata. A Moa, com quem depois eu falava e dizia que ela era a *Moa que tinha vindo das ilhas Samoa*, só para fazer uma rima barata e expressar como o amor se desdobrava por aquele ser pequenino e forte – não só forte de força e agilidade como os gatos têm, mas forte de jeito de ser, tal como algumas pessoas também podem ser.

Hoje digo que cada gato, cada cão, cada bicho *tem uma personalidade* – não aquela definida pela psicologia, mas uma que lhe distingue como um ser único, que tem uma história que se desenrola junto à nossa como companheiros no cotidiano da vida, e que, como tais, têm memórias, gostos próprios, jeitos de andar, modos de interagir com outros gatos, outros bichos e humanos que são particulares e, portanto, só seus. A Moa, por exemplo, adorava melão pele de sapo (*Cucumis melo*), porém nunca saberia disso se ela não tivesse pulado na pia da

eso eran otras cosas, otros animales... Después de haber sido niño aún no sabía lo que sería amar a una gata. A Moa, con la que luego hablaba y decía que era la Moa que venía de las islas Samoa, solo para rimar y expresar cómo el amor se desplegaba por ese ser pequeño y fuerte —no solo fuerte en fuerza y agilidad, como lo son los gatos, sino fuerte en su forma de ser, tal como algunas personas también pueden ser.

Hoy digo que cada gato, cada perro, cada animal tiene una personalidad —no la definida por la psicología, sino una que lo distingue como un ser único, que tiene una historia que se desarrolla junto a la nuestra como compañera en la cotidianidad, y que, como tales, tienen recuerdos, gustos propios, maneras de andar, modos de interactuar con otros gatos, otros animales y humanos que son particulares y, por tanto, solo suyos. Moa, por ejemplo, adoraba el melón piel de sapo (*Cucumis melo*); sin embargo, nunca lo habría sabido si no hubiera saltado al fregadero de la cocina, mientras

SUMÁRIO



cozinha, enquanto cortava um desses melões, e começasse a lamber o caldo que escorria. Desde ali, sei que alguns gatos gostam de melão!

No dia em que decidi que a vida dela estava mais difícil do que a saudade que eu sentiria, que o seu corpo sofria mais do que eu pensava ser possível imaginar como uma dor humana, que não haveria como voltar atrás, deixei ela morrer. Fiz ela morrer! Foi uma dor cruel. Abraçado ao corpo dela senti o coração pulsando mais forte, depois de anestesiada, e, então, parando logo em seguida. Toda aquela vida que tanto me acompanhou por quatorze anos não existia mais, era apenas corpo.

Depois de quatro anos só com a Moa chegou o Foguinho, outro laranja. Em uma dessas feiras de adoção na Redenção, principal parque de Porto Alegre, onde vários gatos e cachorros esperavam adoção, peguei, no meio de outros gatinhos, esse laranja, minúsculo, que cabia na palma da mão. Ele tinha os olhos azuis claros e dormiu no meu

yo cortaba uno de esos melones, y no se hubiera puesto a lamer el líquido que goteaba. Desde entonces sé que a algunos gatos les gusta el melón.

El día en que decidí que su vida era más difícil que la nostalgia que yo sentiría, que su cuerpo sufría más de lo que yo pensaba posible imaginar como un dolor humano, que no habría marcha atrás, la dejé morir. ¡La hice morir! Fue un dolor cruel. Abrazado a su cuerpo sentí el corazón latir con más fuerza, tras anestesiarla, y luego detenerse inmediatamente después. Toda aquella vida que tanto me acompañó durante catorce años ya no existía: era solo cuerpo.

Después de cuatro años solo con Moa llegó Foguinho, otro naranja. En una de esas ferias de adopción en la Redención, el principal parque de Porto Alegre, donde varios gatos y perros esperaban ser adoptados, tomé, de entre otros gatitos, a ese naranja diminuto que cabía en la palma de la mano. Tenía los ojos azul claro y se durmió en mi regazo, momento en el

SUMÁRIO

colo, momento em que decidi que o levaria comigo. Levei-o ao veterinário logo que saí do parque, o qual disse que ele não sobreviveria, pois estava muito doente. De qualquer forma, receitou medicamentos e antibióticos – e o Foguinho, que só dormia no primeiro dia, depois da segunda dose de antibióticos já subia pelas pernas da gente e corria por toda a casa.

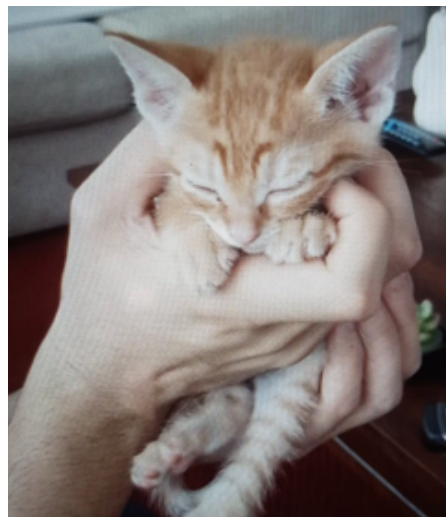
Inicialmente, como iria viajar no Natal daquele ano (2010), ele ficou na casa de uma tia, que, na época, só tinha uma cachorra salsicha (a Mel), a qual ficou perdidamente apaixonada pelo Foguinho pelo resto da vida dela, mas ele não dava a menor bola para um namoro ou amizade interespecies. Depois de alguns dias, o Foguinho foi para minha casa para conviver com a Moa, que, tal como era de se esperar, não o recebeu muito bem inicialmente. Isso, contudo, não durou muitos dias e foram companheiros, mesmo que por vezes distantes, por dez anos (de 2010 a 2020, quando a Moa morreu).

que decidí que me lo llevaría conmigo. Lo llevé al veterinario en cuanto salí del parque, y este dijo que probablemente no sobreviviría, pues estaba muy enfermo. De todos modos, recetó medicamentos y antibióticos —y Foguinho, que solo dormía el primer día, después de la segunda dosis de antibióticos ya trepaba por nuestras piernas y corría por toda la casa.

Al principio, como iba a viajar en Navidad de aquel año (2010), se quedó en casa de una tía que, en esa época, solo tenía una perra salchicha (Mel), la cual se enamoró perdidamente de Foguinho para el resto de su vida; pero él no le hacía el menor caso a un noviazgo o amistad interespecie. Después de algunos días, Foguinho se fue a mi casa para convivir con Moa que, como era de esperar, no lo recibió muy bien al inicio. Sin embargo, aquello no duró muchos días y fueron compañeros, aunque a veces distantes, durante diez años (de 2010 a 2020, cuando Moa murió).

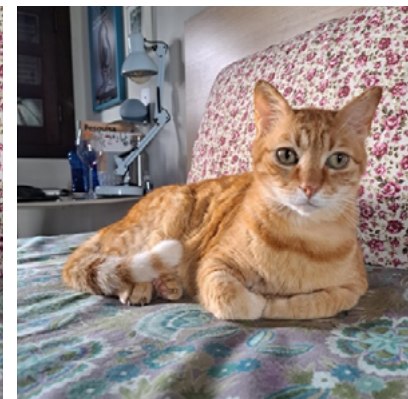


SUMÁRIO



*Foguinho ainda filhote (dezembro de 2010); Foguinho no início de 2024;
e Foguinho filhote com Moa (janeiro de 2011).*
*Foguinho aún cachorro (diciembre de 2010); Foguinho a comienzos de 2024;
y Foguinho cachorro con Moa (enero de 2011).*

SUMÁRIO

*Colagem com o Foguinho.**Collage con Foguinho.*

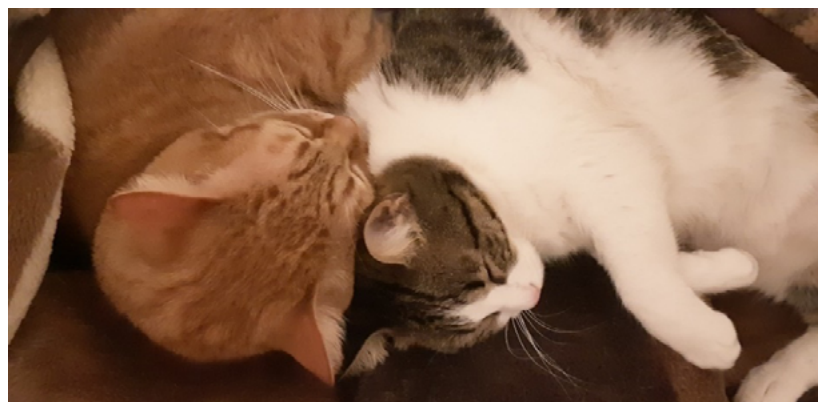
Foi o Foguinho quem, em contraste com a Moa, me ensinou que cada gato tem uma personalidade, pois, diferentemente dela, que era retraída e desconfiada, ele era expansivo, desbravador, totalmente sociável, a ponto de ir receber as pessoas na porta e permanecer entre todos em qualquer situação. Quando pequeno, ele também andava de carro e ia comigo em todos os lugares onde era possível. O Foguinho, assim como a Moa, teve câncer e morreu menos de dois meses antes de eu ir para Barcelona, em setembro de 2024.

Fue Foguinho quien, en contraste con Moa, me enseñó que cada gato tiene una personalidad, pues, a diferencia de ella, que era retraída y desconfiada, él era expansivo, explorador, totalmente sociable, hasta el punto de ir a recibir a las personas en la puerta y permanecer entre todos en cualquier situación. De pequeño también viajaba en coche y me acompañaba a todos los lugares donde era posible. Foguinho, al igual que Moa, tuvo cáncer y murió menos de dos meses antes de que yo me fuera a Barcelona, en septiembre de 2024.

SUMÁRIO

Até 2016 eram apenas o Foguinho e a Moa. Contudo, ainda no final daquele ano, um dia antes do Natal, um guardador de carros que trabalhava no entorno de casa disse que uma vizinha da outra rua havia dado a ele uma gatinha, a qual foi estava amarrada (com um fio de luz) a uma árvore, enquanto ele trabalhava e andava para lá e para cá. Ele estava alimentando-a com mortadela... Ela foi parar lá em casa no mesmo dia e nunca mais saiu, tendo recebido o nome da grande escritora brasileira, Clarice Lispector. Clarice e Foguinho, mais do que Moa e Foguinho, tornaram-se companheiros inseparáveis!

Hasta 2016 eran solo Foguinho y Moa. Sin embargo, a finales de ese mismo año, un día antes de Navidad, un cuidador de coches que trabajaba en los alrededores de mi casa me dijo que una vecina de la otra calle le había dado una gatita, a la que había dejado atada (con un cable de luz) a un árbol, mientras él trabajaba y se movía de un lado a otro. Él la estaba alimentando con mortadela... Aquella gata llegó a mi casa ese mismo día y nunca más se fue, recibiendo el nombre de la gran escritora brasileña, Clarice Lispector. ¡Clarice y Foguinho, más aún que Moa y Foguinho, se convirtieron en compañeros inseparables!

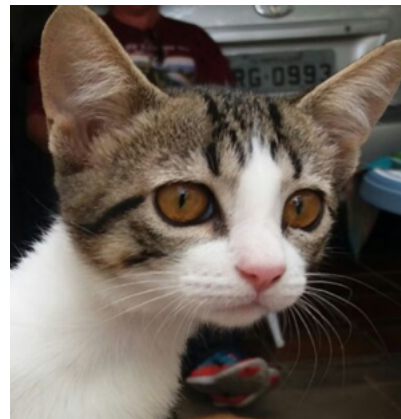


SUMÁRIO



Foginho e Clarice.

Foginho y Clarice.



Clarice filhote (janeiro de 2017); "Senhora Clarice" (dezembro de 2024)

Clarice gatita (enero de 2017); "Señora Clarice" (diciembre de 2024).

SUMÁRIO



A Clarice tem nove anos! Desde pequenininha, sempre foi invocada ou, como dissemos por aqui, “faca na bota”, isto é, sempre pronta para dar uma unhada ou uma mordida. Apesar disso, é uma gata linda e querida, desde que se respeite o tempo e as vontades dela. Assim, entre os gatos companheiros que temos hoje, a Clarice é a “mais velha” da casa, embora, certamente, não seja a mais velha em idade, pois o Cabeçudo (ou Biçudo), bem como a Pêta provavelmente sejam mais velhos do que ela (algo que se nota pela postura, pelo modo de andar, pelo embranquecimento ou clareamento dos pelos).

Antes de dar sequência aos demais companheiros gatos e cachorros, cabe falar da Marta Rocha. Marta Rocha, a mais famosa miss brasileira e também de uma torta muito conhecida batizada com seu nome, foi, também, o nome que dei à cachorra que apareceu na casa de minha tia, quando ainda não morávamos juntos. Dei este nome precisamente porque minha avó, bem como as

¡Clarice tiene nueve años! Desde pequeña, siempre fue muy invocada o, como decimos por aquí, “faca na bota” (*“de armas tomar”*) es decir, siempre dispuesta a soltar un zarpazo o un mordisco. A pesar de eso, es una gata preciosa y muy querida, siempre que se respeten sus tiempos y sus voluntades. Así, entre los gatos compañeros que tenemos hoy, Clarice es la “más veterana” de la casa, aunque, ciertamente, no sea la de mayor edad, pues Cabeçudo (o Biçudo), así como Pêta, probablemente sean mayores que ella (algo que se nota por la postura, la manera de andar, el encanecimiento o aclaramiento del pelo).

Antes de continuar con los demás compañeros gatos y perros, cabe hablar de Marta Rocha. Marta Rocha, la miss brasileña más famosa y también el nombre de una tarta (un pastel redondo) muy conocida que lleva su nombre, fue asimismo el nombre que le di a la perra que apareció en casa de mi tía, cuando todavía no vivíamos juntos. Le puse ese nombre precisamente porque mi abuela, así como las

SUMÁRIO



pessoas mais velhas da família
 sempre falavam na Marta Rocha
 como sinônimo ou referencial de
 beleza, de maneira que dei este
 nome à cachorra, precisamente
 por ela ter tal qualidade. Cabe
 dizer, contudo, que as pessoas
 mais jovens, quando ficavam
 sabendo do nome dela, pergun-
 tavam por que se havia dado o
 nome da torta para a cachorra.

personas mayores de la familia,
 siempre hablaban de Marta
 Rocha como sinónimo o referente
 de belleza, de modo que le di ese
 nombre a la perra justamente por
 poseer tal cualidad. Cabe decir,
 sin embargo, que las personas
 más jóvenes, cuando se entera-
 ban de su nombre, preguntaban
 por qué se le había puesto a la
 perra el nombre de una tarta.



Marta Rocha (2015 – outubro/outubre de 2019).

Assim, em 2015, tínhamos
 Marta Rocha, Mel, Foguinho
 e Moa. Todos ficavam dentro
 de casa, mas podiam sair no

Así, en 2015, teníamos a Marta
 Rocha, Mel, Foguinho y Moa.
 Todos permanecían dentro
 de la casa, pero podían salir

SUMÁRIO



pátio lateral ou no jardim de inverno, onde tínhamos plantas e um banco... Conforme disse, Clarice só chegaria no final de dezembro de 2016.

O fato é que a Marta Rocha não podia ouvir a palavra “passear”, pois já ficava “louca”, pulando para lá e para cá, esperando que eu colocasse a coleira nela e fôssemos dar uma “volta na quadra” no início da noite. A Mel (a salsicha) também ia junto no início, mas como já estava mais velha (e tinha as pernas muito curtas quando comparadas às da Marta) acabava se cansando rápido e querendo voltar. Com o passar do tempo, o passeio da Mel era ir até o portão, de onde eu seguia apenas com a Marta.

al patio lateral o al jardín de invierno, donde teníamos plantas y un banco... Como mencioné, Clarice no llegaría hasta finales de diciembre de 2016.

El hecho es que Marta Rocha no podía oír la palabra “pasear”, porque enseguida se volvía “loca”, saltando de un lado a otro, esperando que yo le pusiera la correa para dar una “vuelta a la manzana” al inicio de la noche. Mel (la salchicha) también venía al principio, pero como ya era más mayor (y tenía las patas muy cortas en comparación con las de Marta), terminaba cansándose rápido y queriendo volver. Con el paso del tiempo, el paseo de Mel consistía en llegar hasta la puerta, desde donde yo seguía solo con Marta.



Mel (2008 a fevereiro/a febrero 2023).

SUMÁRIO



Estou contando tudo isso porque a história com os *gatos de rua* (até eu ter quinze gatos ou, por vezes, mais) começa nestes passeios com a Marta Rocha. Andávamos duas ou três quadras, próximas à casa, e num dado dia, em uma casa com aspecto de abandonada e que estava para vender, vimos (a Marta e eu) uma gata frajola (preta e branca), que veio nos encontrar e não se mostrava nem um pouco receosa com a presença da Marta – que, a bem da verdade, não era “muito santa”, pois, por vezes, se invocava e rosnava tanto para cachorros quanto para gatos.

Assim, nestes passeios, comecei a levar ração para ela todos os dias e, desde aí, “começaram a aparecer” outros gatos. Não lembro exatamente em que ordem, mas é daí que, tal como escreverei adiante, “surtem” a Pretinha (esta frajola), o Cabeçudo, o Japonês, a Bibi e a irmã dela (que, infelizmente, morreu atropelada antes de eu conseguir tirá-la da rua).

O gato que veio a se chamar Japonês era conhecido pelos

Estoy contando todo esto porque la historia con los gatos callejeros (hasta que llegué a tener quince o, por veces, más) comienza en esos paseos con Marta Rocha. Caminábamos dos o tres manzanas cerca de la casa y, un día, en una casa con aspecto de abandonada y que estaba en venta, vimos (Marta y yo) a una gata negra y blanca que se acercó a nosotros y no mostraba en absoluto temor hacia Marta —que, a decir verdad, no era “muy santa”, porque a veces se excitaba y gruñía tanto a perros como a gatos.

Así, en esos paseos, empecé a llevarle comida todos los días y, desde entonces, “empezaron a aparecer” otros gatos. No recuerdo exactamente en qué orden, pero es a partir de ahí que, tal como escribiré más adelante, “aparecen” Pretinha (esta negra y blanca), Cabeçudo, Japonês, Bibi y su hermana (que, lamentablemente, murió atropellada antes de que pudiera sacarla de la calle).

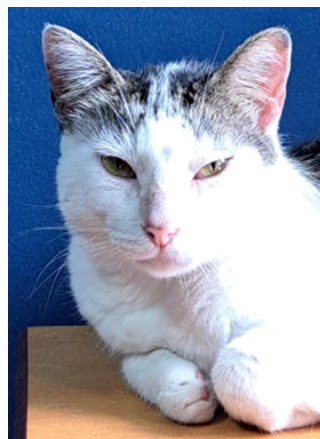
El gato que llegó a llamarse Japonês era conocido por los

SUMÁRIO



vizinhos como Fiapo (como fio de linha, magro mesmo) na rua onde morava. Eles todos até tinham uma “dona”, que morava ao lado da casa abandonada, mas ela não dava a menor importância para os gatos e, com o passar do tempo, começou a dizer que não os queria, pois havia parido um menino e, segundo ela, a Pretinha (a frajola) e os demais representavam uma “ameaça” à criança.

vecinos como Fiapo (como un hilo, muy delgado) en la calle donde vivía. Todos ellos tenían incluso una “dueña”, que vivía al lado de la casa abandonada, pero no prestaba la menor atención a los gatos y, con el tiempo, comenzó a decir que no los quería, porque había tenido un niño y, según ella, Pretinha (*tuxedo cat*) y los demás representaban una “amenaza” para el niño.



*Japoneso – resgatado em setembro de 2019, provavelmente com cerca de um ano.
Pela posição dos olhos pode-se depreender porque ele recebeu este nome.*

*Japoneso – rescatado en septiembre de 2019, probablemente con alrededor de un año.
Por la posición de los ojos puede entenderse por qué recibió este nombre.*

O que acontece neste meio tempo, em minha rotina de passeio com a Marta Rocha após o trabalho, é que a Marta foi

Lo que sucede en este tiempo, en mi rutina de paseo con Marta Rocha después del trabajo, es que a Marta le diagnosticaron

SUMÁRIO



diagnosticada com um câncer de mama por volta de agosto de 2019. Por sugestão das veterinárias, acabamos operando-a e, como resultado, retiraram toda a fileira direita de mamas. Ela ficou com um corte enorme, costurado de forma muito feia e, a seguir, com um ponto aberto que insistia em não fechar. Dada a demora em cicatrizar e à ideia de que o câncer precisava ser contido, começamos a fazer “a maldita” quimioterapia. Foi a pior coisa que fizemos, pois até aí a Marta estava bem, interagía, andava para lá e para cá, apesar do ponto que não fechava, mas com a quimioterapia ela ficou completamente prostrada, febril e com vômitos incessantes. A Marta morreu três dias após iniciar o tratamento com a quimioterapia... E, embora ela tivesse morrido em 2019 – sendo a primeira companheira canina que morria depois de eu voltar a ter um cachorro em muitos anos –, até recentemente não podíamos falar sobre isso aqui em casa, pois todo mundo chorava.

un cáncer de mama alrededor de agosto de 2019. Por sugerencia de las veterinarias, terminamos operándola y, como resultado, le extirparon toda la fila derecha de mamas. Quedó con un corte enorme, cosido de manera muy fea y, luego, con un punto abierto que se negaba a cerrarse. Debido a la demora en la cicatrización y a la idea de que el cáncer debía ser contenido, comenzamos la “maldita” quimioterapia. Fue lo peor que hicimos, porque hasta entonces Marta estaba bien, interactuaba, caminaba de un lado a otro a pesar del punto abierto, pero con la quimioterapia quedó completamente postrada, con fiebre y vómitos continuos. Marta murió tres días después de iniciar el tratamiento con quimioterapia... Y, aunque había fallecido en 2019 —siendo la primera compañera canina que moría después de que yo volviera a tener un perro en muchos años—, hasta hace poco no podíamos hablar de ella en casa, porque todos lloraban.

SUMÁRIO



É preciso dizer que a Marta não entrava no cio, o que nos levou a crer que ela já era castrada. Contudo, quando ela foi diagnosticada com este câncer, descobrimos que não era castrada e que, certamente, ela não entrava no cio porque deveriam dar “aquelas injeções” (tidas no “boca a boca” como cancerígenas) para ela não entrar no cio.

Com a morte da Marta Rocha, continuei dando comida aos gatos daquela casa abandonada na rua paralela à minha, mas decidi que os retiraria da rua para tratá-los, castrá-los e conseguir adotantes. O primeiro a ser resgatado foi o Japonês¹⁸⁴, que, por vezes, seguia a Marta e a mim até em casa, caminhando tranquilamente ao lado dela. Ele era mesmo um fiapo, de tão magro! Nestas poucas ocasiões ficava deitado lá no pátio de casa por algum tempo e depois ia embora. Ele também foi o primeiro a ser castrado e ficou separado em outro quarto para se recuperar.

Depois do Japonês, poucos dias depois, peguei o Cabeçudo –

Cabe decir que Marta no entraba en celo, lo que nos llevó a pensar que ya estaba esterilizada. Sin embargo, cuando le diagnosticaron este cáncer, descubrimos que no lo estaba y que, seguramente, no entraba en celo porque le daban “esas inyecciones” (según se decía de boca en boca como cancerígenas) para impedir que entrara en celo.

Con la muerte de Marta Rocha, continué dando comida a los gatos de esa casa abandonada en la calle paralela a la mía, pero decidí sacarlos de la calle para tratarlos, esterilizarlos y conseguir adoptantes. El primero en ser rescatado fue Japonés, que a veces seguía a Marta y a mí hasta la casa, caminando tranquilamente a su lado. ¡Era realmente un hilo de tan delgado que estaba! En esas pocas ocasiones se quedaba un rato acostado en el patio de casa y luego se marchaba. También fue el primero en ser esterilizado y lo separé en otra habitación para que se recuperara.

Después de Japonés, pocos días después, rescaté

SUMÁRIO



achava, inicialmente que ele tinha uma cabeça tão grande porque estava doente, mas depois fiquei sabendo que ele tinha essa "cabeça grande" precisamente porque não era castrado. Ele tinha aspecto de doente e as pessoas o repudiavam porque ele estava muito maltratado, feio mesmo. Levei dias para conseguir pegá-lo e a cada vez que não conseguia fazer isso achava que ele não sobreviveria até o dia seguinte, dado o estado em que ele se encontrava. Houve um dia, entretanto, que, ao invés de levar uma caixa de transporte de gatos, levei um grande cesto para roupas sujas e um lençol junto comigo; dei comida e quando ele se aproximou, joguei o lençol em cima dele e o coloquei no cesto de roupas, que tinha uma entrada muito maior do que a caixa de transporte. Ele gritou muito, mas o levei para casa, onde ficou em uma peça que tinha na parte de cima da garagem até ir para a veterinária e ficar internado por uma semana, ocasião em que já foi castrado. O Cabeçudo tornou-se "Biçudo", "Biçudinho" e, por vezes, "Véio".

a Cabeçudo —al principio pensaba que tenía la cabeza tan grande porque estaba enfermo, pero luego supe que esa "cabeza grande" era precisamente porque no estaba esterilizado. Tenía aspecto de enfermo y la gente lo rechazaba porque estaba muy maltratado, realmente feo. Me tomó varios días lograr atraparlo y cada vez que no lo conseguía, pensaba que no sobreviviría hasta el día siguiente, dado su estado. Sin embargo, un día, en lugar de llevar un transportín, llevé un gran cesto de ropa sucia y una sábana; le di comida y, cuando se acercó, le lancé la sábana encima y lo coloqué en el cesto, que tenía una entrada mucho más grande que el transportín. Gritó mucho, pero lo llevé a casa, donde quedó en una habitación que estaba sobre el garaje hasta que fue a la veterinaria y estuvo internado una semana, ocasión en la que ya fue esterilizado. Cabeçudo se convirtió en "Biçudo", "Biçudinho" y, a veces, en "Véio".

SUMÁRIO



Na primeira foto, o Biçudo cerca de três meses depois que chegou lá em casa (set. – out. 2019).

Na segunda foto, Biçudo e eu. Na terceira, como está o Biçudo hoje (2024), muito velhinho, mas segue sendo o gato mais querido da casa.

En la primera foto, Biçudo, aproximadamente tres meses después de llegar a mi casa (septiembre-octubre de 2019). En la segunda foto, Biçudo y yo. En la tercera, cómo está Biçudo hoy (2024), ya muy mayor, pero sigue siendo el gato más querido de la casa.

SUMÁRIO



Nos dias seguintes, a última a ser resgatada foi a Bibi, a qual coloquei tranquilamente dentro do mesmo cesto de roupas – que se mostrou melhor que a caixa de transporte – e levei para casa, deixando-a na despensa ao lado área de serviço. Eu a levaria no dia seguinte para a castração, conforme combinado com a veterinária, mas ela “sumiu” na despensa, isto é, ela escalou as prateleiras e ficou escondida na última prateleira, de onde não saiu por vários dias. Tive que colocar comida e água, bem como uma caixinha de areia nas prateleiras superiores, pois não havia maneira de fazê-la descer. Para interagir com ela, precisava subir em uma escada e ficar “lá em cima”.

Ao término de uma semana ou um pouco mais, ela passou a descer por conta própria e, quando foi possível, a coloquei no referido cesto de roupas e a levei para a castração. Em resumo, castrei Japonês, Cabeçudo e Bibi, tendo todos ficado separados da Moa, do Foguinho e da Clarice. Todos eles circulavam pela casa, porém em turnos distintos.

En los días siguientes, la última en ser rescatada fue Bibi, a la que coloqué tranquilamente dentro del mismo cesto de ropa —que resultó ser mejor que el transportín— y llevé a casa, dejándola en la despensa junto al área de servicio. Tenía previsto llevarla al día siguiente para la esterilización, según lo acordado con la veterinaria, pero ella “desapareció” en la despensa, es decir, trepó por las estanterías y se escondió en la última repisa, de donde no salió durante varios días. Tuve que colocar comida y agua, así como una caja de arena en las repisas superiores, porque no había manera de hacerla bajar. Para interactuar con ella, tenía que subirme a una escalera y quedarme “allí arriba”.

Al cabo de una semana, o un poco más, empezó a bajar por su cuenta y, cuando fue posible, la coloqué en el mencionado cesto de ropa y la llevé a la esterilización. En resumen, esterilicé a Japonês, Cabeçudo y Bibi, manteniéndolos separados de Moa, Foguinho y Clarice. Todos ellos circulaban por la casa, pero en turnos distintos.

SUMÁRIO



Bibi (no meio, na primeira foto, comendo com a irmã que morreu atropelada). Nessa mesma primeira fotografia, bem à direita, aparece a Pretinha (fajola), mãe da Bibi, da irmã dela, do Japonês e, provavelmente, mãe da Clarice (com o Biçudo como pai). Na segunda fotografia, a Bibi hoje. Ela é a gata mais reclusa e escondida da casa. Costumo dizer que ela é como uma "fada", pois quase ninguém estranho à casa a vê. Cabe dizer que antes de se chamar Bibi (de Bibi Ferreira), e ainda quando sua irmã estava viva, elas eram as irmãs Batista (Linda e Dircinha). No caso, a Dircinha morreu e a Linda virou Bibi.

Bibi (en el centro, en la primera foto, comiendo con la hermana que murió atropellada). En esa misma primera fotografía, a la derecha, aparece Pretinha (negra y blanca), madre de Bibi, de su hermana, de Japonês y, probablemente, madre de Clarice (con Biçudo como padre). En la segunda fotografía, Bibi hoy. Es la gata más reclusa y escondida de la casa. Suelo decir que es como un "hada", pues casi nadie extraño a la casa la ve. Cabe mencionar que antes de llamarse Bibi (por Bibi Ferreira), y aún cuando su hermana estaba viva, eran las hermanas Batista (Linda y Dircinha). En este caso, Dircinha murió y Linda se convirtió en Bibi. (Bibi Ferreira era una actriz y cantante; Linda y Dircinha también fueron cantantes muy conocidas en su época).



Pretinha, Dircinha e (y) Bibi.

SUMÁRIO

Talvez seja desnecessário dizer que, apesar de enviar mensagens e fotos para várias pessoas, ninguém quis adoptá-los, de maneira que eles “acabaram ficando” lá em casa. A Pretinha, a tal frajola que foi a primeira que conheci na rua – e que segundo a vizinha da casa ao lado da casa abandonada, era a sua “gata preferida” – também foi parar lá em casa, pois a tal vizinha continuava dizendo que ela era um perigo para o filho dela.

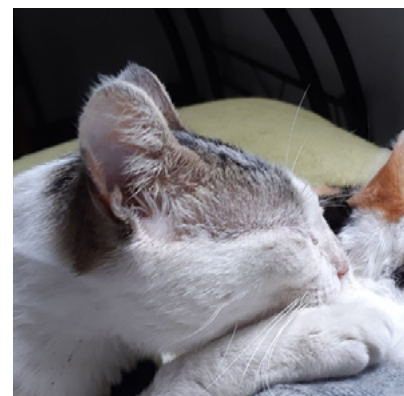
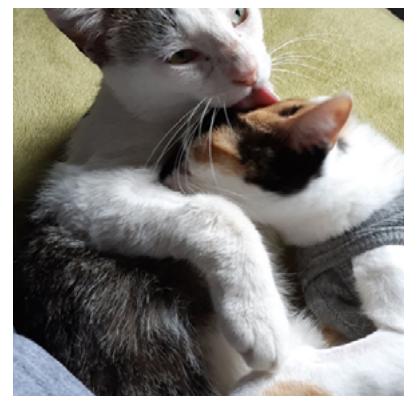
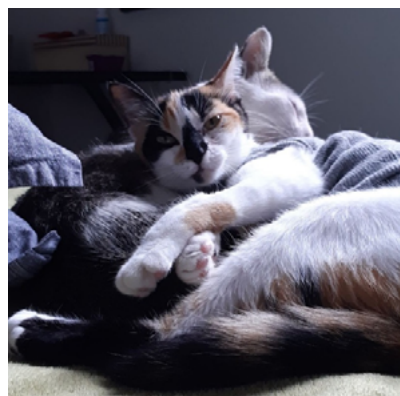
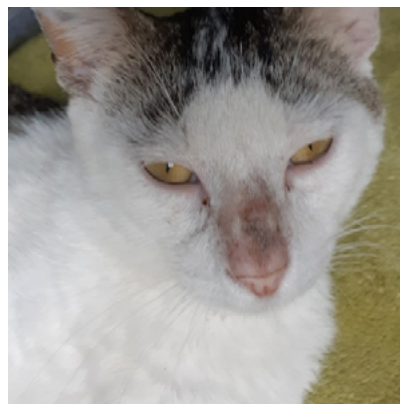
A Pretinha, contudo, foi adotada pela irmã de uma amiga e foi morar em Florianópolis/SC, tendo morrido algum tempo depois. Sabe-se que Pretinha era mãe do Japonês, da Bibi (e da sua irmã) e, certamente, também da Clarice Lispector. Como a Clarice é muito parecida com o Biçudo e tem “o gênio” da Pretinha (isto é, atacada, agitada, “faca na bota”), assumo, em minha narrativa, que ela é filha deles.

Tal vez sea innecesario decir que, a pesar de enviar mensajes y fotos a varias personas, nadie quiso adoptarlos, por lo que “terminaron quedándose” en mi casa. Pretinha, esa negra y blanca que fue la primera que conocí en la calle —y que, según la vecina de la casa junto a la casa abandonada, era su “gata preferida”— también terminó en mi casa, porque la mencionada vecina seguía diciendo que representaba un peligro para su hijo.

Pretinha, sin embargo, fue adoptada por la hermana de una amiga y se fue a vivir a Florianópolis/SC, falleciendo algún tiempo después. Se sabe que Pretinha era madre de Japonês, de Bibi (y de su hermana) y, seguramente, también de Clarice Lispector. Como Clarice se parece mucho a Biçudo y tiene “el carácter” de Pretinha (es decir, atacada, agitada, “cuchillo en la bota”), asumo, en mi narrativa, que ella es hija de ellos.



SUMÁRIO



Japoneso e Bibi (depois de castrada). Provavelmente novembro-dezembro de 2019.
Japoneso y Bibi (después de ser esterilizada). Probablemente noviembre-diciembre de 2019.

SUMÁRIO



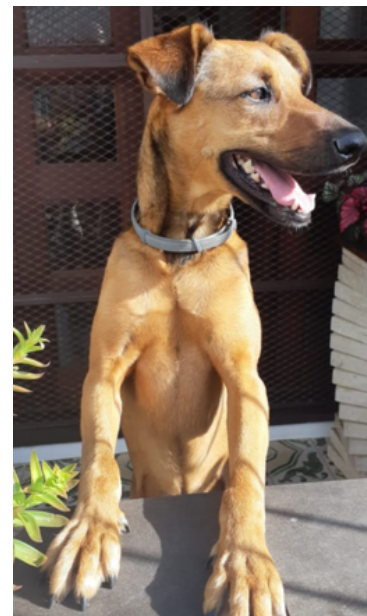
Assim, quando mudamos de casa, para a Zona Sul da cidade, no bairro Tristeza – Porto alegre/RS, vieram conosco: Moa; Foguinho; Clarice Lisor; Japonês, Bicho e Bibi. Além deles, veio a Mel (a salsicha já com quinze anos) e o Amigo...

O Amigo é um cachorro, que foi adotado por minha mãe e seu companheiro. Tal companheiro morreu quando eu estava fora, de férias, em fevereiro de 2018, e acabou sendo levado para a minha casa. Ele foi para lá porque eles moravam em um apartamento térreo e minha mãe se mudaria, de maneira que, inicialmente, sua estadia na minha casa, seria provisória, até que alguém o adotasse. Quando voltei das férias encontrei aquele cachorro imenso, o qual foi adotado alguns dias depois por intermédio de uma de minhas sobrinhas. Contudo, o Amigo derrubou a avó da adotante duas vezes no pátio da casa, o que fez com que ele fosse devolvido, tal como um produto quebrado ... Na segunda vez em que quiseram adotar o Amigo eu não deixei.

Así, cuando nos mudamos de casa, a la Zona Sur de la ciudad, al barrio Tristeza —Porto Alegre/RS—, vinieron con nosotros: Moa, Foguinho, Clarice Lisor, Japonês, Bicho y Bibi. Además de ellos, vinieron Mel (la salchicha, ya con quince años) y Amigo...

Amigo es un perro que fue adoptado por mi madre y su compañero. Dicho compañero falleció mientras yo estaba fuera de vacaciones, en febrero de 2018, y el perro terminó siendo llevado a mi casa. Fue allí porque ellos vivían en un apartamento en planta baja y mi madre se mudaría, de manera que, inicialmente, su estancia en mi casa sería provisional, hasta que alguien lo adoptara. Cuando regresé de las vacaciones, encontré a ese perro enorme, que fue adoptado pocos días después por intermención de una de mis sobrinhas. Sin embargo, Amigo derribó a la abuela de la adoptante dos veces en el patio de la casa, lo que provocó que fuera devuelto, como si fuera un producto defectuoso... La segunda vez que intentaron adoptar a Amigo, no lo permití.

SUMÁRIO



Primeira foto, Amigo filhote (2017) e em dezembro de 2024, com oito para nove anos.

Primera foto, Amigo cachorro (2017) y en diciembre de 2024, con ocho a nueve años.

SUMÁRIO



Ainda não mencionei que, quando viemos ver a casa da Tristeza, antes de comprá-la, uma gata preta peluda nos acompanhou durante a visita. Isso era novembro de 2019. Compramos a casa em dezembro do mesmo ano e nos mudamos, depois de algumas reformas iniciais, em 9 de março de 2020, poucos dias antes de começar o isolamento devido ao Covid-19, em março de 2020. A gata preta ainda continuava por aqui e a adotamos como nossa em poucos dias. Ela não entrava em casa e era meio arisca no princípio, mas foi se acostumando com o Amigo, que naquela época dormia sozinho na garagem, de maneira que coloquei uma porta de gatos para ela entrar e sair da garagem – portanto, ela ficava livre para entrar e sair quando queria durante o dia ou a noite. Ainda nestes primeiros dias, em uma dada manhã, a vi, desde a sacada, caçando uma pomba (quase do tamanho dela) no telhado da vizinha. Ou seja, a Pêta era uma gata que se virava por conta própria, que caçava e comia sua caça. Por vezes, mas

Aún no he mencionado que, cuando fuimos a ver la casa en Tristeza, antes de comprarla, una gata negra y peluda nos acompañó durante la visita.

Esto fue en noviembre de 2019. Compramos la casa en diciembre del mismo año y nos mudamos, tras algunas reformas iniciales, el 9 de marzo de 2020, pocos días antes de que comenzara el aislamiento por la Covid-19, en marzo de 2020. La gata negra seguía por aquí y la adoptamos como nuestra en pocos días. Al principio no entraba en casa y era un poco arisca, pero se fue acostumbrando a Amigo, que en ese momento dormía solo en el garaje, así que instalé una puerta para gatos para que pudiera entrar y salir del garaje; de esta manera, tenía libertad de entrar y salir cuando quería, de día o de noche. Todavía en esos primeros días, una mañana la vi desde el balcón cazando una paloma (casi del tamaño de ella) en el techo de la vecina. Es decir, Pêta era una gata que se defendía sola, cazaba y comía su presa. A veces, pero

SUMÁRIO

muito raramente, quando ela dá seus passeios no terreno baldio ao lado, ela traz outros “presentes”, como gafanhoto, passarinho ou ratinhos – certa vez, ela trouxe um desses “apenas para brincar”, tendo ficado furiosa quando a prendi e deixei o ratinho escapar; em outra situação, ela vomitou oito ratinhos minúsculos no tapete da sala. ... As vizinhas calculam que a Pêta tem mais de dez anos, pois segundo elas, já andava “por aí”, cheia de carrapichos e *dreads* nos pelos.

muy raramente, cuando da sus paseos por el terreno baldío de al lado, trae otros “regalos”, como saltamontes, pajaritos o ratoncitos; en una ocasión, trajo uno “solo para jugar”, y se enfureció cuando lo atrapé y dejé escapar al ratón; en otra situación, vomitó ocho ratoncitos diminutos sobre la alfombra de la sala... Las vecinas calculan que Pêta tiene más de diez años, porque, según ellas, ya andaba “por ahí” llena de cardos y con enredos en el pelaje.



SUMÁRIO



Pêta – cujo nome completo é (conforme brinco com a Maria Clara, filha de uma amiga, à época com 8 anos) Pêta Petuska Peteskaya Petovisky. A Maria Clara inclusive fez um retrato da Pêta, o qual ganhei de aniversário (em 2022) e está na “parede dos gatos” na sala de casa. Além da Pêta, ela também fez um do Foguinho (o terceiro à esquerda, de cima para baixo, na foto abaixo) e outro do Biçudo (o último à direita, de baixo para cima).

Pêta – cuyo nombre completo es (según bromeo con María Clara, hija de una amiga, que por entonces tenía 8 años) Pêta Petuska Peteskaya Petovisky. María Clara incluso hizo un retrato de Pêta, que recibí como regalo de cumpleaños (en 2022) y que está en la “pared de los gatos” del salón de casa. Además de Pêta, también hizo uno de Foguinho (el tercero desde la izquierda, de arriba hacia abajo, en la foto siguiente) y otro de Biçudo (el último a la derecha, de abajo hacia arriba).



“Pared de los gatos” e destaque para o desenho da Pêta, por Maria Clara Vasques Recuero (2022).

“Pared de los gatos” con destaque para el dibujo de Pêta, realizado por María Clara Vasques Recuero (2022).

SUMÁRIO



Além da *Pêta*, que já morava nesta casa antes mesmo de mudarmos para cá, tinha também outros gatos que frequentavam a casa, incluindo o *Amarelinho*, que nunca deixou eu me aproximar muito, mas que era “meu amigo” e visitante diário por alguns anos. Amarelinho não era castrado e era pequenininho. Ele morava no terreno baldio, ao lado da casa da frente, do qual frequentemente saía perto do anoitecer. Ele circulava para lá e para cá e, quando eu guardava os cachorros, colocava comida na área da frente da casa e lá vinha ele comer. Conseguiu ficar bem perto dele, que “conversava” comigo, mas não deixava que eu me aproximasse. Por duas vezes, consegui tratar o Amarelinho de ferimentos, resultantes de brigas, com medicamentos receitados pela veterinária deles (a Kalinka Boito). Como ele vinha todas as noites, esmagava e misturava os remédios à comida molhada e, assim, ele cumpria todo o tratamento.

Em um dado dia de novembro de 2023, contudo, logo depois de terminar de preparar a aula que

Además de *Pêta*, que ya vivía en esta casa antes de que nos mudáramos aquí, había otros gatos que frecuentaban la casa, incluido Amarelinho, que nunca me permitió acercarme demasiado, pero que era “mi amigo” y visitante diario durante algunos años. Amarelinho no estaba esterilizado y era pequeño. Vivía en el terreno baldío al lado de la casa de enfrente, del cual salía con frecuencia cerca del anocheecer. Circulaba de un lado a otro y, cuando recogía a los perros, colocaba comida en la parte delantera de la casa, y él venía a comer. Podía estar bastante cerca de él, y “conversaba” conmigo, pero no permitía que me acercara. En dos ocasiones, logré tratar a Amarelinho de heridas resultantes de peleas, con medicamentos recetados por su veterinaria (Kalinka Boito). Como venía todas las noches, aplastaba y mezclaba los medicamentos con la comida húmeda y así completaba todo el tratamiento.

Sin embargo, un día de noviembre de 2023, justo después de terminar de preparar la clase

SUMÁRIO



daria à noite, saí para o pátio e vi o Amarelinho, ainda de tarde, no terreno ao lado da minha casa (também vazio, mas com muita vegetação). Ele estava com um corte enorme no lado esquerdo da cabeça, muito provavelmente resultado das brigas que ele tinha durante a noite. Saí com a caixa de transporte e com comida úmida para o pátio ao lado, mas ele se escondeu entre umas madeiras empilhadas e não consegui mais vê-lo ou pegá-lo.

Esta foi a última imagem que tive do Amarelinho – entrando no meio daquelas tábuas –, pois fui para a universidade e quando retornei, apesar de andar por todo o terreno, não mais o encontrei. Nos três dias seguintes, além de procurá-lo neste terreno, também o procurei no terreno ao lado da casa da frente, onde ele “oficialmente” morava. Neste terreno havia uma casa em construção, abandonada e mato muito alto. Apesar das diferentes investidas que fiz neste terreno, com comida e caixa de transporte, não mais o encontrei para levá-lo ao veterinário.

que daría por la noche, salí al patio y vi a Amarelinho, todavía por la tarde, en el terreno al lado de mi casa (también vacío, pero con mucha vegetación).

Tenía un corte enorme en el lado izquierdo de la cabeza, probablemente resultado de las peleas nocturnas. Salí con el transportín y comida húmeda al terreno contiguo, pero se escondió entre unas maderas apiladas y no logré volver a verlo ni atraparlo.

Esa fue la última imagen que tuve de Amarelinho —entrando entre aquellas tablas—, porque fui a la universidad y cuando regresé, aunque recorrí todo el terreno, ya no lo encontré. Durante los tres días siguientes, además de buscarlo en ese terreno, también lo busqué en el terreno de la casa de enfrente, donde “oficialmente” vivía. En ese terreno había una casa en construcción, abandonada y con maleza muy alta. A pesar de los distintos intentos que hice allí, con comida y transportín, no logré encontrarlo para llevarlo al veterinario.

SUMÁRIO



Sinto saudades dele, do jeito dele vir aqui, da dignidade que ele tinha em não se deixar capturar, de seu modo de se aproximar, bem como do fato de aquele gato pequeninho, que nunca se desenvolveu como poderia (um gato doméstico), ser tão corajoso, ao andar sozinho pela noite – nós humanos, certamente, teríamos medo! Amarelinho e outros gatos, mesmo pequeninos, viram-se sozinhos, enfrentam o mundo, por vezes bastante hostil a eles, sempre erguidos. Apesar de Amarelinho andar por aqui, assim como a Pêta, mesmo antes de me mudar para este lugar, eles pareciam invisíveis a despeito de suas materialidades corporais. Digo isso porque já escutei de vizinhos algumas histórias, as quais, entre outras coisas, os tinham como selvagens, como oportunistas, como vagabundos que vagavam por aqui.

Ainda acho que um dia, quando removerem todo o madeirame desordenado no terreno ao lado de minha casa, encontrarão o esqueleto do Amarelinho. Isso porque é ali, na minha memória,

Lo extraño, su forma de venir aquí, la dignidad que tenía al no dejarse capturar, su manera de acercarse, así como el hecho de que ese gato pequeñito, que nunca se desarrolló como podría un gato doméstico, fuera tan valiente al andar solo por la noche —nosotros, los humanos, ciertamente, habríamos tenido miedo—. Amarelinho y otros gatos, aunque pequeños, se las arreglan solos, enfrentan el mundo, a veces bastante hostil para ellos, siempre erguidos. Aunque Amarelinho caminaba por aquí, al igual que Pêta, incluso antes de que nos mudáramos, parecían invisibles a pesar de sus cuerpos materiales. Lo digo porque ya he escuchado historias de vecinos que los consideraban salvajes, oportunistas, vagabundos que deambulaban por aquí.

Todavía creo que un día, cuando retiren toda la madera desordenada en el terreno al lado de mi casa, encontrarán el esqueleto de Amarelinho. Porque allí, en mi memoria,

SUMÁRIO



que o vi pela última vez tentando se esconder da dor que sentia por aquele corte, aquela briga – o fato de ele estar ali, no meio da tarde, em pleno sol (ele, que frequentemente só saía à noite), parecia-me um pedido de ajuda. Mas não o vi em nenhuma das vezes em que para ali olhei, tampouco senti o cheiro de seu corpo morto em qualquer momento, de modo que parece que ele simplesmente desapareceu.

Nunca mais ouvi a placa de vende-se, amarrada por dois arames, batendo no portão à noite ou na madrugada quando ele pulava para dar suas voltas noturnas. Nunca mais vi um gatinho pequeno, resoluto e amarelo, caminhando pela rua à noite, por vezes brigando com outros gatos que por ali apareciam. Nunca mais o Amarelinho, molhado pela chuva andando rapidinho pela rua! Sempre me perguntei onde e como ele dormia com a chuva e com o frio, a ponto de termos comprado um iglu para ele, deixado na varanda da casa, o qual só amanhecia mijado e sem sinal de que o

lo vi por última vez tentando esconderse del dolor que sentía por ese corte, esa pelea —el hecho de que estuviera allí, a plena luz de la tarde, bajo el sol (él, que normalmente solo salía de noche), me parecía un pedido de ayuda. Pero no lo vi en ninguna de las veces que miré allí, ni olí su cuerpo muerto en ningún momento, por lo que parece que simplemente desapareció.

Nunca más escuché la placa de “se vende”, atada con dos alambres, golpear la puerta por la noche o madrugada cuando él saltaba para dar sus vueltas nocturnas. Nunca más vi un gatito pequeño, resuelto y amarillo, caminando por la calle de noche, a veces peleando con otros gatos que aparecían por allí. Nunca más a Amarelinho, empapado por la lluvia, caminando rápido por la calle. Siempre me pregunté dónde y cómo dormía con la lluvia y el frío, al punto de que compramos un iglú para él, dejado en el balcón de la casa, que solo amanecía mojado por la orina y sin señales de que

SUMÁRIO

Amarelinho, além de ter comido,
tivesse ficado ali para dormir.

Não esquecerei o Amarelinho, se
eu não perder minha memória
n(est)a vida. E se houver algum
céu ou algum lugar em que
se possa encontrar os mortos,
penso que o Amarelinho é um
dos Amigos que quero encon-
trar, mesmo que a mais de um
metro de distância, como ele
costumava ficar de mim.

Amarelinho, además de comer,
hubiera dormido allí.

No olvidaré a Amarelinho, si no
pierdo la memoria en esta vida.
Y si existe algún cielo o lugar
donde se puedan encontrar los
muertos, pienso que Amarelinho
es uno de los Amigos que quiero
encontrar, aunque a más de
un metro de distancia, como
solía quedarse de mí.



Amarelinho no "terreno" dele - infelizmente, não tenho fotos melhores dele.

Amarelinho en su "tierra" — lamentablemente, no tengo mejores fotos de él.



SUMÁRIO



Enfim, como continuava deixando comida na rua, apareciam outros gatos mais esporádicos e alguns gambás. Além disso, durante o dia, as pombas e outros pássaros comiam a ração que restava. Há algum tempo, temos “um acordo” com a vizinha do lado, que tem a frente da casa aberta, sem muros ou grades, onde deixava comida para os gatos. Eventualmente, aparecem cachorros que também comem a ração dos gatos, mas quando os vemos damos ração específica de cachorro e água. Já abriguei uns três ou quatro cachorros que andavam pela rua e que, ainda no mesmo dia, foram encontrados pelos donos.

Além desses, tenho minha amiga Milady e meu amigo Lucas, que moram em uma casa quase em frente à minha e que me chamam desde o portão para eu dar petiscos e ração para eles – “como se eles precisassem!”. Logo que retornei de Barcelona, já em janeiro de 2025, vi que a Milady tinha uma “feridinha” na cabeça. Pensei que fosse resultado de uma das constantes brigas que os gatos têm entre

En fin, como seguía deixando comida en la calle, aparecían otros gatos más esporádicos y algunos zarigüeyas. Además, durante el día, las palomas y otros pájaros comían el pienso que quedaba. Hace algún tiempo, tenemos “un acuerdo” con la vecina de al lado, que tiene la parte delantera de su casa abierta, sin muros ni rejas, donde dejaba comida para los gatos. Eventualmente, aparecen perros que también comen el pienso de los gatos, pero cuando los vemos les damos pienso específico para perros y agua. He acogido a unos tres o cuatro perros que deambulaban por la calle y que, ese mismo día, fueron encontrados por sus dueños.

Además de estos, tengo a mi amiga Milady y a mi amigo Lucas, que viven en una casa casi enfrente de la mía y me llaman desde el portón para que les dé golosinas y comida —“como si los necesitaran”. Apenas regresé de Barcelona, ya en enero de 2025, vi que Milady tenía una “heridita” en la cabeza. Pensé que fuera resultado de una de las constantes peleas

SUMÁRIO



si, mas depois fiquei sabendo que se tratava de um câncer de pele. Quando a Milady foi levada para retirá-lo, acabou morrendo durante a anestesia. Soube isso dias depois, pois sua tutora sabia o quanto éramos amigos e ela estava receosa de me dizer, depois de eu ter feito um segundo cateterismo naquele primeiro mês (o primeiro foi em fevereiro de 2023, quando coloquei um *Stent* na artéria descendente), poucos dias antes da chegada do Gambatinho.

Em agosto de 2025, Lucas, que é um tigradinho já mais velho, ganhou uma nova companhia, a Sofia. Ela é uma frajola e ainda não sai para o pátio da casa para ir até o portão, tal como fazia a Milady. Preciso dizer que o Lucas, que sempre foi “espiado”, mas que também era meu amigo, depois da morte da Milady começou a miar quando me via – coisa que ele nunca fazia. Segundo sua humana, a Milady é que fazia o “trabalho sujo”, mas na ausência dela o Lucas “teve que se virar”. Desde a chegada da Sofia, contudo, nem o Lucas tem saído

entre los gatos, pero luego supe que se tratava de un cáncer de piel. Cuando Milady fue llevada para extirparlo, terminó falleciendo durante la anestesia. Supe esto días después, porque su tutora sabía cuánto éramos amigos y estaba temerosa de decírmelo, después de que yo hubiera tenido un segundo cateterismo ese primer mes (el primero fue en febrero de 2023, cuando me colocaron un *Stent* en la arteria descendente), pocos días antes de la llegada de Gambatinho.

En agosto de 2025, Lucas, un gatito atigrado ya más mayor, recibió una nueva compañía: Sofia. Es una tricolor y todavía no sale al patio de la casa para ir hasta el portón, como lo hacía Milady. Cabe decir que Lucas, que siempre había sido “sospecho” pero también mi amigo, comenzó a maullar cuando me veía tras la muerte de Milady —algo que nunca hacía antes. Según su humana, Milady era quien hacía “el trabajo sucio”, pero en su ausencia, Lucas “tuvo que arreglárselas”. Desde la llegada de Sofia, sin embargo,

SUMÁRIO



de casa, de modo que não o vejo há algum tempo.

Também tem a Tigrinha, que mora a uns 60-70 metros, mas que vem aqui, posta-se na frente do portão e começa a miar, pedindo comida. Embora ela tenha casa, sempre chega na minha com fome – talvez seja para comer “algo diferente”. Antes, ela subia pelo muro e ficava sobre o pergolado do jardim da frente, evitando os cachorros e a Pêta (que, como “dona da rua”, coloca quase todos os gatos para correr, em especial as fêmeas). Contudo, em um dado dia (em 2023), a Tigrinha apareceu arrastando a pata traseira e não conseguia parar de pé. Avisei aos tutores dela, os quais disseram que não era nada, mas que, se eu quisesse, poderia operá-la. Ela teve que tirar “a cabeça” do fêmur, pois como já tinham passado alguns dias, não havia como o osso calcificar novamente. Não se sabe se ela foi atropelada ou se alguém a chutou na rua. O fato é que a Tigrinha foi operada, fez 15 sessões de fisioterapia e agora anda perfeitamente.

ni siquiera Lucas ha salido de casa, por lo que no lo he visto en algún tiempo.

También está Tigrinha, que vive a unos 60-70 metros, pero que viene aquí, se coloca frente al portón y empieza a maullar, pidiendo comida. Aunque tiene casa, siempre llega a la mía con hambre —quizá para comer “algo diferente”. Antes, trepaba por el muro y se posaba sobre el pérgola del jardín delantero, evitando a los perros y a Pêta (que, como “dueña de la calle”, hace correr a casi todos los gatos, especialmente a las hembras). Sin embargo, un día de 2023, Tigrinha apareció arrastrando la pata trasera y no podía sostenerse. Avisé a sus tutores, quienes dijeron que no era nada, pero que, si quería, podía operarla. Tuvieron que extirparle “la cabeza” del fémur, porque ya habían pasado varios días y no era posible que el hueso se calcificara nuevamente. No se sabe si fue atropellada o si alguien la pateó en la calle. Lo cierto es que Tigrinha fue operada, hizo 15 sesiones de fisioterapia y ahora camina perfectamente.

SUMÁRIO



Ela também é muito “gritona”, mia alto e não gosta que a peguem no colo. Apesar disso, me reconhece e é, também, “minha amiga.” A operação e o tratamento da Tigrinha custaram caro, mas fiquei feliz por conseguir fazer com que ela se recuperasse e pudesse andar sem dor. A despeito disso, seus tutores a deixam andar pela rua. Já quis adotar a Tigrinha, mas a sua tutora diz que “gosta muito dela”. Ultimamente, contudo, a Tigrinha tem aparecido raramente.

También es muy “ruidosa”, maúlla fuerte y no le gusta que la cojan en brazos. A pesar de eso, me reconoce y también es “mi amiga”. La operación y el tratamiento de Tigrinha fueron costosos, pero me alegré de poder lograr que se recuperara y caminara sin dolor. A pesar de ello, sus tutores la dejan deambular por la calle. He querido adoptar a Tigrinha, pero su tutora dice que “la quiere mucho”. Últimamente, sin embargo, Tigrinha ha aparecido rara vez.



Tigrinha, depois de operada, na fisioterapia - Natal de 2023.
Tigrinha, después de operada, en fisioterapia — Navidad de 2023.

SUMÁRIO



Então, era sempre a Tigrinha que aparecia por aqui, embora eu soubesse que na casa dela havia mais dois gatos, um siamês e um preto. O siamês (o Mel) andava aqui por perto, mas nunca entrava no meu pátio, tampouco comia a comida que lhe dava. Apesar disso, é dócil e interage bem com humanos. Agora, quando retornei de Barcelona, encontrei-o muito magro, certamente doente. Tentei iniciar o tratamento com medicamento, que usualmente a veterinária prescreve, mas ele não tem comido. Ele está muito magro e receio levá-lo ao veterinário e, mais uma vez, assumir o tratamento dele, mesmo que ele tenha tutores. (Meses depois que escrevi esta "carta" para a Núria, em setembro de 2024, o Mel continua vindo comer aqui. Por vezes dorme por e sai pela manhã, mas está cada vez mais magro. Na última vez levei-o para casa dele enrolado em um cobertor, dentro de uma caixa... Ele já não parava em pé. Mel morreu internado na clínica veterinária ainda em novembro de 2025.

Entonces, siempre era Tigrinha la que aparecía por aquí, aunque sabía que en su casa había otros dos gatos, un siamés y un negro. El siamés (Mel) rondaba por los alrededores, pero nunca entraba en mi patio ni comía la comida que le ofrecía. A pesar de eso, es dócil e interactúa bien con los humanos. Cuando regresé de Barcelona, lo encontré muy delgado, seguramente enfermo. Intenté iniciar el tratamiento con medicamentos, que usualmente prescribe la veterinaria, pero él no ha comido. Está muy delgado y temo llevarlo al veterinario y, una vez más, asumir su tratamiento, aunque tenga tutores. (Meses después de que escribí esta "carta" para Núria, en septiembre de 2024, Mel sigue viniendo a comer aquí. A veces duerme y se va por la mañana, pero cada vez está más delgado. La última vez lo llevé a su casa envuelto en una manta, dentro de una caja... Ya no podía mantenerse de pie). Mel murió hospitalizado en la clínica veterinaria todavía en noviembre de 2025.

SUMÁRIO



Também lá "da casa da Tigrinha" apareceu o Pêto (que era chamado por seus donos de 'Negão', designação pejorativa empregada para chamar os pretos). Enquanto eu pensava que adotaria a Tigrinha, que sempre aparecia por aqui, o Pêto (Preto) foi se chegando cada vez mais. Em princípio, ele vinha e ficava sobre o pergolado, também para evitar os cachorros, mas, depois, foi se acostumando com eles e com a Pêta (que não implicava muito com ele, desde que não se aproximasse dela. Diferentemente, ela sempre atacava a Tigrinha). O Pêto vinha, ficava pelo pátio, comia e depois saía, voltava para casa dele. Com o tempo, entretanto, ele foi ficando mais e mais, até que em um dado dia, quando coloquei a Pêta para dentro da sala, também o coloquei para dormir. Depois disso, o Pêto sempre ficava aqui durante a noite, ficando mais livre para ir e vir durante o dia.

Com o Pêto, que morou quase um ano em minha casa, aprendi que aquele velho dito, *de que o gato escolhe o dono e onde vai*

También desde "la casa de Tigrinha" apareció Pêto (llamado por sus dueños 'Negão', denominación peyorativa utilizada para referirse a los pretos). Mientras pensaba en adoptar a Tigrinha, que siempre aparecía por aquí, Pêto se fue acercando cada vez más. Al principio, venía y se quedaba sobre el pérgola, también para evitar a los perros, pero luego se fue acostumbrando a ellos y a Pêta (que no le molestaba demasiado, siempre que no se acercara a ella; en cambio, siempre atacaba a Tigrinha). Pêto venía, se quedaba en el patio, comía y luego regresaba a su casa. Con el tiempo, sin embargo, fue quedándose cada vez más, hasta que un día, cuando metí a Pêta dentro de la sala, también lo metí para dormir. Después de eso, Pêto siempre permanecía aquí durante la noche, con más libertad para ir y venir durante el día.

Con Pêto, que vivió casi un año en mi casa, aprendí que aquel viejo dicho de que "*el gato elige al dueño y dónde vivir*" era

SUMÁRIO



morar, era verdadeiro. Ele era um gato muito querido e carinhoso, que chegava perto da gente e ficava tocando com as patinhas para que interagíssemos com ele. Também com o Pêto aprendi outra lição usualmente repetida, qual seja, *a de que os gatos se escondem para morrer*. Foi literalmente o que aconteceu, pois o Pêto usualmente vinha correndo quando eu o chamava, mas ele começou a ir para o terreno baldio ao lado de minha casa e, embora eu o visse lá, não voltava mais. Diversas vezes fui buscá-lo e o trazia no colo. Logo a seguir, comecei a notar que ele não comia e que estava emagrecendo rapidamente. Levei-o ao veterinário, fizemos exames, e constatamos que ele estava com câncer no pâncreas, com metástases, e que o operar seria apenas uma medida paliativa. Como já havia passado por duas péssimas experiências com operação e quimioterapia – com a Marta Rocha, com câncer de mama, e com a Moa, com câncer na mandíbula – decidi que não faria a operação. Tão logo foi descoberto o câncer e enquanto se

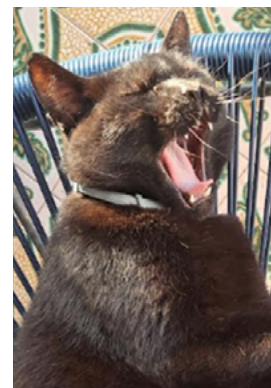
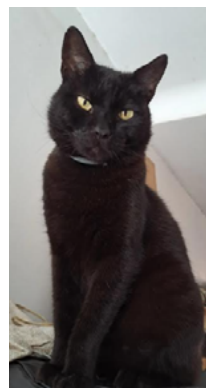
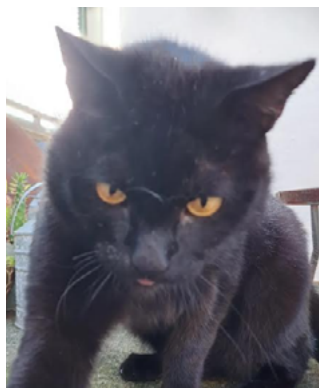
cierto. Era un gato muy querido y cariñoso, que se acercaba a nosotros y nos tocaba con las patitas para que interactuáramos con él. También con Pêto aprendí otra lección comúnmente repetida: *los gatos se esconden para morir*. Y eso fue literalmente lo que sucedió, porque Pêto normalmente venía corriendo cuando lo llamaba, pero empezó a ir al terreno baldío junto a mi casa y, aunque lo veía allí, ya no regresaba. Varias veces fui a buscarlo y lo traía en brazos. Poco después, empecé a notar que no comía y que estaba perdiendo peso rápidamente. Lo llevé al veterinario, hicimos exámenes y constatamos que tenía cáncer de páncreas con metástasis, y que operarlo sería solo una medida paliativa. Como ya había pasado por dos experiencias muy malas con cirugía y quimioterapia —con Marta Rocha, por cáncer de mama, y con Moa, por cáncer de mandíbula—, decidí no realizar la operación. Tan pronto se descubrió el cáncer y mientras se definía qué hacer, Pêto permaneció

SUMÁRIO



definia o que fazer, o Pêto permaneceu internado, morrendo em poucos dias. Amei o Pêto por sua dignidade, por ter me ensinado muitas coisas, por ser um gato absolutamente amável.

internado, falleciendo en pocos días. Amé a Pêto por su dignidad, por haberme enseñado muchas cosas, por ser un gato absolutamente adorable.



Pêto – junho/junio 2024.

Em um ano com tantas perdas, com a morte trágica de meu sobrinho-neto (o Ben), no início de maio, com a enchente de maio de 2024 batendo todos os recordes de alagamentos anteriormente registrados em Porto Alegre, a morte do Pêto foi simbolicamente dura para mim. Contudo, não seria a última antes ainda de eu ir para Barcelona. Como já disse, o Foguinho morreu (em razão de câncer no intestino), bem como o Martin, o

En un año con tantas pérdidas, con la trágica muerte de mi sobrino nieto (Ben) a comienzos de mayo, con la inundación de mayo de 2024 rompiendo todos los récords de desbordamientos registrados previamente en Porto Alegre, la muerte de Pêto fue simbólicamente dura para mí. Sin embargo, no sería la última antes de que yo viajara a Barcelona. Como ya mencioné, Foguinho murió (a causa de un cáncer intestinal), al igual que

SUMÁRIO



cachorro que veio parar aqui em casa em 2020, em plena pandemia, porque sofria maus tratos, tendo chegado com um corte enorme na base do rabo.

O Martin era brigão, nos mordía quando não gostava de alguma coisa, se invocava facilmente, era desconfiado, mas também sabia ser feliz, ser amigo. Desde que ele chegou, sempre fazia muito xixi, de pé, de modo que molhava todas as patas. Era estranho, mas achávamos que que não era nada. Porém, em agosto de 2024 o Martin começou a emagrecer, pois não comia nada e acabou sendo internado. Depois dos exames, descobriu-se que ele estava com câncer nos rins. O Martin também morreu rapidamente. É preciso dizer que este nome – Martin – também foi uma homenagem à Marta Rocha, pois o Martin era muito parecido com ela. Era, por assim dizer, a versão macho da Marta!

Martin, el perro que llegó a mi casa en 2020, en plena pandemia, porque sufría malos tratos y había llegado con un corte enorme en la base de la cola.

Martin era peleón, nos mordía cuando algo no le gustaba, se enfadaba fácilmente, era desconfiado, pero también sabía ser feliz y ser amigo. Desde que llegó, siempre orinaba mucho, de pie, de modo que se mojaban todas sus patas. Era extraño, pero pensábamos que no era nada. Sin embargo, en agosto de 2024 Martin comenzó a adelgazar porque no comía nada y terminó siendo internado. Tras los exámenes, se descubrió que tenía cáncer de riñón. Martin también murió rápidamente. Cabe decir que este nombre —Martin— también fue un homenaje a Marta Rocha, porque Martin se parecía mucho a ella. Era, por así decirlo, la versión macho de Marta.

SUMÁRIO



*Amigo, Martin e eu (2022-3). O Martin, um pouco antes de morrer (em agosto de 2024).
Amigo, Martin y yo (2022-3). Martin, poco antes de morir (agosto de 2024).*

SUMÁRIO



Mas ainda tem muitos outros
companheiros não humanos!
É preciso falar do Chico e da
Ariska Miel, dos nanicos (Iko,
Júnio e Nicolau), do Darwin e
da Emma, do Gambatinho, do
Canjica e da Callie... E do Vevéio,
do Pavarotti e da Diadorim...

Comecemos pelos nanicos –
expressão que quer dizer muito
pequenos, quase anões –, que
chegaram aqui em novembro
de 2021. Eles vieram em bando,
quatro gatinhos pequeninos,
que uma mulher estava ten-
tando deixar em uma clínica
veterinária. Na ocasião um
de nossos cachorros estava
saindo do banho e, por ação do
“destino”, eles acabaram aqui
em casa. Inicialmente, como já
aconteceu em outros momentos,
eles vieram porque não tinham
para onde ir e seriam colocados
para adoção. Eles ficaram por
algum tempo na lavanderia,
onde “tocavam o terror”,
dependurando-se nas roupas,
correndo para lá e para cá.

Entre os quatro havia uma
fêmea, tigradinha clara com

¡Pero aún hay muchos otros
compañeros no humanos! Es
necesario hablar de Chico y
Ariska Miel, de los Nanicos (Iko,
Júnio y Nicolau), de Darwin
y Emma, de Gambatinho,
Canjica y Callie... y de Vevéio,
Pavarotti y Diadorim...

Comencemos por los Nanicos
—expresión que significa muy
pequeños, casi enanos—, que
llegaron aquí en noviembre
de 2021. Vinieron en grupo,
cuatro gatitos pequeñísimos,
que una mujer estaba inten-
tando dejar en una clínica
veterinaria. En ese momento,
uno de nuestros perros estaba
saliendo del baño y, por obra
del “destino”, terminaron en
nuestra casa. Inicialmente,
como ya había ocurrido en
otras ocasiones, llegaron
porque no tenían a dónde ir y
serían puestos en adopción.
Permanecieron un tiempo en la
lavandería, donde “armaban un
caos”, colgándose de la ropa,
corriendo de un lado a otro.

Entre los cuatro había una
hembra, atigrada clara con una

SUMÁRIO



uma mancha laranja na cabeça, com a qual eu pretendia ficar. No entanto, conseguimos apenas uma adotante e ela quis, justamente, a gata com a manchinha laranja. Hoje ela é uma gata absolutamente linda e os “nanicos” machos acabaram ficando por aqui, formando uma gangue bastante ativa. Apesar de bagunceiros e briguentos com os demais gatos, eles são adoráveis conosco, vêm no colo, não mordem ou arranham.

Eles são, como já anunciei, o Iko (todo preto), o Nanico Nicolau (tigrado) e o Júnio (bicolor: branco e tigrado). É interessante destacar que o Júnio sempre foi o (levemente) maior entre eles e é atualmente o gato mais dominante. Além disso, o nome dele (Júnio, de Júnior) vem do fato de ele ser muito parecido (no padrão da pelagem) com o Japonês, daí ele ser o “Japonês Júnior” ou simplesmente “Júnio” (que é uma forma jocosa de chamar ‘Júnior’, algo meio caipira, por assim dizer).

mancha naranja en la cabeza, con la que yo pretendía quedarme. Sin embargo, conseguimos solo una adoptante y ella eligió precisamente a la gata con la manchita naranja. Hoy es una gata absolutamente hermosa y los “Nanicos” machos se quedaron aquí, formando una pandilla bastante activa. A pesar de ser travessos y peleadores con los demás gatos, son adorables con nosotros, se dejan tomar en brazos, no muerden ni arañan.

Como ya mencioné, ellos son Iko (todo negro), Nanico Nicolau (atigrado) y Júnio (bicolor: blanco y atigrado). Es interesante destacar que Júnio siempre fue el (ligemente) más grande de los tres y es actualmente el gato más dominante. Además, su nombre (Júnio, de “Junior”) proviene del hecho de que se parece mucho (en el patrón del pelaje) a Japonês, de ahí que sea el “Japonês Junior” o simplemente “Júnio” (una forma jocosa de decir ‘Junior’, algo así como rural o coloquial, por decirlo de algún modo).

SUMÁRIO



Nanicos, logo depois de chegados em novembro de 2021. Em sentido horário: Joli (irmã que foi adotada); Nanico Nicolau; Iko Miko Salamiko; e Júnio ou Junico.

Los nanicos, poco después de llegar en noviembre de 2021. En sentido horario: Joli (hermana que fue adoptada); Nanico Nicolau; Iko Miko Salamiko; y Júnio o Junico.



Colagem de fotografias, sobressaindo-se o Júnio.

Collage de fotografías, destacando a Júnio.

SUMÁRIO



Iko filhote - dez. 2024. Júnio e Nanico Nicolau.

Iko cachorro - dez.2024. Junior y Nanico Nicolau.

Depois dos nanicos, chegaram o Chico, em setembro de 2022, e a Ariska Miel, em novembro do mesmo ano. Chegaram sempre com a “velha e mesma história”: vamos pegá-los da rua para cuidarmos e encontrarmos adotantes.

Después de los nanicos, llegaron Chico, en septiembre de 2022, y Ariska Miel, en noviembre del mismo año. Llegaron siempre con la “misma y vieja historia”: los recogeríamos de la calle para cuidarlos y encontrarles adoptantes.

SUMÁRIO



Falemos do Chico: quando eu voltava de carro, depois de dar aula na universidade à noite, vi um cachorro praticamente se jogando na frente do carro. Ele vinha cambaleando, todo sujo de vermelho, que parecia sangue sobre o pelo bege (mas, ao que parece, estava vermelho porque estava comendo algumas coisas de um despacho). Como estava na esquina de casa, estacionei o carro e fomos atrás dele. Levamos ração e uma guia para tentar pegá-lo. Ele, que permanecia na esquina, a uns trinta metros de casa, começou a andar devagar, mas sempre, não deixando que nos aproximássemos. Ele andou quase uma quadra e num dado momento conseguimos fazer com que ele se virasse em direção à nossa casa. Ali, quase em frente, decidi pegá-lo por trás para colocá-lo no pátio. Com isso, levei uma mordida superficial na mão direita, mas conseguimos colocá-lo no pátio. Como de praxe, no dia seguinte ele foi ao veterinário para fazer exames. Estava magro, desidratado, com alguns ferimentos. Apesar disso, logo se entrosou

Hablemos de Chico: cuando regresaba en auto después de dar clases en la universidad por la noche, vi a un perro prácticamente lanzándose frente al vehículo. Caminaba tambaleándose, todo sucio de rojo, que parecía sangre sobre su pelaje beige (aunque, al parecer, estaba rojo porque había estado comiendo algunas cosas de una ofrenda al santo/orixás). Como estaba en la esquina de casa, estacioné el auto y fuimos tras él. Levamos comida y una correa para intentar capturarlo. Él, que permanecía en la esquina a unos treinta metros de casa, comenzó a caminar lentamente, pero siempre sin permitir que nos acercáramos. Caminé casi una cuadra y, en un momento dado, logramos que se girara hacia nuestra casa. Casi enfrente, decidí atraparlo por detrás para colocarlo en el patio. Así, recibí un mordisco superficial en la mano derecha, pero conseguimos meterlo en el patio. Como de costumbre, al día siguiente fue al veterinario para realizar exámenes. Estaba delgado, deshidratado y con algunas heridas. A pesar de ello,

SUMÁRIO



com o Amigo e com o Martin – e como era bem parecido com este, acabamos chamando-os de “As branqueas”, como o filme. O nome Chico foi dado por minha tia, pois, segundo ela, ele deveria receber o nome do Santo dos animais, o tal São Francisco.

pronto se integró con Amigo y Martin —y como se parecía mucho a este último, terminamos llamándolos “Las blancas”, en alusión a la película. El nombre Chico fue dado por mi tía, quien consideró que debía llevar el nombre del santo de los animales, el tal San Francisco.



Chico – alguns meses depois de sua chegada. Ele chegou com um dos olhos esbranquiçados e hoje os dois estão completamente opacos e ele está cego. Tentamos vários tratamentos com pomadas e colírios, mas ele tem um “problema” nos cílios, os quais crescem quase como se fosse na parte de dentro da pálpebra (triquiase), de maneira que eles ferem os olhos.

Chico: unos meses después de su llegada. Llegó con uno de los ojos blanquecino y hoy ambos están completamente opacos, por lo que está ciego. Intentamos varios tratamientos con pomadas y colirios, pero tiene un “problema” en las pestañas, que crecen casi como si fuera en la parte interna del párpado (triquiasis), de manera que lastiman los ojos.

SUMÁRIO



Chico e (y) Martin - 2024.

Já Ariska Miel, cujo primeiro nome era para ser *Lady Di*, havia aparecido uma noite em frente de casa, dei ração para ela, que logo se foi, tal como acontece com alguns desses cães que andam pela rua. Cerca de uma semana depois, ela reapareceu no portão, quando umas amigas estavam saindo de um jantar.

Ariska Miel, cuyo primer nombre iba a ser *Lady Di*, apareció una noche frente a casa. Le di comida, y pronto se fue, tal como ocurre con algunos de esos perros que deambulan por la calle. Alrededor de una semana después, reapareció en el portón cuando unas amigas salían de una cena.

SUMÁRIO



Nesta ocasião, coloquei comida novamente e, como ela se mostrou bem amigável, passei a mão nas costas dela, momento em que verifiquei que, apesar dos muitos pelos que lhe davam a aparência de estar fisicamente bem, ela estava muito magra. Como se diz, estava “pele e osso”. Coloquei-a para dentro do jardim da frente para passar a noite. No dia seguinte, soltamos o Amigo, o Martin e o Chico para ver como ela interagia com eles, mas não deu muito certo pois ela rosnava a toda e qualquer aproximação deles – daí o nome “Ariska” (arisca)! É preciso dizer que Ariska Miel faz alusão a uma personagem televisiva local (Ariska Mel), que aparecia em um telejornal matutino comentando jocosamente diversos assuntos. Assim, o nome faz tanto alusão ao ato dela rosnar a qualquer aproximação dos outros cachorros – apesar de ser completamente receptiva aos humanos – quanto a uma brincadeira com a personagem humorística, acrescentando um “toque argentino” ao chamá-la de “Miel”.

En esa ocasión, le puse comida nuevamente y, al mostrarse muy amigable, le acaricié el lomo, momento en que noté que, a pesar de la abundante cantidad de pelo que le daba apariencia de buen estado físico, estaba muy delgada. Como se dice, estaba “piel y hueso”. La dejé dentro del jardín delantero para pasar la noche. Al día siguiente, soltamos a Amigo, Martin y Chico para observar cómo interactuaba con ellos, pero no resultó muy bien, ya que gruñía ante cualquier acercamiento de los otros —de ahí su nombre, “Ariska” (arisca). Es necesario decir que “Ariska Miel” hace alusión a un personaje televisivo local (Ariska Mel), que aparecía en un noticiero matutino comentando diversos temas con humor. Así, el nombre remite tanto al hecho de que gruñía ante cualquier acercamiento de otros perros —a pesar de ser completamente receptiva con los humanos— como a un juego con la referencia humorística del personaje, añadiendo un “toque argentino” al llamarla “Miel”.

SUMÁRIO



Ariska Miel uns dois ou três meses após sua chegada em novembro de 2022.
Ariska Miel, unos dos o tres meses después de su llegada en noviembre de 2022.

SUMÁRIO



Assim, por não se entrosar muito com dos demais cachorros, a Ariska Miel acabou ficando no pátio vazio ao lado de casa. Até aquele momento a ideia ainda era conseguir um adotante para ela. Em razão da pandemia, tive férias da universidade, por uns quinze dias, em novembro, quando fui para Florianópolis por uma semana. Quando retornei, a Ariska estava com uma barriga imensa, de maneira que pensávamos que ela estava “premiada”, isto é, havíamos recolhido uma cachorra grávida e logo teríamos um monte de cachorrinhos para lidar. Levamos Ariska ao veterinário, tanto por isso, quanto porque ela estava com um lado do focinho inchado. O focinho inchado era resultado das larvas de mosca (bicho berne) – tiraram dezessete larvas do lábio dela! Quanto à barriga, a veterinária ficou muito preocupada, achando que ela estava com alguma doença terminal no bazo. Levei-a a uma outra clínica veterinária no mesmo dia para fazer um exame de imagem (ultrassom), o que sugeria, também, algum problema gastrointestinal. Contudo, quando voltamos à veterinária,

Así, por no integrarse mucho con los demás perros, Ariska Miel terminó quedándose en el patio vacío junto a la casa. Hasta ese momento, la idea seguía siendo encontrarle un adoptante.

Debido a la pandemia, tuve vacaciones universitarias por unos quince días, en noviembre, cuando fui a Florianópolis por una semana. Al regresar, Ariska tenía un vientre enorme, por lo que pensamos que estaba “premiada”, es decir, que habíamos recogido a una perra embarazada y pronto tendríamos muchos cachorros con los que lidiar. La llevamos al veterinario, tanto por esto como porque tenía un lado del hocico hinchado. El hinchazón del hocico era resultado de larvas de mosca (miasis) — ¡le retiraron diecisiete larvas del labio! En cuanto al vientre, la veterinaria se mostró muy preocupada, pensando que podía tener alguna enfermedad terminal en el bazo. La llevé a otra clínica veterinaria ese mismo día para realizar un examen por imagen (ecografía), que también sugería algún problema gastrointestinal. Sin embargo, al volver con la veterinaria,

SUMÁRIO



depois de a Ariska passear na rua e fazer uma montanha de cocô, estava tudo bem... Ela não tinha nada, apenas um monte de cocô na barriga.

Então, por “culpa dela”, todos os cachorros passaram a comer apenas uma vez por dia, não tendo mais comida livre à disposição quando quisessem. Em outras palavras, descobrimos que a Ariska comia toda a comida que se encontrava nos pratos de todos os cachorros – muito provavelmente como uma reação ao fato de ter passado fome na rua.

Em resumo, a Ariska acabou ficando aqui em casa e é uma cachorra muito carinhosa, brincalhona e, sobretudo, carente. Ela sempre quer estar com as pessoas e tem ciúmes de todos os outros cachorros, bem como da gata Pêta. Uma peculiaridade da Ariska – aliás, duas – é que ela sempre “dá a pata” para cumprimentar quem se aproxima; a outra peculiaridade é que depois disso ela frequentemente se deita de barriga para cima para que se passe a mão na barriga dela.

después de que Ariska paseara por la calle y defecara abundantemente, todo estaba bien... No tenía nada, solo un montón de heces en el vientre.

Por “culpa de ella”, todos los perros empezaron a comer solo una vez al día, ya no teniendo comida libre a disposición cuando quisieran. En otras palabras, descubrimos que Ariska consumía toda la comida de los platos de todos los perros —muy probablemente como reacción a haber pasado hambre en la calle.

En resumen, Ariska terminó quedándose en casa y es una perra muy cariñosa, juguetona y, sobre todo, necesitada de atención. Siempre quiere estar con las personas y siente celos de todos los demás perros, así como de la gata Pêta. Una peculiaridad de Ariska —en realidad, dos— es que siempre “da la pata” para saludar a quien se le acerca; la otra es que, después de eso, frecuentemente se acuesta de espaldas para que le acaricien el vientre.

SUMÁRIO



Amigo e (y) Ariska - julho/julio 2024.



Ariska Miel - dezembro/diciembre 2024.

SUMÁRIO



Ainda antes da chegada do Chico e da Ariska Miel, chegaram Darwin e Emma (Darwin), em abril de 2022. Ela recebeu este nome porque a peguei no mesmo dia em que peguei o gato cinza que veio a se chamar Darwin, e a Emma foi a esposa do Charles Darwin – sei que isso não é muito feminista, mas... Bem, o Darwin começou a aparecer por aqui e passou a comer a comida que deixava para o Amarelinho (que, como mencionei, vinha todas as noites comer). Ele vinha, entrava no pátio e ficava embaixo do carro até sentir que poderia sair para comer. Com o tempo, o Darwin passou, literalmente, a morar no terreno baldio ao lado de casa. Ele vivia praticamente colado ao muro, em uma árvore. Por vezes, ele se aproximava e brincava quando eu lançava um pedaço de cordão para brincar com ele. Isso deve ter durado mais de um mês, até que decidi que o pegaria para castrar e colocar dentro de casa. Como disse, no mesmo dia, peguei

Aún antes de la llegada de Chico y Ariska Miel, llegaron Darwin y Emma, en abril de 2022. Recibió este nombre porque la recogí el mismo día en que recogí al gato gris que pasó a llamarse Darwin, y Emma fue la esposa de Charles Darwin —sé que esto no es muy feminista, pero... Darwin comenzó a aparecer por aquí y empezó a comer la comida que dejaba para Amarelinho (que, como mencioné, venía todas las noches a comer). Llegaba, entraba al patio y se escondía bajo el coche hasta sentirse seguro para salir a comer. Con el tiempo, Darwin llegó a “vivir” literalmente en el terreno baldío junto a la casa. Pasaba casi siempre junto al muro, en un árbol. En ocasiones, se acercaba y jugaba cuando yo le lanzaba un trozo de cordón para interactuar con él. Esto debió durar más de un mes, hasta que decidí que lo recogería para castrarlo y meterlo dentro de casa. Como mencioné, ese mismo día recogí a Emma, que

SUMÁRIO



a Emma, que também vinha comer quase todas as noites aqui, embora ela aparecesse de forma muito mais furtiva.

Imagino que o Darwin, provavelmente, era de uma casa com muitos gatos, que andavam soltos, em uma rua perpendicular à minha. Como ele passou a “morar” no terreno ao lado e não apareceu ninguém procurando por ele, achei que ele “poderia/deveria” ser adotado. Quanto à Emma, contudo, acho que a decisão de pegá-la após alguns dias em que ela vinha comer aqui em casa foi precipitada. Certamente, ela tinha tutores e saía para a rua durante à noite. No dia em que a peguei da rua, ela passou a noite inteira miando e, quando foi pela manhã, a liberei no pátio para ver se ela iria embora. Contudo, ela andou pelo pátio e não saiu mais daqui. Como resultado, os dois foram para a castração no dia seguinte, mas a Emma já era castrada – mais uma evidência de que tinha casa e tutores.

también venía a comer casi todas las noches, aunque de manera mucho más furtiva.

Imagino que Darwin probablemente provenía de una casa con muchos gatos sueltos, en una calle perpendicular a la mía. Como pasó a “vivir” en el terreno contiguo y nadie lo buscó, pensé que “podría/debería” ser adoptado. En cuanto a Emma, considero que la decisión de recogerla tras unos días en que venía a comer aquí fue precipitada. Seguramente tenía tutores y salía a la calle por la noche. El día que la recogí de la calle pasó toda la noche maullando y, por la mañana, la liberé en el patio para ver si se iba. Sin embargo, recorrió el patio y ya no se fue más. Como resultado, ambos fueron a la castración al día siguiente, aunque Emma ya estaba castrada —otra evidencia de que tenía casa y tutores.

SUMÁRIO



Darwin (março-abril de 2022), quando estava rua e “parecia” mais suscetível aos carinhos e aproximações com humanos. À direita, Darwin (dez, 2024) – a foto foi retirada com ele dentro da casinha, desprevenido. Indubitavelmente, ele é um gato lindo!

Darwin (marzo-abril de 2022), cuando estaba en la calle y “parecía” más receptivo a las caricias y al contacto con humanos. A la derecha, Darwin (dic. 2024) – la foto fue tomada con él dentro de la casita, desprevenido. ¡Indudablemente, es un gato precioso!

O Darwin, fazendo coro com a Bibi, é o gato mais esquivo da casa. Entretanto, diferentemente dela, ele anda pela casa e pelo pátio dos fundos quando os levo para “pegarem um sol” – em todos esses anos, a Bibi só desceu uma vez e por poucos minutos. Já o Darwin, foge do contato com qualquer humano, exceto se pego desprevenido, ocasião em que ele se deixa ser acariciado.

Emma, por sua vez, não é tão amedrontada, mas, assim como

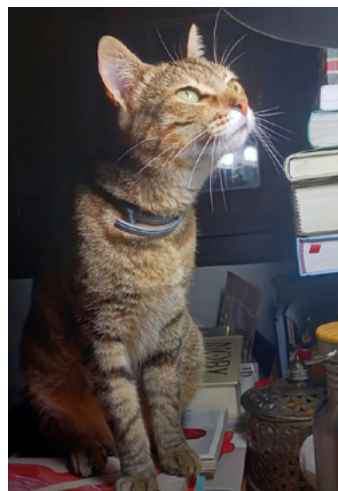
Darwin, al igual que Bibi, es el gato más esquivo de la casa. Sin embargo, a diferencia de ella, recorre la casa y el patio trasero cuando los llevo a “tomar un poco de sol” —en todos estos años, Bibi solo bajó una vez y por pocos minutos. Darwin, por su parte, evita el contacto con cualquier humano, salvo que lo sorprenda desprevenido, ocasión en la que se deja acariciar.

Emma, en cambio, no es tan temerosa, pero, al igual que

SUMÁRIO



a Clarice, é “faca na bota”. Digo que ela é uma puminha (como o *Puma concolor*), pois, apesar de ter a pelagem tigrada, tem a postura e os movimentos de um Puma. Ela é a menor gata da casa e sua característica principal é dar “cabeçadinhas” na gente, mas também é preciso ficar atento, pois as cabeçadinhas podem rapidamente se transformar em unhas e mordidas.



Clarice, es una “fiera.” Digo que es una pequeña puma (como el *Puma concolor*), pues, a pesar de tener el pelaje atigrado, posee la postura y los movimientos de un puma. Es la gata más pequeña de la casa y su característica principal es dar “cabezazos” a las personas, aunque también hay que estar atento, porque esos cabezazos pueden transformarse rápidamente en arañazos y mordiscos.



Emma Darwin - 2024.

Estou tentando ser mais breve, pois não pretendia levar tanto tempo descrevendo a chegada e as características destes companheiros não humanos. Contudo, ainda preciso falar sobre o

Estoy intentando ser más breve, ya que no pretendía tomar tanto tiempo describiendo la llegada y las características de estos compañeros no humanos. No obstante, aún necesito hablar

SUMÁRIO



Gambatinho, o Canjica, a Callie, além do Vevéio (que é um gato de rua, feral que fico me questionando se devo ou não o adotar), do Pavarotti e da Diadorim.

O Gambatinho (o nome faz alusão ao gambá, um marsupial comum no Brasil), assim como o Gambá, tem um padrão de coloração que lembra o referido marsupial. Na verdade, ele é mais parecido com o “famoso” Zorrinho dos desenhos, o qual sempre está em uma situação em que se apaixona por uma gata preta e branca (frajola). Apesar de serem bichos bem distintos, há, no Brasil, uma certa “confusão de nomes” que confunde zorrinho com gambá. Assim, embora o Gambatinho não se pareça nem com um nem com outro, ou seja, nem com o gambá, nem com o zorrinho, a ideia é que a coloração dele lembra ora um, ora outro.

Na foto a seguir está o Gambatinho, poucos dias após ser resgatado de dentro de um motor de um carro estacionado quase em frente à minha casa. Era um sábado à noite e não parávamos de ouvir um miado

sobre Gambatinho, Canjica, Callie, además de Vevéio (un gato callejero, feral, sobre el cual me cuestiono si debo adoptarlo o no), Pavarotti y Diadorim.

Gambatinho (el nombre hace alusión al “zarigüeya”, un marsupial común en Brasil, nombrado “gambá”), al igual que el gambá, tiene un patrón de coloración que recuerda a dicho marsupial. En realidad, se parece más al “famoso” Zorrillo de los dibujos animados, que siempre se encuentra en situaciones en las que se enamora de una gata blanca y negra (una “frajola”: tuxedo). A pesar de ser animales bastante distintos, en Brasil existe cierta “confusión de nombres” que mezcla zorrillo con zaragüeya. Así, aunque Gambatinho no se parece ni a uno ni al otro —es decir, ni al zaragüeya ni al zorrillo—, la idea es que su coloración recuerda, en ocasiones, a uno y en otras, al otro.

En la foto siguiente está Gambatinho, pocos días después de ser rescatado de dentro del motor de un coche estacionado casi frente a mi casa.

SUMÁRIO



de gato bebê, o que era muito estranho, pois conhecia todos os gatos próximos da minha casa e sabia que nenhum tinha bebês. O fato é que o miado continuava e se adentrou à madrugada. Fomos “procurar o tal miado”, inclusive no “terreno do Amarelinho” e não encontrávamos qualquer gato. Só mais tarde, em uma segunda ou terceira busca é que o Pêto (que na ocasião ainda não morava aqui, mas circulava pela rua), entrou embaixo de um carro e o Gambatinho miou. Com isso, conseguimos identificar que ele estava dentro do motor de um carro.

A sorte era que o carro era de um dos seguranças do condomínio de casas próximo e conseguimos chamá-lo para abrir o capô do carro, quando, à primeira vista, vi um bicho preto com uma listra branca nas costas – o que o assemelhava a um gambá/zorrilho. Peguei o que vinha a ser um gato pequeninho que imediatamente começou a berrar e espernear. Dali ele foi, ainda na madrugada, para uma emergência veterinária, onde foi atendido e medicado. A principal preocupação naquele

Era un sábado por la noche y no dejábamos de escuchar un maullido de gato bebé, lo cual era muy extraño, pues conocía a todos los gatos cercanos y sabía que ninguno tenía crías.

El maullido continuó hasta entrada la madrugada. Fuimos a “buscar el maullido”, incluso al “terreno de Amarelinho”, pero no encontrábamos ningún gato. Solo más tarde, en una segunda o tercera búsqueda, Pêto (quien en ese momento aún no vivía aquí, pero deambulaba por la calle) se metió debajo de un coche y Gambatinho maulló. Así logramos identificar que estaba dentro del motor.

La suerte fue que el coche pertenecía a uno de los guardias del condominio cercano y logramos llamarlo para que abriera el capó, cuando a primera vista vi un bichito negro con una franja blanca en la espalda —lo que lo hacía parecer un zorrito o un zorrito común. Tomé al pequeño gato, que inmediatamente comenzó a gritar y a forcejear. Desde allí, aún en la madrugada, lo llevamos a una clínica de urgencias veterinaria, donde fue atendido y medicado.

SUMÁRIO



momento era que um dos olhos dele parecia projetar-se para fora da órbita, mas, após exame clínico, verificou-se que estava tudo bem com os olhos.

Ele veio para casa e ficou hospedado em meu escritório – onde a foto a seguir foi retirada. Ele ficou por alguns dias ali, com os demais gatos da casa “cheirando-o” por debaixo da porta até ser integrado com eles. Contudo, uma semana depois, ainda no escritório, ele começou a apresentar uma vermelhidão na barriga, a qual não tínhamos notado (tampouco na clínica veterinária), que se mostrou ser uma grande queimadura. Claro, ele havia sido resgatado de dentro de um motor de carro e não sabíamos quanto tempo ele havia ficado ali com o carro em movimento e, depois, parado quase em frente à minha casa. O resultado é que ele ficou por quarenta dias sendo tratado em razão desta queimadura. Hoje ele está bem e é um dos gatos mais queridos, embora tenha suas implicações com alguns outros e seja um “mijão” inveterado – vai passando por todos os lugares, vai virando o rabo e vai fazendo xixi por tudo!

La principal preocupación en ese momento era que uno de sus ojos parecía estar proyectándose fuera de la órbita, pero tras el examen clínico se verificó que estaba todo bien.

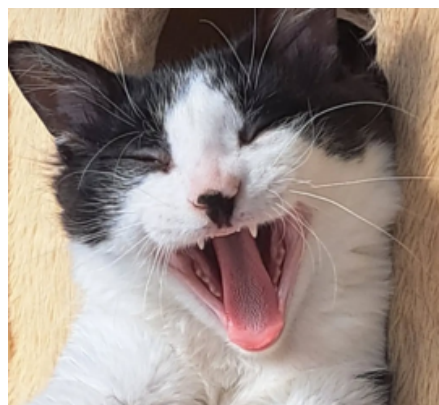
Llegó a casa y se alojó en mi despacho —de donde se tomó la foto que sigue—. Pasó algunos días allí, con los demás gatos olfateándolo por debajo de la puerta hasta que se integró con ellos. Sin embargo, una semana después, aún en el despacho, comenzó a presentar enrojecimiento en la barriga, que no habíamos notado antes (ni en la clínica veterinaria), y que resultó ser una gran quemadura. Claro, había sido rescatado de dentro del motor de un coche y no sabíamos cuánto tiempo había estado allí, con el coche en movimiento y luego detenido casi frente a mi casa. Como resultado, permaneció cuarenta días recibiendo tratamiento por esta quemadura. Hoy está bien y es uno de los gatos más queridos, aunque tiene sus roces con algunos otros y es un “orinador” inveterado: va pasando por todos lados, levanta la cola y marca con su orina por todas partes.

SUMÁRIO



Gambatinho – alguns dias após ter chegado, em 11 de fevereiro de 2023, e permanecer por alguns dias no escritório.

Gambatinho – pocos días después de su llegada, el 11 de febrero de 2023, permaneciendo algunos días en el despacho.



Gambatinho.

SUMÁRIO



O Gambatinho é o gato o com a listra branca no dorso. Aqui eles estão espiando o Martin, que estava na cozinha com a orelha enfaixada depois de ter ido ao veterinário em razão de uma briga com o Amigo.

Gambatinho es el gato con la franja blanca en el dorso. Aquí lo vemos espiando a Martin, que estaba en la cocina con la oreja vendada tras haber ido al veterinario por una pelea con Amigo.

O Gambatinho pertence à “ganguê” composta pelo Japonês, Biçudo, Bibi, Nanico Nicolau, Iko, Junico e Darwin. Quando ele chegou, a gangue do meu quarto era constituída apenas pelo Foguinho, Clarice e Emma.

Gambatinho pertenece a la “pandilla” compuesta por Japonês, Biçudo, Bibi, Nanico Nicolau, Iko, Junico y Darwin. Cuando llegó, la pandilla de mi cuarto estaba formada únicamente por Foguinho, Clarice

SUMÁRIO

Contudo, logo a seguir, no final de fevereiro de 2024, chegaram o Canjica e a Callie – gatos da minha sobrinha, filha de minha irmã, que tinha um filho de quatro anos (o Ben), que acabou falecendo em razão de uma meningite em maio de 2024, logo após a grande enchente daquele ano. Em janeiro daquele mesmo ano, ela acabara de se separar e voltar para a casa do pai dela com o Ben, onde os gatos não poderiam ficar em razão de eles terem um cachorro shitzu bem estressado. Assim, aceitei que Canjica e Callie viessem para minha casa “por algum tempo.”

Vê-los chegar foi uma cena triste, que guardo na memória como um filme. Minha sobrinha veio com o Ben e com os gatos soltos dentro do carro. Eles entraram em casa no colo, calmamente, e, assim como o Gambatinho havia ficado inicialmente, eles também ficaram no escritório por um pouco mais de uma semana até os demais do meu quarto “se acostumarem” com eles. Ninguém poderia prever o que aconteceria depois e, aquilo que, em princípio, seria uma estadia provisória do Canjica e da Callie

y Emma. Sin embargo, poco después, a finales de febrero de 2024, llegaron Canjica y Callie —gatos de mi sobrina, hija de mi hermana, que tenía un hijo de cuatro años (Ben), quien falleció a causa de una meningitis en mayo de 2024, poco después de la gran inundación de ese año. En enero de ese mismo año, ella se había separado y regresado a la casa de su padre con Ben, donde los gatos no podían quedarse debido a que tenían un perro shitzu muy estresado. Así que acepté que Canjica y Callie vinieran a mi casa “por algún tiempo.”

Verlos llegar fue una escena triste, que guardo en la memoria como si fuera una película. Mi sobrina llegó con Ben y con los gatos sueltos dentro del coche. Entraron a casa en brazos, con calma, y, al igual que Gambatinho al principio, ellos también permanecieron en el despacho durante poco más de una semana hasta que los demás del cuarto “se acostumbraran” a ellos. Nadie podía prever lo que ocurriría después y, lo que inicialmente iba a ser una estancia provisional de Canjica y



SUMÁRIO



tornou-se, por ora, definitiva. Ambos, Canjica e Callie (cujo nome é de uma personagem de desenho, dado pelo meu sobrinho-neto) são extremamente dóceis e tranquilos. O Canjica foi adotado de um abrigo já adulto e a Callie chegou até minha sobrinha depois de ser atropelada por um carro e perder os bebês que tinha.

Mesmo antes de eu ir para Barcelona, a Callie, que era super entrosada com o Canjica, acabou migrando para a outra gangue, onde fez amizade com os Nanicos e com o Gambatinho (os mais novos). Apesar disso, ela circula entre as duas gangues. Enquanto isso, o Canjica permaneceu no meu quarto, junto com Clarice e Emma. Depois que retornei de Barcelona, e com a morte do Foguinho cerca de um mês antes de eu viajar, tanto o Biçudo quanto o Japonês (que era o "grande desafeto" do Foguinho) acabaram passando mais tempo no meu quarto. Contudo, tal configuração, afora o "núcleo central" (Clarice, Canjica e Emma), é bastante flutuante. Mais recentemente, por exemplo, o Japonês começou a perse-

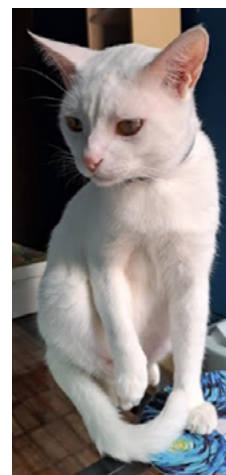
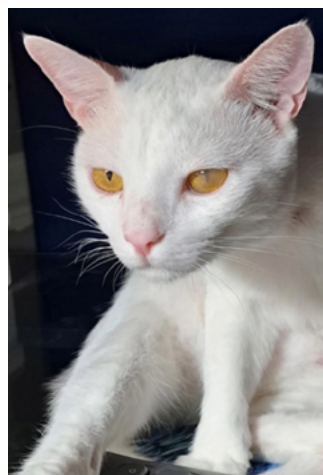
Callie, se volvió, por ahora, definitiva. Ambos, Canjica y Callie (cuyo nombre proviene de un personaje de dibujos animados, dado por mi sobrino-nieto), son extremadamente dóciles y tranquilos. Canjica fue adoptado de un refugio ya adulto y Callie llegó a mi sobrina después de ser atropellada por un coche y perder a sus crías.

Incluso antes de que me fuera a Barcelona, Callie, que estaba muy integrada con Canjica, terminó migrando a la otra pandilla, donde hizo amistad con los Nanicos y con Gambatinho (los más jóvenes). Aun así, circula entre las dos pandillas. Mientras tanto, Canjica permaneció en mi cuarto junto con Clarice y Emma. Tras mi regreso de Barcelona, y con la muerte de Foguinho alrededor de un mes antes de mi viaje, tanto Biçudo como Japonês (quien era el "gran antagonista" de Foguinho) pasaron más tiempo en mi cuarto. Sin embargo, esta configuración, más allá del "núcleo central" (Clarice, Canjica y Emma), es bastante fluctuante. Más recientemente, por ejemplo, Japonês comenzó

SUMÁRIO

guir e brigar com o Canjica, o que faz com que eles tenham que andar separados.

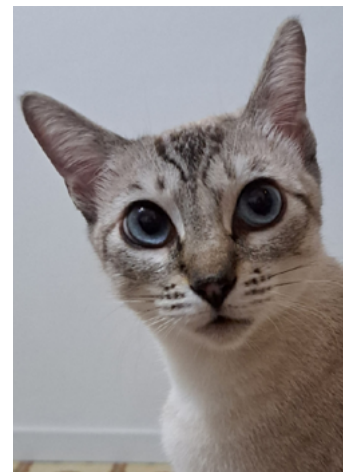
a perseguir y pelear con Canjica, lo que hace que tengan que estar separados.



Canjica - 2024. Antes de ser adotado, o Canjica passou mais um ano em um abrigo, e desde lá já veio o com olho esquerdo um pouco esbranquiçado, tal como se pode ver na primeira fotografia.

Canjica - 2024. Antes de ser adoptado, Canjica pasó un año más en un refugio, y desde allí ya llegó con el ojo izquierdo un poco blanquecino, como se puede ver en la primera fotografía.

SUMÁRIO



Callie – dezembro de 2024. Ela é, segundo li, uma Tabby Point, isto é, uma siamesa “misturada” com gato tigrado.

Callie – diciembre de 2024. Según he leído, es una Tabby Point, es decir, una siamesa “mezclada” con gato atigrado.

Devo mencionar que continuo me questionando acerca da alimentação para os gatos de rua/ do entorno. Já sei que isso atrai diferentes gatos – e mesmo cães –, mas não consigo deixar de alimentar o Vevéio, por exemplo. Ele é um gato tigrado que vem comer aqui há mais de um ano (a foto mais antiga que tenho dele é de julho de 2023). Embora (como um gato feral ou simplesmente com medo) ele não deixava durante muito tempo eu me aproximar dele (mais de um metro é a distância de

Devo mencionar que sigo cuestionándome acerca de la alimentación de los gatos callejeros o del entorno. Ya sé que esto atrae a distintos gatos —e incluso a perros—, pero no puedo dejar de alimentar a Vevéio, por ejemplo. Es un gato atigrado que viene a comer aquí desde hace más de un año (la foto más antigua que tengo de él es de julio de 2023). Aunque, como gato salvaje o simplemente por miedo, durante mucho tiempo no me permitía acercarme demasiado



SUMÁRIO



segurança), que, apesar disso, se comunica comigo – faz os seus sons e eu tento imitá-lo. Assim, quando repito o som parecido com o que ele faz, ele se volta para mim e começa, também, na maior parte das vezes, a emitir sons. Com o passar do tempo, no primeiro semestre de 2025, consegui aproximar-me mais dele enquanto ele comia e, por vezes, ele me deixava acariciar sua cabeça... Eventualmente, conforme o movimento “errado” ou mais brusco, ele me unhava. Foram só duas ou três vezes, se bem me lembro.

Quando ele queria comida vinha aqui na frente de casa, para a frente do portão ou embaixo do carro. Então levava a comida e ele que, mesmo desconfiado com minha aproximação, acabava comendo. Quando fui para Barcelona, ele (que não é castrado) já estava bem mais gordinho, mas em meu retorno encontrei-o bastante magro. Tentei medicá-lo de acordo com a orientação da veterinária que atende os não humanos aqui de casa, mas nem sempre ele ingeria o medicamento misturado

(más de un metro era su distancia de seguridad), aun así se comunicaba conmigo: hacía sus sonidos y yo intentaba imitarlos. Así, cuando repetía un sonido parecido al que él hacía, se giraba hacia mí y empezaba, también, la mayor parte del tiempo, a emitir sonidos. Con el paso del tiempo, durante el primer semestre de 2025, logré acercarme más a él mientras comía y, en ocasiones, me permitía acariciar su cabeza... Eventualmente, según algún movimiento “incorrecto” o más brusco, me arañaba. Fueron solo dos o tres veces, si recuerdo bien.

Quando quería comida, venía aquí frente a la casa, al portón o debajo del coche. Entonces le llevaba la comida y, aun desconfiando de mi acercamiento, terminaba comiéndola. Cuando me fui a Barcelona, él (que no está castrado) ya estaba más gordinho, pero a mi regreso lo encontré bastante delgado. Intenté medicarlo según la indicación de la veterinaria que atiende a los no humanos en casa, pero no siempre ingería el medicamento

SUMÁRIO



à comida, tal como conseguia fazer com o Amarelinho.

Em primeiro de setembro de 2025, o Vevéio, que agora já me esperava em cima do pergolado embaixo da minha janela, não apareceu. Não apareceu durante todo o dia, fato que estranhei, pois ele só não aparecia quando estava chovendo muito. E, além disso, ele vinha pela manhã, depois à tarde e, por vezes, no anoitecer. Quase nunca via o Vevéio à noite. No dia seguinte pela manhã o Vevéio também não apareceu, mas, como de costume, coloquei comida para ele em cima do madeirame do Pergolado e fiquei limpando o pátio da frente da casa. Foi aí que os mecânicos de uma oficina situada duas casas depois da minha falaram que havia um gato deitado embaixo de um dos carros, segundo eles, envenenado. Peguei as luvas de pedreiro – as quais comprei depois que o Pavarotti mordeu minhas mãos ao levá-lo ao veterinário –, a caixa de transporte e fui pegar o gato, que era, de fato, o Vevéio. Ele estava arfando, com dificuldades

mezclado con la comida, como sí lo hacía Amarelinho.

El primero de septiembre de 2025, Vevéio, que ahora ya me esperaba sobre el pergolado bajo mi ventana, no apareció. No apareció durante todo el día, algo que me extrañó, ya que solo dejaba de aparecer cuando llovía mucho. Además, solía venir por la mañana, luego por la tarde y, en ocasiones, al anochecer. Casi nunca lo veía de noche. A la mañana siguiente tampoco apareció, pero, como de costumbre, puse comida sobre la estructura del pergolado y me puse a limpiar el patio delantero. Fue entonces cuando los mecánicos de un taller, ubicado dos casas más adelante, me dijeron que había un gato tumbado debajo de uno de los coches, supuestamente envenenado. Tomé los guantes de albañil —que compré después de que Pavarotti me mordiera al llevarlo al veterinario—, el transportín y fui a recoger al gato, que efectivamente era Vevéio. Estaba jadeando, con dificultad para respirar y los “ojos vidriosos”. Lo puse en el

SUMÁRIO



para respirar e com os “olhos vidrados”. Coloquei-o na caixa, sem qualquer resistência dele, e um dos mecânicos me deu carona até a clínica.

O Vevéio foi examinado e ficou internado, ainda na mesma condição. À tarde, contudo, recebi uma foto do Vevéio em pé, dentro da baia na clínica, e com os olhos já normais (uma das fotos a seguir). Fui visitá-lo no final daquela tarde e ele deixou que eu o acariciasse. Por sorte, não havia sido envenenado e, depois dos exames, já sabendo que ele era “apenas” FIV (Imunodeficiência Viral Felina), pensava em como levá-lo para casa. Contudo, no dia seguinte, ao acordar, já tinha algumas chamadas da clínica em meu histórico de chamadas, de maneira que imaginei que algo havia acontecido... Liguei para lá e a veterinária disse que ele havia tido uma parada cardiorrespiratória, que tentaram reanimá-lo, mas ele não respondeu...

Então perdi mais um amigo nesta relação com as espécies companheiras. Perdi mais uma

transportín, sin ofrecer resistencia, y uno de los mecánicos me llevó hasta la clínica.

Vevéio fue examinado y quedó internado, aún en la misma condición. Por la tarde, sin embargo, recibí una foto de Vevéio de pie dentro del box de la clínica, con los ojos ya normales (una de las fotos a continuación). Lo fui a visitar a última hora de la tarde y me permitió acariciarlo. Por suerte, no había sido envenenado y, después de los exámenes, sabiendo que era “solo” FIV (Inmunodeficiencia Viral Felina), pensaba cómo llevarlo a casa. Sin embargo, al día siguiente, al despertar, ya tenía algunas llamadas de la clínica en mi historial, lo que me hizo pensar que algo había sucedido... Llamé y la veterinaria me informó que había sufrido un paro cardiorrespiratorio, intentaron reanimarlo, pero no respondió...

Así, perdí otro amigo en esta relación con las especies compañeras. Perdí otra relación con un no humano con características singulares —las cuales

SUMÁRIO

relação com um não humano com suas características singulares – e as quais acho fascinantes –, como “andar sozinho na vida”, andar aparentemente sem medo, de dia e de noite; saber se virar em um mundo, na maior parte das vezes, adverso e hostil aos animais não humanos que circulam pela rua, invisibilizando-os, assim como invisibilizamos as pessoas em situação de rua (as quais, muitas vezes, andam com cães e, menos frequentemente, com gatos); saber fazer amizades interespecies e andar junto conosco por algum tempo.

considero fascinantes—, como “andar solo por la vida”, andar aparentemente sin miedo, de día y de noche; saber arreglárselas en un mundo, en la mayor parte de las veces, adverso y hostil para los animales no humanos que circulan por la calle, invisibilizándolos, al igual que invisibilizamos a las personas en situación de calle (que muchas veces van con perros y, menos frecuentemente, con gatos); saber hacer amistades inter-especies y caminar junto a nosotros durante algún tiempo.



Vevéio, antes de eu ir para Barcelona, em agosto de 2024.

Vevéio, antes de ir a Barcelona, en agosto de 2024.



SUMÁRIO



Vevéio na internação, aparentemente se recuperando (Set. 2025).

Vevéio durante la hospitalización, aparentemente recuperándose (Sep. 2025).

Além do Vevéio, mais um gatinho preto apareceu para comer. Ele tinha uma ferida já quase cicatrizada no pescoço, mas parecia literalmente ter fugido de uma clínica veterinária, pois estava com a barriga raspada e as patas depiladas, ainda com esparadrapos presos. Apareceu por alguns dias e logo se aproximou, esfregando-se nas minhas pernas. Aproveitei a oportunidade para pegá-lo e levá-lo ao veterinário, onde, de fato, ficou internado e apresentava

Además de Vevéio, apareció otro gatito negro para comer. Tenía una herida casi cicatrizada en el cuello, pero parecía haber escapado literalmente de una clínica veterinaria, ya que tenía el abdomen afeitado y las patas depiladas, aún con esparadrapos pegados. Apareció durante algunos días y pronto se acercó, frotándose contra mis piernas. Aproveché la oportunidad para llevarlo al veterinario, donde, efectivamente, fue internado y presentaba numerosas



SUMÁRIO



inúmeras alterações em diversos órgãos. Não resistiu mais de uma semana. Apesar do pouco tempo, e para fazer parceria com o Darwin no panteão dos naturalistas, havia lhe dado o nome de Lineu, em referência a Carolus von Linnaeus, o “pai” da sistemática. Lineu também morreu pouco antes de eu ir para Barcelona, uma semana antes do Foguinho. Como disse, em 2024 morreram o Pêto, o Lineu, o Foguinho e o Martin.

Estou dando destaque apenas aos companheiros mais recentes, desde que passei a me ver um pouco como “o louco dos gatos”. Por isso, não menciono meus afilhados caninos (Jorginho e Joaquim), nem outros gatos que pertencem a amigos e parentes — como Chang Ling, Toco, Neco, Oliver, Simba, Margareth, Bela, Zira, Jimmy... Refiro-me, portanto, àqueles que circulam “aqui por casa”, como o Mel.

Mais recentemente, a partir de junho de 2025, chegaram mais dois, em situações diferentes e vindos “não sei de onde”. O primeiro foi o Pavarotti. Enquanto eu alimentava o

alteraciones en varios órganos. No resistió más de una semana. A pesar del poco tiempo, y para hacerle compañía a Darwin en el panteón de naturalistas, le puse el nombre de Linneo, en referencia a Carolus von Linnaeus, el “padre” de la sistemática. Linneo también murió poco antes de que yo fuera a Barcelona, una semana antes que Foguinho. Como mencioné, en 2024 murieron Pêto, Linneo, Foguinho y Martin.

Destaco únicamente a los compañeros más recientes, desde que empecé a verme un poco como “el loco de los gatos”. Por eso no menciono a mis ahijados caninos (Jorginho y Joaquim), ni a otros gatos que pertenecen a amigos y familiares —como Chang Ling, Toco, Neco, Oliver, Simba, Margareth, Bela, Zira, Jimmy...—. Me refiero, por tanto, a aquellos que circulan “por aquí en casa”, como Mel.

Más recientemente, a partir de junio de 2025, llegaron dos más, en situaciones distintas y viniendo “no sé de dónde”. El primero fue Pavarotti. Mientras alimentaba a Vevéo frente a

SUMÁRIO



Vevéo em frente à casa da vizinha, ele surgiu miando forte debaixo de um carro, do outro lado da rua. Era um gato rajado-tigrado, aparentemente jovem (por ser pequeno), e miava como se estivesse cantando — daí o nome Pavarotti. Fui até lá e coloquei comida para ele. Desde então, passou a aparecer de vez em quando no “terreno do Amarelinho”, entre o mato alto, onde eu lhe deixava comida. Com o tempo, migrou para a frente da casa da vizinha, circulando junto com o Vevéo.

Poucos dias depois de o Pavarotti ter se apossado da varanda da vizinha, conversei com ela para saber se poderia colocar ali uma casinha, já que ele passava as madrugadas numa caixa de papelão com um cobertor. Comprei a casinha, coloquei um novo cobertor e, a partir daí, Pavarotti passou a morar ali, deixando de frequentar o “terreno do Amarelinho”. Eu ainda imaginava que tivesse alguma casa para onde voltasse quando desaparecia, mas, na prática, ele não saiu mais daquele lugar. Durante o inverno, as temperaturas à noite chegaram a quase

la casa de la vecina, apareció maullando fuerte desde debajo de un coche, al otro lado de la calle. Era un gato atigrado rajado, aparentemente joven (por su tamaño), y maullaba como si cantara —de ahí el nombre Pavarotti. Fui hasta allí y le puse comida. Desde entonces, empezó a aparecer de vez en cuando en el “la tierra de Amarelinho”, entre la hierba alta, donde le dejaba comida. Con el tiempo, se trasladó al frente de la casa de la vecina, circulando junto a Vevéo.

Pocos días después de que Pavarotti se adueñara del balcón de la vecina, hablé con ella para saber si podía colocar allí una casita, ya que pasaba las madrugadas en una caja de cartón con una manta. Compré la casita, puse una nueva manta y, a partir de entonces, Pavarotti empezó a vivir allí, dejando de frecuentar el “la tierra de Amarelinho”. Yo todavía pensaba que tendría alguna casa a la que regresar cuando desaparecía, pero, en la práctica, ya no se movió de ese lugar. Durante el invierno, las temperaturas nocturnas llegaron casi a cero

SUMÁRIO



zero grau. Além disso, parecia ter algum problema na boca ou nos dentes: tentava comer, mas logo soltava a ração ou mesmo a comida úmida, e depois miava como se chorasse.

Diante disso, decidi que pegaria primeiro o Pavarotti: castrá-lo e incorporá-lo ao “plantel da casa”, para depois fazer o mesmo com o Vevéio — com quem, eu entendia, tinha ainda mais compromisso, por aparecer há quase dois anos e viver permanentemente na rua.

Mas o fato é que peguei primeiro o Pavarotti, que inicialmente ficou “lá no quartinho da churrasqueira”. Três dias depois, levei-o ao consultório veterinário e, ao tentar recolocá-lo na caixa de transporte — depois de a veterinária recomendar que ele fosse internado em uma clínica —, ele mordeu minhas mãos. Acabei deixando-o em uma clínica, onde ficou internado durante um final de semana e foi castrado na segunda-feira, um dia antes de vir embora. O diagnóstico mostrou que Pavarotti era FIV (Imunodeficiência Viral Felina) e FELV, e, portanto, não

grados. Además, parecía tener algún problema en la boca o los dientes: intentaba comer, pero enseguida soltaba la comida o el pienso húmedo y luego maullaba como si llorara.

Ante esto, decidí que primero recogería a Pavarotti: castrarlo e incorporarlo al “plantel de la casa”, para después hacer lo mismo con Vevéio —con quien, entendía, tenía aún más compromiso, por aparecer desde hacía casi dos años y vivir permanentemente en la calle.

Pero lo cierto es que recogí primero a Pavarotti, que inicialmente quedó “en el cuartito de la barbacoa”. Tres días después, lo llevé al consultorio veterinario y, al intentar volver a meterlo en el transportín —después de que la veterinaria recomendará que fuera internado en una clínica—, me mordió las manos.

Terminé dejándolo en una clínica, donde estuvo internado durante un fin de semana y fue castrado el lunes, un día antes de volver a casa. El diagnóstico mostró que Pavarotti era FIV (Imunodeficiencia Viral Felina) y FELV, y por lo tanto no

SUMÁRIO



poderia ser incorporado às demais gangues da casa.

Desde então, em um pouco mais de três meses, já precisou ser internado mais três vezes; na penúltima, inclusive, necessitou de uma transfusão de sangue — algo bastante inusitado em muitos aspectos (procedência, valores etc.). Com esse resultado para FIV e FeLV (Leucemia Viral Felina), acabei adiando a decisão de pegar o Vevéio logo em seguida. Ainda não sei muito bem o que fazer com o Pavarotti, uma vez que praticamente ninguém aceita adotar um gato com leucemia, que exige tantos cuidados e possíveis internações. Assim, ele continua “lá no quartinho”, onde pega sol na janela, mas segue entediado, meio “aburrido”

Neste meio tempo – enquanto revejo este texto para editá-lo –, o Pavarotti voltou a ser internado, pois não comeu durante todo o dia, ficando prostrado dentro da caixinha de areia. Internei-o à noite, mas, assim como oVevéio, ele veio a falecer durante a madrugada, em 7 de outubro de 2025.

podría integrarse a las demás “pandillas” de la casa.

Desde entonces, en poco más de tres meses, ya tuvo que ser hospitalizado tres veces más; en la penúltima, incluso, necesitó una transfusión de sangre, algo bastante inusual en muchos aspectos (procedencia, costes, etc.). Con ese resultado de FIV y FeLV (Leucemia Viral Felina), acabé posponiendo la decisión de llevarme a Vevéio justo después. Aún no sé muy bien qué hacer con Pavarotti, ya que prácticamente nadie acepta adoptar a un gato con leucemia, que requiere tantos cuidados y posibles hospitalizaciones. Así que sigue “allí, en el cuartito”, donde toma el sol en la ventana, pero continúa aburrido.

Mientras tanto —mientras reviso este texto para editarlo—, Pavarotti volvió a ser hospitalizado, pues no comió en todo el día y permaneció postrado dentro de la caja de arena. Lo ingresé por la noche, pero, al igual que Vevéio, falleció durante la madrugada, el 7 de octubre de 2025.

SUMÁRIO



Pavarotti - setembro/septiembre 2025.

A única que vai “de vento em popa”, crescendo forte e feliz, é a Diadorim. Ela ganhou este nome aos poucos, enquanto eu lia *Grande sertão: veredas*. Como não se deixava pegar, nem a veterinária nem eu sabíamos se era macho ou fêmea. Apareceu exatamente no dia seguinte ao que trouxe o Pavarotti: pequeninha — talvez um palmo de comprimento —, cinza com preto, caminhando entre as plantas do jardim, ainda antes de os cachorros serem soltos. Era apenas um vulto passando rápido, e por isso, a princípio, chamei-a de Fantasma. Logo depois, entrou no motor do carro e, quando o capô foi aberto, disparou para o pátio baldio ao lado de casa.

La única que va “viento en popa”, creciendo fuerte y feliz, es Diadorim. Recibió este nombre poco a poco, mientras leía *Grande Sertão: Veredas*. Como no se dejaba atrapar, ni la veterinaria ni yo sabíamos si era macho o hembra. Apareció exactamente al día siguiente de que traje a Pavarotti: pequeña —quizá un palmo de largo—, gris con negro, caminando entre las plantas del jardín, aún antes de que los perros fueran soltados. Era apenas una silueta que pasaba rápido, y por eso, al principio, la llamé Fantasma. Poco después, se metió en el motor del coche y, cuando se abrió el capó, salió disparada hacia el patio baldío junto a la casa. Puse el transportín en

SUMÁRIO



Coloquei a caixa de transporte nesse pátio com comida dentro, e ela passou o dia entrando e saindo, mas não consegui pegá-la. No dia seguinte, a mesma cena. Porém, à noite, depois de trancar os cachorros na garagem, deixei a porta da sala aberta, coloquei a caixa com comida bem no meio do tapete e fiquei sentado atrás da porta. Poucos minutos depois ouvi um miado e vi aquela fantasminha cruzar a sala tranquilamente. Fechei a porta: ela correu para baixo do sofá, mas já estava segura.

Agora ela é a Diadorim. Em meus planos, a última companheira mais-que-humana que adotarei. Com a morte do Vevéio, e quando o Pavarotti foi recolhido para dentro de casa, parei de deixar comida ao lado — no pergolado, na varanda... Não tenho como continuar recolhendo gatos e cachorros da rua, que aparecem sempre. Outro dia mesmo surgiu um amarelo, não castrado, parecido com o Foguinho quando jovem. Ao que parece, tenta ocupar o "nicho vazio" deixado, sobretudo, pelo Vevéio; tem rondado por aqui nas madrugadas.

ese patio con comida dentro, y pasó el día entrando y saliendo, pero no pude atraparla. Al día siguiente, la misma escena. Sin embargo, por la noche, después de encerrar a los perros en el garaje, dejé la puerta del salón abierta, puse el transportín con comida justo en el centro de la alfombra y me senté detrás de la puerta. Pocos minutos después escuché un maullido y vi a aquella fantasmilla cruzar el salón tranquilamente. Cerré la puerta: corrió debajo del sofá, pero ya estaba segura.

¡Ahora ella es Diadorim! En mis planes, la última compañera más-que-humana que adoptaré. Con la muerte de Vevéio, y cuando Pavarotti fue recogido dentro de casa, dejé de poner comida al lado —en el emparrado, en la terraza... No puedo seguir recogiendo gatos y perros de la calle, que siempre aparecen. El otro día mismo surgió uno amarillo, sin castrar, parecido a Foguinho cuando era joven. Por lo visto, intenta ocupar el "nicho vacío" que dejó, sobre todo, Vevéio; ha estado rondando por aquí de madrugada.

SUMÁRIO



Diadorim – julho a setembro / julio a septiembre de 2025.

Nas madrugadas, quando acordo e saio para a sacada, às vezes vejo “matilhas” de dois ou três cães caminhando pela rua, um atrás do outro, vindos não se sabe de onde, nem por quê. Assim como foi misterioso o aparecimento da Diadorim, tão pequena e sozinha, também é enigmático o surgimento dessas matilhas ou mesmo de cães solitários, como o “Boca de Gaveta”, um marrom com prognatismo, que parava do outro lado da rua para receber ração. Segundo uma vizinha, há quem “aprenda” a deixar os gatos aqui...

En las madrugadas, cuando me despierto y salgo al balcón, a veces veo “manadas” de dos o tres perros caminando por la calle, uno detrás del otro, viniendo de no se sabe dónde ni por qué. Así como fue misteriosa la aparición de Diadorim, tan pequeña y sola, también es enigmática la aparición de estas manadas o incluso de perros solitarios, como “Boca de Gaveta”, un marrón con prognatismo, que se detenía al otro lado de la calle para recibir comida. Según una vecina, hay quien “aprende” a dejar a los gatos aquí...



SUMÁRIO



Não fosse pela “guerra de xixis” entre os machos, eu diria que viver entre eles seria o melhor dos mundos.

(...)

Uma das últimas atividades da disciplina de pós-graduação da Núria, que acompanhei durante meu período como pesquisador visitante em Barcelona, foi a visita à exposição *Agnès Varda: fotografar, filmar, reciclar*¹⁸⁵, realizada entre 18 de julho e 8 de dezembro de 2024 no Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona (CCCB). Eu, que só conhecia Varda de nome e por tê-la visto no documentário *Janelas da Alma*¹⁸⁶, além de ter alguma noção das diferentes dimensões de sua obra, fui surpreendido e fisgado por uma vitrine — se bem recorde, a última, ao final do percurso da visita guiada de duas horas — repleta de gatos. Varda os amava, e as pessoas começaram a presenteá-la com “coisas de gato.” ... Ao que tudo indica, é assim que se acaba reunindo um monte deles, tornando-se o “véio” ou “o louco dos gatos”!

Si no fuera por la “guerra de meadas” entre los machos, diría que vivir entre ellos sería el mejor de los mundos.

(...)

Una de las últimas actividades del posgrado de Núria, que seguí durante mi estancia como investigador visitante en Barcelona, fue la visita a la exposición *Agnès Varda: fotografiar, filmar, reciclar*, realizada entre el 18 de julio y el 8 de diciembre de 2024 en el Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona (CCCB). Yo, que solo conocía a Varda de nombre y por haberla visto en el documental *Janelas da Alma*, además de tener alguna noción de las distintas dimensiones de su obra, me sorprendí y quedé fascinado por una vitrina —si bien recuerdo, la última, al final del recorrido de la visita guiada de dos horas— repleta de gatos. Varda los amaba, y la gente comenzó a regalarle “cosas de gato”... Al parecer, así es como se termina reuniendo un montón de ellos, convirtiéndose en el “viejo” o “el loco de los gatos”.

SUMÁRIO



Fotografia que tirei da "vitrine dos gatos" da exposição de Agnès Varda, nov. 2024.

Fotografía que tomé de la "vitrina de gatos" de la exposición de Agnès Varda, nov. 2024.

Assim, como Agnès Varda, também acabei ganhando (e comprando) muitos gatos e "coisas de gato" — algo que simplesmente foi acontecendo! Algumas fotografias da minha pequena coleção, à semelhança da de Varda, foram inseridas ao final deste "recordatório" que enviei à Núria.

Así, al igual que Agnès Varda, también terminé recibiendo (y comprando) muchos gatos y "cosas de gato"; ¡algo que simplemente fue sucediendo!

Algunas fotografías de mi pequeña colección, al igual que las de Varda, se incluyeron al final de este "recordatorio" que envié a Núria.

SUMÁRIO



NOTAS DE FIM

SUMÁRIO



- 1 Mirmecófagos é o termo utilizado para designar os animais cuja dieta se baseia principalmente em formigas (Formicidae) e cupins (Isoptera).
- 2 E isso, além de antropocêntrico e em confluência com a noção de excepcionalismo humano, é também profundamente capacitista.
- 3 Mirmecófagos es el término utilizado para designar a los animales cuya dieta se basa principalmente en hormigas (Formicidae) y termitas (Isoptera).
- 4 Y esto, aparte de antropocéntrico y en confluencia con la noción de excepcionalismo humano, también es extremadamente capacitista.
- 5 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Por sua vez, a publicação deste e-book tornou-se viável por meio dos recursos do PROEX-CAPES destinados ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, obtidos por meio de editais internos voltados às linhas de pesquisa do referido Programa.
- 6 Entre outros sites, a imagem pode ser encontrada na seguinte matéria: "Está queimando mais do que nunca," diz fotógrafo com mais de 50 viagens à Amazônia. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/08/22/vamos-extingui-la-antes-de-estuda-la-diz-fotografo-com-mais-de-50-viagens-a-amazonia/>. Acesso em 10 nov. 2024.
- 7 A expressão popular "abraço de tamanduá," geralmente carregada de conotação negativa no discurso cotidiano, encontra uma explicação etológica a partir das pesquisas da bióloga Flávia Miranda, fundadora do Instituto Tamanduá (<https://www.tamandua.org/>). Em reportagem publicada no portal *G1*, Miranda esclarece que tal gesto corresponde a um comportamento típico de defesa [dos tamanduás]. Diante de uma situação de ameaça, [tal como] o tamanduá-bandeira [o tamanduá-mirim] ergue-se sobre as patas traseiras, permanecendo de pé e abrindo os membros anteriores em posição ampla, de modo a exibir suas longas e afiadas garras. Trata-se de uma estratégia de intimidação: o animal não ataca proativamente, mas adota uma postura de alerta que, se respeitada pelo predador, tende a se desfazer com a sua retirada. Caso contrário, o que se anuncia como simples gesto defensivo pode culminar em um "abraço mortal". Nas palavras da pesquisadora: "Ele executa essa técnica quando se sente acuado, para realmente parecer maior. Já abre os braços para poder se defender de qualquer predador, afinal, ele é uma presa de muitos carnívoros e de outros animais". Essa explicação desloca a carga pejorativa da expressão corrente, evidenciando que o chamado "abraço de tamanduá" não é sinal de falsidade ou traição, mas uma sofisticada resposta adaptativa de sobrevivência em face da vulnerabilidade da espécie. Acréscimos meus. Vide <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/terra-da-gente/noticia/2023/10/28/abraco-de-tamandua-conheca-metodo-utilizado-pela-especie-para-se-proteger.gh.html>. Acesso em 10 nov. 2024.
- 8 A matéria "Araquém Alcântara: fotógrafo celebra ciclo de 50 anos de carreira e lançará livro infantil", publicada no site da Revista Exame (www.exame.com), em 12 de outubro de 2023, refere que esta fotografia, de um "tamanduá cego saindo de uma floresta queimada", foi registrada

SUMÁRIO



em 2019. Nas palavras do fotógrafo: “Lembro que quando eu cheguei no local, de carro, eu fiz a famosa varredura, foi quando eu vi um animal saindo da floresta. Com os binóculos, vi que era um tamanduá. Mesmo sem autorização, atravessei a cerca e me aproximei. Ao ouvir meus passos, ele se levantou com os braços abertos. Vi nessa hora uma queimadura no peito dele e vi também que ele estava cego. De alguma forma o movimento dele era para pedir socorro”. Disponível em: https://exame.com/carreira/araquem-alcantara-fotografo-fala-sobre-seu-ciclo-de-50-anos-de-carreira-e-proximos-projetos/?utm_source=copiaecola&utm_medium=compartilhamento. Acesso em 10 nov. 2024.

- 9 De acordo com matéria publicada pela CNN Brasil, em 2 de setembro de 2024, sob o título “Brasil registrou quase 70 mil focos de queimadas em agosto”, o país contabilizou, apenas naquele mês, 68.635 focos de incêndio. A região Centro-Oeste foi identificada como a mais afetada, concentrando, juntamente com outros dois estados, 56,46% de todos os registros. Os dados, provenientes do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), revelaram um crescimento alarmante de 144% em relação ao mesmo período de 2023, quando haviam sido registrados 28.056 focos. Trata-se, portanto, de um dos cinco piores índices da história desde o início do Programa Queimadas, em 1998. O recorde negativo permanece sendo o de agosto de 2007, com 91.085 ocorrências. No recorte por biomas, os números de agosto de 2024 indicavam que a Amazônia concentrava 55,8% dos focos, seguida pelo Cerrado (27,1%), Mata Atlântica (8,8%), Pantanal (6,4%), Caatinga (1,8%) e Pampa (0,1%). Esse quadro não apenas dimensiona a gravidade da situação atual, mas também evidencia a centralidade dos biomas Amazônico e do Cerrado como epicentros de destruição ambiental, revelando, em paralelo, a pressão crescente sobre ecossistemas historicamente mais preservados, como o Pantanal. Vide <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil-registrou-quase-70-mil-focos-de-queimadas-em-agosto/#:~:text=A%20regi%C3%A3o%20Centro%2DOeste%20como,registrou%2028.056%20focos%20de%20inc%C3%AAndio>. Aceso em 08 nov. 2024.
- 10 Há diversas descrições biográficas acerca de Walmor Corrêa, as quais, por vezes, reiteram informações já acompanhadas de especificidades relativas às obras apresentadas. Há, igualmente, numerosos trabalhos acadêmicos dedicados à produção do artista, tanto no campo da arte quanto no da biologia. Contudo, optou-se aqui pela seguinte descrição, elaborada pelo próprio autor, como forma de apresentá-lo àqueles/as que ainda não o conhecem: “Nasci na cidade de Florianópolis e meu primeiro contato efetivo com a arte ocorreu durante as aulas de ciências e biologia na escola. No colégio, meus cadernos dessas disciplinas eram amplamente ilustrados com desenhos que eu realizava a partir dos conteúdos trabalhados em sala de aula. Foi então que o professor de ciências percebeu meu interesse e me convidou a auxiliá-lo nas aulas de laboratório, ocasião em que acompanhava o processo de dissecação de animais e, posteriormente, desenhava a anatomia interna dos espécimes. Foi esse professor que me apresentou o trabalho de Leonardo da Vinci e me fez compreender, pela primeira vez, o desenho como manifestação artística. [...] Em 1999, fui à Floresta Amazônica com o intuito de desenvolver um estudo aprofundado de sua fauna e flora. Ao retornar ao meu estúdio, passei a questionar minhas impressões sobre a natureza, a evolução e a ciência. Foi então que surgiu a série de trabalhos intitulada *Catálogos/Coleções*, na qual criei pequenas pinturas de insetos por mim imaginados em sua morfologia, anatomia e nomenclatura. Também utilizei alfinetes reais para fixar as espécies nas telas, que foram expostas em um móvel entomológico confeccionado de acordo com a tradição dos Museus de História Natural.” Vide: <https://www.catalogodasartes.com.br/artista/Walmor%20Corr%C3%A3o-%20Walmor%20Correa>. Acesso em 15 nov. 2025.
- 11 Para acessar a obra completa, bem como os demais quadros que compõem a série, vide <https://www.walmorcorrea.com.br/2020-diorama/pintura>. Acesso em 15 nov. 2025.

SUMÁRIO



- 12 Cabe referir que Elizabeth Costello, escritora alterego de J.M. Coetzee, também diz: “Quanto aos animais serem bobos e tolos demais para falar por si mesmos, pensem na seguinte sequência de eventos. Quando Albert Camus era criança na Argélia, sua avó pediu a ele que trouxesse uma galinha do galinheiro no pátio. Ele obedeceu e depois ficou olhando enquanto ela cortava o pescoço do animal com uma faca, recolhendo o sangue em um recipiente para não sujar o chão. (...) O grito de morte da galinha ficou gravado com tamanha força na memória do garoto que, em 1958, ele escreveu um apaixonado ataque ao uso da guilhotina. Ao menos em parte, o resultado dessa polêmica foi a abolição da pena de morte na França. Quem pode, portanto, afirmar que a galinha não falou?” (p.124).
- 13 Há uma importante discussão acadêmica sobre o uso do fogo, no sentido de “deixar o fogo trabalhar por nós”, a qual escapa (entre inúmeros outros temas) à minha alçada e, portanto, escrevo aqui desde um discurso cotidiano, não acadêmico. Para maiores discussões, ver FAGUNDES, Guilherme Moura. Fazer o fogo fazer: manipulações e agenciamentos técnicos na conservação do Jalapão (TO). Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, [S. l.], v. 6, n. 10, p. 16–49, 2019. DOI: 10.21680/2446-5674.2019v6n10ID15640. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/15640>. Acesso em: 29 set. 2025.
- 14 Marguerite Yourcenar: “Para onde vai a alma dos animais?”, 1981. Disponível em: <http://saopauloreview.com.br/marguerite-yourcenar-para-onde-vai-a-alma-dos-animais/>. Acesso em 12 out. 2024.
- 15 Vide o texto O agro não é tech, o agro não é pop e muito menos tudo, disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/18319-20211027.pdf>. Acesso em 27 set. 2025.
- 16 Não se deve confundir, neste contexto, a noção de pobreza da diversidade com um processo “natural” ou regular, que teria acompanhado a história da vida na Terra “desde sempre”. O que está em jogo aqui é um tipo específico de pobreza, marcado pela aceleração contemporânea provocada pela ação humana. Em outras palavras, não se trata de negar que mudanças climáticas, processos de extinção em massa ou desastres naturais de grande magnitude tenham ocorrido no passado — de fato, eles fazem parte da história geológica e biológica do planeta. O ponto central, contudo, é que, ao falar em “pobreza” (em suas múltiplas ordens e dimensões), procuro enfatizar a capacidade singular da espécie humana de intensificar e precipitar tais processos para além de suas forças ou ritmos naturais. Essa aceleração não ocorre ao acaso, mas decorre de escolhas coletivas e institucionais, sobretudo de ordem econômica, vinculadas a modelos de exploração, extração e consumo que colonizam o tempo e a vida de forma irreversível.
- 17 Trata-se do terceiro centro europeu, depois de dois tradicionais centros estabelecidos na Inglaterra, um em Oxford, articulado a questões mais teológicas, e outro em Liverpool.
- 18 O CAE-UPF é apresentado como um think tank, mais do que um grupo de pesquisa ou acadêmico, pois se enfatiza a dimensão ativista, de advocacy, presente no grupo como efeito das diferentes trajetórias de suas/seus participantes.
- 19 Vide a matéria Nace el primer ‘think tank’ en ética animal de España. Disponível em: <https://www.lavanguardia.com/vida/20151219/30905088554/nace-primer-think-tank-etica-animal-espana.html>. Acesso em 19 set. 2024.
- 20 Vide a página de abertura do CAE-UPF, disponível em <https://www.upf.edu/web/cae-center-for-animal-ethics/welcome>. E foi na direção de promover uma abordagem ética não-especista na academia, na política, na mídia e na opinião pública que uma das primeiras ações do Centro foi a produção e divulgação de “... una guía práctica para comunicadores con recomendaciones sobre el tipo de cobertura y el lenguaje que deberían utilizar los periodistas en su trabajo para no

SUMÁRIO

- perpetuar la perspectiva antropocéntrica del planeta". Disponível em: <https://www.lavanguardia.com/vida/20151219/30905088554/nace-primer-think-tank-etica-animal-espana.html>. Acessos em 19 set. 2024.
- 21 Vide o artigo 13º do Tratado de Lisboa, que contém as versões consolidadas do Tratado da União Europeia e do Tratado que institui a Comunidade Europeia, disponível em: https://www.parlamento.pt/europa/Documents/Tratado_Versao_Consolidada.pdf. Acesso em 19 de set. 2024.
- 22 Vide a matéria El bienestar de los animales como seres sensibles-sentientes: su valor como principio general de derecho en España, disponível em: <https://www.abogacia.es/publicaciones/blogs/blog-de-derecho-de-los-animales/el-bienestar-de-los-animales-como-seres-sensibles-sentientes-su-valor-como-principio-general-de-derecho-en-espana/>. Acesso em 19 set. 2024.
- 23 Vide, mais uma vez, a matéria Nace el primer 'think tank' en ética animal de España Disponível em: <https://www.lavanguardia.com/vida/20151219/30905088554/nace-primer-think-tank-etica-animal-espana.html>. Acesso em 19 set. 2024.
- 24 Ver *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*, livro no qual Donna Haraway, mais uma vez, crítica a figura de Adão (como O Homem) como aquele que, em nome de Deus, nomeia as "coisas do mundo". Há uma tradução para o português, da editora N-1 (2023).
- 25 Trata-se das intenções de pesquisa vinculadas ao projeto *Educación não-especista: virada não-humana & ética animal*, centrado na análise do crescente número de publicações — tanto científicas quanto de divulgação — que reapresentam as plantas, os fungos, bem como os animais de diferentes grupos, como efeito de uma "virada" (cf. Cord 2022a, 2022b, 2022c; Restrepo, 2013; Ponce de León, 2023) na compreensão de pressupostos antes considerados consolidados ou, ainda, como expressão de uma revalorização de determinados grupos de seres vivos.
- 26 Empregarei de modo intercambiável "Critical Animal Studies" e "Estudos Críticos Animais".
- 27 Talvez seja desnecessário lembrar de que não se trata de apenas "uma" crise, mas de um conjunto delas, em diferentes níveis (globais e locais) e em diferentes contextos, de modo articulado. Contudo, algumas dessas crises, tal como a "climática", são mencionadas no singular precisamente porque seu escopo e suas consequências afetam a todos — embora de diferentes formas, pois uma das questões de discussão diz respeito aos efeitos sobre as populações mais pobres e periféricas, as quais sofrem mais do que as mais ricas e centrais, usualmente as causadoras e propulsoras desta crise (para ampliar a discussão, especialmente sob um ponto de vista decolonial, vide Ferdinand, 2022).
- 28 A dataficação é o processo sistemático de extrair e organizar dados dispersos e aparentemente irrelevantes, característico da big data, que evidencia como e por que coletar e classificar informações das mais diversas situações, inclusive aquelas que, à primeira vista, parecem inúteis ou sem valor, constituem uma forma de condução da conduta dos usuários (vide Couldry, 2022).
- 29 Trata-se do livro *Especismo y lenguaje* (2024, cf. Ref. Biblio.)
- 30 Uma das "filiais" (seguindo a provocação de Mattelart e Neveu, 2004) dos Estudos Culturais consolidou-se nos Estados Unidos, tendo como principais representantes Henry Giroux, Peter McLaren, Michael Apple, Douglas Kellner e Lawrence Grossberg. Em linhas gerais, eles podem ser considerados parte de uma terceira geração de praticantes dos Estudos Culturais, uma vez que, para além dos "pais fundadores" de Birmingham nos anos 1960 (Richard Hoggart, Raymond Williams e Stuart Hall), Mattelart e Neveu (2004, p.57) identificam uma segunda geração formada por nomes como Angela McRobbie, David Morley, Paul Willis e Paul Gilroy, entre outros. Os autores associados a essa terceira geração exerceram influência no Brasil, sobretudo a partir do início

SUMÁRIO



- dos anos 1990, por meio de traduções e das atividades promovidas inicialmente por Tomaz Tadeu da Silva, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, bem como nas ações da Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, que organizou os Seminários Internacionais de Educação. Foi nesse contexto que começaram a se delinear as condições de possibilidade para a constituição de uma "nova filial" dos Estudos Culturais no Brasil: a Linha de Pesquisa em Estudos Culturais em Educação, criada em 1996. Atualmente, essa linha passa por transformações contingenciais que vêm reconfigurando sua presença e atuação pública (cf. Santos, Karnopp e Wortmann, 2024). Em 2002, foi criada uma "subfilial" desses estudos no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil, que permaneceu ativa até o início de 2024, quando foi descontinuada pela instituição.
- 31 Para maiores informações acerca dessa Rede, acessar: <https://riecedu.org/>.
- 32 Vide o Guia brasileiro de produção, manutenção ou utilização de animais em atividades de ensino ou pesquisa científica (Brasil, 2023). Disponível em: https://www.gov.br/mcti/pt-br/composicao/conselhos/concea/arquivos/arquivo/publicacoes-do-concea/guia_concea_ted_animais-_ensino_ou_pesquisa_2023.pdf. Acesso em 6 out. 2024.
- 33 Assim como na revisão bibliográfica realizada por Pedersen (2023), uma rápida busca no Google Acadêmico revelou um conjunto de textos publicados em português, provenientes de diferentes áreas e com enfoques variados (ensino, educação ambiental, bioética ambiental, ética animal, formação de professores, ciência, pedagogia antropocêntrica, métodos alternativos ao uso de animais, especismo, veganismo, entre outros), relativos aos termos de busca "*formação de professores*" and "*respeito aos animais*". Tal resultado evidencia a pertinência de uma análise situada no contexto brasileiro, voltada a mapear e problematizar experiências e abordagens que, no âmbito da formação de professoras/es — expressão que a autora designa como *Higher Education* e que, para os fins deste livro, traduzo mais livremente como "formação de professoras/es" —, ofereçam elementos, ainda que dispersos, para uma crítica ao especismo e ao antropocentrismo presentes tanto nas áreas do conhecimento quanto na própria formação docente. Isso inclui, em particular, professoras/es de Ciências e Biologia que, em geral, formados na esteira das tradições vinculadas às práticas biológicas, pouco discutem o "papel" e o "lugar" dos animais no ensino e na pesquisa (vide Cruz, 2020; Santos e Ripoll, 2025).
- 34 La expresión popular "abrazo de oso hormiguero", generalmente cargada de una connotación negativa en el discurso cotidiano, encuentra una explicación etológica a partir de las investigaciones de la bióloga Flávia Miranda, fundadora del Instituto Tamandú (<https://www.tamandua.org/>). En un reportaje publicado en el portal G1, Miranda aclara que dicho gesto corresponde a un comportamiento típico de defensa [de los osos hormigueros]. Ante una situación de amenaza, [como] el oso hormiguero gigante [o el tamandú mirim] se yergue sobre las patas traseras, permaneciendo erguido y abriendo los miembros anteriores en una posición amplia, de modo que exhibe sus largas y afiladas garras. Se trata de una estrategia de intimidación: el animal no ataca proactivamente, sino que adopta una postura de alerta que, si es respetada por el depredador, tiende a disolverse con su retirada. En caso contrario, lo que se anuncia como un simple gesto defensivo puede culminar en un "abrazo mortal". En palabras de la investigadora: "Ejecuta esta técnica cuando se siente acorralado, para parecer realmente más grande. Ya abre los brazos para poder defenderse de cualquier depredador, al fin y al cabo, es presa de muchos carnívoros y de otros animales". Esta explicación desplaza la carga peyorativa de la expresión corriente, evidenciando que el llamado "abrazo de oso hormiguero" no es señal de falsedad ni de traición, sino una sofisticada respuesta adaptativa de supervivencia ante la vulnerabilidad de la especie. (Aportaciones

SUMÁRIO



mías). Véase <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/terra-da-gente/noticia/2023/10/28/abra-co-de-tamandua-conheca-metodo-utilizado-pela-especie-para-se-proteger.ghtml>. Consultado el 10 nov. 2024.

- 35 El artículo "Araquém Alcântara: fotógrafo celebra um ciclo de 50 anos de carreira e lançará um livro infantil" ["Araquém Alcântara: fotógrafo celebra un ciclo de 50 años de carrera y lanzará un libro infantil"], publicado en el sitio web de la Revista Exame (www.exame.com) el 12 de octubre de 2023, señala que esta fotografía, de un "oso hormiguero ciego saliendo de un bosque incendiado", fue registrada en 2019. En palabras del fotógrafo: "Recuerdo que cuando llegué al lugar, en coche, hice la famosa barrida, fue entonces cuando vi a un animal saliendo del bosque. Con los prismáticos, vi que era un oso hormiguero. Aun sin autorización, crucé la cerca y me acerqué. Al oír mis pasos, se levantó con los brazos abiertos. En ese momento vi una quemadura en su pecho y también vi que estaba ciego. De alguna forma, su movimiento era una súplica de auxilio". Disponible en: https://exame.com/carreira/araquem-alcantara-fotografo-fala-sobre-seu-ciclo-de-50-anos-de-carreira-e-proximos-projetos/?utm_source=copiaecola&utm_medium=compartilhamento. Consultado el 10 nov. 2024.
- 36 De acuerdo con una noticia publicada por CNN Brasil el 2 de septiembre de 2024, bajo el título "Brasil registrou quase 70 mil focos de incêndio em agosto" ["Brasil registró casi 70 mil focos de incendios en agosto"], el país contabilizó, solo en ese mes, 68.635 focos de incendio. La región del Centro-Oeste fue identificada como la más afectada, concentrando, junto con otros dos estados, el 56,46% de todos los registros. Los datos, procedentes del Instituto Nacional de Investigaciones Espaciales (INPE), revelaron un aumento alarmante del 144% en relación con el mismo período de 2023, cuando se habían registrado 28.056 focos. Se trata, por tanto, de uno de los cinco peores índices de la historia desde el inicio del Programa Queimadas, en 1998. El récord negativo sigue siendo el de agosto de 2007, con 91.085 ocurrencias. En el desglose por biomas, las cifras de agosto de 2024 indicaban que la Amazonia concentraba el 55,8% de los focos, seguida por el Cerrado (27,1%), la Mata Atlántica (8,8%), el Pantanal (6,4%), la Caatinga (1,8%) y la Pampa (0,1%). Este panorama no solo dimensiona la gravedad de la situación actual, sino que también pone de relieve la centralidad de los biomas amazónico y del Cerrado como epicentros de destrucción ambiental, evidenciando, al mismo tiempo, la presión creciente sobre ecosistemas históricamente más preservados, como el Pantanal. Véase: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil-registrou-quase-70-mil-focos-de-queimadas-em-agosto/#:~:text=A%20regi%C3%A3o%20Centro%2DOeste%20como,registrou%2028.056%20focos%20de%20inc%C3%AAndio>. Acceso el 08 nov. 2024.
- 37 Existen diversas descripciones biográficas sobre Walmor Corrêa que, en ocasiones, reiteran informaciones ya acompañadas de especificidades relativas a las obras presentadas. Asimismo, hay numerosos trabajos académicos dedicados a la producción del artista, tanto en el campo del arte como en el de la biología. No obstante, se ha optado aquí por la siguiente descripción, elaborada por el propio autor, como forma de presentarlo a quienes aún no lo conocen: "Nací en la ciudad de Florianópolis y mi primer contacto efectivo con el arte tuvo lugar durante las clases de ciencias y biología en la escuela. En el instituto, mis cuadernos de estas asignaturas estaban ampliamente ilustrados con dibujos que realizaba a partir de los contenidos trabajados en el aula. Fue entonces cuando el profesor de ciencias percibió mi interés y me invitó a ayudarlo en las clases de laboratorio, ocasión en la que acompañaba el proceso de disección de animales y, posteriormente, dibujaba la anatomía interna de los especímenes. Fue ese profesor quien me presentó la obra de Leonardo da Vinci y me hizo comprender, por primera vez, el dibujo como manifestación artística. [...] En 1999, viajé a la Amazonia con el propósito de desarrollar un estudio en profundidad de su

SUMÁRIO



- fauna y flora. Al regresar a mi estudio, comencé a cuestionar mis impresiones sobre la naturaleza, la evolución y la ciencia. Fue entonces cuando surgió la serie de trabajos titulada Catalogaciones/ Colecciones, en la que creé pequeñas pinturas de insectos por mí imaginados en cuanto a su morfología, anatomía y nomenclatura. Asimismo, utilicé alfileres reales para fijar las especies en los lienzos, que fueron expuestos en un mueble entomológico confeccionado de acuerdo con la tradición de los Museos de Historia Natural". Véase: <https://www.catalogodasartes.com.br/artista/Walmor%20Corr%EAa%20-%20Walmor%20Correa>. Acceso: 15 nov. 2025. Véase también: CORRÊA, Walmor. Participación en la exposición Apunts sobre la impossibilitat de la imatge del món. Institut d'Estudis Ilerdencs, Lérida (Espanha), 2019. Disponible en: <https://www.walmorcorrea.com.br/2019-quien-sabe-donde>. Acceso en: 15 nov. 2025; y CORRÊA, Walmor. ¿Quién sabe dónde? Exposição individual no Institut d'Estudis Ilerdencs, Lérida – Espanha, 2019. Disponível em: <https://www.walmorcorrea.com.br/2019-quien-sabe-donde>. Acceso en 15 nov. 2025.
- 38 Para acceder a la obra completa, así como a los demás cuadros que componen la serie, véase <https://www.walmorcorrea.com.br/2020-diorama/pintura>. Acceso: 15 nov. 2025.
- 39 Hay una importante discusión académica sobre el uso del fuego, en el sentido de 'dejar que el fuego trabaje por nosotros', la cual se escapa (entre otros innumerables temas) a mi ámbito y, por tanto, escribo aquí desde un discurso cotidiano, no académico. Para mayores discusiones, ver FAGUNDES, Guilherme Moura. Fazer o fogo fazer: manipulações e agenciamentos técnicos na conservação do Jalapão (TO). Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, [S. l.], v. 6, n. 10, p. 16–49, 2019. DOI: 10.21680/2446-5674.2019v6n10ID15640. Disponible en: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/15640>. Acceso el 29 set. 2025.
- 40 Excepto cuando se destaque, todas las traducciones y versiones presentadas aquí en español tienen como base las publicaciones en portugués, ya que, la mayor parte de las veces, no tengo acceso a las publicaciones en español estando en Brasil. Tampoco el recurso de buscar en Google o en ChatGPT provee, en todas las ocasiones, los extractos presentes en las publicaciones hechas en España.
- 41 Ver el texto "¿A dónde va el alma de los animales?" en YOURCENAR, Marguerite. El tiempo, ese gran escultor. Tradução de Emma Calatayud. Ediciones Siruela, 1990.
- 42 Ver el texto O agro não é tech, o agro não é pop e muito menos tudo. Disponible en: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilen/18319-20211027.pdf>. Acceso el 27 sep. 2025. "El agro es popular" ["O agro é pop"] es un eslogan que se difunde de forma extensiva a través de diferentes anuncios en los medios, en Brasil. En otras palabras, la idea es que el "agro" es algo popular, conocido por todos, legal y que "promueve el bien para los brasileños". Por otro lado, la crítica al "agro" reside en su visión de agricultura extensiva, mecanizada, dependiente de semillas modificadas y del uso de agrotóxicos para plantar alimentos para la exportación y que, en muchas ocasiones, sirven para perpetuar la ganadería extensiva, produciendo alimento para el ganado, por ejemplo. Por lo tanto, a diferencia de lo que pregona la propaganda, el "agro" no es pop (popular), no estaría orientado a resolver los problemas relativos a la seguridad alimentaria, ni tampoco a la manutención de la diversidad "cultural de la agricultura" (es decir, las diferentes tradiciones y conocimientos de plantío, cuidado, cosecha y consumo) y de la diversidad de especies vegetales.
- 43 No debe confundirse, en este contexto, la noción de pobreza de la diversidad con un proceso "natural" o regular, que habría acompañado la historia de la vida en la Tierra "desde siempre". Lo que está en juego aquí es un tipo específico de pobreza, marcado por la aceleración contemporánea provocada por la acción humana. En otras palabras, no se trata de negar que los cambios climáticos, los procesos de extinción masiva o los desastres naturales de gran magnitud hayan ocurrido en el pasado —de

SUMARIO

- hecho, forman parte de la historia geológica y biológica del planeta—. El punto central, sin embargo, es que, al hablar de “pobreza” (en sus múltiples órdenes y dimensiones), busco enfatizar la capacidad singular de la especie humana para intensificar y precipitar tales procesos más allá de sus fuerzas o ritmos naturales. Dicha aceleración no ocurre por azar, sino que resulta de elecciones colectivas e institucionales, sobre todo de orden económico, vinculadas a modelos de explotación, extracción y consumo que colonizan el tiempo y la vida de forma irreversible.
- 44 Véase la página de inicio del CAE-UPF, disponible en <https://www.upf.edu/web/cae-center-for-animal-ethics/welcome>. Y fue con el propósito de promover un enfoque ético no especista en la academia, la política, los medios de comunicación y la opinión pública que una de las primeras acciones del Centro fue la producción y difusión de “... una guía práctica para comunicadores con recomendaciones sobre el tipo de cobertura y el lenguaje que deberían utilizar los periodistas en su trabajo para no perpetuar la perspectiva antropocéntrica del planeta”. Disponible en: <https://www.lavanguardia.com/vida/20151219/30905088554/nace-primer-think-tank-etica-animal-espana.html>. Acceso el 19 de sep. 2024.
- 45 Véase el artículo 13 del Tratado de Lisboa, que contiene las versiones consolidadas del Tratado de la Unión Europea y del Tratado constitutivo de la Comunidad Europea, disponible en: https://www.parlamento.pt/europa/Documents/Tratado_Versao_Consolidada.pdf. Acceso el 19 de sep. 2024.
- 46 Véase el artículo El bienestar de los animales como seres sensibles-sintientes: su valor como principio general de derecho en España, disponible en: <https://www.abogacia.es/publicaciones/blogs/blog-de-derecho-de-los-animales/el-bienestar-de-los-animales-como-seres-sensibles-sintientes-su-valor-como-principio-general-de-derecho-en-espana/>. Acceso el 19 de sep. 2024.
- 47 Véase la noticia Nace el primer ‘think tank’ en ética animal de España, disponible en: <https://www.lavanguardia.com/vida/20151219/30905088554/nace-primer-think-tank-etica-animal-espana.html>. Acceso el 19 de sep. 2024.
- 48 Véase *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*, libro en el cual Donna Haraway, una vez más, critica la figura de Adán (como El Hombre) como aquel que, en nombre de Dios, nombra las “cosas del mundo”.
- 49 Se trata de las intenciones de investigación vinculadas al proyecto Educación no especista: giro no humano y ética animal, centrado en el análisis del creciente número de publicaciones —tanto científicas como de divulgación— que rerepresentan las plantas, los hongos, así como los animales de diferentes grupos, como efecto de un “giro” (cf. Cord 2022a, 2022b, 2022c; Restrepo, 2013; Ponce de León, 2023) en la comprensión de presupuestos antes considerados consolidados o, incluso, como expresión de una revalorización de determinados grupos de seres vivos.
- 50 Emplearé de manera intercambiable “Critical Animal Studies” y “Estudios Críticos Animales”.
- 51 Tal vez sea innecesario recordar que no se trata de una sola “crisis”, sino de un conjunto de ellas, en diferentes niveles (globales y locales) y en distintos contextos, de manera articulada. Sin embargo, algunas de estas crisis, como la “climática”, se mencionan en singular precisamente porque su alcance y sus consecuencias afectan a todos —aunque de formas distintas, pues una de las cuestiones en debate se refiere a los efectos sobre las poblaciones más pobres y periféricas, que sufren más que las más ricas y centrales, generalmente las causantes y propulsores de dicha crisis (para ampliar la discusión, especialmente desde un punto de vista decolonial, véase Ferdinand, 2022).



SUMÁRIO

- 52 La datificación es el proceso sistemático de extraer y organizar datos dispersos y aparentemente irrelevantes, característico del big data, que pone de manifiesto cómo y por qué la recopilación y clasificación de informaciones procedentes de las más diversas situaciones —incluso aquellas que, a primera vista, parecen inútiles o carentes de valor— constituyen una forma de conducción de la conducta de los usuarios (véase Couldry, 2022).
- 53 Se trata del libro Especismo y lenguaje (2024; véase Ref. Biblio.).
- 54 Una de las "filiales" (siguiendo la provocación de Mattelart y Neveu, 2004) de los Estudios Culturales se consolidó en Estados Unidos, teniendo como principales representantes a Henry Giroux, Peter McLaren, Michael Apple, Douglas Kellner y Lawrence Grossberg. En líneas generales, pueden considerarse parte de una tercera generación de practicantes de los Estudios Culturales, ya que, más allá de los "padres fundadores" de Birmingham en los años sesenta (Richard Hoggart, Raymond Williams y Stuart Hall), Mattelart y Neveu (2004, p. 57) identifican una segunda generación formada por nombres como Angela McRobbie, David Morley, Paul Willis y Paul Gilroy, entre otros. Los autores asociados a esta tercera generación ejercieron influencia en Brasil, sobre todo a partir de comienzos de la década de 1990, por medio de traducciones y de las actividades promovidas inicialmente por Tomaz Tadeu da Silva en la Facultad de Educación de la Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), así como en las acciones de la Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre [Consorcio de Educación de Porto Alegre], que organizó los Seminarios Internacionales de Educación. Fue en este contexto donde comenzaron a delinearse las condiciones de posibilidad para la constitución de una "nueva filial" de los Estudios Culturales en Brasil: la Línea de Investigación en Estudios Culturales en Educación, creada en 1996. Actualmente, dicha línea atraviesa transformaciones contingentes que vienen reconfigurando su presencia y actuación pública (cf. Santos, Karnopp y Wortmann, 2024). En 2002, se creó una "subfilial" de estos estudios en el Programa de Posgrado en Educación de la Universidade Luterana de Brasil, que permaneció activa hasta comienzos de 2024, cuando fue discontinuada por la institución.
- 55 Para más información sobre esta Red, acceder a: <https://riecedu.org/>.
- 56 Véase la Guia brasileiro de produção, manutenção ou utilização de animais em atividades de ensino ou pesquisa científica (Brasil, 2023). Disponible en: https://www.gov.br/mcti/pt-br/composicao/conselhos/concea/arquivos/arquivo/publicacoes-do-concea/guia_concea_1ed_animais_ensino_ou_pesquisa_2023.pdf. Acceso el 6 oct. 2024.
- 57 Al igual que en la revisión bibliográfica realizada por Pedersen (2023), una rápida búsqueda en Google Académico reveló un conjunto de textos publicados en portugués (y algo similar debe ocurrir en castellano), provenientes de diferentes áreas y con enfoques variados (enseñanza, educación ambiental, bioética ambiental, ética animal, formación de profesorado, sensibilidad animal, pedagogía antropocéntrica, métodos alternativos al uso de animales, especismo, veganismo, entre otros), relacionados con los términos de búsqueda "formación de profesorado" y "respeto a los animales". Este resultado evidencia la pertinencia de un análisis situado en el contexto brasileño/castellano, orientado a mapear y problematizar experiencias y enfoques que, en el ámbito de la formación permanente del profesorado, ofrezcan elementos, aunque dispersos, para una crítica al especismo y al antropocentrismo presentes tanto en las áreas del conocimiento como en la propia formación docente. Esto incluye, en particular, a profesoras/es de Ciencias y Biología que, en general (al menos en Brasil), formados siguiendo las tradiciones vinculadas a las prácticas biológicas, discuten poco el "papel" y el "lugar" de los animales en la enseñanza y en la investigación (véase Cruz, 2020; Santos y Ripoll, 2025).

SUMÁRIO

- 58 Carol J. Adams, *The Sexual Politics of Meat* (Nueva York: Bloomsbury, 2001); Joan Dunayer, *Animal Equality. Language and Liberation* (Derwood: Rice, 2001); Arran Stibbe, "Language, Power and the Social Construction of Animals" en *Animals and Society* 9(2): 145–161 (2001); Carrie P. Freeman, "This Little Piggy Went to Press: The American News Media's Construction of Animals in Agriculture," *The Communication Review* 12, no. 1 (2009): 78–103.
- 59 Vide, por exemplo www.animalsandmedia.org ou as recomendações do CAE-UPF <https://www.upf.edu/web/cae-center-for-animal-ethics/recommendations>. Acesso em 15 out. 2024.
- 60 Núria Almiron, Matthew Cole y Carrie P. Freeman. *Critical Animal and Media Studies. Communication for Nonhuman Animal Advocacy* (Nueva York: Routledge, 2016).
- 61 *Animal Ethics Review* (<https://www.upf.edu/web/cae-center-for-animal-ethics/animal-ethics-review>). Para un resumen de los logros de la primera década de vida del centro ver <https://www.upf.edu/web/cae-center-for-animal-ethics/10th-anniversary>. Ver los informes anuales del centro para más información: <https://www.upf.edu/web/cae-center-for-animal-ethics/annual-reports>.
- 62 Núria Almiron, "Alimentación y calentamiento global: 'La larga sombra del ganado' en la prensa española", *Estudios sobre el mensaje periodístico* 19(1): 17-33. (2013).
- 63 O entrevistador menciona, neste ponto, a empresa brasileira JBS, envolvida na produção de carne de laboratório na Espanha. Os artigos a seguir fazem referência a um acordo entre a Espanha e a gigante brasileira JBS para a produção de carne de laboratório: La mayor fábrica de carne cultivada en laboratorio del mundo estará en España: esta es la ciudad donde se construye, disponible en: https://www.abc.es/sociedad/mayor-fabrica-carne-cultivada-mundo-espana-20230707200427-nt_amp.html; ¿Se vende carne artificial en los supermercados españoles? Esto es lo que debes saber de la carne de laboratorio, disponible en: <https://www.eleconomista.es/retail-consumo/amp/1240219/se-vende-carne-artificial-en-los-supermercados-espanoles-esto-es-lo-que-debes-saber-de-la-carne-de-laboratorio>; y Dentro del primer laboratorio que elabora carne cultivada en España: "No es ciencia ficción, ya la estamos fabricando", disponible en: <https://elpais.com/clima-y-medio-ambiente/2023-10-22/dentro-del-primer-laboratorio-que-elabora-carne-cultivada-en-espana-no-es-ciencia-ficcion-ya-la-estamos-fabricando.html?outputType=amp>. Acesso em 15 nov. 2024.
- 64 *Woke* designa, originalmente, consciência crítica contra injustiças sociais; em usos recentes, é também empregado pejorativamente para indicar suposto "excesso de politicamente correto".
- 65 Jason Hribal, *Miedo al planeta animal: la historia oculta de la resistencia animal* (Oakland: AK Press, 2010); Jason Hribal, *Los animales son parte de la clase trabajadora y otros ensayos* (Madrid: Ochodocuatro, 2014).
- 66 Além de Hribal, sugere-se a leitura de *Insurrección animal*, de Sarat Colling (Madri: Errata Naturae, 2024) — histórias extraordinárias de rebelião e resistência dos animais na era do capitalismo global. O entrevistador também sugere o livro *La voz de los animales*, de Pilar Badía e Diego J. Hernández (Barcelona: Diversa Ediciones, 2021).
- 67 Na introdução de seu livro, Colling (2024) afirma: "Uma vaca e um bezerro fogem de uma granja, atravessam a nado uma lagoa, cruzam uma floresta e saltam a cerca alta que separa o pasto de um santuário animal. Uma vez ali, escondem-se no meio de uma manada de cavalos. Quatro babuínos escapam de um centro de pesquisa biomédica. Para isso, colocam um barril de duzentos litros na posição vertical, sobem nele e saltam os muros do recinto onde estão confinados. Uma galinha que havia sido vendida para se transformar em comida rápida foge voando por cima de uma cerca de arame e percorre quase cinco quilômetros em dois meses para se reencontrar com seu melhor amigo, um galo chamado Horst" (p. 9).

SUMÁRIO

- 68 Núria Almiron y Catia Faria, "Climate change impacts on free-living nonhuman animals. Challenges for media and communication ethics", en *Studies in media and communications* 7(1): 37-48 (2019).
- 69 Vide, por exemplo, o livro *Animal ethics in the wild: suffering and intervention in nature*, de Catia Faria (2023).
- 70 Natalie Khazaal y Núria Almiron (eds.), *Like an animal. Critical Animal Studies approaches to borders, displacement, and othering* (Leiden: Brill Rodopi, 2021).
- 71 Stuart Hall, "El espectáculo del otro" en *Sin garantías: trayectorias y problemáticas en estudios culturales*. (Ecuador: Corporación Editorial Nacional, 2013), pp.431-457.
- 72 Alasdair Cochrane, *Sentientist Politics. A theory of global inter-species justice* (Oxford: Oxford University Press, 2018).
- 73 No livro *Especismo y lenguaje* (Plaza y Valdés, 2024), organizado por Catia Faria e Núria Almiron, são exploradas diversas questões relativas à linguagem especista, a partir de diferentes autoras e autores. As editoras caracterizam a linguagem especista como "o uso de uma terminologia que tende a degradar, ignorar ou estereotipar animais de determinadas espécies", o que reforça a crença subjacente de que algumas espécies são inferiores a outras, justificando, assim, um tratamento desigual ou mesmo violento. Em outras palavras, situam a linguagem especista no interior das relações de poder entre espécies. Faria e Almiron também afirmam que "o especismo é uma forma de discriminação que consiste na consideração ou no tratamento desvantajoso injustificado de certos indivíduos por não pertencerem a uma determinada espécie ou por não possuírem determinados atributos supostamente específicos dessa espécie" (p. 12). Em suma, analisam a relação entre animais humanos e não humanos, destacando que a espécie que fala, degrada, ignora e discrimina não é outra senão a nossa. Se é verdade que as dinâmicas de discriminação, assimetria binária e hierarquização exploradas no livro já foram abordadas em outros campos, como os estudos feministas, os estudos queer, os estudos críticos do capacitismo ou o direito, esta obra articula tais questões com o especismo. Temas como o capitalismo, o patriarcado, o racismo, a gordofobia, a ideologia, a indústria alimentícia, a experimentação com animais, o entretenimento com animais, a natureza, a gestão ambiental e as modas populares são discutidos a partir da perspectiva do especismo. Esse enfoque permite cruzar e relacionar o especismo com outras formas de opressão já reconhecidas em diferentes contextos, inclusive no acadêmico.
- 74 ADAMS, Carol J. *The sexual politics of meat: a feminist-vegetarian critical theory*. New York: Bloomsbury, 2001. DUNAYER, Joan. *Animal equality: language and liberation*. Derwood: Ryce Publishing, 2001. STIBBE, Arran. *Language, power and the social construction of animals*. *Society & Animals*, v. 9, n. 2, p. 145-161, 2001. FREEMAN, Carrie P. *This little piggy went to press: the American news media's construction of animals in agriculture*. *The Communication Review*, v. 12, n. 1, p. 78-103, 2009.
- 75 ALMIRÓN, Núria. *Beyond anthropocentrism: critical animal studies and the political economy of communication*. *Political Economy of Communication*, v. 4, n. 2, p. 54-72, 2016. En este texto, Almirón comienza con una cita de Vincent Mosco y sostiene que los economistas políticos de la comunicación deben afrontar todos los desafíos morales de nuestro tiempo, en particular aquellos que implican relaciones de poder en las que la comunicación y la cultura desempeñan un papel, con independencia de la especie que sufra las consecuencias. La autora señala así el sesgo dominante en las ciencias sociales y humanas: la centralidad otorgada a los animales humanos y la consiguiente racionalidad profundamente antropocéntrica en términos de significados, valores, conocimiento y acción.

SUMARIO



- 76 Veáse por ejemplo www.animalsandmedia.org o las recomendaciones del Centro de Ética Animal de la UPF <https://www.upf.edu/web/cae-center-for-animal-ethics/recommendations>. Acceso el 15 nov. 2025.
- 77 Núria Almiron, Matthew Cole y Carrie P. Freeman. *Critical Animal and Media Studies. Communication for Nonhuman Animal Advocacy* (Nueva York: Routledge, 2016).
- 78 Animal Ethics Review (<https://www.upf.edu/web/cae-center-for-animal-ethics/animal-ethics-review>). Para un resumen de los logros de la primera década de vida del centro ver <https://www.upf.edu/web/cae-center-for-animal-ethics/10th-anniversary>. Ver los informes anuales del centro para más información: <https://www.upf.edu/web/cae-center-for-animal-ethics/annual-reports>.
- 79 Núria Almiron, "Alimentación y calentamiento global: 'La larga sombra del ganado' en la prensa española", *Estudios sobre el mensaje periodístico* 19(1): 17-33. (2013).
- 80 El entrevistador menciona en este punto a la empresa brasileña JBS, involucrada en la producción de carne de laboratorio en España. Los siguientes artículos hacen referencia a un acuerdo entre España y la gigante brasileña JBS para a producción de carne en laboratorio: La mayor fábrica de carne cultivada en laboratorio del mundo estará en España: esta es la ciudad donde se construye, disponible en: https://www.abc.es/sociedad/mayor-fabrica-carne-cultivada-mundo-espana-20230707200427-nt_amp.html; ¿Se vende carne artificial en los supermercados españoles? Esto es lo que debes saber de la carne de laboratorio, disponible en: <https://www.eleconomista.es/retail-consumo/amp/12402191/se-vende-carne-artificial-en-los-supermercados-espanoles-esto-es-lo-que-debes-saber-de-la-carne-de-laboratorio>; y Dentro del primer laboratorio que elabora carne cultivada en España: "No es ciencia ficción, ya la estamos fabricando", disponible en: <https://elpais.com/clima-y-medio-ambiente/2023-10-22/dentro-del-primer-laboratorio-que-elabora-carne-cultivada-en-espana-no-es-ciencia-ficcion-ya-la-estamos-fabricando.html?outputType=amp>. Acceso el 15 nov. 2024.
- 81 Jason Hribal, *Miedo Al Planeta Animal: La Historia Oculta De La Resistencia Animal* (Oakland: AK Press, 2010); Jason Hribal, *Los animales son parte de la clase trabajadora y otros ensayos* (Madrid: Ochodocuatro, 2014).
- 82 Además de Hribal, se sugiere la lectura de Sarat Colling *Insurrección animal* (Madrid: Errata Naturae, 2024)– historias extraordinarias de rebelión y resistencia de los animales en la era del capitalismo global. El entrevistador también sugiere se el libro *La voz de los animales*, de Pilar Badía y Diego J. Hernández (Barcelona: Diversa Ediciones, 2021).
- 83 En la introducción de su libro, Colling (2024) afirma: "Una vaca y un ternero huyen de una granja, cruzan a nado una charca, atraviesan un bosque y saltan la elevada cerca que separa el prado de un santuario animal. Una vez allí, se esconden entre una manada de caballos. Cuatro babuinos se escapan de un centro de investigación biomédica. Para conseguirlo, colocan en posición vertical un barril de doscientos litros, se suben a él y saltan los muros del recinto donde están encerrados. Una gallina a la que habían vendido para convertirla en comida rápida se fuga volando por encima de una alambrada y recorre casi cinco kilómetros en dos meses para reunirse con su mejor amigo, un gallo llamado Horst" (p.9).
- 84 Núria Almiron y Catia Faria, "Climate Change Impacts on Free-Living Nonhuman Animals. Challenges for Media and Communication Ethics", en *Studies in media and communications* 7(1): 37-48 (2019).
- 85 Natalie Khazaal y Núria Almiron (eds.), *Like an animal. Critical Animal Studies approaches to borders, displacement, and othering* (Leiden: Brill Rodopi, 2021).

SUMÁRIO

- 86 Stuart Hall, "El espectáculo del otro" en Sin garantías: trayectorias y problemáticas en estudios culturales. (Ecuador: Corporación Editorial Nacional, 2013), pp.431-457.
- 87 Alasdair Cochrane, *Sentientist Politics. A Theory of Global Inter-Species Justice* (Oxford: Oxford University Press, 2018).
- 88 En el libro *Especismo y lenguaje* (Plaza y Valdés, 2024), editado por Catia Faria y Núria Almiron, se exploran numerosas cuestiones relativas al lenguaje especista a partir de diferentes autores. Las editoras caracterizan el lenguaje especista como "el uso de una terminología que tiende a degradar, ignorar o estereotipar a animales de determinadas especies", lo que refuerza la creencia subyacente de que algunas especies son inferiores a otras, justificando así un trato desigual o incluso violento. En otras palabras, sitúan el lenguaje especista dentro de las relaciones de poder entre especies. Faria y Almiron también afirman que "el especismo es una forma de discriminación que consiste en la consideración o el trato desventajoso injustificado de ciertos individuos por no pertenecer a una determinada especie o por no poseer determinados atributos supuestamente específicos de esa especie" (p.12). En definitiva, analizan la relación entre animales humanos y no humanos, destacando que esta especie que habla, degrada, ignora y discrimina no es otra que la nuestra. Si bien las dinámicas de discriminación, asimetría binaria y jerarquización exploradas en el libro ya han sido abordadas en otras áreas como los estudios feministas, los estudios queer, los estudios críticos del capacitismo o el derecho, el libro articula estas cuestiones con el especismo. Temas como el capitalismo, el patriarcado, el racismo, la gordofobia, la ideología, la industria alimentaria, la experimentación con animales, el entretenimiento con animales, la naturaleza, la gestión ambiental y las modas populares son abordados desde la perspectiva del especismo. Este enfoque permite cruzar y relacionar el especismo con otras formas de opresión ya reconocidas en diferentes contextos, incluido el académico.
- 89 Entrevista realizada em 11 de novembro de 2024, das 15h às 16h30, nas dependências da Escola de Direito da Universitat Pompeu Fabra (UPF), Barcelona.
- 90 Vide <https://www.animal-ethics.org/es/>. Acesso em 12 dez. 2025.
- 91 Vide: Pessoas não humanas: Sandra, Cecília e a emergência de novas formas de existência jurídica <https://www.scielo.br/j/mana/a/PKyKgYh7VHvfJthKx68zqnL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 12 out. 2024.
- 92 Não me lembro se foi Mia Couto quem diz, em seu livro *A confissão da leoa*, se foi no livro *O animal que logo sou*, de Jacques Derrida, mas criei uma *imagem* associada à leitura de um ou de outro — ou de ambos — que remete à ideia de que nós, enquanto animais humanos, em sua maioria, já não estamos sob o olhar de um predador, vistos como uma presa a ser devorada.
- 93 Ver Faria (2023), caso da vacinação dos chimpanzés por Jane Goodall.
- 94 O autor discorre sobre isso em Anthis y Paez (2021), onde eles dizem que "their Interspecies Model of Prejudice proposes that hierarchical beliefs towards animals correlate with greater hostility towards human outgroups. These beliefs operate by systematically reinforcing the negative connotation of animal dehumanization and highlighting those attributes which are perceived as making these humans more similar to nonhuman animals" (p.5).
- 95 Vide Aranceta-Reboredo (2022) no texto What About the Animals? A Case Study Comparison Between China's Panda Diplomacy and Australia's Koala Diplomacy. Quando Anthis y Paez (2021) discutem a expansão do círculo moral, também recuperam esta discussão sobre a valorização de algumas espécies em detrimento de outras, ao dizerem que "many contemporary humans care

SUMÁRIO

- about wild animals to an extent, particularly charismatic megafauna such as pandas, elephants, and blue whales. However, the masses of wild animals, beyond those individuals, are seldom viewed as more than a natural resource, whether that is a beauty to be preserved or a tool for human benefit. The wellbeing of these animals, especially the suffering they endure from illness, starvation, and other natural causes, is rarely considered an ethical issue. Indeed, several authors believe that it is likely that suffering predominates in their lives because of these natural causes" (Anthis y Paez, 2021, p.6).
- 96 Políticas públicas de manejo e control que, como disse Faria (2023), variam de uma comunidade autônoma para outra, no caso da Espanha, e que, portanto, variam também de acordo com os interesses e prescindem de um fundamento científico que deveria apoiá-los.
- 97 O entrevistador faz alusão ao roteiro de entrevistas destinado à entrevista com Cátia Faria, a ser realizada.
- 98 Entrevista hecha en 11 nov. 2024, 15h-16h30, en las dependencias de la Escuela de Derecho de la UFP, Barcelona.
- 99 Véase el sitio en <https://www.animal-ethics.org/resumen-de-las-actividades-de-etica-animal-en-2023/>. Acceso el 18 dec. 2024.
- 100 Véase: Pessoas não humanas: Sandra, Cecília e a emergência de novas formas de existência jurídica <https://www.scielo.br/j/mana/a/PKyKgYh7VHvfjthKx68zqnL/?format=pdf&lang=pt>. Acceso el 12 oct. 2024.
- 101 No recuerdo si fue Mia Couto que dice, en su libro "La confesión de la leona", se fue en el libro "El Animal Que Luego Estoy Si(gui)endo", de Jacques Derrida, pero críe una 'imagine' asociada a la lectura de un o de otro, o de los dos, que remite a la idea de que nosotros, como animales humanos, en su mayoría, no estamos más bajo la mira de un depredador, mirados como una presa a ser devorada.
- 102 El autor discurre sobre esto en Anthis y Paez (2021), donde los autores dicen que "their Interspecies Model of Prejudice proposes that hierarchical beliefs towards animals correlate with greater hostility towards human outgroups. These beliefs operate by systematically reinforcing the negative connotation of animal dehumanization and highlighting those attributes which are perceived as making these humans more similar to nonhuman animals" (p.5).
- 103 Véase Aranceta-Reboredo (2022) en el texto What About the Animals? A Case Study Comparison Between China's Panda Diplomacy and Australia's Koala Diplomacy. Cuando Anthis y Paez (2021) discuten la expansión del círculo moral, también recuperan esta discusión sobre la valoración de algunas especies en detrimento de otras, cuando dicen que "many contemporary humans care about wild animals to an extent, particularly charismatic megafauna such as pandas, elephants, and blue whales. However, the masses of wild animals, beyond those individuals, are seldom viewed as more than a natural resource, whether that is a beauty to be preserved or a tool for human benefit. The wellbeing of these animals, especially the suffering they endure from illness, starvation, and other natural causes, is rarely considered an ethical issue. Indeed, several authors believe that it is likely that suffering predominates in their lives because of these natural causes" (Anthis Y Paez, 2021, p.6).
- 104 Políticas públicas de manejo y control que, como dice (Faria, 2023), varían de una comunidad autónoma a otra, en el caso de España, y que, por lo tanto, varían también de acordó con los intereses y prescinden de un fundamento científico que debería apoyarlos. – ¡o bien se admite que

SUMÁRIO



hay diferentes paradigmas en la ciencia! Como efecto de tal arbitrariedad, dices que incluso "... ser un animal silvestre depende de su relación de explotación con los cazadores" – véase Faria (2023, p.167) en el libro *Animal ethics in the wild*.

- 105 A imagem e os dados académicos foram retirados da página do Center for Animal Ethics (CAE), da Universidade Pompeu Fabra (UPF), Barcelona/Espanha. Disponível em: https://www.upf.edu/web/cae-center-for-animal-ethics/advisory-board/-/asset_publisher/T3Vs2wXtXRY5/content/aranceta-reboredo-olatz/maximized. Acesso em 20 oct. 2024. A entrevista com Olatz foi realizada no Departamento de Comunicação, da Universidade Pompeu-Fabra, em Barcelona/Espanha, em 22 de novembro de 2024.
- 106 Língua falada no País Vasco.
- 107 Na página do Projeto Grandes Primatas encontra-se uma apresentação desta peça de teatro: "É uma comédia que tem feito muito sucesso em suas apresentações fora de Madri e que defende a proteção do meio ambiente, a paz, a sensibilidade em relação ao bem-estar de todas as criaturas, o pensamento crítico e a educação moral dos mais jovens. No Tribunal Supremo de nossa Mãe Terra, ocorre um julgamento extraordinário e sem precedentes contra toda uma espécie: a espécie humana. É uma obra que faz você refletir e incorpora a preocupação crescente da sociedade com a mudança de paradigma que está acontecendo na defesa dos animais (...)". Disponível em: <https://www.projetogap.org/es/noticia/juicio-a-los-humanos-una-obra-de-teatro-donde-los-animales-juzgan-a-los-humanos/>. Acesso em 5 set. 2025.
- 108 Trata-se do texto *And What About the Animals? A Case Study Comparison Between China's Panda Diplomacy and Australia's Koala Diplomacy* (Aranceta-Reboredo, 2022), no qual a autora apresenta o panda (*Ailuropoda melanoleuca*) e o coala (*Phascolarctos cinereus*) como objetos diplomáticos (embora, como ela diga, alguns académicos da diplomacia os nomeiem como sujeitos) cujas vidas reais geralmente não são consideradas em relação "ao serviço que exercem" como animais diplomáticos que, desde suas imagens como animais ternos e belos, ferramentas de poder (simbólico) suaves (e endêmicos da China e da Austrália), representam poderosamente os seus países. Ou seja, como objetos-sujeitos políticos que servem aos diferentes interesses (ecológicos, científicos, econômicos, de marketing etc.) desses países, e, como diz a autora, muitas vezes, quando transformados literalmente em presentes diplomáticos e em refugiados, uma vez que estão distantes de seus contextos ambientais e de suas comunidades, pois passam a habitar zoológicos ou outras instituições similares al redor do mundo. Adiante, a autora também apresenta, desde Aslaidair Cochrane (no livro *Sentientist politics: a theory of global inter-species justice*, 2018), a compreensão de que os animais não humanos participam de uma ética interespecies, como sujeitos detentores de direitos e valores intrínsecos e que são envolvidos ('sem o seu consentimento', podemos dizer, ou contra os seus próprios interesses) em uma diplomacia que usa animais não humanos ou baseada nos animais (p.81). Em relação ao fato de serem considerados como "presentes diplomáticos", a matéria China retoma acordos que aliam diplomacia à conservação dos pandas, por exemplo, refere que "É tradição antiga. Há mais de 1000 anos, a China presenteia países amigos com seu animal-símbolo e tesouro nacional, o panda-gigante. (...) Como sinal de boa vontade, Mao Tsé-tung enviou os brincalhões alvinegros Hsing-Hsing e Ling-Ling para Zoológico Nacional, em Washington, depois da visita histórica do presidente Richard Nixon ao país, em fevereiro de 1972. Uma década mais tarde, contudo, acabou a festa da gratuidade. Os bichos passaram a ser 'alugados' por valores que variavam entre 500 000 dólares e 1 milhão de dólares anuais". (...) "Os pandas têm sido enviados para destinos que acompanham relevantes contratos comerciais, iniciativas diplomáticas e declarações favoráveis sobre questões de interesse nacional chinês envolvendo territórios ou regiões em disputa", diz Alana Camoça, professora do Departamento de

SUMÁRIO



- Relações Internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)". (...) "A diplomacia do panda fortalece o compromisso da política externa chinesa de promover uma imagem positiva do país globalmente, buscando superar narrativas como as do 'perigo amarelo' ou 'ameaça chinesa'", resume a professora Camoça". Véase: <https://veja.abril.com.br/agenda-verde/china-retoma-acordos-que-aliam-diplomacia-a-conservacao-dos-pandas>. Acesso em 25 out. 2024.
- 109 Macarena Montes também é membro do CAE e vem contribuindo nos processos de reconhecimento da categoria de pessoa não-humana no que se refere aos animais não humanos, incluindo uso de habeas corpus. Vide: <https://scholar.google.es/citations?hl=es&user=nGtIIQAAAAJ> <https://harvardlawschool.academia.edu/MacarenaMontesFranceschini>. Acesso em 18 set. 2025.
- 110 Olatz destaca que aprendeu esta relação com o campo do direito por ter acompanhado tanto o doutorado quanto o trabalho com animais em cativeiro desenvolvido por Macarena Montes, além do projeto que resultou no documentário Persona [no] Humana, de 2022. Vide: <https://dacsproduccions.com/video/persona-no-humana-2022/>, acesso em 18 de set. 2025.
- 111 No contexto brasileiro, ver Bevilaqua (2019).
- 112 Sobre as vozes animais, ver Colling (2024) e Badia e Hernández (2024).
- 113 Trata-se do filme com Clark Gable e Claudette Colbert, no Brasil traduzido como Aconteceu naquela noite. Pelo que consta, Clark Gable aparecia comendo cenoura descontraidamente em uma cena deste filme, o que levou os produtores do desenho a incorporarem este "hábito" ao Pernalonga.
- 114 Vide "Tilikun: a baleia que se rebelou", disponível em: <https://whalesanctuaryproject.org/whales/tilikum-the-whale-who-rebelled/>. Para uma leitura crítica desde os Critical Animal Studies, ver, por exemplo, o seguinte artigo "De la psicopatología a la solidaridad interespecie: una lectura anticuierdista de las narrativas en torno a Tilikum y Tahlequah", disponível em: <https://revistaleca.org/index.php/leca/article/view/523>. Acesso em 20 ago. 2025.
- 115 Vide Tyke Elephant Outlaw. Disponível em: <http://tykeelephantoutlaw.com/>. Acesso em 20 de ago. 2025.
- 116 Uno de los libros más conocidos sobre el tema es <https://msupress.org/9781611863772/animal-resistance-in-the-global-capitalist-era/#::~:~:text=Description,whom%20we%20share%20this%20planet>.
- 117 O entrevistador faz alusão ao Zoológico de Barcelona (<https://barcelona-zoo.com/>), no qual se encontram em exposição inúmeros chimpanzés e gorilas, alguns poucos orangotangos, dentre outros primatas. Em especial, vide informações sobre os chimpanzés e os gorilas, disponíveis em: <https://zoobarcelona.cat/en/animals/chimpanzee> e <https://www.rtve.es/television/20221218/copito-nieve-zoo-barcelona-jordi-sabater-pi-muerte/2411598.shtml>. Acesso em 5 ago. 2025.
- 118 Paula Casal é codiretora e uma das integrantes do Centre for Animal Ethics da Universidade Pompeu Fabra. Para maiores informações, vide: https://www.upf.edu/es/web/cae-center-for-animal-ethics/advisory-board/-/asset_publisher/oCrR1XKPi9Ms/content/casal-paula/maximized. Acesso em 5 ago. 2025.
- 119 Vide o site da Fundação no seguinte link: <https://rainfer.org/>. Acesso em 15 de jul. 2025.
- 120 Vide o site da Fundação no seguinte link: <https://fundaciomona.org/en/>. Acesso em 15 jul. 2025.
- 121 Júlia Castellano, assim como Olatz, desenvolvia sua pesquisa de doutorado durante o período em que esta entrevista foi realizada, em novembro de 2024. Para maiores informações, consultar: https://www.upf.edu/es/web/cae-center-for-animal-ethics/advisory-board/-/asset_publisher/T3Vs2wXtXRY5/content/castellano-llordella-julia/maximized. Acesso em 20 jul. 2025.

SUMÁRIO

- 122 "Aula Animal é um projeto educativo que desenvolve iniciativas e propostas pedagógicas voltadas à promoção do respeito aos animais desde a infância e ao longo da adolescência, reconhecendo a escola como um espaço fundamental para o desenvolvimento do pensamento crítico", maiores informações em <https://www.aulaanimal.com/el-proyecto>. Acesso em 5 set. 2025.
- 123 Ética Animal é uma fundação espanhola, que mantém um site (<https://www.animal-ethics.org/es/>), um canal no Youtube (<https://www.youtube.com/eticaanimal>), uma conta no Facebook (<https://www.facebook.com/EticaAnimal>), no Tik Tok (<https://www.tiktok.com/@eticaanimal>) e no Instagram (<https://www.instagram.com/etica.animal/#>) com diversas informações envolvendo a produção e a disseminação do conhecimento, bem como de ações que visem a proteção dos animais. Temas como ética, veganismo, sofrimento animal, senciência, vida dos animais no ambiente selvagem, entre outros, são apresentados tanto em linguagem acessível para os cidadãos quanto em linguagem mais acadêmica a partir do informações apresentadas em uma aba que apresenta diferentes indicações bibliográficas (<https://www.animal-ethics.org/listas-bibliograficas/>).
- 124 Olatz refere-se ao texto de Tema Milstein (2011): Nature Identification: The Power of Pointing and Naming, Environmental Communication: A Journal of Nature and Culture, 5:1, 3-24 <http://dx.doi.org/10.1080/17524032.2010.535836>
- 125 Na revisão, Olatz acrescentou que há cada vez mais alternativas, incluindo ONGs abolicionistas que, por estratégia, tornaram-se organizações que estabelecem padrões de bem-estar para espécies que antes não os tinham (por exemplo, Observatorio del Bienestar Animal, España - <https://observatoriodebienestaranimal.org/>).
- 126 Veja-se, por exemplo, quando você afirma que aos "animais não humanos é negada a possibilidade de se representarem a si mesmos ou a seus próprios interesses, tanto pelos produtores de mídia quanto pelos pesquisadores" (meus destaques, p. 24).
- 127 Nos Estudos Culturais, as pedagogias culturais "são todas aquelas instâncias em que o poder se organiza e se exerce, tais como nas diferentes mídias, nos espaços expositivos e a partir de determinados artefatos" (ver Steinberg & Kincheloe, 2004): filmes; documentários; diferentes artefatos de divulgação científica; museus; viagens; plataformas digitais como Facebook, Instagram etc., para além da escolarização formal. Ou seja, aprende-se muito (sobre a natureza, os animais etc.) fora dos espaços escolares formais.
- 128 A entrevistada faz menção ao livro *Evolution's Rainbow – Diversity, Gender, and Sexuality in Nature and People*, de Joan Roughgarden, cuja segunda edição é de 2009, publicado pela University of California Press. O livro foi traduzido para o espanhol em 2021.
- 129 A título de exemplo, vide a matéria Dois pinguins gays: os melhores pais, publicada pelo El País/Brasil, em 20 jan. 2019, disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/19/ciencia/1547913078_638164.html, Acesso em 8 set. 2025. Reproduz-se a seguir um dos trechos desta matéria: "Os pinguins costumam ter relações homossexuais (inclusive para sempre) e fazer ninhos. Mas, claro, o que os machos não costumam ter é um ovo, ainda que alguns animais tenham roubado um. Em 2014, Jumbs e Kermite, dois pinguins-de-humboldt machos do zoológico de Kent, viveram uma história parecida ao chocar um ovo abandonado e criar o filhote com devoção. Roy e Silo, dois pinguins-de-barbicha machos do zoo do Central Park em Nova York, fizeram o mesmo depois que os criadores se comoveram ao vê-los chocando uma pedra. Sua história se tornou muito popular e inclusive foi levada (não por eles, claro) ao teatro com o título talvez não muito inspirado de *Birds of a Feather*. Curiosamente, o filhote, Tango, uma fêmea, formou casal com outra pinguim quando cresceu".

SUMÁRIO



- 130 A marcha dos pingüins, director Luc Jacquet, 2006. Vale dizer que o filme é classificado como documentário, o que, no contexto cotidiano é compreendido como uma "leitura da realidade do próprio mundo vivo". Contudo, diversos autores referem que há um modo de filmar, que existem ângulos específicos, bem como roteiro, edição, direção etc., os quais necessariamente já enquadram o documentário sob um determinado modo de olhar, sob uma dada narrativa. Quando se procura pelas críticas ao filme, por exemplo, a partir do Google Acadêmico, aparecem alguns títulos sugestivos, como *Marching on the ice: the politics of penguin films*; *Marche of Penguins: animal rights or Christian rights?*; *Onward, Christian penguins: wildlife and the image of scientific authority* ou *The politics of penguin pleasure: why animal sexualities matter to humans*, entre outros.
- 131 Mais informações sobre o projeto e os livros de Mel Sukernik, "Fauna Querida": <https://www.fauna-querida.com/> e <https://juana.faunaquerida.com/>.
- 132 E entrevistada menciona esse filme (Rio), lançado em 2011 e dirigido por Carlos Saldanha.
- 133 Vide *Culturas Literarias y Visuales del Animal* - Grupo de investigación de la Universidad de Valencia. Disponível em: <https://culivian.es/es>. Acesso em 5 de jan. 2026.
- 134 Pesquisadora associada ao CAE-UPF. Vide: https://www.upf.edu/es/web/cae-center-for-animal-ethics/advisory-board/-/asset_publisher/oCrRiXKPi9Ms/content/morras-leire/maximized. Acesso em 5 ago. 2024.
- 135 Doutoranda na UPV-EHU, com uma tese inserida nos Estudos Críticos Animais e na Literatura Comparada. <https://www.animaliaikasketakritikoak.eus/es/irati-jimenez-perez-2/>. Acesso em 5 ago. 2025.
- 136 *Avatar* é um filme de ficção norte-americano (e foi o primeiro de uma franquia), do diretor James Cameron, lançado em 2009.
- 137 Os resultados desta investigação encontram-se em ALMIRÓN, Núria; et al. *Antianimalismo: un estudio exploratorio de lobbies y discursos reaccionarios en el contexto español*. [Relatório de investigação], Centre for Animal Ethics, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 2025. Disponível em: <https://www.upf.edu/web/focus/w/una-investigaci%C3%B3n-de-la-upf-revela-c%C3%B3mo-lobbies-industriales-esp%C3%B1oles-est%C3%A1n-contrarrestando-la-creciente-sensibilidad-por-el-bienestar-animal>. Acesso em 5 jan. 2026.
- 138 Vide <https://www.loroparque-fundacion.org/>. Vide, também, os seguintes vídeos: *Loro Parque contra el ecologismo* - <https://www.youtube.com/watch?v=g42LwCSt6TI> y *Mensaje de Wolfgang Kiessling* - <https://www.youtube.com/watch?v=Fbp2ijsPakk>. Acesso em 5 de ago. 2025.
- 139 Olatz fez referência ao livro *Compassion: The Basic Social Emotion*, de Martha Nussbaum, publicado pela Cambridge University Press, em 2009.
- 140 Trata-se de uma doutrina ética, o eudaimonismo, atrelada à filosofia grega clássica (especialmente Aristóteles), segundo a qual a finalidade última da vida humana é alcançar a *eudaimonía*, isto é, viver de forma plena, virtuosa e realizada. Vide *Stanford Encyclopedia of Philosophy Archive*, 2014, disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/spr2014/entries/aristotle-ethics/>. Acesso em 10 set. 2025.
- 141 La entrevista con Olatz se realizó en el Departamento de Comunicación de la Universitat Pompeu Fabra, en Barcelona (España), el 22 de noviembre de 2024.
- 142 La imagen y los datos académicos fueron extraídos de la página del Center for Animal Ethics (CAE) de la Universitat Pompeu Fabra (UPF), Barcelona (España). Disponible en: https://www.upf.edu/web/cae-center-for-animal-ethics/advisory-board/-/asset_publisher/T3Vs2wXtXRY5/content/aranceta-reboredo-olatz/maximized. Acceso el 20 de oct. 2024.

SUMARIO



- 143 En la página del Proyecto Grandes Primates se encuentra una presentación de esta obra de teatro: "Es una comedia que ha tenido mucho éxito en sus representaciones fuera de Madrid y que defiende la protección del medio ambiente, la paz, la sensibilidad hacia el bienestar de todas las criaturas, el pensamiento crítico y la educación moral de los más jóvenes. En el Tribunal Supremo de nuestra Madre Tierra, tiene lugar un juicio extraordinario y sin precedentes contra toda una especie: la especie humana. Es una obra que te hace reflexionar e incorpora la creciente preocupación de la sociedad por el cambio de paradigma que está teniendo lugar en la defensa de los animales (...)". Disponible en: <https://www.projetogap.org/es/noticia/juicio-a-los-humanos-una-obra-de-teatro-donde-los-animales-juzgan-a-los-humanos/>. Acceso el 5 set. 2025.
- 144 Se trata del texto *And What About the Animals? A Case Study Comparison Between China's Panda Diplomacy and Australia's Koala Diplomacy* (Aranceta-Reboredo, 2022), en el que Olatz presenta al panda (*Ailuropoda melanoleuca*) y al koala (*Phascolarctos cinereus*) como objetos diplomáticos (aunque, como señala, algunos académicos de la diplomacia los nombran como sujetos) cuyas vidas reales generalmente no se consideran en relación "con el servicio que ejercen" como animales diplomáticos que, desde sus imágenes como animales tiernos y bellos, herramientas de poder (simbólico) suave (y endémicos de China y de Australia), representan poderosamente a sus países. Es decir, como objetos-sujetos políticos que sirven a los diferentes intereses (ecológicos, científicos, económicos, de marketing, etc.) de esos países y que, como dice en el artículo, muchas veces, cuando son transformados literalmente en regalos diplomáticos, se convierten en refugiados, ya que se encuentran alejados de sus contextos ambientales y de sus comunidades, pues pasan a habitar zoológicos u otras instituciones similares alrededor del mundo. Más adelante, el texto también presenta, a partir de Alasdair Cochrane (en el libro *Sentientist Politics: A Theory of Global Inter-Species Justice*, 2018), la comprensión de que los animales no humanos participan en una ética interespecies, como sujetos titulares de derechos y valores intrínsecos, y que son involucrados ('sin su consentimiento', podemos decir, o contra sus propios intereses) en una diplomacia que utiliza a los animales no humanos o basada en ellos (p. 81). En relación con el hecho de que sean considerados como "regalos diplomáticos", la prensa china retoma acuerdos que vinculan diplomacia y conservación de los pandas. Por ejemplo, señala: "Es una tradición antigua. Hace más de 1.000 años, China obsequia a países amigos con su animal-símbolo y tesoro nacional, el panda gigante. (...) Como señal de buena voluntad, Mao Tse-tung envió a los juguetones blancos y negros Hsing-Hsing y Ling-Ling al Zoológico Nacional de Washington, después de la histórica visita del presidente Richard Nixon al país, en febrero de 1972. Una década más tarde, sin embargo, terminó la fiesta de la gratuidad. Los animales pasaron a ser 'alquilados' por valores que variaban entre 500.000 y 1 millón de dólares anuales." (...) "Los pandas han sido enviados a destinos que acompañan relevantes contratos comerciales, iniciativas diplomáticas y declaraciones favorables sobre cuestiones de interés nacional chino que involucran territorios o regiones en disputa", dice Alana Camoça, profesora del Departamento de Relaciones Internacionales de la Universidad del Estado de Río de Janeiro (UERJ). (...) "La diplomacia del panda refuerza el compromiso de la política exterior china de promover una imagen positiva del país a nivel global, buscando superar narrativas como las del 'peligro amarillo' o la 'amenaza china'", resume la profesora Camoça. Véase: <https://veja.abril.com.br/agenda-verde/china-retoma-acordos-que-aliam-diplomacia-a-conservacao-dos-pandas> Acceso el 25 ago. 2024.
- 145 Macarena Montes también es miembro del CAE y ha contribuido en los procesos de reconocimiento de la categoría de persona no humana en relación con los animales no humanos, incluyendo el uso del habeas corpus. Véase: <https://scholar.google.es/citations?hl=es&user=nGtIIQAAAAJ>, <https://harvardlawschool.academia.edu/MacarenaMontesFranceschini>. Acceso el 18 de sep. 2025.

SUMARIO

- 146 Olatz destaca que aprendió esta relación con el campo del Derecho gracias a haber seguido tanto el doctorado como el trabajo con animales en cautividad desarrollado por Macarena Montes, además del proyecto que dio lugar al documental *Persona [no] humana* (2022). Véase: <https://dacsaproducciones.com/video/persona-no-humana-2022/>. Acceso el 18 sep. 2025.
- 147 En el contexto brasileño, véase Bevilaqua (2019).
- 148 Sobre las voces animales, véase Colling (2024) y Badia y Hernández (2024) – *La voz de los animales*, nota del editor.
- 149 En Brasil, Bugs Bunny fue traducido como “Pernalonga”, haciendo así alusión a sus largas piernas.
- 150 Se trata de la película protagonizada por Clark Gable y Claudette Colbert. Según se cuenta, Clark Gable aparecía comiendo una zanahoria de forma desenfadada en una de las escenas de esta película, lo que llevó a los productores del dibujo animado a incorporar este “hábito” al personaje de Bugs Bunny.
- 151 Véase “Tilikum: la ballena que se rebeló”, disponible en: <https://whalesanctuaryproject.org/whales/tilikum-the-whale-who-rebelled/>. Para una lectura crítica desde los Critical Animal Studies, consúltese, por ejemplo, el siguiente artículo: “De la psicopatología a la solidaridad interespecie: una lectura anticuierdista de las narrativas en torno a Tilikum y Tahlequah”, disponible en: <https://revistaleca.org/index.php/leca/article/view/523>. Acceso el 20 ago. 2025.
- 152 Véase Tyke Elephant Outlaw. Disponible en: <http://tykeelephantoutlaw.com/>. Acceso el 20 ago. 2025.
- 153 Uno de los libros más conocidos sobre el tema es <https://msupress.org/9781611863772/animal-resistance-in-the-global-capitalist-era/#:~:text=Description,whom%20we%20share%20this%20planet>.
- 154 El entrevistador hace alusión al Zoo de Barcelona (<https://barcelona-zoo.com/>), en el que se encuentran en exhibición numerosos chimpancés y gorilas, algunos pocos orangutanes, entre otros primates. En especial, véanse las informaciones sobre los chimpancés y los gorilas, disponibles en: <https://zoobarcelona.cat/en/animals/chimpanzee> y <https://www.rtve.es/television/20221218/copito-nieve-zoo-barcelona-jordi-sabater-pi-muerte/2411598.shtml>. Acceso el 5 ago. 2025.
- 155 Paula Casal es codirectora y una de las integrantes del Centre for Animal Ethics de la Universitat Pompeu Fabra. Para más información, véase: https://www.upf.edu/es/web/cae-center-for-animal-ethics/advisory-board/-/asset_publisher/oCrR1XKP9Ms/content/casal-paula/maximized. Acceso el 5 ago. 2025.
- 156 Consulte el sitio web de la Fundación en el siguiente enlace: <https://rainfer.org/>. Acceso el 15 de jul. 2025.
- 157 Consulte el sitio web de la Fundación en el siguiente enlace: <https://fundaciomona.org/en/>. Acceso el 15 jul. 2025.
- 158 Júlia Castellano, al igual que Olatz, estaba desarrollando su investigación doctoral durante el período en que se realizó esta entrevista, en noviembre de 2024. Para más información, consultar: https://www.upf.edu/es/web/cae-center-for-animal-ethics/advisory-board/-/asset_publisher/T3Vs2wXtXRY5/content/castellano-llordella-julia/maximized. Acceso el 20 de jul. 2025.
- 159 Aula Animal es un proyecto educativo que lleva a cabo iniciativas y propuestas docentes que fomentan el respeto a los animales desde la infancia y durante la adolescencia, siendo la escuela un espacio clave para el desarrollo del pensamiento crítico. Para más información, consultar: <https://www.aulaanimal.com/el-proyecto>. Acceso el 5 de sep. 2025.

SUMARIO



- 160 Ética Animal es una fundación española que mantiene un sitio web (<https://www.animal-ethics.org/es/>), un canal en YouTube (<https://www.youtube.com/eticaanimal>), una cuenta en Facebook (<https://www.facebook.com/EticaAnimal>), en TikTok (<https://www.tiktok.com/@eticaanimal>) y en Instagram (<https://www.instagram.com/etica.animal/#>) con diversa información sobre la producción y difusión del conocimiento, así como sobre acciones orientadas a la protección de los animales. Temas como ética, veganismo, sufrimiento animal, sensibilidad, vida de los animales en el medio silvestre, entre otros, se presentan tanto en lenguaje accesible para la ciudadanía como en un lenguaje más académico, a partir de la información ofrecida en una sección con diferentes referencias bibliográficas (<https://www.animal-ethics.org/listas-bibliograficas/>).
- 161 Tema Milstein (2011): Nature Identification: The Power of Pointing and Naming, *Environmental Communication: A Journal of Nature and Culture*, 5:1, 3-24 <http://dx.doi.org/10.1080/17524032.2010.535836>.
- 162 En la revisión, Olatz añadió que hay cada vez más alternativas, incluyendo ONGs abolicionistas que, por estrategia, se han convertido en organizaciones que establecen estándares de bienestar en especies que no las tenían (por ejemplo, Observatorio del Bienestar Animal, España - <https://observatoriodebienestaranimal.org/>).
- 163 Véase, por ejemplo, cuando dices que a los "nonhuman animals are denied the possibility to represent themselves or their own interests by both the media producers and the researchers" (destaques de la autora, p.24).
- 164 En los Estudios Culturales, las pedagogías culturales "son todas aquellas instancias en que el poder se organiza y se ejercita, tales como en las diferentes medias, en los espacios expositivos e a partir de determinados artefactos" (véase Steinberg & Kincheloe, 2004): películas; documentales; diferentes artefactos de divulgación científica; museos; viajes; plataformas digitales como Facebook, Instagram, etc., para allá de la escolarización formal. O sea, aprendiese mucho (sobre la naturaleza, los animales, etc.) afuera de los espacios escolares formales.
- 165 La entrevistada hace mención al libro *Evolution's Rainbow – Diversity, Gender, and Sexuality in Nature and People*, de Joan Roughgarden, cuya segunda edición es de 2009, publicado por la University of California Press. El libro fue traducido al español en 2021.
- 166 A modo de ejemplo, consultar el artículo Dois pinguins gays: os melhores pais, (*Dos pingüinos gays: los mejores padres*), publicado por *El País/Brasil* el 20 de enero de 2019, disponible en: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/19/ciencia/1547913078_638164.html. Acceso el 8 de sep. 2025. Se reproduce a continuación un fragmento de dicho artículo: "Los pingüinos suelen tener relaciones homosexuales (incluso de por vida) y construir nidos. Pero, claro, lo que los machos no suelen tener es un huevo, aunque algunos animales hayan llegado a robar uno. En 2014, Jumbs y Kermite, dos pingüinos de Humboldt machos del zoológico de Kent, vivieron una historia parecida al empollar un huevo abandonado y criar al polluelo con devoción. Roy y Silo, dos pingüinos de barbilla machos del zoológico del Central Park en Nueva York, hicieron lo mismo después de que los cuidadores se conmovieran al verlos empollando una piedra. Su historia se volvió muy popular e incluso fue llevada (no por ellos, claro) al teatro con el título quizás poco inspirado *Birds of a Feather*. Curiosamente, el polluelo, Tango, una hembra, formó pareja con otra pingüina al crecer".
- 167 La marcha de los pingüinos, director Luc Jacquet, 2006. Cabe señalar que la película se clasifica como documental, lo que, en el contexto cotidiano, se entiende como una "lectura de la realidad del propio mundo vivo". No obstante, diversos autores señalan que existe un modo específico de filmar, con ángulos particulares, así como guion, montaje, dirección, etc., los cuales necesariamente

SUMÁRIO

enmarcan el documental bajo una determinada manera de observar y una narrativa específica. Al buscar críticas sobre la película, por ejemplo a través de Google Académico, aparecen algunos títulos sugerentes, tales como: *Marching on the Ice: The Politics of Penguin Films*; *March of Penguins: Animal Rights or Christian Rights?*; *Onward, Christian Penguins: Wildlife and the Image of Scientific Authority*; o *The Politics of Penguin Pleasure: Why Animal Sexualities Matter to Humans*, entre otros.

- 168 Más información sobre el proyecto y libros de Mel Sukernik, "Fauna Querida": <https://www.fauna-querida.com/> y <https://juana.faunaquerida.com/>.
- 169 La entrevistada menciona esta película (*Rio*), estrenada en 2011 y dirigida por Carlos Saldanha.
- 170 Véase Culturas Literarias y Visuales del Animal - Grupo de investigación de la Universidad de Valencia. Disponible en: <https://culvian.es/es>. Acceso el 5 enero 2026.
- 171 Investigadora asociada al CAE-UPF. Consultar: https://www.upf.edu/es/web/cae-center-for-animal-ethics/advisory-board/-/asset_publisher/oCrIXKP9Ms/content/morras-leire/maximized. Acceso el 5 ago. 2024.
- 172 Doctoranda en la UPV-EHU, con una tesis enmarcada en los Estudios Críticos Animales y la Literatura Comparada. <https://www.animaliaikasketakritikoak.eus/es/irati-jimenez-perez-2/>. Acceso el 5 ago. 2024.
- 173 *Avatar* es una película de ficción estadounidense (y fue la primera de una franquicia), dirigida por James Cameron, estrenada en 2009.
- 174 Véase ALMIRÓN, Núria; et al. Antianimalismo: un estudio exploratorio de lobbies y discursos reaccionarios en el contexto español. [Relatório de investigação], Centre for Animal Ethics, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 2025. Disponible en: <https://www.upf.edu/web/focus/w/una-investigaci%C3%B3n-de-la-upf-revela-c%C3%B3mo-lobbies-industriales-esp%C3%B1oles-est%C3%A1n-contrarrestando-la-creciente-sensibilidad-por-el-bienestar-animal>. Acceso el 5 enero 2026.
- 175 Véase <https://www.loroparque-fundacion.org/>. Consultar también los siguientes vídeos: *Loro Parque contra el ecologismo* – <https://www.youtube.com/watch?v=g42LwCSt6Tl> y *Mensaje de Wolfgang Kiessling* – <https://www.youtube.com/watch?v=Fbp2ijsPakk>. Acceso el 5 ago. 2025.
- 176 Se hizo referencia al libro *Compassion: The Basic Social Emotion*, de Martha Nussbaum, publicado por Cambridge University Press en 2009.
- 177 Se trata de una doctrina ética, el eudemonismo, vinculada a la filosofía griega clásica (especialmente Aristóteles), según la cual la finalidad última de la vida humana es alcanzar la eudaimonía, es decir, vivir de manera plena, virtuosa y realizada. Consultar *Stanford Encyclopedia of Philosophy Archive*, 2014, disponible en: <https://plato.stanford.edu/archives/spr2014/entries/aristotle-ethics/>. Acceso el 10 sep. 2025.
- 178 A entrevista com Montserrat foi respondida por escrito, conforme preferência da entrevistada, em novembro de 2024, em Barcelona.
- 179 Para maiores informações sobre a fundação da AIUDA, consultar Gual, Montserrat (2009). Entre outros aspectos, o texto destaca: "... a comunidade académica e de pesquisa de nosso país tem uma responsabilidade especial a esse respeito, derivada de suas capacidades específicas, recursos e situação social. Por este motivo, demos o passo de criar uma associação especificamente universitária (...) que canalize tempo e outros recursos para a mudança no trato que dispensamos aos animais não humanos".

SUMÁRIO

- 180 Não há tradução desta obra no Brasil.
- 181 No Brasil, todos foram lançados pela Editora Companhia das Letras.
- 182 La entrevista con Montserrat fue respondida por escrito, conforme a la preferencia de la entrevistada, en noviembre de 2024, en Barcelona.
- 183 Para más información sobre la fundación de la AIUDA, véase Gual, Montserrat (2009). Entre otros aspectos, el texto subraya que "... la comunidad académica e investigadora de nuestro país tiene una especial responsabilidad al respecto, derivada de sus específicas capacidades, recursos y situación social. Por este motivo hemos dado el paso de crear una asociación específicamente universitaria (...) que canalice tiempo y otros recursos hacia el cambio en el trato que dispensamos a los animales no humanos".
- 184 Cabe destacar que "japoneso" não existe na língua portuguesa, tratando-se de uma forma jocosa para se referir a "japonês". O caráter jocoso decorre do fato de que existe o feminino "japonesa", mas não o masculino "japoneso". / Cabe destacar que "japoneso" no existe en el idioma portugués, siendo una forma jocosa de referirse a "japonés". El carácter jocoso se debe a que existe el femenino "japonesa", pero no el masculino "japoneso".
- 185 Para maiores informações sobre a Exposição Agnès Varda, vide <https://www.cccb.org/en/exhibitions/file/agnes-vara/243778>. Acesso em 22 set. 2025. Para más información sobre la Exposición Agnès Varda, véase <https://www.cccb.org/en/exhibitions/file/agnes-vara/243778>. Acceso el 22 sep. 2025.
- 186 O documentário Janelas da Alma, de João Jardim e Walter Carvalho, lançado em 2001, pode ser encontrado no seguinte link: https://www.youtube.com/watch?v=_I9I7upG0DI. Acesso em 27 de setembro de 2025. El documental Janelas da Alma, de João Jardim y Walter Carvalho, estrenado en 2001, puede encontrarse en el siguiente enlace: https://www.youtube.com/watch?v=_I9I7upG0DI. Acceso el 27 de sep. 2025.



SUMÁRIO

ÍNDICE REMISSIVO

A

abandono 21, 33, 215, 260

abatedouros 41

afeto 19, 21, 235

agroindustrial 40, 68

alianças selvagens 19

análise crítica 97, 210

análise de discurso 210

anestesia 19, 31, 358

animais não humanos 20, 40, 43, 44, 50, 53, 54, 55, 57, 97, 99, 101, 105, 106, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 164, 165, 207, 213, 214, 222, 224, 231, 232, 237, 303, 304, 306, 322, 395, 421, 422, 423, 428

animais selvagens 168, 169

animais silvestres 139, 140, 141, 151, 152, 159, 164, 165

animalidade 17, 18, 62, 90

animalidades 13, 25, 46, 53, 75, 81, 300, 312

animalismo decolonial 22, 34

antiespecismo 140, 174, 242, 243, 288

antropocentrismo 17, 29, 43, 58, 72, 87, 98, 110, 121, 133, 144, 156, 167, 177, 189, 201, 307, 319, 411, 415

apropriação 21

artrópodes 38

ativismo 50, 59, 93, 140, 141, 142, 236

Aula Animal 220, 265, 423, 426

B

bem-estar animal 152

Bioética 13, 25, 53, 81, 308, 320

biomas 41, 69, 408, 412

biopolítica 57, 62, 85, 90

brigadas 38, 66

C

Caatinga 41, 69, 408, 412

café 41, 69

campo de estudos 53, 55

campo educativo 19, 31

campo político 19, 31

capacitismo 53, 82, 240, 285, 304, 316, 417, 419

carne de laboratório 103, 416

Cerrado 41, 69, 408, 412

cidadania 59, 140, 141, 145, 170, 212

cidadania animal 140, 141

círculo moral 163, 164, 169, 170, 196, 197, 202, 203, 244, 290, 419, 420

clima 416, 418

colonização 41, 163, 305, 307

commodities 54, 82

compaixão 19, 20, 21, 102, 109, 110, 111, 113, 216, 244, 245, 246, 301

companheira 142, 209, 324, 326, 339, 402

comunicação persuasiva 98

conservacionista 47, 48, 75, 76, 157, 166, 191, 199

controle democrático 141

controle humano 142, 148

corpos animalizados 19

crise climática 103, 220

crises contemporâneas 51

Critical Animal Studies 48, 53, 54, 55, 56, 59, 81, 82, 83, 85, 88, 100, 114, 137, 138, 231, 238, 239, 240, 249, 276, 284, 285, 295, 410, 414, 417, 418, 422, 426

SUMÁRIO

D

decolonialidade 13
 defesa dos animais 43, 50, 111, 140, 170, 298, 299, 303, 421
 Departamento de Comunicação 42, 207, 322, 421
 descendente 324, 358
 desigualdade 105
 direito dos animais 299
 dispositivos comunicacionais 20
 diversidade 38, 40, 42, 52, 233, 235, 244, 409
 diversidade biológica 40
 domesticação 42, 105
 dominação 21, 42, 139, 141, 153, 156, 165, 227, 231, 233
 dor animal 206

E

ecologia 60, 61, 89, 147, 155, 158, 171, 204, 250, 295
 economia 41, 94, 96, 98, 106, 163, 243
 economia política 94, 96, 98, 106
 ecossistema 40, 47
 educação crítica 221
 educação integral 219, 220
 empobrecimento do solo 38
 especismo 19, 31, 43, 58, 71, 87, 95, 97, 98, 112, 113, 118, 120, 121, 135, 136, 141, 152, 153, 155, 156, 157, 163, 164, 175, 186, 187, 189, 197, 198, 231, 277, 285, 303, 304, 315, 316, 411, 415, 417, 419
 Estudos Críticos Animais 45, 51, 170, 410, 424
 Estudos Culturais 36, 37, 45, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 168, 208, 231, 238, 239, 247, 410, 411, 423
 ética ambiental 102, 153, 157, 187, 191
 ética animal 38, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 50, 54, 55, 66, 71, 72, 75, 76, 78, 82, 83, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 102, 103, 105, 107, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 125, 126, 128, 130, 143, 144, 149, 150, 152, 153, 159, 177, 178, 183, 185, 187, 192, 209, 210, 218, 220, 221, 235, 243, 244, 248, 255, 263, 264, 265, 266, 281, 289, 290, 294, 299, 300, 302, 304, 311, 312, 314, 316, 409, 410, 411, 414, 415

excepcionalismo humano 307, 319, 407
 experiência 20, 42, 248, 301, 303
 experimentação animal 164, 166, 307
 exploração animal 105, 151, 163, 164, 213

F

fazendas-escola 299
 feminismo 113, 136, 210, 255, 304, 316
 filosofia moral 143, 144, 302
 Floresta Amazônica 41, 408
 formação de educadores 220
 fricção 19
 fronteiras 18, 41, 61, 89, 242

G

gado 40, 41, 105
 gradientes temporais 15

H

hierarquias 19, 21, 153
 homogeneização 41
 humanidade 19, 20, 163, 169

I

ideologia 19, 95, 97, 417
 idiomas 208, 253
 indiferença 19, 20
 indústria da carne 40, 41, 103
 informação moral 19
 instrumentalização 111
 inteligibilidade 15, 16, 54
 interesses dos animais 54, 143, 144, 150, 156
 intervenção 21, 50, 108, 149, 153, 158, 162

J

justiça 104, 141, 145, 235, 241, 307

L

latino-americanos 55



SUMÁRIO

legislação 166

liberdade 21, 103, 107, 113, 139, 141, 164, 165, 167, 168, 212, 223, 224

literatura 21, 33, 43, 46, 62, 71, 74, 90, 101, 124, 208, 210, 236, 237, 238, 239, 240, 246, 253, 255, 282, 284, 285, 292, 297, 300, 301, 302, 303, 305, 306, 307, 308, 309, 312, 313, 314, 315, 317, 318, 319, 320

Literatura Animal 302, 314

livros 45, 55, 95, 101, 214, 236, 300, 301, 305, 424

M

mamíferos 14, 15, 26, 27, 232, 233, 277, 278

Mata Atlântica 41, 408

medicamentos 43, 72, 242, 287, 329, 352, 361

meios de comunicação 98, 102, 110, 207

memória 321, 324, 354, 356, 388, 409

metabolismo 16, 22, 28, 34

monocultura 40, 68

monoculturas 41, 69

morte 38, 40, 57, 60, 89, 147, 157, 166, 171, 204, 250, 295, 301, 302, 324, 340, 358, 364, 389, 402, 409

mudança climática 97, 101, 102

multiespécie 13, 20, 60, 89

N

não-dominância 139, 141

não-especista 43, 44, 160, 166, 409, 410

narrativas públicas 20, 32

natureza 47, 55, 107, 108, 141, 147, 148, 149, 155, 156, 157, 161, 162, 164, 165, 167, 218, 226, 229, 232, 233, 234, 302, 303, 408, 417, 423

necropolítica 57, 85

neutralidade 19

normatividade 21

O

olfato 14

orientação afetiva 19

P

Pampa 41, 69, 408, 412

Pantanal 41, 69, 408, 412

pecuária 41, 166, 228

pedagogia 17, 20, 112, 113, 217, 221, 411

políticas públicas 43, 71, 155, 156, 158, 165, 169, 188, 190, 192, 198, 202, 230, 275

pós-antropocêntrica 21, 58, 206, 235

práticas ativistas 20

práticas biológicas 57, 411

práticas educativas 59, 224, 225

predador 147, 407, 419

preservação 153, 154, 158

problemas éticos 21, 33, 107, 130

problemática 211, 215, 216, 221, 256, 260, 261, 266

problematização 56, 213, 304

produção de carne 102, 416

produtivismo 41

profissionalismo 59

psicologia 101, 109, 114, 153, 237, 327

Q

queimadas 38, 39, 40, 408, 412

questão animal 20, 45, 97, 98, 100, 101, 243, 305

R

racismo 58, 61, 87, 89, 152, 153, 186, 187, 238, 284, 303, 304, 315, 316, 417, 419

razão instrumental 21

regime afetivo 19

regimes antropocêntricos 18

relações de poder 52, 53, 55, 96, 417

respeito aos animais 157, 299, 411, 423

responsabilidade ética 21



SUMÁRIO

S

sala de aula 20, 408

senciência 43, 71, 111, 147, 152, 165, 166, 167, 222, 232, 306, 411, 423

sexismo 58, 87, 97, 120, 152, 153, 186, 187, 303, 304, 315, 316

sofrimento 21, 38, 43, 47, 96, 97, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 144, 147, 148, 151, 152, 153, 157, 161, 166, 208, 215, 226, 227, 242, 245, 246, 423

supermercado 40, 68

T

tamanduá 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 38, 39, 41, 69, 407, 408, 411

temporalidade 20

teoria da Umwelt 23, 35

teoria e experiência 20

think tank 42, 71, 100, 124, 409, 410, 414

transfeminismos 13, 25

V

valor intrínseco 149, 155, 183, 220, 265

veganismo 103, 104, 105, 127, 128, 210, 241, 242, 243, 255, 286, 287, 288, 289, 411, 415, 423, 427

veganos 102, 103, 112, 125, 126, 136, 151, 184, 241, 243, 248, 287, 289, 293

vegetação 39, 353

veterinário 329, 353, 361, 363, 371, 376, 387, 393, 396, 399

violência 19, 39, 40, 104, 109, 112, 113, 210

visibilidade 20, 53, 101, 216

vulnerabilidade 39, 407

Z

Zooliteratura 302, 314



[...] A relação entre gênero e consumo de carne está bastante estudada. Comer carne continua vinculado a uma representação da masculinidade que alguns coletivos — como caçadores ou pescadores — reivindicam como símbolo de liberdade e força. O avanço do veganismo, ainda que limitado e distorcido, provocou uma reação defensiva nesses grupos, reforçando padrões sexistas e androcêntricos. Creio que a educação é fundamental para desmontar esses estereótipos. A ideia de que comer carne está associada à força é absurda se pensarmos que alguns dos animais mais fortes, como os elefantes, são herbívoros. Mas esse estereótipo cultural, especialmente na cultura ocidental, só pode ser corrigido mediante uma educação que promova o cuidado e o respeito pelos animais desde a infância (*Núria Almiron*).

[...] Através de uma educação integral e mais completa, que também envolva a formação de educadores nas escolas para tratar da ética animal, podemos começar a mudar o olhar: compreender os animais como indivíduos, como sujeitos em si mesmos, não apenas pelo quanto se parecem conosco. Isso significa reconhecer o valor intrínseco dos animais e refletir sobre as práticas cotidianas que os afetam — práticas que vão muito além, por exemplo, da simples questão do uso do plástico (*Olatz, Aranceta-Reboredo*).

